Table of Contents

A BIBLIOTECA PERDIDA
- Prólogo
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
CAPÍTULO 64
CAPÍTULO 65
CAPÍTULO 66
CAPÍTULO 67
CAPÍTULO 68
CAPÍTULO 69
CAPÍTULO 70
CAPÍTULO 71
CAPÍTULO 72

CAPÍTULO 73
CAPÍTULO 74
CAPÍTULO 75
CAPÍTULO 76
CAPÍTULO 77
CAPÍTULO 78
CAPÍTULO 79
CAPÍTULO 80
CAPÍTULO 81
CAPÍTULO 82
CAPÍTULO 83
CAPÍTULO 84
CAPÍTULO 85
CAPÍTULO 86
CAPÍTULO 87
CAPÍTULO 88
CAPÍTULO 89
CAPÍTULO 90
CAPÍTULO 91
CAPÍTULO 92
CAPÍTULO 93
CAPÍTULO 94
CAPÍTULO 95
CAPÍTULO 96
CAPÍTULO 97
CAPÍTULO 98
CAPÍTULO 99
CAPÍTULO 100
CAPÍTULO 101
CAPÍTULO 102
CAPÍTULO 103
CAPÍTULO 104
CAPÍTULO 105
CAPÍTULO 106
CAPÍTULO 107
CAPÍTULO 108
CAPÍTULO 109
CAPÍTULO 110
CAPÍTULO 111

CAPÍTULO 112

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

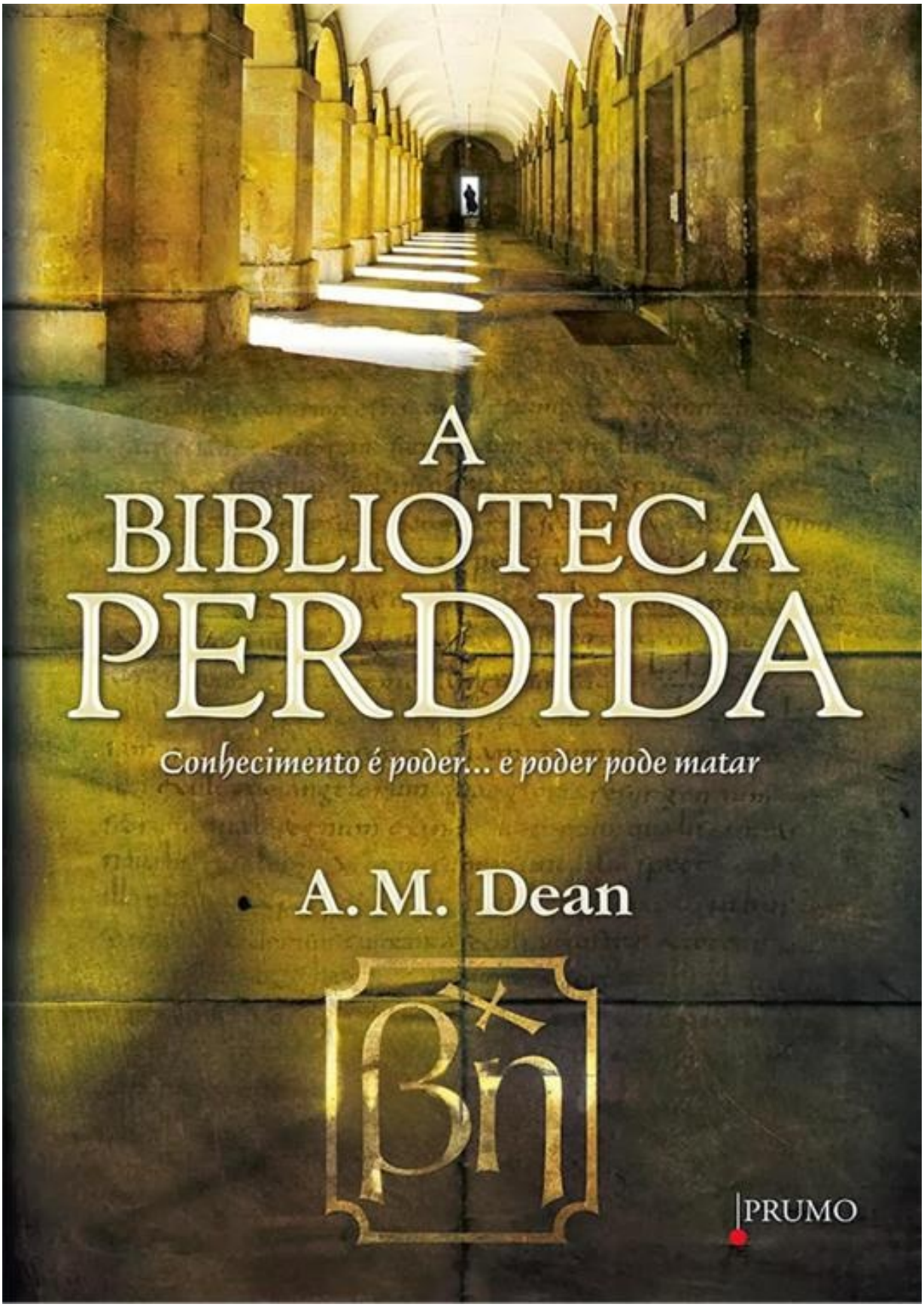
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

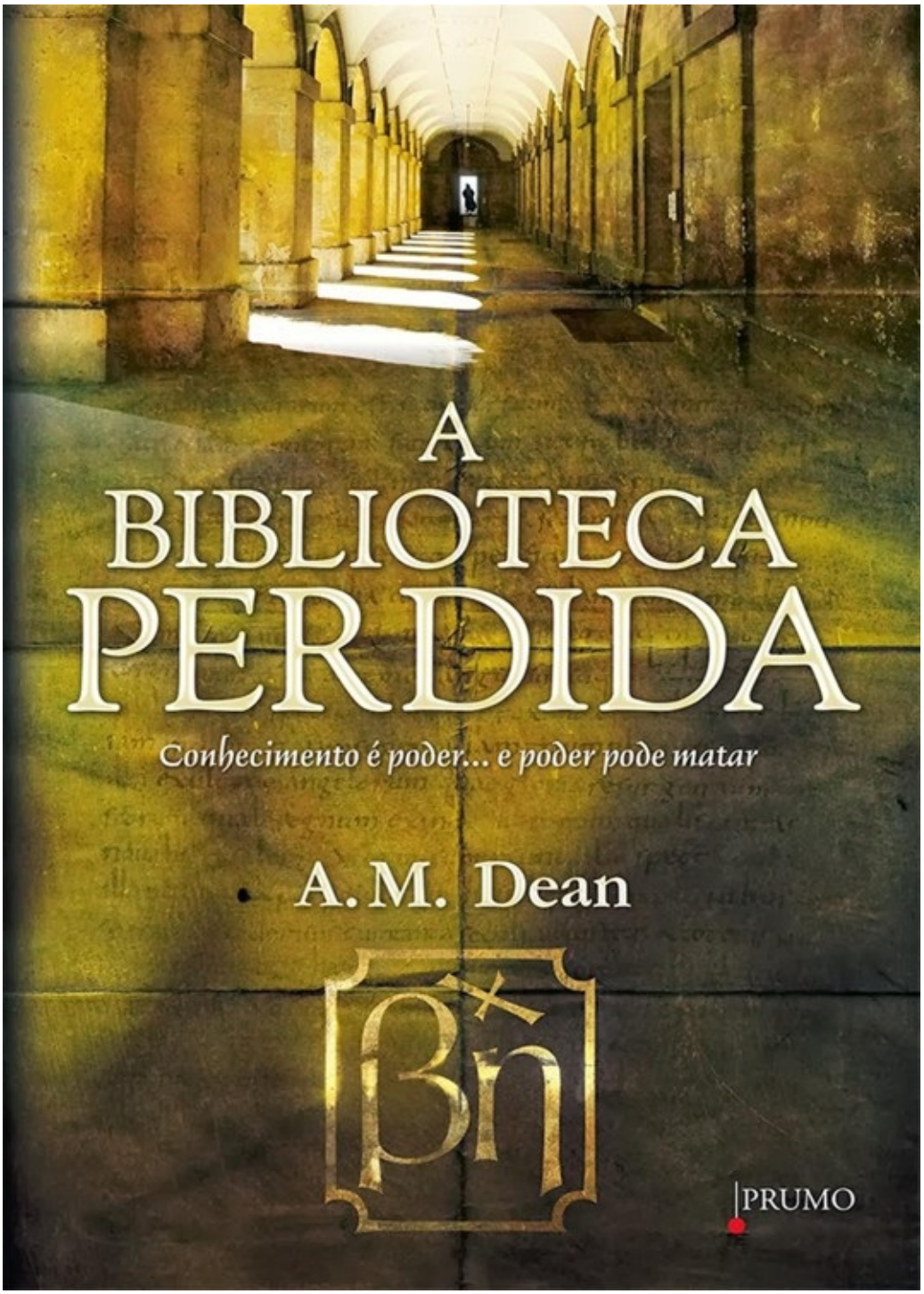
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


A
BIBLIOTECA
PERDIDA
Conhecimento é poder... e poder pode matar
A. M. Dean
PRUMO


A
BIBLIOTECA
PERDIDA
Conhecimento é poder... e poder pode matar
A. M. Dean
PRUMO

A BIBLIOTECA PERDIDA

A. M. DEAN

Conhecimento é poder. . e poder pode matar

Tradução Lenita Esteves



Plumo

2012

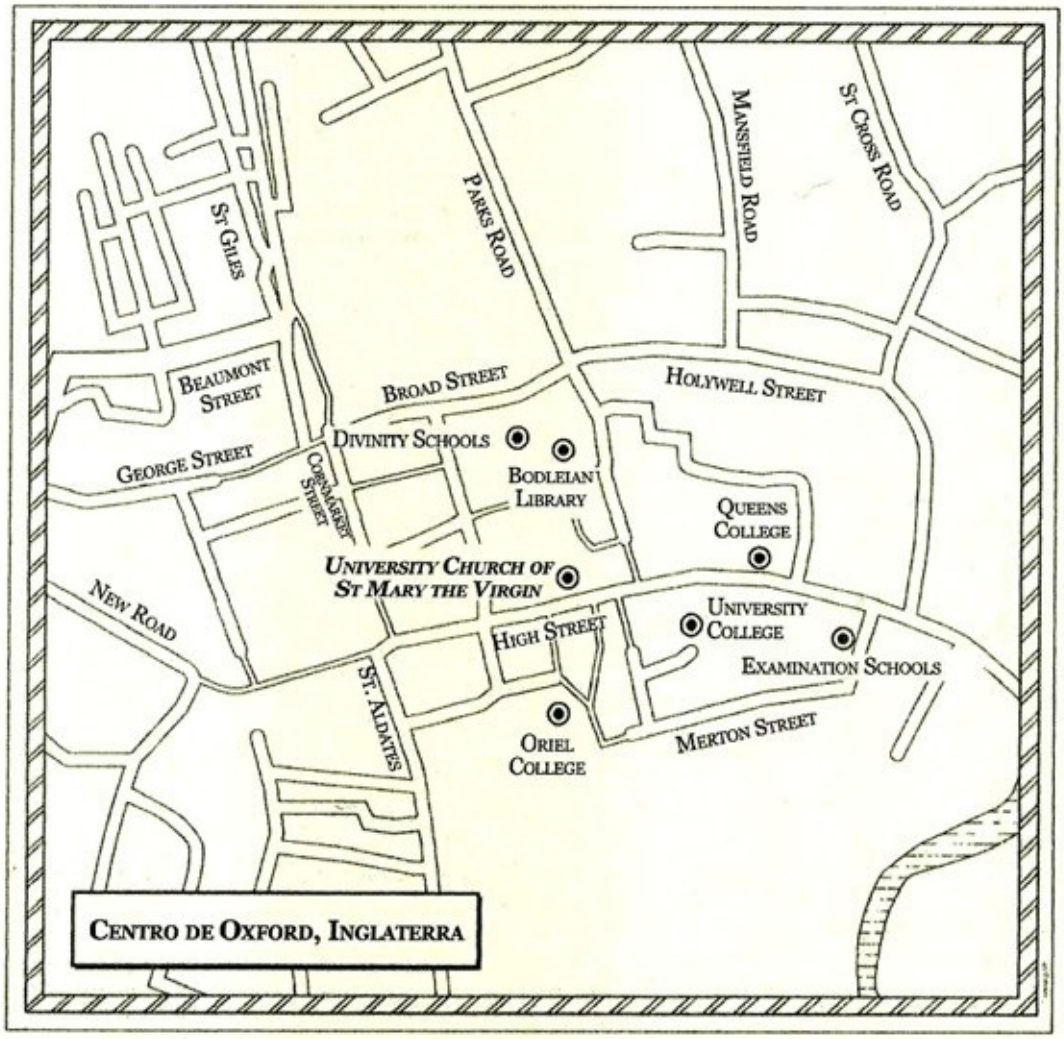
SINOPSE:

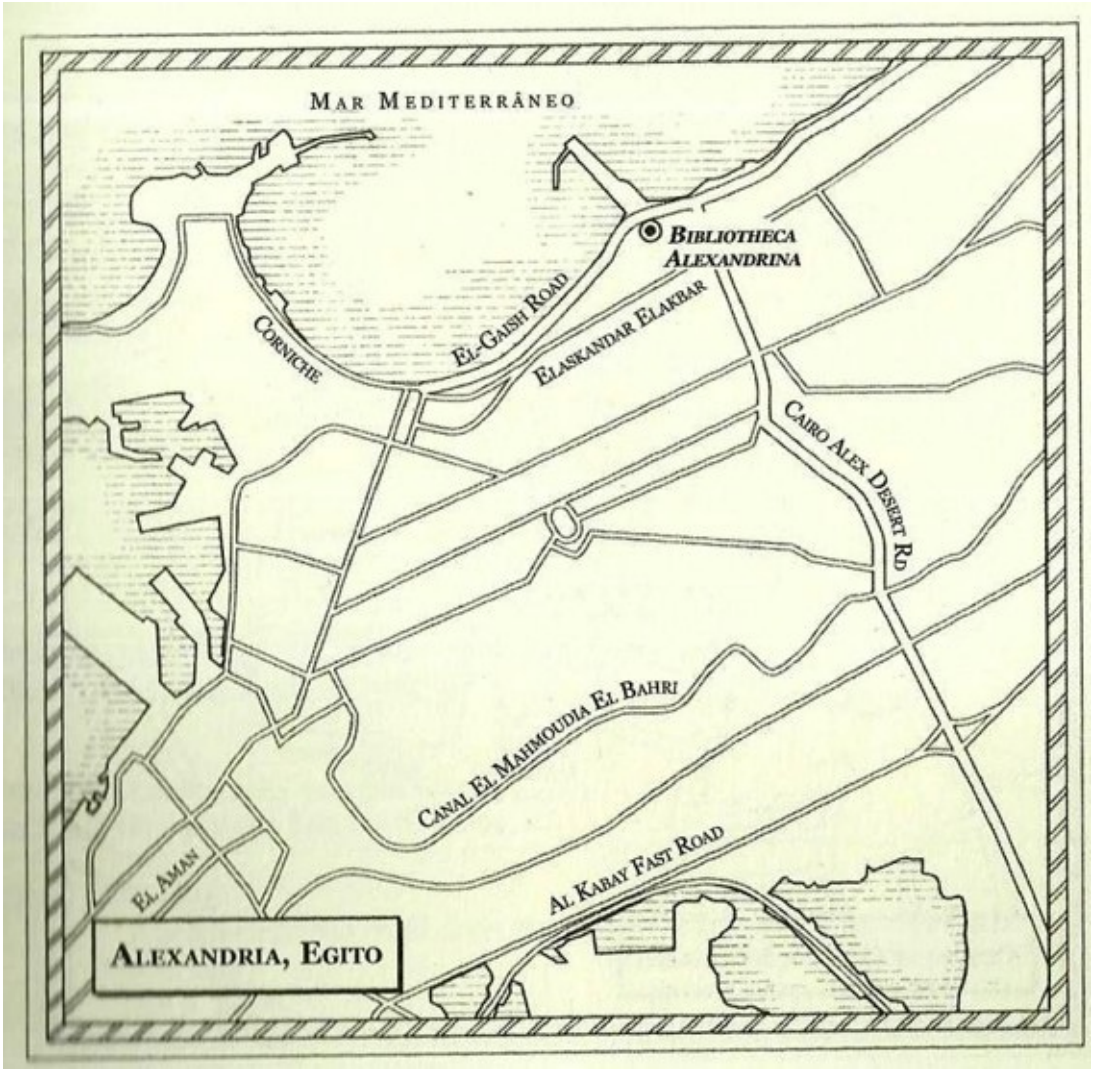
Até onde você iria para proteger um legado, um teatro secular repleto de decepção, morte e destruição?

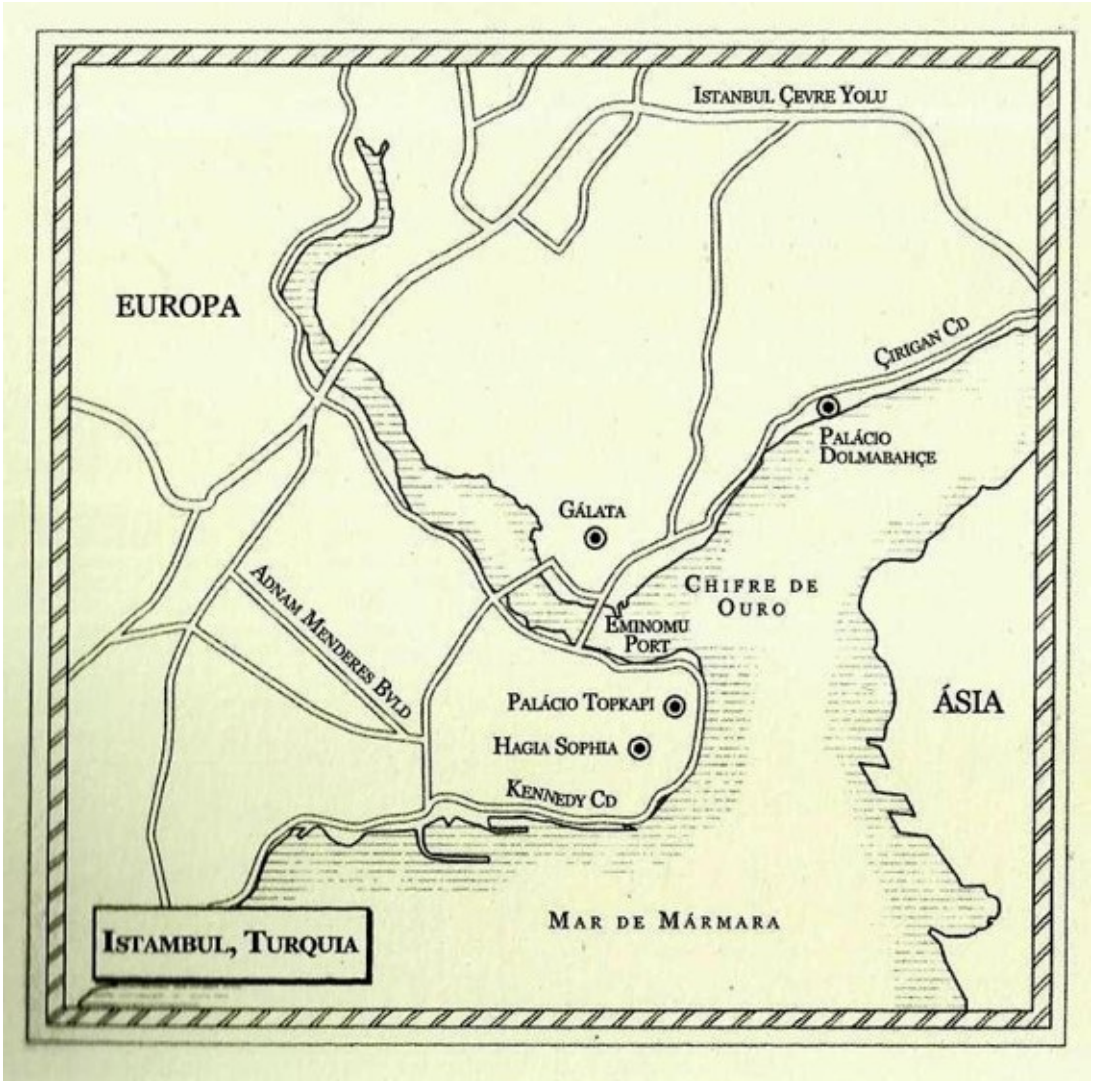
Tudo o que a historiadora Emily Wess sempre quis foi viver uma vida de aventuras, como seu mentor Arno Holmstrand. Desde criança, a jovem criada na região rural de Ohio, nos Estados Unidos, desenvolvera uma paixão quase masculina por filmes de aventura, e ele a lembrava de seu herói de infância: o Indiana Jones dos filmes de Steven Spielberg.

Emily nem poderia suspeitar que ela própria se tornaria a protagonista de uma aventura que iria muito além de qualquer coisa que jamais imaginou. Ela foi escolhida para desvendar as pistas do que seria a maior descoberta da história: a localização da Biblioteca de Alexandria, um dos maiores tesouros perdidos da Antiguidade, desaparecida há mais de 1.500 anos.

Atravessando cinco continentes, Emily segue freneticamente a trilha de pistas deixadas por Holmstrand, até perceber que as pessoas próximas estão em perigo e que o assassinato do homem que ela tanto admirava é apenas a ponta do iceberg.


St Giles
Parks Road
Mansfield Road
St Cross Road
Beaumont Street
Broad Street
Holywell Street
George Street
Cornmarket Street
Divinity Schools
Bodleian Library
Queens College
University Church of St Mary the Virgin
New Road
High Street
University College
Examination Schools
St. Aldates
Oriel College
Merton Street
Centro de Oxford, Inglaterra


MAR MEDITERRÂNEO
BIBLIOTHECA ALEXANDRINA
EL-GAISH ROAD
ELASKANDAR ELAKBAR
CORNICHE
CAIRO ALEX DESERT RD
CANAL EL MAHMOUDIA EL BAHRI
AL KABAY FAST ROAD
EL AMAN
ALEXANDRIA, EGITO


ISTANBUL ÇEVRE YOLU
EUROPA
ÇIRIGAN CD
PALÁCIO DOLMABAHÇE
GÁLATA
ADNAM MENDERES BVLD
CHIFRE DE OURO
EMINOMU PORT
PALÁCIO TOPKAPI
HAGIA SOPHIA
KENNEDY CD
ÁSIA
MAR DE MÁRMARA
ISTAMBUL, TURQUIA

TERÇA-FEIRA

PRÓLOGO

MINNESOTA, EUA - 23H15

A bala que havia perfurado seu pulmão permanecia alojada no tórax, mas o velho já não sentia a dor causada por ela. Essa dor se transformara em foco, mesmo que sua visão periférica estivesse perdendo nitidez.

Aquilo era esperado. Arno Holmstrand sabia que eles viriam. Os eventos da semana anterior tinham deixado pouco espaço para dúvidas. Estava pronto. Tivera de apressar os preparativos, mas agora estava tudo em ordem. O palco estava montado e ele fizera o necessário. A única coisa que faltava era completar a última tarefa e depois rezar para que seus esforços não fossem por água abaixo.

Desabou na poltrona de couro cru atrás da mesa. A superfície de mogno diante dele parecia brilhar, refletindo e espalhando a luz fraca de um abajur pelo escritório escuro. Uma beleza estranha num momento daqueles.

Esticou os braços e pegou o livro que estava aberto sobre o tampo de madeira e, por um momento, a dor que lhe queimava o peito voltou. Se aquilo era necessário, servia como um último lembrete: não havia saída a não ser terminar com tudo. Concentrou sua atenção, fixou o olhar no volume e separou três páginas. Com toda a energia que pôde reunir, arrancou-as do livro.

Os passos que ouviu no corredor lhe fizeram retomar o foco. Arno pegou um isqueiro dourado que ganhara quando fora padrinho de casamento de um aluno anos atrás e o acendeu. Segurando as páginas arrancadas sobre uma pequena lixeira ao lado de seu pé, aproximou a chama do papel. No momento seguinte, as páginas já estavam queimando. Soltando-as na lixeira, observou-as enquanto se enrugavam e eram consumidas pelas chamas alaranjadas. Recostou-se na poltrona.

O último ato estava completo. Arno juntou as mãos, entrelaçou os dedos e olhou

na direção da porta do escritório, que se abriu bruscamente. O rosto do homem que o encarava parecia feito de aço, sem nenhuma emoção. Alisando com a mão a jaqueta de couro preta que delineava os contornos de um corpo atlético, examinou rapidamente a sala, olhou a pequena fogueira no cesto de papéis e apontou uma arma na direção do velho sentado à mesa.

Arno ergueu os olhos, fixando-os diretamente nos do adversário.

— Eu estava esperando vocês — suas palavras eram calmas, dotadas de um tom tranquilizador de autoridade. Na entrada do escritório, o homem com a arma não vacilou. Embora tivesse corrido minutos antes, sua respiração já estava novamente em ritmo cadenciado.

Arno abandonou a familiaridade fingida da sua voz, que agora assumia um tom estritamente profissional.

— Vocês me acharam. Um feito e tanto. Mas termina aqui.

O homem mais jovem lançou um olhar curioso para Arno e, por um momento, refreou o passo. A autoconfiança do velho não era esperada, não naquele momento. Aquilo era a sua derrota. No entanto, estava placidamente sentado, numa calma que perturbava.

O intruso respirou fundo. Depois, sem piscar, deu dois tiros, um logo após o outro, direto no peito de Arno.

A sala escureceu. Arno Holmstrand ficou olhando o vulto do intruso ficar mais apagado, virar-se e depois se retirar. A escuridão tomou conta de tudo.

Depois, não havia mais nada.

14 MINUTOS DEPOIS, OXFORD, INGLATERRA

QUARTA-FEIRA, 5H29

A torre da antiga igreja assomava sobre a cidade, que lá embaixo começava, como de costume, a se movimentar. Algumas luzes pontilhavam as salas dos colleges em torno da praça e furgões de entrega manobravam na High Street, abastecendo lojas para o próximo dia de trabalho. A lua estava baixa no céu, os primeiros raios de sol ainda ocultos pela noite.

Precisamente às 5h30, o imenso ponteiro de ferro do relógio atingiu a sua marca. Por trás do mostrador de metal, um pequeno pino de madeira, deliberadamente inserido em meio à velha engrenagem, partiu-se em dois. O cordão que estava atado ao pino se soltou e o pacote que ele mantinha suspenso no topo da torre começou sua planejada queda.

Depois de uma trajetória em queda livre ao longo dos cento e vinte e quatro degraus da escada em espiral, ao pé daquela torre do século XIII, o pacote chocou-se contra a espessa fundação de pedra. O detonador acoplado à extremidade externa do pacote se dobrou com o baque, produzindo sua carga de ignição precisamente direcionada. Antes que o detonador tivesse se incendiado totalmente, o pacote de C4 se rompeu, explodindo com uma fúria desenfreada.

Numa imensa bola de fogo, a antiga igreja ruiu.

QUARTA-FEIRA

CAPÍTULO 1

MINESSOTA - 9H05

O dia que iria mudar a vida da professora Emily Wess começou de forma bastante banal. Não havia indícios de tragédia, nenhum sinal de urgência no modo como ela tinha começado a mesma rotina matinal que mantinha todos os dias durante o semestre letivo. Tinha feito sua corrida, dado sua aula, comprado seu café da manhã. Mesmo assim, enquanto o pesado ar de outono que respirava todas as manhãs no campus do Carleton College passava por suas narinas, sentia que havia algo errado. Alguma coisa, que não sabia definir completamente, fez arrepiar sua pele quando ia da sala de aula para seu gabinete. O dia tinha um aspecto estranho, um jeito incomum que ela não conseguia descrever.

— Bom-dia, pessoal — disse ao surgir do corredor central do Leighton Hall, um edifício de três andares onde ficava o Departamento de Religião. Dirigiu-se para a porta que conduzia a seu gabinete. Este fazia parte de um grupo de salas dispostas em torno de um pequeno espaço comum ao qual se tinha acesso por uma porta, que, não fosse por isso, não chamaria muito a atenção. Quatro outros professores tinham gabinetes no mesmo espaço. Eles, mais um colega, estavam de pé em um dos cantos quando Emily entrou.

Ela sorriu, mas o grupinho estava completamente absorto em uma conversa meio sussurrada. Depois de um período mais longo que o habitual, um “oi” emergiu em resposta vindo de alguém do grupo, mas ninguém se voltou para cumprimentá-la. Foi nesse momento que tomou consciência de uma atmosfera estranha que estivera presente durante toda a manhã e que até aquele momento não tinha captado completamente sua atenção. Um silêncio esquisito tomava conta dos corredores. Seus colegas entreolhavam-se obliquamente e tinham expressões preocupadas.

Apanhando as chaves dentro da bolsa, Emily parou em frente a um conjunto de escaninhos e esvaziou o conteúdo do seu, uma braçada de correspondência: lixo postal que havia deliberadamente deixado acumular por duas semanas. Achava uma chateação fazer aquilo todos os dias.

Continuava a ouvir as vozes abafadas dos colegas atrás dela. Olhou por sobre os ombros no momento em que encaixava uma chavinha na porta do seu gabinete.

— Um dos zeladores o encontrou esta manhã — disse uma voz baixa, deliberadamente sussurrada, que Emily pôde entreouvir.

— Não dá pra acreditar - disse outra voz. — Tomei café com ele ontem mesmo.

Maggie Larson, a professora de Ética Cristã que fizera a última observação, tinha uma expressão sóbria no rosto.

Não, pensou Emily consigo quando olhou com mais atenção. Ela parece perturbada. Sua curiosidade se aguçou quando ela percebeu que “perturbada” também não era a palavra certa. Não, ela parece amedrontada.

Emily deixou a chave na posição em que estava na fechadura e virou-se para os colegas. Algo estava absorvendo a atenção deles. Algo que não parecia, ou não soava, bem.

— Me desculpem, não quero parecer mal-educada, mas o que está acontecendo? — perguntou, dando um passo na direção deles. Aquela estranha atmosfera de tensão ia ficando mais densa a cada palavra, mas Emily não sabia de que outra maneira poderia se inserir na conversa deles, já que não sabia de nenhum detalhe, nem mesmo sabia qual era o assunto.

Os outros, entretanto, não pretendiam mantê-la desinformada.

— Acho que você ainda não está sabendo — respondeu uma colega. Aileen Merrin era professora titular da cadeira de Novo Testamento. Ela também fora membro da banca que selecionara Emily quando ela se candidatou ao seu cargo quase dois anos antes, e Emily, desde essa época, nutria um carinho por ela. Emily esperava que, quando chegasse a época, ficasse tão bem de cabelos grisalhos quanto Aileen.

— Com certeza não — disse Emily tomando um gole de café frio de um copinho descartável. Feito havia mais de uma hora, tinha ficado ruim de beber, mas o ato de erguer o café até os lábios ajudava a disfarçar o embaraço daquele momento com algo um pouco mais normal. — Sabendo de quê?

— Você conhece Arno Holmstrand, da História?

— Claro — respondeu Emily. Todos conheciam o professor que era o baluarte do Departamento de História. Mesmo que Emily não pertencesse aos dois departamentos, o de História e o de Religião, ainda assim conheceria o acadêmico mais famoso e eminente da faculdade. — Ele descobriu algum outro manuscrito perdido? Ou foi expulso de algum país do Oriente Médio por ter violado as leis da escavação arqueológica?

A seu ver, toda vez que se fazia menção ao nome de Holmstrand, era no contexto de alguma importante descoberta ou aventura acadêmica. - Ele não levou a faculdade à falência com mais uma de suas viagens, né?

— Não, ele não fez nada disso — disse Aileen, que de repente assumiu uma expressão de mal-estar.

Sua voz se transformou em um sussurro: — Ele está morto.

— Morto!? — perguntou Emily, forçando levemente sua entrada no grupo com um empurrãozinho, abalada com a notícia. — De que vocês estão falando? Quando? Como?

— Ontem à noite. Acham que ele foi morto, aqui no campus.

— Eles não acham, eles têm certeza — interpôs Jim Reynolds, um especialista em Reforma Protestante. — Foi assassinado. Três tiros bem no peito; foi isso que ouvi. Estava à mesa do gabinete.

Trabalho de profissional.

A estranha sensação que Emily sentira correndo pela sua pele agora tinha sido substituída por verdadeiros arrepios. Um assassinato no campus do Carleton College era algo inaudito. Mas o assassinato de um

colega. . O efeito da notícia combinou choque a uma espécie muito genuína de medo.

— Ele foi perseguido no corredor - acrescentou Aileen. — Encontraram sangue do lado de fora do gabinete dele. Eu não vi por dentro.

A voz dela fraquejou. Ela olhou para Emily.

— Você não notou a presença da polícia no campus?

Emily estava entorpecida com a notícia. Ela tinha visto viaturas da polícia quando estacionava seu carro antes da aula da manhã, mas não tinha dado muita atenção ao fato. A polícia não era uma presença totalmente incomum em um campus universitário.

— Eu. . eu não tinha idéia do motivo — respondeu, e depois de uma pausa indagou: — Por que Arno?

Ela não conseguia imaginar mais nada que pudesse perguntar.

— Não é essa a questão que me preocupa.

A voz dessa vez, tímida e amedrontada, vinha da colega de Emily, historiadora das religiões, Emma Ericksen.

— E qual é a questão? — perguntou Emily.

— A questão que me preocupa é, se um de nossos colegas foi atacado e morto bem aqui no campus, quem será o próximo?

CAPÍTULO 2

WASHINGTON, D.C., 9H06

Do lado de fora da sala de reuniões número 26H, D. Burton Gifford entregou sua maleta a um serviçal e lançou-lhe um olhar que deixava claro que não queria ver ninguém após a reunião deles naquela manhã. Ficando de lado enquanto os outros homens saíam da sala e se afastavam pelo corredor em direção à saída, ignorou os vários avisos de “Proibido Fumar”, tirou um Pall Mall sem filtro de uma cigarreira no bolso da camisa e o acendeu. Trabalhara, por dois anos, como conselheiro no comitê de política externa do presidente, desde que o grande homem assumira o cargo. Era um leal apoiador do trabalho do presidente no Oriente Médio, mesmo que o chefe da nação não concordasse com suas idéias de uma política mais agressiva, mais negociadora, no trabalho de reconstrução pós-guerra naquela região. Tornara-se um dos mais influentes conselheiros do chefe de estado, definindo políticas e também assegurando que o presidente sempre soubesse diferenciar os amigos dos inimigos. A experiência de Gifford era em negócios, e os negócios não eram nada mais que um mundo de redes.

Gostava de pensar que o presidente estava conectado, ou não conectado, em virtude de sua sabedoria e influência. E ele não estava totalmente errado. Era o homem que tinha os contatos; o presidente era apenas a voz moral que escolhia as ligações corretas.

Sem ser visto, às sombras, um homem chamado Cole aguardava em pé, imóvel. Seu rosto exibia uma expressão de ódio pelo imponente e arrogante comerciante de poder, que se encaixava perfeitamente no estereótipo do sujeito rico, dominador e influente. Inchado tanto fisicamente quanto em seu ego, Gifford ignorava tudo o que não considerava relevante para seus próprios desígnios.

Esse era um defeito pelo qual ele iria pagar hoje.

No corredor vazio, Gifford puxou uma longa tragada, com o cigarro pendurado em seus lábios enquanto usava as mãos para alinhar o paletó. Tirando vantagem dessa distração e também daquele posicionamento vulnerável, Cole escolheu esse momento para sair do escritório e avançar no corredor.

Num único e suave movimento, agarrou o corpulento homem pelos pulsos e o forçou a entrar de novo na sala de reuniões.

— Que diabos está fazendo? — Gifford perguntou, espantado, o cigarro caindo de sua boca.

— Fique quieto e as coisas serão mais fáceis — respondeu Cole. Manteve Gifford numa chave de braço com sua mão esquerda enquanto fechava a porta atrás de si com a direita.

— Agora sente-se aí — disse ele, empurrando Gifford para uma das recém-desocupadas poltronas de couro ao redor da longa mesa de reuniões.

Gifford estava indignado. Aquele homem insubordinado não apenas o havia tratado com brutalidade, mas também torcido seu pulso. Enfurecido, trouxe as mãos até o peito e as esfregou, tentando aliviar a dor. já estava resmungando quando começou a virar sua cadeira na direção do homem que o atacara.

— Vou lhe dizer, meu jovem, não sou um homem que simplesmente aceita esse tipo de. .

Ele interrompeu o resmungo no momento em que a poltrona completou o círculo e seus olhos pousaram nas mãos de Cole. Calmamente dando as últimas voltas no silenciador para prendê-lo a sua 357 SIG Glock 32, Cole respondeu sem nem erguer os olhos.

— Sei exatamente quem é, sr. Gifford. Estou aqui justamente por ser quem o senhor é.

A ira condescendente de Gifford desapareceu, sendo totalmente substituída por um terror desesperado.

Ele não tirava os olhos da arma. — O que. . o que você quer?

— Este momento — respondeu Cole, encaixando o silenciador em sua posição travada e soltando a trava de segurança do gatilho da Glock. — Este momento é tudo o que eu quero.

— Não estou entendendo - disse rápido um Gifford horrorizado, instintivamente se encostando na poltrona como se esperasse encontrar algum refúgio contra a ameaça diante dele. — O que você quer de mim?

— É só isso — respondeu Cole. — não quero nada. Isto não é um interrogatório nem um seqüestro.

— O que é então?

Cole finalmente ergueu os olhos e os fixou nos olhos grandes e aterrorizados de D. Burton Gifford.

— É o fim.

— Eu. . não estou entendendo.

— Não — respondeu Cole — acho que não está mesmo.

A conversa foi interrompida pelas três balas que ele disparou contra o coração de Gifford, seu ombro direito facilmente absorvendo o familiar estampido da pequena arma e a longa sala ecoando muito suavemente os suaves ruídos abafados pelo silenciador.

Gifford olhou embasbacado para a tênue fumaça que subia do cano da arma que há pouco descarregara a munição em seu tórax. O sangue começou a escorrer de seu coração, vazando também das feridas em seu peito e costas; Gifford desabou na cadeira.

Cole ficou observando o homem dar seu último suspiro, enquanto seu corpo se curvava para a frente, mergulhado na escuridão.

CAPÍTULO 3

9H20

— Alguém sabe quem atirou nele?

O ritmo hesitante das palavras de Emily revelava seu mal-estar. Ainda não podia imaginar por que alguém poderia querer matar Arno Holmstrand. Sem dúvida, o homem era a figura pública mais famosa da universidade, mas também era velho, do ponto de vista de Emily - já tinha seus setenta e tantos anos. Essencialmente um homem calado, embora excêntrico. Emily não o conhecia bem. Haviam se encontrado algumas vezes, e Arno fizera ocasionalmente estranhos comentários sobre a pesquisa de Emily (considerava-se uma espécie de direito adquirido que os velhos professores colocassem objeções ao trabalho de seus colegas mais novos). Mas o relacionamento nunca passara disso. Eram colegas, não amigos.

Isso, entretanto, não suavizava em nada o choque. Uma morte no campus, ainda mais um assassinato, não era notícia comum. E Emily sentia um certo apego a Holmstrand, mesmo que fosse mais por sua admiração pela reputação profissional dele do que por alguma interação pessoal.

— Ninguém sabe de nada - respondeu Jim Reynolds. — Os investigadores estão no prédio dele agora.

Toda a ala está bloqueada. Vai ser assim o dia todo.

Num impulso, Emily tomou outro gole de seu café, mas, dessa vez, o gesto de trazer o copinho até a boca pareceu forçado e óbvio, quase desrespeitoso, como se fosse uma ação normal demais para ser realizada ante uma notícia daquele porte.

— Não acredito que isso tenha acontecido — disse Maggie Larson, cuja voz ainda denunciava seu medo. — Se alguém estava atrás dele. .

Ela não terminou a frase. A afirmação apenas insinuada servia para todos: com

um colega assassinado, todos se sentiam em perigo.

Um longo silêncio dominou o grupo, e só foi desfeito quando a campainha da escola soou. O próximo período de aulas daquele dia estava prestes a começar; eles trocaram olhares preocupados enquanto saíam em direção a suas salas e obrigações. A medida que os colegas se preparavam para sair, Emily sentiu um incômodo remorso. Era aceitável simplesmente ir embora, cuidar da própria vida como sempre, depois de uma conversa sobre um colega assassinado? Sem dúvida, alguma coisa precisava ser dita, pelo menos algo para reconhecer a comoção daquele momento.

— Eu, bem. . sinto muito por Arno.

Foi tudo o que conseguiu dizer. Ficou surpresa com a intensidade da perda que sentia. A reação emocional que estava experimentando seria mais justificada em relação à morte de um amigo próximo, o que Arno Holmstrand nunca tinha sido.

Aileen lhe deu um sorriso amigável e saiu. Emily, tentando superar o choque, voltou para o seu gabinete, destrancou a sala e entrou no pequeno ambiente. Era incrível como rapidamente o foco de um dia mudava, como um fato trágico podia abalar as pessoas. Até o momento em que ficara sabendo da morte de Arno, estivera concentrada em algo completamente diferente, em imagens de um encontro que teria com o homem que amava. A última quarta-feira antes de um feriado prolongado de Ação de Graças significava apenas uma única aula, a primeira da manhã. O restante do dia, se tudo corresse como havia planejado, seria dedicado aos preparativos de uma viagem muito esperada, de Minneapolis a Chicago, de um feriado com seu noivo, Michael. Eles haviam se conhecido quatro anos antes, no mesmo feriado de Ação de Graças. Ele, um inglês estudando em sua terra natal; ela, uma ávida estudante de mestrado fazendo pesquisa no exterior, tentando comunicar a importância da grande tradição norte-americana para os antigos colonizadores, e esse dia para eles se tornou especial.

Mas aquele devaneio feliz tinha sido interrompido bruscamente. O coração de Emily agora estava disparado, sua adrenalina subindo, desde que soubera da notícia.

Mesmo assim, tentou conter o mal-estar e ligou o computador sobre sua mesa. O trabalho do dia não podia ser totalmente abandonado, independentemente do choque. Abrindo o braço, Emily deixou a correspondência que recolhera no

escaninho cair sobre a mesa.

Com a mente ainda envolvida em pensamentos de assassinato e perda, não notou, a princípio, um pequeno envelope cor de creme que estava entre dois folhetos de cores berrantes. Seus olhos não captaram a caligrafia estranha e elegante do sobrescrito, nem a ausência de selos ou carimbos, muito menos a falta de indicações de um remetente. O envelope passou despercebido do seu campo de visão e se misturou com todo o resto.

CAPÍTULO 4

9H30

Dois pequenos orifícios perfuravam o couro da velha poltrona, marca dos tiros fatais que tinham tirado a vida de Arno Holmstrand. Os tiros foram dados bem no meio do tronco, com pouco mais de dois centímetros de distância entre si. Sinais que denunciavam o trabalho de um profissional. Agora, com o corpo removido, o detetive podia retraçar a trajetória das balas a partir dos dois buracos deixados no estofamento da poltrona. O assassino tinha parado na entrada do gabinete; ele não tinha mais que 1,70m de altura. A vítima estava sentada, de cara para seu algoz.

O detetive Al Johnson observava os técnicos que vasculhavam a cena do crime. Uma fina pinça, manuseada com habilidade pelas mãos enluvadas de um homem que obviamente já tinha feito aquilo antes, extraíram uma bala de um dos orifícios da poltrona. Talvez um 38, Al considerou, embora não estivesse em hipótese alguma preparado para insistir no palpite. Esse era o terreno dos técnicos em balística. Para ele, bastava saber que se tratava de um revólver, que aquilo era sem dúvida um assassinato, e que claramente fora perpetrado por um profissional.

Coisas que ele já vira antes.

O corpo fora levado para o necrotério mais cedo naquele mesmo dia. Três ferimentos à bala no total. O

do lado direito viera primeiro, provavelmente quando a vítima ainda estava fora do gabinete. Johnson perscrutou o rastro de sangue que se estendia até o interior da sala. O médico legista suspeitava que o primeiro ferimento já teria sido fatal, mas a vítima tinha sobrevivido tempo suficiente para passar pela porta aos tropeços — o detetive ergueu-se do chão tentando reconstituir os passos hipotéticos — passar pela porta aos tropeços e chegar até a mesa. Para quê? Havia um telefone sobre a mesa, mas nenhum sinal de que fora usado, e o 911 não recebera chamada alguma até a manhã seguinte, quando um zelador chegou à cena do crime.

Outro perito pulverizava o batente da porta em busca de impressões digitais. Um terceiro fazia o mesmo na mesa. Dois sujeitos uniformizados tiravam fotos, o parceiro de Johnson entrevistava os funcionários da noite no corredor, e pelo menos seis outras pessoas se movimentavam pela sala. Não foi a primeira vez que Al se surpreendeu diante da vibração de vida que pode haver na cena de um crime.

Era um dos paradoxos da função.

Al chegou mais perto da mesa. Ela era como imaginava a mesa de um velho professor: abajur verde, porta-canetas de bronze, mata-borrão desbotado e um computador que parecia já estar ultrapassado desde a época de sua fabricação. Uma bandeja de couro continha cartas velhas, cada uma meticulosamente aberta com uma espátula de marfim, que repousava sobre elas.

Espátula de marfim, torre de marfim. . o ambiente era um conjunto de símbolos de um status cultural.

No centro da mesa, havia um grande livro de capa dura cheio de fotografias. Estava aberto, mais ou menos na página central. O detetive se aproximou e correu levemente a mão enluvada pela superfície das páginas. Por baixo do látex cheio de talco, seus dedos calejados se detiveram ao tatear bordas inesperadamente ásperas. A encadernação no centro do livro escondia uma irregularidade no papel, no ponto onde algumas páginas haviam sido evidentemente arrancadas pouco tempo antes.

Um flash chamou sua atenção no momento em que um jovem perito da equipe de Homicídios tirou uma foto do livro, juntamente com a mão de Al.

Al imaginou a cena. Um homem, atingido por um tiro no peito, caminha com dificuldade de volta à sua sala para arrancar algumas páginas de um livro. Aquilo fazia pouco sentido. Mas também, assassinatos quase nunca faziam muito sentido.

Outra foto, a câmera agora focou os pés dele. Al olhou para baixo na direção de uma lixeira, cheia de restos de papel queimado. De joelhos, um jovem pretensioso, vestindo um terno feito sob medida, examinava os restos chamuscados.

Belo terno, pensou Al, imediatamente irritado. Um rapaz das agendas do

governo, era só o que faltava.

Não era fã dos grandes filmes comerciais de Hollywood, mas achava que eles representavam muito bem a perturbação causada toda vez que várias agências de segurança disputavam um caso. E os detetives das equipes locais nunca vestiam ternos elegantes. Não sabia de onde o rapaz era, mas independentemente disso, Al já sentia que a situação seria terrivelmente frustrante.

— É costume dos professores de História queimar seu lixo? — perguntou o rapaz, sem olhar para cima.

— Agora você me pegou, garoto.

O rapaz de terno retraiu-se visivelmente quando proferida esta última palavra, evidentemente insatisfeito por ter sido lembrado de sua pouca idade. Levantou-se bem devagar, forçando-se a recuperar a tranqüilidade.

— Não é muita coisa. Só algumas páginas amassadas, queimadas todas juntas, eu acho.

Al apontou o livro sobre a mesa.

— Algumas páginas foram arrancadas dali - disse, indicando as bordas rasgadas do volume. — Ao que parece pelos números antes e depois, três páginas estão faltando.

— Acho que temos três aqui — confirmou o rapaz, indicando as folhas queimadas na lixeira.

— Não entendo — disse Al. — O velho leva um tiro no corredor, mas consegue vir cambaleando de volta ao seu gabinete, até sua mesa. Há um telefone bem à sua frente, mas ele não pega. Não pede socorro. Com papel e canetas por todo lado, não escreve nada. Em vez disso, abre um livro de ilustrações, arranca umas páginas e as queima. Não faz sentido.

O rapaz não respondeu. Pegando o livro, examinou-o com uma intensidade que superava a frustração que Al estava sentindo. Ele ficou olhando — furioso.

— Olha, garoto — disse Al. - Não ouvi seu nome. Eu nunca o vi por aqui antes. Faz tempo que você está nas Cidades?

A maioria dos investigadores das Cidades Gêmeas de Minneapolis e Saint Paul, o centro do serviço policial na parte sul do estado, conheciam-se pelo menos de vista.

— Não sou daqui.

Foi tudo o que ele disse. O jovem não ofereceu mais nenhuma informação, nem deu sinal de desejar continuar com aquelas cortesias profissionais. Virou mais uma vez o livro nas mãos, olhando para o papel queimado na lixeira.

Al não estava tão disposto a encerrar o assunto.

— Não é daqui? Você é estadual? O que a polícia estadual está fazendo aqui? Esse caso é evidentemente municipal. Maldita polícia estadual.

O rapaz não respondeu, ignorando a persistência de Al, mas finalmente colocou o livro de volta na mesa. Ajeitando o terno, voltou-se para o investigador com um ar de eficiência burocrática. Pela primeira vez desde que tinham começado a conversar, ele olhou diretamente nos olhos de Al.

— Sinto muito. Já tenho o bastante para o meu relatório. Prazer em conhecê-lo, detetive.

— Seu relatório? — A observação foi quase exagerada. Um livro e um punhado de papel queimado significavam alguma coisa em termos materiais, mas não eram o suficiente para um relatório. Al olhou em torno da sala observando o burburinho: coletas de amostras de impressões digitais, manchas de sangue, respingos, pegadas. Tudo aquilo daria um relatório. E apesar disso o rapaz parecia ignorar todo o resto, dedicando sua atenção apenas à mesa e ao papel queimado na lixeira. Como se todo o resto da cena do crime não existisse.

Não era um comportamento normal de investigação, mesmo para um policial estadual.

Voltou-se novamente para o agente desconhecido, pronto para uma tirada sarcástica, mas se viu sozinho na sala.

CAPÍTULO 5

9H35

“A questão que me preocupa é, se um de nossos colegas foi atacado e morto bem aqui no campus, quem será o próximo?”

Já que seus colegas tinham saído para ministrar suas aulas, Emily ficou sozinha em seu gabinete ponderando sobre os estranhos contornos da conversa que haviam tido. As palavras de Emma Ericksen permaneciam na mente de Emily. Não eram apenas as perguntas sem resposta associadas com o assassinato de Arno Holmstrand que contribuíam para o incômodo receio que sentia. Era também a nefasta presença da própria morte. Houvera um assassinato, de um colega, a poucos metros de distância de seu escritório. Será que havia um perigo maior? Estariam todos em risco?

Será que eu estou? Emily afastou o pensamento assim que ele lhe ocorreu. Encarar a situação em termos pessoais era irracional e só iria nutrir seu medo. Teria de combater seus pensamentos fugidios com uma atividade: trabalho, e as poucas tarefas que ela ainda precisava fazer antes de deixar o campus e viajar ao encontro de Michael.

Baixou, enfim, os olhos para a pilha de correspondências que havia retirado do escaninho; naquele momento, era o que havia de mais imediato para distrair seus pensamentos perturbadores. Lixo, lixo, lixo. Emily tinha adquirido a reputação de não apanhar sua correspondência e o motivo era exatamente esse. A correspondência de quase duas semanas, e a maior parte era lixo. Um envelope de uma editora, anunciando um livro que com quase toda a certeza jamais leria. Uma circular sobre a conscientização dos direitos dos animais, cópia exata da circular que recebera sobre o mesmo assunto na semana passada, e na semana anterior. Um comunicado informando sua nova senha para a máquina copiadora do departamento, que a secretária anunciava com a mesma gravidade e importância que mereceria a publicação de códigos de ativação da reserva nuclear do país. A vida acadêmica podia ser intelectualmente estimulante, mas cheia de adrenalina é que não era. Emily jogou o comunicado, juntamente com os outros papéis, na lixeira.

Embaixo deles havia um único envelope cor de creme, feito de um papel texturizado que era obviamente caro. O nome de Emily estava harmoniosamente escrito sobre ele, mas não havia selos nem indicação do remetente.

Alguma coisa nele chamou a atenção de Emily. Observou a caligrafia elegante em que seu nome estava escrito. As letras eram de uma tinta marrom e tinham os evidentes arcos e volteios característicos de uma caneta-tinteiro. Emily virou o envelope e observou a superfície em branco. Não havia selos, nem indicação de quem o enviara. Alguém havia deixado o envelope no escaninho dela pessoalmente.

Talvez fosse um convite para alguma festa ou evento, embora o estilo do envelope sugerisse um nível de sofisticação bem mais alto do que o das festas que ela costumava freqüentar.

Ela passou habilidosamente o dedo mindinho pela aba do envelope para abri-lo, e uma única folha de papel, dobrada ao meio, caiu em seu colo.

Desdobrou o papel. Se as primeiras impressões definissem o cenário, pensou Emily, aquele bilhete pretendia criar uma cena extravagante. O papel era fino, obviamente caro, de uma cor creme bem clara e, se não estivesse enganada, tinha um leve perfume de cedro.

O que viu no topo da página fez seu estômago se contorcer. Em relevo, destacando-se levemente do tom do papel, havia um cabeçalho.

DO GABINETE DO PROFESSOR ARNO HOLMSTRAND,

BA, MA, D.Phil, PhD, OBE

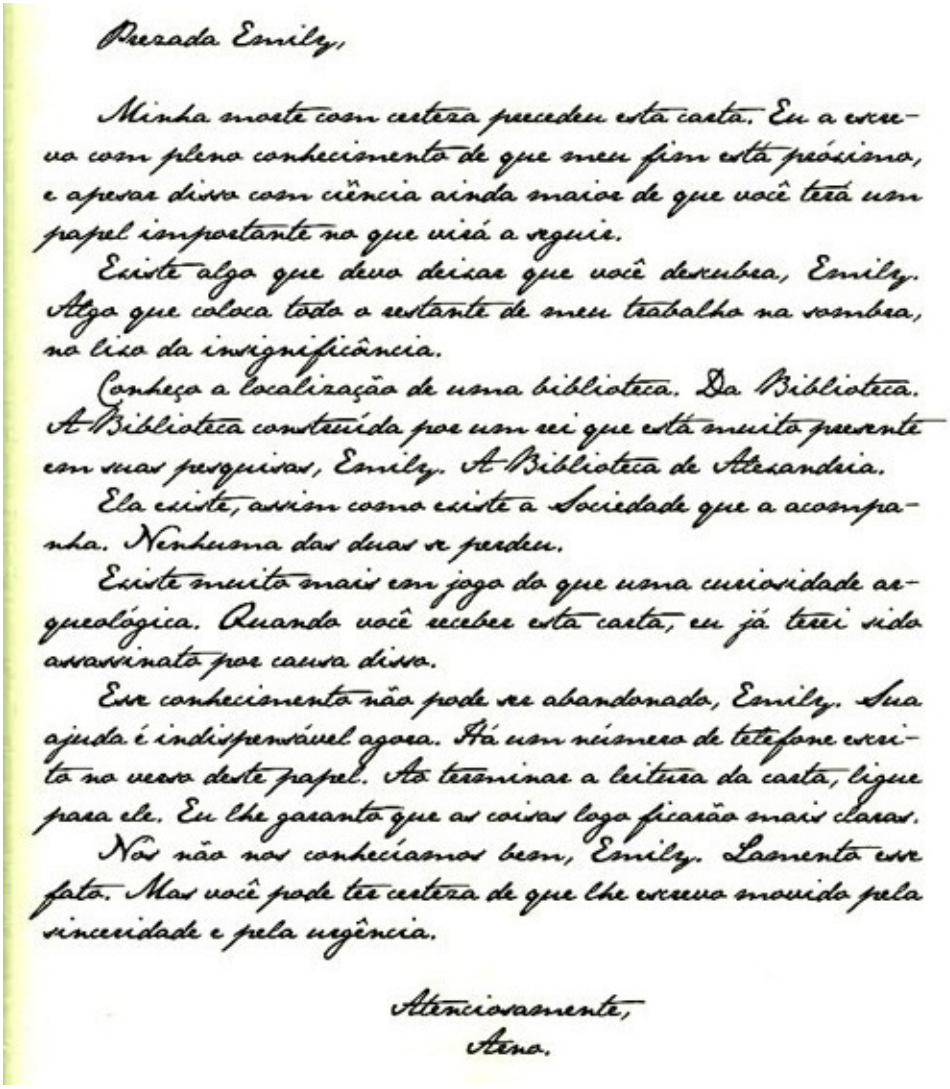
Arno Holmstrand, com todos aqueles títulos acadêmicos e honrarias, o homem assassinado na noite anterior. O eminente professor.

O professor morto.

O que vinha a seguir capturou toda sua atenção.

“Prezada Emily”, começava o bilhete, escrito na mesma caligrafia elegante, com a mesma tinta marrom do envelope. “Minha morte com certeza precedeu esta carta.”

CAPÍTULO 6



Querida Emily,

Minha morte com certeza precedeu esta carta. Eu a escrevo com pleno conhecimento de que meu fim está próximo, e apesar disso com crença ainda maior de que você terá um papel importante no que virá a seguir.

Existe algo que devo deixar que você descubra, Emily. Algo que coloca todo o restante de meu trabalho na sombra, no lixo da insignificância.

Conheço a localização de uma biblioteca. Da Biblioteca. A Biblioteca construída por um rei que está muito presente em suas pesquisas, Emily. A Biblioteca de Alexandria.

Ela existe, assim como existe a Sociedade que a acompanha. Nenhuma das duas se perdeu.

Existe muito mais em jogo do que uma curiosidade arqueológica. Quando você receber esta carta, eu já terei sido assassinado por causa disso.

Esse conhecimento não pode ser abandonado, Emily. Sua ajuda é indispensável agora. Há um número de telefone escrito no verso deste papel. Ao terminar a leitura da carta, ligue para ele. Eu lhe garanto que as coisas logo ficarão mais claras.

Nós não nos conhecíamos bem, Emily. Lamento esse fato. Mas você pode ter certeza de que lhe escrevo movido pela sinceridade e pela urgência.

Atenciosamente,
Anna.

CAPÍTULO 7

NOVA YORK - 10H35 (9H35 EM MINNESOTA)

O secretário pegou o telefone antes que o primeiro toque se completasse. - Alô!

— Feito. Exatamente de acordo com suas instruções.

A voz do outro lado da linha falava num tom direto e frio.

— O Guardião está morto?

— Eu mesmo cuidei disso. Ontem à noite. A polícia o encontrou hoje.

O secretário recostou-se na poltrona, tomado por uma sensação de satisfação e poder. Um nobre objetivo fora alcançado e o futuro de seu projeto havia sido preservado. Poucos homens na história tinham tentado o que eles tentavam agora. Menos ainda eram os que tinham atingido os objetivos agora alcançados por eles. Mas eles teriam sucesso e, como mostrava o progresso da semana anterior, não havia quem pudesse se interpor em seu caminho. O secretário passou os dedos pelos cabelos grisalhos.

— Ele estava nos esperando — disse o outro homem.

Aquilo era de se esperar. A eliminação do Assistente na semana anterior fora amplamente noticiada.

Não tinha sido possível evitar. Não se assassinava um Chefe de Patentes de Washington sem que a mídia tomasse conhecimento. Além disso, não era objetivo do Conselho ocultar a eliminação. Esses assassinatos seriam dados como assassinatos para a maioria das pessoas, mas entre aquelas que eram seus alvos, eles seriam interpretados como recados. Advertências.

— Isso é irrelevante — respondeu o secretário — contanto que você tenha feito

seu trabalho. Além da fonte, com quem vamos lidar em breve, ele era o último homem que tinha visto a lista.

O vazamento da lista fora imperdoável. Tudo o que eles lutaram para construir tinha sido colocado em risco por algo tão banal quanto uma lista de nomes. Uma lista que incluía nomes que ninguém poderia saber. Daquele sigilo, daquele anonimato, dependia todo o plano deles. E mesmo assim, de alguma forma, a lista caíra em mãos erradas. A única reação possível era agir e erradicar os que tinham posto os olhos nela. O Guardião e seu Assistente eram homens cujas vidas tinham inegável valor para ele, mas esse valor foi considerado menor que os riscos que eles representavam.

O secretário tinha ficado tão absorto em seus pensamentos que, a princípio, não notou o silêncio do outro lado da linha. De repente, entretanto, o silêncio disparou um alarme. Despertando de seus devaneios, inclinou-se para a frente.

— O que aconteceu? O que deu errado?

— O fato de que ele sabia que estávamos chegando; talvez seja mais relevante do que o senhor imagina.

O secretário estremeceu. Era um homem que não gostava de surpresas. Inclinou-se mais para a frente, pressionando o telefone contra o ouvido.

— Fale!

— Ele chegou ao gabinete antes que eu pudesse acabar com ele. Algo não me pareceu muito certo naquele momento, mas eu não podia me demorar mais. Quando voltei hoje de manhã para acompanhar os acontecimentos, minhas suspeitas se confirmaram.

— Continue — ordenou o secretário, mantendo uma calma, que conseguia manipular depois de muito treinamento. Tinha décadas de experiência em receber más notícias. Controle nos momentos difíceis, sempre soube, era importante. Um bom líder estava em seu nível mais feroz e mais temível quando estava em seu nível máximo de calma.

— Tinha um livro sobre a mesa dele — disse o Amigo. — Três das páginas estavam faltando; tinham sido arrancadas. Eu as encontrei queimadas na lixeira perto da cadeira dele.

Fez uma pausa, permitindo que o secretário digerisse os detalhes. Não esperava ou aguardava uma resposta. Não era assim que o relacionamento deles funcionava. Esperava-se que ele dissesse o necessário. Se quisesse ouvir mais, o secretário perguntaria.

O homem mais velho ficou pensando no estranho relato. Então, havia algo que o Guardião não queria que seu assassino visse. Mesmo à beira da morte, estava determinado em despistá-los.

As próximas palavras do secretário tinham um tom de ameaça misturado ao de um questionamento.

— Você obteve detalhes sobre o livro?

— Claro, senhor!

Tentou relaxar os músculos dos ombros. O Amigo fora bem treinado.

— Quero os detalhes na minha mesa dentro de meia hora. Consiga-os para mim enquanto estiver a caminho de Washington.

A caçada não ia terminar daquele jeito.

— E me traga um exemplar desse livro.

CAPÍTULO 8

WASHINGTON, D.C. - 10H45 (9H45 EM MINNESOTA)

A notícia que estava na pasta vermelha em suas mãos era perturbadora, mas não superava muito em seus detalhes o que a loira atrás do letreiro eletrônico da CNN estava reportando no televisor do outro lado da sala. Tinha eliminado o som do aparelho poucos minutos antes que seu assistente entrasse na sala. A âncora anunciara a notícia da explosão no Reino Unido e um helicóptero sobre o local filmava e transmitia ao vivo cenas das ruínas, mas, além do horário da explosão e de imagens da extensão dos danos, pouco mais se sabia naquele estágio da investigação. Uma importante igreja antiga, marco da herança inglesa, fora destruída por uma bomba no início da manhã. Não havia vítimas registradas, apenas a perda em termos sentimentais e históricos.

— Alguém reivindicou a responsabilidade? — perguntou ele.

— Não, sr. Hines - respondeu o assistente.

Jefferson cerrou os dentes em reação à falta de respeito daquele jovem. Não se referir a ele mencionando o seu cargo era, ele sabia, totalmente intencional.

— A CIA está acompanhando o Serviço de Inteligência Britânico na busca de informações, mas, até agora, nem mesmo os loucos de sempre estão disputando a responsabilidade.

Hines processou a informação, ou melhor, a falta de informação. Atentados a bomba eram, em geral, seguidos de uma chuva de reivindicações de responsabilidade feitas por vários grupos, que desejavam também a publicidade que acompanhava o ataque à Grande Besta do Ocidente. Havia exceções, claro, e elas eram suficientemente freqüentes para que a falta de reivindicações do caso

atual não disparasse muitos alarmes, mas ainda assim aquele silêncio era interessante.

— Houve alguma resposta formal do governo britânico?

— Apenas que estão chocados e horrorizados, envidando todos os esforços para trazer à justiça os culpados por esse crime hediondo, *etc. etc. etc.* — Mitch Forrester mexia os dedos no ar em um gesto que indicava a falta de sentido daquelas respostas padronizadas. Ele só trabalhava no escritório de Hines havia seis meses e, mesmo assim, transmitia os comentários com um ar de quem já ouvira tudo aquilo antes.

Hines de repente não conseguiu refrear a pergunta.

— Quantos anos você tem, Mitch?

A pergunta pegou o assistente de surpresa.

— Como?

— Sua idade. Qual é a sua idade?

Forrester lançou-lhe um olhar estranho, seu desdém velado agora misturando-se a uma confusão intrigada. Se eles estivessem sozinhos, poderia ter respondido com uma demonstração explícita do ódio que estava sentindo, mas estava muito consciente da presença de outro homem no escritório de Hines, alguém sentado no canto, em completo silêncio. Alguém que ele não queria que testemunhasse sua impertinência.

— Vinte e seis — respondeu por fim.

— Vinte e seis — repetiu Hines, soltando um suspiro em reação àquele número tão baixo. Teria sido ele tão petulante naquela idade? Tinha muito mais que o dobro disso, e sempre fora um sujeito cheio de ambição, mas acreditava que nunca tinha sido tão impetuoso quanto aquele rapaz diante dele.

— Não sei qual é a relevan. .

— Relevância nenhuma, nenhuma — Hines o interrompeu, indicando com um gesto que deviam mudar de assunto. Ele parou por um instante. — Alguma coisa

mais?

— Nada ainda - respondeu Forrester secamente. - Assim que recebermos alguma notícia, eu lhe comunico, senhor.

Ele deixou que a pausa antes de sua última palavra acentuasse sua insatisfação pelo modo como fora tratado. Ainda assim, com todo o egocentrismo da juventude, continuou ali parado, esperando algum reconhecimento. Hines, entretanto, simplesmente desviou os olhos dele na direção das imagens da televisão. Percebendo finalmente que não conseguiria mais nada, o assistente se virou e saiu da sala.

Hines esperou uns bons 30 segundos em silêncio antes de virar a cabeça na direção do homem sentado no outro canto de seu escritório. Embora estivesse acostumado há muito tempo com o serviço que esses homens faziam para a organização, ainda sentia uma ponta de nervosismo quando estava realmente sozinho com um deles. Seu papel na organização sempre fora diplomático, profissional. Nunca tinha feito o serviço sujo. Aquela era uma dimensão vil, mas essencial, da causa deles. Embora muitos no mundo o considerassem um indivíduo de grande influência, Jefferson Hines sabia que o homem sentado a poucos passos de sua mesa representava um poder muito maior que qualquer poder que ele jamais teria.

— Você acha que as coisas estão ligadas? - perguntou ele finalmente, apontando para o arquivo em sua mesa e depois para o televisor mudo. — Ligadas à missão?

— Claro! — Os dois homens não falavam do plano em nenhum outro termo a não ser “a missão”.

Naquela cidade, e em seu escritório, era quase certo que as paredes tivessem ouvidos. — Mas não deixe que isso o desestabilize. Vamos manter o curso das ações.

Hines não estava satisfeito.

— Isso nunca foi discutido. Marlake, Gifford. . o resto; esse era o plano. Que diabos está se passando na Inglaterra?

O outro homem se endireitou na cadeira enquanto Hines falava. Ele lhe lançou

um olhar que não deixava dúvidas sobre seu significado: cale a boca. Nomes nunca deveriam ser mencionados.

Hines percebeu o olhar e sua mensagem, batendo os dedos na mesa, meio irritado, meio ansioso.

— Diga-me que esperávamos reações como essa — disse ele. — Diga-me que nada disso é surpresa.

Se o outro homem hesitou antes de responder, não havia demonstrado. Tinha o ar de um homem que desejava exalar confiança, e queria que seu interlocutor permanecesse forte e imperturbável.

— Nossos planos estão seguros. Vamos então cuidar de nosso lado do negócio, e vocês cuidam do seu.

Assim, todos ganhamos.

Fez uma pausa para que suas palavras permanecessem no ambiente pesado entre os dois. — Não perca seu alvo de vista.

Apesar do medo instintivo que sentia daquele homem, Hines se sentiu mais tranqüilo com aquela aparente certeza. Soltando um longo suspiro, recobrou sua postura. Homens de estado deviam ser fortes, e ele estaria à altura de sua tarefa.

— Bom. Então suponho que devo falar com você amanhã?

O outro homem fez que sim com a cabeça, levantando-se de sua poltrona.

— Isso mesmo, sr. vice-presidente.

CAPÍTULO 9

MINNESOTA - 9H45

Emily ficou olhando a carta em suas mãos. O papel se agitava no ar e percebeu, então, que estava tremendo. Ela o releu uma segunda, uma terceira, uma quarta vez. E de novo. Apenas alguns minutos antes, ficara sabendo que Arno Holmstrand tinha sido assassinado, e agora tinha nas mãos uma carta escrita exatamente por esse homem. Escrita antes de sua morte. Ele sabendo que iria morrer.

Mais que isso, pensou Emily. Ele sabendo que seria assassinado. Esse fato fazia uma grande diferença.

Consciente disso, Arno Holmstrand tinha escrito para Emily Wess. Um gigante, escrevendo para um peão, nos últimos momentos de sua vida. Ela não podia entender por quê. O que quer que Holmstrand tivesse descoberto, por que a estava envolvendo naquilo? A questão ficava ainda mais premente pela ligação direta entre a carta e a morte daquele que a escrevera. Parecia totalmente possível que o conhecimento a que a carta se referia tivesse causado a morte de Holmstrand. Ele sugeria exatamente isso na carta. Assim, não parecia improvável que, tendo a carta em seu poder, Emily agora corria perigo de vida. Seu estômago revirou quando pensou nisso, e na realidade do que tinha nas mãos.

Virou o papel, e seus olhos logo se fixaram no número de telefone escrito no verso, em algarismos bem visíveis no centro da página. A carta instruía Emily a ligar para aquele número, embora não desse indicações de quem poderia atender do outro lado. Apesar disso, quando seus olhos verificaram o número, seu corpo ficou paralisado. Ficou olhando, chocada e confusa, para os dez algarismos escritos em tinta marrom no papel do homem morto.

Era um número que ela conhecia muito bem.

Embora geralmente ligasse para ele pela tecla de discagem rápida de seu celular, ainda reconhecia os dígitos. Não havia como não reconhecê-los.

Pegando o telefone de sua sala, lentamente apertou as teclas de cada um dos dígitos. Talvez eu esteja errada, pensou, sabendo que não estava. Estou apenas agitada. Meus pensamentos estão confusos por causa do choque da notícia. Mas ela sabia que não era nada disso.

Sua respiração ficou mais rápida enquanto o telefone chamava. Sabia em seu íntimo que, no momento em que a chamada fosse atendida, os eventos daquela manhã assumiriam uma perspectiva totalmente nova.

Um instante depois, o momento chegou. A chamada foi atendida e uma respiração conhecida do outro lado serviu de preâmbulo para uma saudação, vindo de uma voz que já sabia quem estava ligando.

— Emmy!

O sotaque britânico na fala de Michael Torrance era inconfundível. Com uma exuberância que ficava à altura da confusão que sentia, o noivo de Emily Wess saudou o amor de sua vida.

CAPÍTULO 10

9H52

— Mike? — disse Emily, com o coração disparado. Aquela conexão pelo telefone, tendo como causa a enigmática carta de Arno Holmstrand, aumentava ainda mais a confusão.

— Onde você está? — disse Michael com a voz cheia de energia.

— Ainda estou no meu gabinete — respondeu Emily. — Ainda não saí para o aeroporto.

Ela não sabia como devia comunicar seu único pensamento. Mas finalmente decidiu que deveria ser o mais direta possível.

— Aconteceu uma coisa aqui no campus.

Michael de repente ficou sério, numa reação instantânea.

— Como assim? E alguma coisa grave? Você está bem?

O tom dele denunciava um pânico gerado por seu instinto de proteção, e Emily percebeu que começara mal.

— Não, não é nada desse tipo. Estou bem.

Ela ouviu um suspiro de alívio do outro lado da linha. Embora os dois fossem corajosos, o instinto protetor de Michael era forte.

— Mas uma coisa realmente estranha está acontecendo por aqui. Você não acreditaria se eu contasse.

— Aceito o desafio.

— Um homem morreu aqui ontem à noite — continuou Emily. — Você se lembra do famoso professor aqui da universidade? Arno Holmstrand?

— Aquele do qual você falou sem parar durante um ano? Claro, Emmy, eu me lembro, sim.

Seguindo um costume que tinham de se comunicar com provocações, zombava de Emily dizendo que ela desenvolvera uma “paixão recolhida de colegial” quando o lendário professor viera para a universidade. Mais tarde confessara que se o entusiasmo dela não fosse tão enternecedor, ele teria desconfiado que ela estava de olho em outro homem.

— É ele mesmo — disse, engolindo em seco. — Foi assassinado ontem.

— Assassinado?

— No gabinete dele. Levou três tiros.

Ela fez uma pausa e, sem querer, deu um tom ainda mais dramático ao que estava contando.

— Meu Deus, Emily, sinto muito!

As palavras consoladoras de Michael eram sinceras, mas havia alguma hesitação nelas. Algo além de uma preocupação protetora e masculina chamava sua atenção.

— Na verdade eu não o conhecia de fato — comentou Emily. Havia alguma falsidade em suas palavras. Ela não conhecia Arno, mas sabia dele, admirava-o, acompanhava-o de longe. E estava sentindo muito sua perda, independentemente do que deixasse transparecer ao telefone.

— Isso não faz tanta diferença - prosseguiu Michael. — Quem atirou nele?

— Ninguém sabe. . As investigações estão em curso. Há policiais por todo o campus. Dizem que parece ter sido um serviço profissional. As indicações são de um assassinato.

Emily respirou fundo e engoliu em seco.

— E a coisa toda fica mais esquisita. . - ela fez uma pausa para que Michael a sondasse, fizesse perguntas, mas ele permaneceu calado e, então, ela continuou.

— Hoje pela manhã, encontrei uma carta no meu gabinete. Escrita à mão, entregue pessoalmente. De Arno Holmstrand.

Emily firmou a voz.

— A carta, Mike, trata da morte dele. Ele a escreveu antes de ser morto, sabendo que seria morto.

O silêncio continuava do outro lado da linha.

— E esta é a parte em que você realmente não vai acreditar. A carta me deu instruções para ligar para um determinado número de telefone que ele havia escrito no verso, sem nenhum nome acompanhando. E aqui estou eu, falando com você.

Finalmente, Michael falou.

— Na verdade, Emmy, acredito em tudo o que você disse.

Ela se assustou. — Jura?

— Juro. Porque eu voltei da minha corrida matinal há uns 20 minutos, e debaixo de minha porta havia um envelope. E cor de creme e tem meu nome escrito nele com tinta marrom.

Emily ficou paralisada, sem saber que sentido dar ao que ouvia.

— Não pode ser.

— Mas é — interpôs Michael. — Dentro dele há uma carta de Arno Holmstrand. — Emily não conseguia conter sua incredulidade.

— O que diz a carta?

— Pouca coisa, respondeu Michael.

Ela pôde ouvi-lo desdobrando uma folha de papel, preparando-se para ler a carta.

— Prezado Michael. Emily vai ligar esta manhã. Espere ao lado do telefone. Abra o segundo envelope e leia para ela o que está dentro dele quando ela ligar.

— Segundo envelope? - A confusão aumentava a cada segundo.

— Dentro do primeiro, com essa cartinha, tem um segundo envelope. Com seu nome escrito nele — confirmou Michael. — Por que ele está escrevendo para você? E por meu intermédio? Como nós estamos envolvidos na vida dele?

— Não tenho a menor idéia, Mike. Estou tentando entender — fez uma pausa. — Esse segundo envelope . . você o abriu? — indagou Emily, agora no auge da tensão.

— Claro que abri — respondeu ele. — Você acha que eu ia cruzar os braços e ficar sentado esperando?

Apesar da tensão do momento, Emily não pôde evitar um leve sorriso. O costumeiro entusiasmo de Michael não tinha sido sufocado por aqueles acontecimentos estranhos.

- E. .?

— E talvez você não venha para Chicago — fez uma pausa e, dessa vez, o silêncio dramático era inteiramente proposital. — Dentro do envelope tem um e-ticket. Holmstrand reservou para você um voo para Londres. Esta noite.

— Londres?

O raciocínio de Michael agora estava rápido demais. Ele ultrapassou a confusão dela.

— Qual é o número do fax da sua sala, Emmy.

Ela piscou, tentando recuperar a lucidez e disse automaticamente o número que sabia de cor, da máquina de fax da secretaria do departamento.

— Por que você quer esse número? — perguntou por fim.

— Porque nesse segundo envelope, além da passagem, há também duas folhas de papel. Meu scanner está quebrado, então não dá para lhe enviar uma cópia por e-mail. Mas com certeza você vai querer ver o que ele deixou para você.

CAPÍTULO 11

10H02

Dez minutos mais tarde, Emily aguardava ansiosa ao lado da máquina de fax da secretaria do Departamento de Religião, a algumas portas de distância de seu gabinete. A linha exclusiva para mensagens de fax não tinha um toque audível e, por isso, ela estava ao lado da máquina, esperando que ela despertasse e produzisse cópias digitais das duas páginas que Michael havia prometido enviar nos próximos minutos.

Sentados em torno de uma mesa de trabalho estavam dois colegas professores de religião. Como se poderia esperar, estavam discutindo o caso Holmstrand.

— Não, foram três — insistiu Bill Preslin, um dos professores de hebraico, corrigindo o outro homem.

- Você esqueceu a Arábia Saudita.

— É mesmo? Eu não fazia idéia — o outro homem era David Welsh, especialista do departamento em religiões da América do Sul. Emily foi até a mesa e se sentou. Dali, podia ficar vigiando a máquina de fax.

— Vocês se importam se eu me sentar com vocês? — perguntou. — Suponho que estejam falando sobre Arno. Simplesmente não posso acreditar.

— Nós também não - respondeu Preslin, mexendo a cabeça num gesto acolhedor. — Mas eventos dramáticos não são exatamente estranhos para Arno Holmstrand. E o único acadêmico que eu conheço que consta na lista de terroristas feitas por três países diferentes, por causa do tempo que passou no Oriente Médio. Os EUA, a Grã-Bretanha e a Arábia Saudita o consideram uma “pessoa de interesse”.

— E o gabinete do Reitor recebeu uma ligaçãozinha telefônica bacana do Departamento de Segurança Interna quando ele veio para cá, querendo saber se nós conhecíamos o “passado interessante” dele -

acrescentou Welsh.

— Nós falamos para eles que sim — continuou Preslin, que tinha trabalhado por dois semestres num cargo burocrático da universidade antes de retomar sua função predominantemente docente. — Mas acrescentamos que o velho tinha recebido honradas em cinco países, tinha sido condecorado pela rainha da Inglaterra com a Ordem do Império Britânico e possuía títulos honorários de sete universidades diferentes.

Emily listou em sua cabeça os nomes que conhecia devido à imensa publicidade que tinha sido gerada em torno da nomeação de Holmstrand. As condecorações penduradas nas paredes da sala dele vinham de Stanford, Notre Dame, Cambridge, Oxford, Edinburgh, Sorbonne e da Universidade do Egito. E

esses eram apenas os que Holmstrand mencionava quando lhe perguntavam. Provavelmente havia uma enorme lista de outras instituições.

— Mas parece que o governo não achou que isso tinha importância - continuou Preslin.

— E independentemente de quantas vezes nós lhes disséssemos que o trabalho no Oriente Médio era arqueológico, eles viviam voltando ao ponto. Dava pra pensar que “escavação arqueológica” era um código para “acampamento terrorista” no vocabulário do governo.

— Olha, talvez seja mesmo — acrescentou Welsh. Os dois homens deram uma gargalhada sombria.

— Como foi que conseguimos que ele viesse para cá? — perguntou Emily, interrompendo aquela temporária frivolidade. Ainda estava chocada demais para fazer brincadeiras, mesmo que fosse numa espécie de homenagem amigável.

— Nós não conseguimos - respondeu Welsh. - Nós podemos ser uma instituição de primeira linha, mas não chegamos nem aos pés das universidades onde Holmstrand costumava atuar. Ele veio porque quis vir. A proposta partiu dele. Ele disse que queria paz e tranqüilidade depois de suas aventuras, e desejava voltar às suas raízes em uma cidade pequena. Carleton o atraiu, e ele nos escreveu. Ele até se mostrou disposto a aceitar um salário de iniciante, já que não era pelo dinheiro que estava querendo vir para cá.

— Não, eu não imaginaria que fosse — disse Emily. Ela deixou que se passasse um momento de silêncio. O conteúdo da carta de Arno não lhe saía da cabeça.

— Vocês sabem se Holmstrand tinha alguma coisa a ver com a Biblioteca de Alexandria? — perguntou finalmente, não podendo conter sua curiosidade.

Os olhares que vieram dos dois colegas expressavam surpresa. Nenhum dos dois esperava que a conversa tomasse esse rumo.

— A biblioteca antiga? A biblioteca perdida? O que você quer dizer?

— Não tenho certeza. Sei que ele estava profundamente envolvido com assuntos egípcios. Mas será que ele pesquisava particularmente a Biblioteca de Alexandria? Será que a estudava? Escrevia sobre ela?

Preslin coçou o queixo.

— Não que eu saiba — respondeu. — Mas o homem publicou quase 30 livros. Quem sabe? Talvez tenha escrito sobre esse assunto.

Enquanto ele estava falando, a máquina de fax começou a funcionar com uma seqüência abrupta de bipes e cliques. Emily se levantou da cadeira e caminhou até a mesinha onde ela estava.

— De uma coisa eu sei — observou Welsh. — Ele descobria coisas em qualquer lugar aonde fosse. E, como você diz, passou um grande tempo no Egito. Então, talvez haja alguma ligação, se você tiver interesse em pesquisá-la. Mas quaisquer que fossem os interesses dele, eles agora estão acabados.

Aquilo não era humor negro de primeira classe, mas pelo menos era preciso.

No momento seguinte, uma folha de papel começou a aparecer na bandeja da máquina de fax. Quando uma segunda folha entrou no alimentador, Emily puxou a primeira de um rolo lento e a ergueu no nível dos olhos.

Embora a qualidade fosse ruim e o fundo da carta estivesse ligeiramente cinzento em virtude do escaneamento em preto e branco do que Emily suspeitava ser a cor creme da carta original, o conteúdo era claramente legível. A medida que ela lia, seu corpo ia ficando cada vez mais tenso.

Prezada Emily,

Você chegou até aqui, agora precisa ir adiante. O que escrevi antes, o que revelei a você, eu escrevi com toda a seriedade. A Biblioteca existe, juntamente com a Sociedade que a protege e a mantém, mas com minha morte essa existência fica ameaçada. Que minha morte seja para você um alerta: o que eu mencionei, o que você precisa encontrar, é algo que outras pessoas também querem, e pelo qual elas estão dispostas a fazer qualquer coisa.

Resta pouco tempo. Minha morte marca o começo de uma viagem que você deve fazer agora. Anexo a esta carta uma passagem aérea. Você precisa ir para Oxford imediatamente, e sozinha. Não posso escrever aqui o que você precisa encontrar. Apesar de todos os meus esforços, não posso ter certeza de que você encontrará a informação antes deles. Use essa sua mente histórica, Emily. Tenho certeza que conseguirá juntar as peças.

Você precisa fazer isso. Há mais coisas em jogo do que por enquanto você pode imaginar. Você precisa encontrar a nossa biblioteca.

Que Deus a proteja, Emily.

Atenciosamente, Ana.

CAPÍTULO 12

A força com que Emily segurava o papel era quase suficiente para rasgá-lo. Pegou a segunda folha que surgia na máquina de fax. Sua mente ficou intrigada diante do que se apresentava. Uma única linha de texto era seguida por um emblema desconhecido. Abaixo dele, três frases que não mostravam nenhuma relação óbvia entre si estavam listadas.

Duas para Oxford e uma para mais além.



Igreja da Universidade, a mais antiga de todas

Orar, entre duas Rainhas

Quinze, se for de manhã

Emily ficou olhando a folha criptografada, completamente intrigada. Aquilo tudo tinha toda a aparência de um conjunto de. . pistas.

Sua confusão silenciosa diante da estranha página só foi interrompida quando ouviu Welsh se aproximando. Ele tinha observado o olhar intenso de Emily enquanto as folhas saíam da máquina, e tinha decidido ver o que estava absorvendo tão completamente a atenção dela. Quando Emily o ouviu se aproximando, segurou os papéis contra o peito.

— Que foi? O que foi que desviou sua atenção tão de repente? - perguntou - O que você tem aí? Está tudo bem?

— Não é nada, não - repetiu Emily —, não sei.

Pelo menos o último comentário era totalmente verdadeiro. Com sua pulsação continuando a acelerar, Emily, de repente, sentiu-se desconfortável na presença de seus colegas. Será que eles deveriam ver aquilo? Sem saber exatamente por quê, ela ansiava por privacidade.

— Sinto muito, preciso ir.

Sem olhar nos olhos deles e sem esperar uma resposta, Emily dobrou as páginas que segurou na mão e saiu da sala; a porta bateu depois que ela saiu.

CAPÍTULO 13

PERIFERIA DA CIDADE DO CAIRO, EGITO

O pacote estava embrulhado, como sempre, num papel comum sem nenhuma marca.

O Bibliotecário o segurava sob a bata enquanto descia os degraus. O corredor lá embaixo era escuro, mas sabia muito bem o caminho. Por muitos anos, aquela troca havia sido feita da mesma maneira.

Sempre em silêncio, sempre no escuro.

Pisava delicadamente no velho chão de pedra, coberto por uma camada de areia do deserto e poeira.

O corredor tinha uma curva acentuada à esquerda, em declive. Escorou-se contra a parede, buscando mais apoio para os pés. Suas pernas já não eram fortes como haviam sido no vigor da juventude, quando fizera essa descida pela primeira vez. Agora, tomava uma precaução costumeira, chegando ao final do corredor, isolado por paredes havia muitos séculos.

Em meio à escuridão, tateava o caminho. Seus dedos passeavam pela aspereza da parede quando acariciaram um ponto conhecido. Dois blocos de pedra calcária se encontravam em um ângulo estranho, criando uma pequena fissura que deixava um espaço vazio. Retirando o pacote das dobras de sua bata, colocou-o cuidadosamente na fresta, empurrando-o até onde o espaço permitia.

O som do papel raspando contra a pedra ecoou no silêncio daquele espaço.

Feito o depósito, virou-se e refez os passos até lá em cima. A coleção e a compilação daquele mês tinham ido bem, e o trabalho do mês seguinte já tinha começado. Tudo seguia o mesmo e antigo ciclo por milhares de anos, embora a marca mais constante da história — a mudança — estivesse indelevelmente impressa nele.

Aquela rotina era uma fonte inesgotável de surpresa. Mesmo durante todos aqueles anos. Um ato tão simples e discreto. No entanto, por trás, sustentando-o, havia uma estrutura invisível que ele não podia compreender e nunca conheceria completamente.

Fez a última curva e agachou-se para passar pela baixa entrada de pedra. Com as velhas perguntas na cabeça ainda ardendo com a mesma força de sempre, o Bibliotecário surgiu na luz radiante do sol egípcio.

CAPÍTULO 14

WASHINGTON, D.C., 11H30 (10H30 EM MINNESOTA)

Jason observava quando o homem saiu do Eisenhower Office Building, carregando uma maleta cara e avançando a passos confiantes. Ele correspondia perfeitamente à foto que Jason tinha na mão, inclusive em detalhes ridiculamente minuciosos: a risca de giz do terno e o cabelo bem-arrumado demais. Um homem, pensou Jason, que se tem em altíssima conta. Esse fato isolado significava que Jason iria apreciar o que estava para acontecer, mesmo sem levar em conta o justo caráter da causa e da necessidade da ação. Havia chegado de avião meia hora antes, vindo do meio-oeste, a caminho de Nova York, mas Jason não se importava com o desvio programado. Arrivistas arrogantes como aquele mere-ciam o que lhes acontecia.

No momento em que o homem virou a esquina para entrar na West Executive Avenue, Jason se levantou do banco do jardim onde estava sentado, colocou a foto no bolso e dobrou o jornal colocando-o sob o braço esquerdo. Passeando com um ar distraído, seguiu seu alvo mantendo-se à distância de dois quarteirões. O jovem passou pela Rua H e virou à Esquerda na Rua I. Exatamente como Jason esperava que ele fizesse.

Mitch Forrester estava sendo investigado havia meses. Outro Amigo, Cole, fora indicado para o vice-presidente, e tinha se plantado no coração do ambiente de trabalho dos dois homens com facilidade.

Sabia de tudo. Os hábitos de Forrester ao final do dia se repetiam com perfeita regularidade: não tinha carro e, em vez de pegar metrô ou ônibus, preferia caminhar os 14 quarteirões do escritório até o seu apartamento. Jason imaginava que isso, também, era uma vaidade, que tinha o objetivo de mantê-lo em forma e ao mesmo tempo permitir que fosse visto pelo maior número possível de pessoas.

Hoje, como em todos os outros dias, estava fazendo exatamente o mesmo trajeto por Washington, gradualmente enveredando por seu caminho do centro do

Capitol Hill na direção de um bairro elegante ao norte do Washington Circle Park, onde ele alugava um apartamento num prédio sofisticado no Newport Place, que certamente custava muito mais do que um assessor político ganhava.

Donde se concluía que a família dele também tinha dinheiro.

Jason foi aos poucos se aproximando de Forrester à medida que os dois se afastavam do centro de Washington, com suas costumeiras patrulhas de agentes disfarçados e sua profusão de câmeras de vigilância. O risco de ser pego perseguindo seu alvo nas áreas residenciais era bem menor e, quando eles estavam se aproximando do prédio, permitiu-se ficar a apenas uns 10 metros do arrivista político.

Depois, quando Forrester parou na porta e passou seu cartão para poder entrar, Jason chegou bem perto.

— Por favor — falou abruptamente, assumindo com facilidade o papel de morador que ficou trancado fora. - Não acredito. Deixei meu cartão lá dentro. Será que dá para você me deixar entrar? Minha esposa está no trabalho e meu celular está no apartamento; fiquei preso aqui fora!

Jason desempenhava com perfeição o papel de vizinho exasperado e mesmo assim excessivamente simpático. Mitch olhou para trás na direção do estranho, Jason percebeu sua breve hesitação. Era uma reação previsível, já que Mitch nunca o tinha visto nas imediações do complexo antes. Mesmo assim, confiava que Forrester não teria visto muitos outros moradores do prédio. Jason também confiava em sua habilidade de convencer com seu papel de morador atrapalhado.

— Tudo bem — respondeu finalmente Forrester.

— Muito obrigado — Jason deu um sorriso de gratidão. Ele esperou que Mitch segurasse abertas as portas de vidro, passou por elas e dirigiu-se para o elevador. Forrester morava no quarto andar, de modo que Jason sabia que ele tomaria aquela direção.

— Eu vou no sexto — disse ele, no momento em que apertou o botão e as portas se abriram imediatamente. — Por favor, você primeiro.

Mitch entrou no elevador e apertou o botão 4 no painel à sua direita, e depois o 6 em uma demonstração de gentileza para o recém-conhecido vizinho.

No momento em que as portas se fecharam, Mitch sentiu a faca entrar em suas costas. A sensação de uma lâmina de 10 centímetros perfurando sua pele e entrando em suas costelas era tão estranha que, no início, não percebeu o que estava acontecendo, e tentou virar-se na direção do outro homem. Jason, com a mão livre, agarrou Forrester pelo ombro para imobilizá-lo.

— Ouça com atenção — disse, com uma voz suave, mas firme e controlada. — Esta faca agora está no seu rim. Enquanto a lâmina permanecer aí, você fica vivo. No momento em que eu a retirar, você tem uns 30 segundos para sangrar até morrer.

O pavor de Mitch foi instantâneo, e veio junto com a confusão.

— O quê? Não estou entend. .

— Não pergunte nada — interrompeu Jason. - Simplesmente faça o que eu digo, e talvez eu vá embora e deixe você com a faca aqui nas suas costas, pronto para ser costurado em algum hospital, entendeu?

Mitch jamais experimentara tamanho terror, e com a dor lancinante que se espalhava pelo seu corpo, só conseguiu grunhir concordando.

— Bom — disse Jason calmamente, acionando um controle no painel, e detendo a ascensão do elevador. — Agora, quero que você me conte tudo o que sabe sobre o pequeno complô do vice-presidente.

CAPÍTULO 15

MINNESOTA - 10H40

Emily entrou em seu gabinete, fechou a porta e desceu as persianas da janela que se abria para o espaço comum mais adiante. Embora não soubesse exatamente por quê, sentia que precisava ter privacidade e estar protegida dos olhares dos colegas e alunos.

A segunda página do fax de Michael continuava a intrigá-la. Parecia uma coleção de pistas, mas pistas de quê? E em que ponto daquela manhã havia se tornado parte de uma história de suspense na qual receber uma carta cheia de pistas era algo a ser esperado?

Tinha de falar com Michael de novo, agora que o conteúdo do envelope recebido estava em suas mãos.

Ansiosamente, Emily pegou seu celular e escolheu o número a partir de sua agenda de contatos.

— Você voltou — disse Michael quando atendeu do outro lado da linha. Depois acrescentou, num tom meio malicioso. — Eu disse que você não ia acreditar.

— Nesse ponto estou mais que disposta a concordar com você, querido — disse Emily, tentando manter sua disposição na mesma leveza do tom de Michael, enquanto desdobrava as duas folhas de papel que chegaram por fax, juntando a elas o original que recebera de Arno.

Embora estivesse normalmente disposto a fazer alguma provocação, naquele momento Michael se submeteu sem resistência à gravidade dos acontecimentos.

— Emily — perguntou — o que significa tudo isso?

— Isso, eu confesso com toda a sinceridade, está totalmente além da minha compreensão.

Ela conseguia imaginar poucas razões pelas quais Holmstrand teria escolhido envolvê-la em seus assuntos. Apenas o campo mais amplo de seus objetos de estudo tinha algo em comum: antigüidade, história e religião. Aquilo era suficiente? Será que esse campo comum de interesses os ligava de um modo que Emily ainda não conseguia perceber?

Seus pensamentos causaram uma pausa na conversa. Para Michael pareceu ainda ser necessário usar um tom mais leve.

— Muito bem, obrigado então por essa observação inteligentíssima, professora!

Emily soltou uma risadinha diante de toda aquela franqueza. Desde sua primeira conversa quatro anos atrás, em um jantar da faculdade em Oxford, eles se provocavam desse jeito. Ele, um universitário com diploma de História que havia se tornado um orgulhoso pós-graduando na área de Arquitetura, tinha tentado resumir sua admiração pelo design moderno mencionando de forma favorável o “Gherkin”, o “Pepinão”, um arranha-céu londrino que mais parecia um legume de vidro pronto para decolar.

— Aquilo é uma ofensa para os olhos; imperdoável! — foi o moderado e objetivo comentário de Emily, oferecido graciosa e energicamente. — E nunca vou acreditar, nem por um minuto, que você gosta daquilo de verdade. Dizer que gosta não passa da obrigação de um arquiteto, como a do estudante de música que precisa admitir que, em princípio, admira Bach, mesmo que na verdade ele prefira unhas arranhando uma lousa a ter de escutar os Concertos de Brandenburgo por cinco minutos.

Fosse por admirar seus olhos azul-escuros e sua beleza sem artifícios ou por apreciar seu tom direto e sua personalidade decidida, Michael se afeiçoara imediatamente a Emily, e um interesse casual logo se transformou em romance, que floresceu em amor intenso. Ele a havia pedido em casamento somente no ano anterior, pouco antes de seu terceiro jantar de Ação de Graças juntos, e embora Emily em geral fosse a mais assertiva dos dois no relacionamento, tinha adorado a proposta tradicional e completa, com o rapaz se ajoelhando e lhe oferecendo um anel de diamante.

— Talvez você possa partir do que sabe — insistiu. — As duas cartas mencionam a Biblioteca de Alexandria, que Holmstrand encontrou.

— Não exatamente — respondeu Emily. A linguagem precisa de Arno a havia

impressionado. — Ele não diz exatamente que a encontrou. Diz que ela existe. Que eu devo encontrá-la.

Alguma coisa no arranjo das palavras parecia desajeitado o bastante para chamar-lhe a atenção.

— Certo — concordou Michael -, mas a questão é que ainda é preciso encontrar alguma coisa. Detesto perguntar isso, mas. . a Biblioteca e essa "sociedade" se perderam?

— Ainda bem que você é bonito — caçoou ela — porque seu conhecimento de história é espantoso, e eu me pergunto se você prestou atenção a alguma coisa na sua época de graduação.

Desde que ele abandonara os estudos de História para assumir uma função mais rentável na área de projetos arquitetônicos, ela buscava oportunidades para zombar dele por conta disso. Emily esperou uma risada em resposta, e ela de fato veio. - Mas sim - continuou ela - a Biblioteca se perdeu. Ou melhor, foi destruída. Não sei ao certo o que é essa "sociedade". Talvez simplesmente a organização da biblioteca.

— Quando ela foi destruída?

— Não tenho certeza — respondeu Emily.

— E você quer me acusar de não saber História? Pelo menos minha ignorância não é precedida por um título de Doutor no assunto.

Emily sorriu.

— Eu não sei a resposta, Mike, porque ninguém sabe. E um mistério. Um dos grandes mistérios do mundo antigo. A Biblioteca de Alexandria foi construída durante o Reinado de Ptolomeu II, rei do Egito, no início do terceiro século a.C., tendo se tornado a maior biblioteca da história da humanidade.

E então, alguns séculos depois, ela desapareceu.

— Desapareceu?

— Na verdade não existe uma palavra melhor — respondeu Emily. — A maioria

das pessoas presume que ela foi destruída, embora não tenhamos nenhuma prova concreta disso. Simplesmente desapareceu.

Um verdadeiro mistério.

— Bem, se for realmente um mistério — disse Michael - você tem de fato um papel cheio de pistas.

Aquele gracejo, entretanto, não provocou riso em nenhum dos dois. Emily baixou os olhos e leu a terceira página de Arno.

— Daria para acreditar que ele realmente encontrou essa biblioteca? — indagou finalmente Michael.

Mais uma vez a estranha linguagem de Holmstrand reverberava na mente de Emily. “A Biblioteca existe. . assim como existe a Sociedade. . nenhuma das duas se perdeu.” Ela ficou remoendo a pergunta de Michael antes de responder.

— Se fosse qualquer outra pessoa afirmando que sabia onde essa biblioteca está, eu desconsideraria sumariamente a alegação. Muito sensacionalista. Muito implausível. Mas trata-se de Arno Holmstrand.

É muito difícil encontrar alguém com a reputação dele.

— E, eu me lembro da admiração que você sentia por ele - disse Michael. Sabia que Emily respeitava as façanhas intelectuais daquele homem, e até sentia uma certa simpatia por Holmstrand. Ele o vira uma vez, numa festa dos colegas de Emily. Michael confessara a ela depois do jantar que o professor o fizera imediatamente lembrar-se de seu avô: um homem com olhos bondosos e uma respeitável pestana, que tinha visto o mundo e, mesmo assim, não havia sido embrutecido por ele. Mas o tom de Michael agora enfatizava que a morte de Holmstrand estava envolvendo Emily em algo que nenhum dos dois conseguia explicar. — Será que os homens famosos também mentem? — perguntou ele finalmente.

— Ele não era só famoso, Mikey — disse Emily. — Ele era uma autoridade mundial.

Arno Holmstrand começara a se destacar no cenário acadêmico desde que era graduando. Depois de uma graduação em Yale ele fizera um mestrado em

Harvard, e Emily ouvira rumores de que ele havia se formado em menos de um ano. No mesmo período, Arno conseguira publicar seu primeiro livro, Dinâmica transcultural: o fluxo do conhecimento entre a África e o Oriente Próximo no final do período clássico. Embora o título não fluísse com facilidade, o livro se transformara instantaneamente em um clássico da área. E embora já tivesse décadas de publicação, Emily ainda o usava em seus cursos.

Nada disso, ela bem sabia, impressionava Michael. Dadas as circunstâncias e a personalidade forte de Michael, ele provavelmente seria tocado pela parte do trabalho de Arno que parecia cheia de aventuras. E aventuras havia de monte.

— Este é um homem que conquistou fama em sua primeira expedição arqueológica com a Universidade de Cambridge — disse ela toda entusiasmada. - Ele só era um aluno de doutorado na época, e seu grupo se baseou em mapas que ele mesmo havia desenhado a partir da pesquisa feita na British Library. Eles descobriram não uma, mas duas fortificações militares que datavam da época de Ptolomeu II do Egito e que estavam encobertas pela areia desde aquela época.

Emily não podia deixar de expressar um grande entusiasmo.

— O mesmo Ptolomeu que tem ligação com a biblioteca?

— Exatamente. E, se não bastasse isso, o achado levou a uma série de aventuras à la Hollywood. Pelo que ouvi dizer, milícias das aldeias ao redor das escavações desconfiaram dele e duas vezes atacaram os acampamentos. Na segunda ocasião o amarraram, bateram nele até que ele perdesse os sentidos e jogaram seu corpo a 30 quilômetros dali, no deserto.

Michael permitiu que um hiato se estabelecesse na conversa.

— Então — disse ele finalmente — o professor Arno Holmstrand, o Grande, é o tipo de homem que simplesmente pode ter encontrado sua biblioteca perdida há tanto tempo.

Emily apertou o rosto contra o telefone. O mal-estar daquela manhã estava se dissipando, pouco a pouco, e dando lugar a um nível crescente de expectativa.

— É, poderia muito bem ser. Mas lembre-se, não é isso o que diz a carta. O que ele diz é ainda mais inacreditável: que a biblioteca nunca se perdeu. Que ele sabe de sua existência. Não entendo como pode ser, mas é isso o que ele alega.

- E agora, morto, ele quer que você a encontre?

- E o que parece, sim.

— E isso não. . incomoda você?

Emily hesitou. A voz de Michael tinha perdido totalmente aquele tom de brincadeira e provocação bem-intencionada.

— Não — admitiu ela, curiosa. — Por que me incomodaria?

— Porque a história de Holmstrand não é exatamente isenta de perigos, pelo modo como você a descreveu.

Emily ia responder, mas antes que conseguisse, Michael continuou.

— Falando em termos mais diretos, Emmy, o homem está morto. E essas cartas, essas pistas. . bem, elas parecem dirigir você para o mesmo caminho que rendeu para ele três balas no peito.

CAPÍTULO 16

WASHINGTON, D.C. - 11H45 (10H45 EM MINNESOTA)

Mitch estava sem fôlego, pois cada movimento de seu peito acentuava a dor causada pela lâmina que perfurava sua cavidade abdominal.

— O que está dizendo? Que complô? — Ele estava verdadeiramente confuso, além de apavorado.

— Nós sabemos do complô do vice-presidente — respondeu Jason, sua voz permanecendo calma e firme como o punho que segurava a faca nas costas de Forrester. — E também de suas ambições.

Mitch não conseguia se virar para encará-lo, por isso olhou para o reflexo distorcido de Jason no painel de metal do elevador.

— Não sei de complô nenhum.

— Não minta para mim - respondeu Jason, empurrando levemente a faca —, não fica bem para você.

Os olhos de Mitch se encheram de lágrimas por causa da nova carga de dor. Sua respiração ficava cada vez mais difícil.

— Eu não.. estou mentindo.

— Nós também sabemos que vazou uma lista de pessoas envolvidas no complô do vice-presidente — continuou Jason, imperturbável diante dos protestos do homem agonizante — e a tal lista chegou às mãos do único grupo que tem o poder de detê-la.

— Por que. . por que eu quereria agir contra o vice-presidente? - disse Mitch ofegante. — Ele é meu patrão!

— Ah, mas ele não é mesmo seu patrão, é? Não realmente. Sabemos onde estão

suas verdadeiras ligações políticas, sr. Forrester.

Mitch arregalou os olhos ao ouvir aquela alegação. Jason inclinou-se para a frente, falando-lhe ao ouvido.

— Sabemos que na verdade você não está trabalhando para o escritório do vice-presidente, independentemente do que esteja escrito no seu crachá. Sua ambição é abrir caminho para um escritório completamente diferente. Um com paredes ovais.

Mitch não conseguia responder. Ele tinha sido descoberto. Talvez seu desdém pelo vice-presidente tivesse ficado transparente demais e as pessoas tivessem começado a suspeitar da verdade: que ele vinha há três meses trabalhando para garantir um cargo na equipe do presidente.

— Então, de alguma forma você descobriu as intenções do vice-presidente, e deixou vazar os detalhes para os oponentes dele.

A mente de Mitch trabalhava, enquanto a dor lhe queimava no corpo. Ele tinha treinado negações e mentiras para o caso de algum dia ser descoberto, mas aquele homem parecia já saber da verdade. E ele estava com uma faca enterrada nas costas.

— Eu só descobri nomes - disse ele finalmente cuspindo as palavras — Eu não conheço nenhum detalhe secreto do plano, apenas sei quem são os envolvidos.

Jason ergueu uma sobrancelha.

— Quais nomes?

— Gifford, Dales, Marlake. . — ele encheu os pulmões de ar, mais uma vez sentindo uma dor lancinante — alguns outros. Mas nunca mencionei esses nomes para ninguém. Eu os estava compilando numa lista em meu computador. Achei que comporia uma boa referência para um cargo futuro.

Ninguém a viu.

Jason sabia aquela última declaração era falsa, embora Forrester pudesse estar sendo honesto quando dizia não ter divulgado a lista para ninguém. Por vontade própria ou não. Infelizmente, como Jason muito bem sabia, os oponentes deles

tinham formas de obter informações.

Ele voltou a atenção para o homem na frente dele.

— O que mais tem nesse documento? Quanto do plano você sabe?

— Que plano? — disse gritando Mitch, tanto pela confusão quanto pela dor que sentia. — Eu só comecei a enxergar um padrão, os que apoiavam o presidente morrendo, e os que apoiavam o vice-presidente ficando mais importantes. Mas nenhum. . nenhum plano.

Jason encarou o fraco reflexo dos olhos de Mitch na parede do elevador. Ficou um longo momento quieto pensando, antes de falar outra vez.

— Sabe, sr. Forrester, acredito que esteja me dizendo a verdade. Acho sinceramente que o senhor não sabe de mais nada.

Em meio à dor que sentia, Mitch conseguiu soltar um suspiro aliviado.

— Graças a Deus! Eu. . — ele estremeceu, mas continuou — nunca fiz nada além de servir meu país.

Jason ensaiou um sorriso.

— Mas não vai fazer mais nada — com um gesto suave, ele puxou a faca das costas de Mitch, e imediatamente uma grande quantidade de sangue espesso e quase negro começou a escorrer do ferimento. Ele virou o homem para encará-lo ao mesmo tempo em que limpava o sangue da lâmina no paletó da vítima e acionava o mecanismo para que o elevador começasse a subir de novo.

Horrorizado, Forrester apalpou as próprias costas e seu rosto ficou branco como papel no momento em que trouxe as mãos de volta na direção dos olhos, cobertas com seu próprio sangue.

— Entendi que você ia me deixar viver se. . eu. . cooperasse — ele apoiou o corpo na parede do elevador, perdendo os sentidos e escorregando até o chão enquanto a rápida perda de sangue lhe drenava a consciência.

Recolocando sua faca na bainha, no momento em que o elevador emitia seu sinal sonoro e as portas abriam no quarto andar, Jason olhou para baixo na direção do

infeliz que estava no chão.

— Você mais que qualquer um deveria saber — disse ele com um sorriso. — Nunca confie em um homem em Washington.

Ele saiu do elevador, e depois as portas se fecharam delicadamente em torno do homem que já tinha dado seu último suspiro.

CAPÍTULO 17

O pequeno interrogatório que fizera com Mitch Forrester tinha confirmado o que Jason precisava saber. A lista fora obtida pela Sociedade por meio do computador de Forrester, que devia estar sob a supervisão de Marlake. O vazamento significara que era preciso cuidar do Guardião e seu Assistente; tarefas que ele já tinha desempenhado pessoalmente. Agora, com Forrester fora do caminho, o vazamento estava completamente estancado. A obsessão da Sociedade com o sigilo e as redes fechadas de responsabilidade garantiria que ninguém mais ficaria sabendo. A missão poderia prosseguir sem obstáculos.

O que faltava agora era o material inesperado de Minnesota. Quando estava deixando a vida, o Guardião demonstrara ser mais do que um potencial vazamento, mesmo que esse vazamento tivesse sido estancado. O livro, as páginas. . tinha alguma outra coisa em andamento. Algo ainda maior que a própria missão.

Jason sentiu a pele formigar enquanto saía do prédio de apartamentos. As coisas estavam mudando. O horizonte assumia uma nova configuração.

CAPÍTULO 18

MINNESOTA, 11H10

A conversa entre eles continuara por alguns minutos antes que a troca de provocações e avaliações chegasse a uma encruzilhada.

- Ouça - disse finalmente Emily - são pouco mais de onze horas. Meu voo para Chicago parte às 14H10.

Com os congestionamentos do feriado de Ação de Graças, isso significa que precisarei sair logo daqui.

Se é que eu vou para aí.

Ela e Michael sabiam que a última frase era mais uma pergunta que uma afirmação.

— Se — repetiu ele. Michael virou o papel no qual estava impresso o e-ticket que Holmstrand havia reservado para sua noiva. A escolha era entre Chicago e a Inglaterra. De alguma forma, ele sabia que não se tratava de uma verdadeira escolha. Emily sempre fora uma viciada em aventuras, aquele “ingrediente que faltava”, como ela o chamava, em sua vida acadêmica que, em todos os outros aspectos, era bastante satisfatória. Ainda assim, o que se apresentava era mais do que apenas uma curiosa situação de aventura. — Emily, você devia vir para cá. Você não precisa voar para a Inglaterra só porque um colega lhe pediu, por mais atraente que seja a proposta. Principalmente se levarmos em consideração que ele foi morto logo após enviar o convite.

Emily pensou sobre as possibilidades diante dela, pensou na misteriosa correspondência que Arno tinha deixado.. tudo aquilo era muito mais do que ela costumava encontrar em sua vida. Ela ocupava seu cargo acadêmico no Carleton College desde que havia completado seu doutorado, pouco mais de um ano e meio atrás, retornando à fonte de sua inspiração nos estudos. Embora ela tivesse deixado Carleton após completar sua graduação, para ir estudar em algumas das

maiores e mais bem-conceituadas instituições do mundo acadêmico, ela voltara com avidez a seu ponto de partida. O cargo que ela ocupava agora era estável e, se tudo continuasse igual, ela pretendia ocupá-lo até se aposentar. Com seus 32 anos de idade, essa escolha oferecia a Emily uma notável segurança no emprego, embora não oferecesse necessariamente o tipo de emoção que tempos atrás ela desejava como parte de seu futuro.

Ela tentava controlar seu pendor por aventuras mantendo o hábito de correr com grande freqüência, e mais recentemente fazendo aulas de Krav Maga, a arte marcial de alto impacto de origem israelense.

Ela tinha chegado até a fazer aulas ocasionais de paraquedismo num aeródromo próximo, mas teve de acabar encarando o fato de que o mundo acadêmico simplesmente não oferecia as emoções que ela naturalmente desejava.

O momento presente, entretanto, oferecia: um mistério, embora definido vagamente. Estranhas cartas, e pistas mais estranhas ainda. Uma passagem para um voo atravessando o Atlântico. Mas também havia seu noivo, o feriado de Ação de Graças, e a oportunidade preciosa e rara de estarem juntos. Chicago lhe parecera muito mais perto de Minneapolis quando eles haviam decidido que seria viável que Michael fizesse seu estágio em arquitetura ali.

— Temos de decidir isso juntos — disse finalmente Emily. — Parece que tenho duas passagens reservadas para hoje. Qual delas vou escolher?

Ela se viu prendendo a respiração ao esperar a resposta de Michael.

— A Inglaterra — disse Michael, percebendo que o protesto que fizera antes não tinha surtido efeito. -

É bem mais longe que Minnesota.

Emily, ansiosa, retesou o corpo.

— Não é só para a Inglaterra — acrescentou ela. — De volta para Oxford. Onde tudo começou para nós.

— É o que parece — respondeu Michael, voltando os olhos para a carta de Arno. — Mas para fazer exatamente o quê, Emily?

Ele falava com uma energia que não combinava com sua habitual compostura inglesa. — Você vai simplesmente aterrissar na Inglaterra com um papel cheio de pistas e de algum modo descobrir algo que se perdeu para a História há séculos?

Emily desejou estar mais perto dele, desejou poder pegar na mão dele. Ela percebia a apreensão do noivo, e havia também um medo presente em seu próprio entusiasmo. Mas a cada momento que Michael ia pintando aquele quadro estranho, o quadro parecia mais convidativo.

— Pense nisto, Mike. Arno conseguiu se inteirar de meus planos, de minha vida, de você, suficientemente bem para me passar essa informação hoje, apesar de sua própria morte. Pense bem! — Ela respirou fundo, ansiosa. — Impossível que você não se interesse. .

Nenhuma palavra de oposição lhe chegou pelo telefone.

— E agora ele me deixou uma passagem para o Reino Unido — continuou Emily. — De alguma forma, acho que ele planejou algo. Tenho certeza de que eu não ficaria andando sem rumo na Inglaterra por muito tempo. Além do mais, se nada disso der certo, não será o fim do mundo. Só uma viagem grátis para sua terra natal.

A expressão gentil do noivo apaixonado começava a voltar à voz de Michael.

— Mas sem mim.

O tom de Emily também ficou mais suave — Você poderia vir comigo, você sabe. Um pouco de aventura, juntos? De volta para o lugar onde nos conhecemos?

Embora Emily não pudesse vê-los, os olhos de Michael brilharam. Mas ele sabia que não poderia aceitar o convite.

— Vocês universitários têm feriados prolongados, mas eu tenho uma apresentação no sábado, não importa se é o feriado de Ação de Graças ou não. Essa é minha primeira apresentação importante para um cliente comercial, lembra?

— Claro, eu sei — Michael estivera se preparando para aquele momento havia

meses. Era um dos últimos obstáculos que ele deveria vencer para passar de aprendiz a arquiteto plenamente qualificado.

— Além disso, ele diz que você deve ir sozinha. Só Deus sabe o que você vai fazer lá.

Emily ficou muito atenta àquela última fala de Michael. Ela já tinha decidido internamente, e parecia que agora acabara de receber o assentimento que estava esperando.

— Vou fazer?

— Ora — respondeu Michael. — Não vamos fingir que você não vai, comigo ou sem mim.

E ali estava, o tão ansiado reconhecimento de que a aventura era simplesmente grande demais para ser dispensada. Michael a conhecia bem e não iria impedir que ela vivesse uma oportunidade assim. Um sorriso iluminou o rosto de Emily, que encostou mais o aparelho ao ouvido.

— Não fique chateado, Mikey. Vou lhe trazer um presente legal.

CAPÍTULO 19

MINNESOTA, 11H15

Quando desligou o telefone no momento seguinte, Emily sentiu sua pulsação aumentar. Mesmo tendo pouca certeza do que aconteceria a seguir, seus planos imediatos já estavam feitos. Ela iria para o Aeroporto Internacional de Minneapolis, e dali partiria para a Inglaterra. Haveria tempo suficiente antes do voo para ligar para seu antigo orientador de mestrado em Oxford, professor Peter Wexler, para pedir que ele tomasse as providências para que ela fosse levada do aeroporto até a cidade. E, a partir dali, a aventura começaria.

Para o bem ou para o mal, o testamento de Arno Holmstrand estava prestes a ser executado.

CAPÍTULO 20

NOVA YORK - 14H30 (13H30 EM MINNESOTA)

A conexão de vídeo falhou por um momento, e depois foi restabelecida. A imagem do secretário foi conectada às imagens dos seis outros membros do Conselho. A diretoria executiva tinha sido convocada para uma sessão especial. As circunstâncias mais que exigiam uma reunião.

Ele se aproximou da pequena câmera fixada acima de seu monitor.

— Senhores, os acontecimentos tomaram certo rumo.

Uma onda de murmúrios veio das seis pequenas janelas alinhadas junto com a dele na tela.

— Seus colegas não conseguiram completar a tarefa? — perguntou um membro da diretoria com um forte sotaque árabe.

— A tarefa foi realizada como o planejado — assegurou o secretário.

— Então, o Guardião, também, está morto? — indagou outra voz com um sotaque diferente.

— Ele recebeu o mesmo tratamento dado a seu assistente na semana passada. E apenas algumas horas atrás, a fonte do vazamento foi estancada.

Os seis membros da alta diretoria do Conselho receberam silenciosamente o anúncio com gestos de aprovação. A seguir veio um longo silêncio. O secretário permanecia com as mãos entrelaçadas sobre a mesa até que um dos membros do comitê falou.

- Então, ao que parece, o nosso trabalho foi finalizado. Sabemos como a estrutura deles funciona. Esses eram os únicos homens que poderiam ter acesso aos dados. O vazamento foi devidamente contido.

O tom do homem era de satisfação, mas suas alegações de sucesso vinham mescladas com um perceptível tom de frustração. Agora a missão poderia continuar e os objetivos de curto prazo seriam cumpridos. Mas com a morte do Guardião e de seu assistente, a busca mais longa, aquilo que se buscava havia séculos, estava fora de alcance. Algo fora conquistado, mas muita coisa, que mal podia ser imaginada, fora perdida.

- Sim - respondeu o secretário — o vazamento foi estancado. Nossa missão prosseguirá. Mas — ele fez uma pausa para enfatizar as palavras que ia dizer em seguida — surgiu um fato novo.

Diante daquela afirmação inesperada, os supercílios em todas as telas se arquearam numa expressão de surpresa, e ele sentiu uma onda de poder percorrer-lhe o corpo. A capacidade de manter os colegas em suspense aguardando a novidade satisfazia seu instinto de dominação. Ele sabia o que eles não sabiam.

Eles só tomariam conhecimento daquilo porque ele escolhera divulgá-lo.

— Não estou entendendo — disse outro membro — se os dois estão mortos, nossa tarefa foi realizada.

A ameaça de exposição foi eliminada, mesmo que isso signifique que nossa porta de acesso a. . outras coisas tenha sido fechada.

A menção hesitante de “outras coisas” suavizou a referência àquilo que todos os rostos no monitor sabiam que, desde muito tempo, era a única coisa, o único motivo da existência de sua antiga instituição.

O secretário deixou o homem terminar sua fala antes de continuar.

— Senhores, o mais elevado objetivo é ainda atingível.

Ele fez outra pausa, deliciando-se com o silêncio perplexo de seus colegas. Nunca antes ele sentira tão intensamente sua autoridade.

— O Guardião dedicou os últimos momentos de sua vida tentando esconder algo de mim. De nós.

Algo além da mera possibilidade de expor os atores do drama que estamos

encenando.

Seus dedos moveram-se na direção do grande livro de capa dura que o Amigo lhe havia entregado. Um livro inútil de sala de espera de repente se tornara extremamente valioso. Um exemplar da História Ilustrada da Universidade de Oxford, de John Prest. Um exemplar intacto, com todas as páginas.

- Senhores, na morte, mesmo nossos piores adversários sucumbem. A última fraude do Guardião foi por água abaixo — disse ele, lançando um olhar intenso para os rostos do Conselho.

— Este país não é o bastante. A própria Biblioteca ainda será nossa. A corrida, senhores, ainda não terminou.

Ele apertou uma tecla e interrompeu a conexão de vídeo, voltando-se em seguida para o homem de terno cinza que estava nas sombras, à sua esquerda.

-Está na hora de você ir para Oxford.

CAPÍTULO 21

MINNESOTA -15H

- Nem sei como lhe agradecer por isto — disse Emily, olhando na direção do banco do motorista no carro espaçoso. Poucas horas antes ela havia humildemente abordado Aileen Merrin em seu gabinete, perguntando se ela poderia levá-la até o aeroporto. A intenção original de Emily fora deixar seu carro no aeroporto pelo curto período de sua visita a Michael em Chicago, mas com a recente mudança de planos ela tivera de alterar os preparativos. Ela não tinha idéia de quanto tempo ficaria na Inglaterra.

— Não se preocupe — respondeu Aileen — não vou mais dar aulas hoje e, para ser bem sincera, com tudo o que aconteceu estou até feliz de me afastar do campus por um tempinho.

Ela sorriu, mas seus olhos castanhos, realçados por graciosos contornos, estavam tensos pela emoção.

- Você o conhecia bem? — perguntou Emily, sabendo que, para Aileen, a notícia do assassinato de Holmstrand fora mais chocante do que para a maioria dos outros.

- Não mais do que você esperaria, na verdade — respondeu Aileen. — Há anos eu conhecia a reputação dele, é claro. Mas só comecei a conhecê-lo realmente quando ele veio para cá. Ele era um homem. . — ela buscou a palavra adequada - espetacular. .

Ela ficou pensativa, mas quando olhou na direção de Emily, sua expressão era amigável e atenciosa.

— Você sabe, você e ele não são tão diferentes. .

Emily não teria pensado numa comparação mais improvável.

— Como assim? Ele e eu estamos em mundos completamente diferentes. O grande e o pequeno.

Embora estivesse ciente de suas capacidades no meio acadêmico, Emily conhecia seu lugar.

— É, você é jovem — respondeu Aileen — e Arno não é. Não era. O auge da carreira já tinha passado para ele. Pelo menos por isso podemos nos sentir gratas.

Emily permaneceu calada, permitindo a Aileen um momento de emoção.

— Mas vocês dois têm tantos interesses e preferências em comum — continuou Aileen, ajeitando-se no banco e tentando recuperar o controle. - Lembro-me de quando li seus comprovantes curriculares no concurso para o cargo. O bichinho da docência a mordeu cedo, como fez com Arno. Que idade você tinha quando pensou pela primeira vez em lecionar? Dez, quinze anos?

— Isso mesmo — confirmou Emily. — Estou nesta estrada faz muito tempo.

Ela não sabia que Holmstrand tinha feito um percurso parecido. Da parte dela, Emily nem se lembrava de quando sentira pela primeira vez a vontade de ser professora. Quando estudava no ensino básico, na região rural de Ohio, seus professores haviam plantado essa idéia em sua cabeça adolescente. Ela adorava ciências porque sua professora do terceiro ano adorava ciências, e adorava arte porque seu professor do quinto ano lhe mostrara que ela podia se deliciar nesse campo. Relembrando agora, ela não tinha certeza se gostava dessas matérias em si ou por causa do entusiasmo dos professores, que era tão contagiante; mas fora precisamente essa situação que colocara nela o amor pela docência.

— Os interesses de Arno também tinham suas raízes na infância dele — observou Aileen — e exatamente como você, ele os buscava com incrível entusiasmo. E claro que as coisas eram diferentes naquela época. Mas cada um de vocês foi atrás daquilo que lhe interessava, cada um a sua maneira. E

vocês dois gostavam das lutas.

— Das lutas?

— As lutas, os conflitos. Os momentos grandiosos. A História em ação.

Aquela era uma boa caracterização dos interesses de Emily. Quando entrara na faculdade, fora exposta aos gregos e romanos, egípcios e árabes, assírios e hititas. A medida que aqueles estranhos foram se tornando seus amigos, ela encontrou o que seria seu verdadeiro amor: os confrontos entre eles, seus conflitos; os momentos que haviam abalado o planeta, em que as culturas colidiam. Os gregos em batalha contra os romanos, árabes conquistando os egípcios, os assírios oprimindo os israelitas. Amigos transformando-se em inimigos, amigos guerreando e depois tornando-se amigos de novo. Algum elemento na ação de luta e desafio contra as probabilidades combinava com a personalidade dela. Ela se destacara nos esportes durante a adolescência e fizera sua escalada no meio acadêmico, um ambiente dominado por homens, em virtude desse mesmo espírito combativo.

— E não faça de conta que sua carreira não está bem consolidada, apesar de sua idade. Teve bolsa da Rhodes Institution para estudar em Oxford, doutorado em Princeton. .

— Você lembra tudo isso? — perguntou Emily. — Por causa da minha entrevista durante o concurso quase dois anos atrás?

— Algumas pessoas impressionam — disse Aileen sorrindo. Seus pensamentos voltaram-se para Holmstrand. — Em toda a faculdade, Arno era o único que tinha o mesmo número de colegas professores e alunos assistindo a suas aulas.

Emily concordou com a cabeça, reconhecendo o fato. Durante o primeiro ano de Arno na universidade, ela o acompanhara religiosamente em todas as oportunidades. Ele era o tipo de pessoa que não conseguia evitar comentários sobre o passado, e cada uma de suas aulas inevitavelmente se transformava em uma aventura pela vereda da memória, uma viagem em que poucos poderiam competir com ele.

Mas Emily nunca o conhecera tão bem em nível pessoal, e sentia uma ponta de inveja do grau de familiaridade que Aileen demonstrava ter com aquele homem. Emily o conhecia principalmente por sua reputação e suas excentricidades, que as pessoas desculpavam, e, admitia Emily em segredo, admiravam em um velho professor da estatura intelectual dele. Arno era conhecido por seus aforismos.

Pequenas porções de sabedoria inseridas em suas aulas e nas falas comuns, às

vezes comunicando um conhecimento profundo, e outras vezes simplesmente expressando suas idiossincrasias e preferências.

“O conhecimento não é circular. Circular é a ignorância. O conhecimento repousa no que é antigo, mas sempre aponta para o novo”. Essa fora a frase de abertura de seu discurso de posse, e seus mordazes ataques à circularidade haviam se transformado num refrão de todas as palestras a que Emily assistira.

Arno também mantinha o hábito, que se transformara numa espécie de marca registrada, de repetir três vezes os pontos mais importantes de seus seminários. “Em Roma não houve Era de Ouro. Não houve Era do Ouro. Não houve Era de Ouro. Essas repetições triplas pontuavam todas as suas falas.

Quando indagado sobre esse hábito durante um seminário sobre os papiros de Oxirrinco que Emily especialmente apreciara, Holmstrand respondeu enfaticamente: “Diga uma coisa três vezes e as pessoas sabem que você está falando sério. Uma vez, poderia ser um acidente. Duas vezes, poderia ser coincidência. Mas quando um homem diz uma coisa triplamente, ele a diz como quem tem certeza”.

Triplamente, Emily riu quando ele dissera aquele termo, e agora ria de novo, lembrando-se da situação.

“O passado está sempre vivo”, era uma das outras pérolas de Holmstrand, “se for lembrado. O

conhecimento tem vida, e poder, enquanto estiver a salvo do esquecimento humano”. Essa frase tinha tido um impacto tão grande sobre o idealismo acadêmico neófito de Emily que ela a havia acrescentado nos programas de seus cursos do ano seguinte. Uma mente brilhante não deveria apenas ser valorizada.

Ela deveria ser usada.

As lembranças que Emily tinha de Holmstrand culminavam com um encontro em que conversaram sobre tecnologia. Era uma lembrança viva, que permanecera nítida em sua memória. Tinha ocorrido alguns meses antes, e ela estava em uma mesa na Biblioteca Gould do Carleton College, e perto dela estava Arno. Ambos pesquisavam os catálogos eletrônicos no computador. Um professor de óculos, cabelos brancos e casaco de tweed sentado diante da tela de um computador era uma imagem estapafúrdia em qualquer circunstância, mas

Arno em frente a um computador era algo mais. Aquele ancião não parecia estar minimamente familiarizado com a tecnologia, como se o apertar de cada tecla o confundisse, e apesar disso ele se utilizava do sistema com uma surpreendente facilidade.

Até mesmo nesse detalhe, havia uma espécie de curioso paradoxo naquele homem.

Ele se voltou para Emily, em um dos poucos encontros pessoais dos dois, e exclamou com intensidade: — Sabe, esses catálogos são incríveis!

Emily, muito surpresa pela espontaneidade da conversa, não conseguiu dar uma resposta adequada e apenas balançou a cabeça.

— Você já observou — continuou Arno — que muitas universidades espalhadas pelo mundo afora usam este mesmo software arcaico? Uma versão aqui, outra versão ali, mas no fundo, é tudo igual. Eu já usei esse sistema em Oxford, no Egito, em Minnesota. E em nenhuma das vezes ele foi cooperativo.

Este exato sistema, Emily, em toda parte.

Emily se lembrava de ter sorrido humildemente, permitindo a si mesma um único gesto tímido. Apesar daquele minidiscurso contra a tecnologia, de alguma forma o velho professor sabia o nome dela. Um pouco de fama, por minúscula que fosse.

Aquela fora uma de suas únicas conversas pessoais, o que tornava ainda mais estranho o fato de Emily ter recebido cartas de Holmstrand. Por que, prevendo sua morte, ele havia feito contato justamente com Emily? Por que, se ele havia descoberto a localização da Biblioteca de Alexandria, um dos maiores tesouros perdidos da antigüidade, Arno tinha escolhido dividir esse segredo com uma colega muito mais nova? E por que mencionar o fato em tons tão reservados?

Ela foi saindo de seu devaneio à medida que o carro passava sobre uma ponte e dava uma série de pequenos solavancos ao passar pelos rebites de metal. Ela resolveu que não podia contar a Aileen sobre as cartas. Se Arno, sendo tão próximo dela, quisesse que ela se inteirasse do fato, ele teria lhe contado.

Emily não se sentiria bem se traísse aquela confiança tácita.

Por fim, Aileen também despertou de seu devaneio e olhou na direção de Emily.

— Você vai para casa?

— Como?

— Seu voo hoje à noite. Você vai para casa? Vai passar o feriado com a família?

— Não exatamente — respondeu Emily, sem muita certeza do que mais poderia dizer.

— Vai passar um tempo tranqüilo sozinha, então?

Emily sentiu seu estômago embrulhar quando enfiou a mão no bolso do casaco e sentiu as cartas de Arno, dobradas. Ela poderia estar viajando sozinha, mas duvidava que o que a aguardava seria tranqüilo.

CAPÍTULO 22

PORTO DE SHIPU, ARREDORES DE NINGBO, CHINA

Um papelpardo comum embrulhava o pacote, amarrado com um barbante fino e preto. O método comum de embrulhar pacotes naquela região tornava aquele pacote semelhante a qualquer outro, a não ser pelo fato de que ele não tinha nenhum tipo de marcas. Nenhum endereço, ou nome, ou remetente.

O Bibliotecário retirou o pacote da sacola rústica e o colocou no armário de metal enferrujado. Quando se fechou, a porta do armário rangeu nas dobradiças e ele bateu forte nela para garantir que estava bem encaixada. Ele passou o cadeado comum e igualmente enferrujado que havia removido alguns minutos antes, recolocando-o em sua posição e o fechou cerrando o punho.

Aquele era o seu décimo segundo depósito desde que assumira o cargo, e o novo Bibliotecário realizava a tarefa com grande devoção. As instruções recebidas de seu mentor um ano antes eram meticulosamente seguidas. Ele certificou-se de estar sozinho e não estar sendo seguido, de fazer um trajeto intrincado e sinuoso de casa até o local do depósito. O pacote fora feito exatamente de acordo com as especificações de formato e tamanho. Ele não comentou com ninguém sobre a tarefa, e se manteve em seu emprego, realizando as atividades costumeiras.

Seguindo estritamente as instruções, ele nunca permanecia no local do depósito. O velho armazém de produtos de pesca situava-se longe, enfiado entre as árvores do lado do porto. Depois de ter certeza de que o armário estava seguro, ele foi na direção das árvores e do caminho conhecido, voltando para a cidade.

Seu nobre objetivo fora atingido mais um mês. O coração do Bibliotecário se enchia de orgulho por estar contribuindo com um projeto antigo, cujos detalhes completos ele nunca saberia.

CAPÍTULO 23

21H46, SOBREVOANDO O AEROPORTO INTERNACIONAL DE ST. PAUL -MINNEAPOLIS

“Use essa sua mente histórica, Emily.” O conselho que encerrava a última carta de Holmstrand impunha diretamente a Emily a tarefa de decifrar suas instruções. Mesmo morto, o homem permanecia um professor, exigindo que as respostas fossem fruto dos esforços de seus alunos, em vez de oferecê-las já prontas, como depósitos não solicitados de riqueza intelectual.

O que é extremamente irritante, pensou Emily consigo mesma. Apesar da admiração que sentia pelos melhores instintos didáticos, ela teria ficado feliz em receber de bandeja a informação de que necessitava. Sua ansiedade só crescia, e a falta de detalhes concretos era difícil de suportar.

O voo de Minneapolis até o aeroporto de Heathrow levaria emocionantes sete horas e quarenta minutos, se a viagem fosse tranqüila. Quase oito horas apenas com seus pensamentos, tentando descobrir o que a aguardava e o que a trouxera até aquele ponto. Quando o ttem de pouso se recolheu na fuselagem, encaixando-se precisamente em seu lugar com uma lamúria mecânica, Emily apertou as cartas de Arno contra o peito. A existência delas era o que transformara sua viagem em algo singular.

Algo que a enchia de emoção. A implicação das cartas era épica. Mas com a emoção vinha a turbulência; ela segurava nas mãos as palavras de um homem morto, cartas da vítima de um assassinato que ocorrera menos de 24 horas antes. O medo que ela sentira antes começava a voltar.

Calma, professora. Desde o momento do ckeck-in ela se repreendera, mas seu coração continuava acelerado. Ela nunca antes estivera ligada a um assassinato, nem mesmo indiretamente. Nem estivera envolvida em algo tão misterioso quanto aquela viagem que estava fazendo. Abrindo as cartas, ela as leu pela

vigésima vez, no mínimo. Tendo gravado os dizeres em sua memória quase fotográfica, ela dobrou os papéis e ficou olhando as pontas se agitarem em suas mãos trêmulas.

“. . voaremos a uma altura de 35 mil pés. .”, disse uma monótona voz masculina pelo sistema de som da aeronave. Até aquele momento, Emily estivera muito distraída para notar a voz do comandante, “. .e então nossos comissários irão lhes servir lanches e bebidas”.

Já não era sem tempo. Emily estava ávida por um drinque que lhe acalmasse os nervos. Ela ignorou o restante da fala do comandante, sucumbindo mais uma vez a seus próprios pensamentos sobre o estranho curso tomado pelo seu dia.

A alegação de Arno (e Emily teve de se lembrar, apesar da realidade concreta da aeronave ao seu redor, que aquilo só poderia ser chamado de alegação) era que a Biblioteca de Alexandria não estava perdida.

Com uma intensidade inquietante, Emily deu-se conta de que o professor praticamente não tinha oferecido mais nenhuma informação. Todos os outros detalhes, supondo-se que as próximas contribuições de Arno seriam tão enigmáticas quanto as que ele oferecera em suas cartas, ficavam por conta de Emily.

O que Emily sabia sobre a Biblioteca de Alexandria ficava às margens da pesquisa que realizara no passado. Os escassos dados históricos a que se tinha acesso com alguma certeza eram abrangidos por seu interesse na história greco-egípcia, e fazia alguns anos que ela se familiarizara com seus contornos básicos. Mas mesmo para o mais aplicado pesquisador, esses contornos eram vagos e misteriosos. Em quase todos os detalhes, a linha divisória entre lenda e realidade era difusa, impossível de determinar com algum grau de certeza. Poucos estudiosos se detinham pesquisando o tema, já que uma porção considerável do assunto era baseada em hipóteses e especulações, áreas que os pesquisadores só exploravam com certa relutância. Supostamente, a pesquisa histórica deveria lidar com fatos, e o numero de fatos concretos sobre a Biblioteca de Alexandria era muito reduzido.

A biblioteca, cujo verdadeiro nome era Real Biblioteca de Alexandria, tinha sido, segundo se acreditava, fundada durante o governo de Ptolomeu Filadelfo do Egito, também chamado Ptolomeu II.

Seu pai, Ptolomeu I, tinha prestado serviços a Alexandre, o Grande, serviços esses que lhe renderam honras e, desde 305 a.C., o título de rei. Para glorificar seu novo império, Ptolomeu dedicou um famoso templo às musas, um Musaion; daí surgiu a palavra “museu”, falada pelos romanos latinos e por todos os que os sucederam na história. O Musaion não fora uma biblioteca no sentido moderno, mas um templo religioso dedicado às deusas da poesia, das artes, da inspiração e do conhecimento; continha itens dignos de veneração. Estantes cuidadosamente organizadas armazenavam textos dedicados a cada assunto relacionado.

Fora o filho do rei, Ptolomeu II, quem expandira o Musaion, transformando-o em uma coleção não apenas de conhecimento religioso, mas de todo conhecimento. O império estava mudando e se expandindo; parecia correto que seu rei governasse pelo poder, o que incluía o poder do conhecimento.

Assim, ele fundou, financiou e alimentou o que se tornou a primeira grande biblioteca do mundo: um templo sagrado para todo o conhecimento escrito e fato registrado.

Era o maior e mais amplo projeto da história. A princípio, Ptolomeu estabeleceu a meta de obter 500

mil rolos para suas estantes, definindo práticas extraordinárias para realizar esse feito. Os volumes eram buscados e trazidos de qualquer lugar onde pudessem ser encontrados, e tornou-se uma exigência imperial que todos os que visitassem Alexandria entregassem na chegada seus livros, rolos e quaisquer outros materiais escritos, para que eles pudessem ser copiados pelos escribas da biblioteca e adicionados à sua coleção. Bibliotecários de Alexandria foram também enviados para outros centros de conhecimento para obter cópias de volumes importantes mediante pagamento, ou para tomá-los de empréstimo para copiá-los no scriptorium, que se formou dentro da própria biblioteca. Textos escritos em línguas inacessíveis aos estudiosos e pensadores do Império, que em sua maioria pensavam e liam em grego, eram traduzidos por comitês organizados em toda a infraestrutura da biblioteca, em constante expansão. O mais famoso desses projetos de tradução foi o da Bíblia hebraica para o grego, que envolveu setenta escribas judeus. Um número, Septuaginta em grego, pelo qual a tradução é conhecida até os nossos dias.

— Amendoim, salgadinho ou biscoito? - a voz esganiçada invadiu o devaneio de Emily e se chocou com o objeto de seus pensamentos.

— Como?

— O que a senhora prefere - perguntou a comissária, - amendoim, salgadinho ou biscoito?

Ela exibia um sorriso que parecia ter sido colado em seu rosto antes de o avião decolar e permanecia imóvel e sem alteração.

— Ah, acho que quero amendoim — respondeu Emily. — E um uísque. E o amendoim é opcional.

A comissária reagiu à brincadeira de Emily com o mesmo sorriso plástico. — A senhora tem preferência pelo uísque? Temos Bushmills, Famous Grou. .

— Eu quero o que for maior — interrompeu Emily, afastando o resto da lista com um gesto da mão. A comissária levantou uma sobrancelha, olhando para Emily de um jeito que parecia questionar a feminilidade de um comentário daqueles, mas Emily respondeu com uma expressão que tornava igualmente claro que a opinião da comissária era dispensável. Entregando a Emily uma garrafinha de Yamous Grouse e um copo de plástico com gelo, a mulher se dirigiu à próxima fileira de passageiros em seus assentos apertados.

— Amendoim, salgadinho ou biscoito? - trinou ela, como se fosse um CD no modo “Repeat”.

Emily girou a tampa plástica da garrafinha e despejou o uísque sobre o gelo. Um grande gole daquela bebida ardente acalmou seus nervos em frangalhos, e ela fechou os olhos, recostando a cabeça na poltrona e mergulhando de novo em seus próprios pensamentos.

Os bibliotecários de Alexandria tornaram-se famosos em todo o mundo antigo por sua erudição e conhecimento. Tendo a seu alcance a maior coleção de documentos do mundo (uma coleção que incluía todo tipo de conhecimento, sobre as artes, as ciências, a história, a biologia, a geografia, a poesia e a política), esses bibliotecários atraíram outros estudiosos, e a biblioteca se tornou um centro de pesquisa e saber. Seus bibliotecários chefes, guardiões da vasta coleção, incluíam nomes conhecidos de qualquer historiador do período: Apolônio de Rodes, Eratóstenes, Aristófanes de Bizâncio e muitos outros.

Ninguém sabia exatamente o tamanho alcançado pela biblioteca. O objetivo

inicial de 500 mil rolos foi com certeza rapidamente ultrapassado, e a biblioteca tornou-se tão vasta, sua influência ficou tão grande, que outros centros políticos começaram a fundar instituições rivais em todo o império. A biblioteca de Pérgamo foi a mais forte e teria ameaçado sobrepujar a de Alexandria, caso não tivesse sido saqueada em meados do século primeiro a.C. por Marco Antônio, que pilhou mais de 200 mil rolos de suas galerias e os deu de presente a Cleópatra, descendente do primeiro Ptolomeu. Emily lembrou que Hollywood tinha se encantado mais com o sórdido romance entre os dois do que pelo fato de a biblioteca ter sido o presente romântico de Marco Antônio para Cleópatra.

A coleção de Alexandria passou a exigir muitos prédios, estruturas e galerias especiais para o armazenamento. Sua vocação para a pesquisa levou à construção de dezenas de salas e salões de leitura, scriptoria e unidades administrativas. Havia rumores (que bem poderiam ser fundados) sobre uma coleção de mais de um milhão de rolos e códices. Como um tesouro de conhecimento e cultura, o mundo nunca tinha conhecido nada igual.

E depois, em algum momento por volta do século VI d.C., tudo aquilo desapareceu.

Em um mistério que nenhum historiador ou estudioso fora capaz de solucionar, a maior biblioteca da história humana havia simplesmente desaparecido. Havia muitas teorias, Emily sabia muito bem, sobre o que havia acontecido. Mas elas eram simplesmente teorias. Especulações. A única coisa que se sabia ao certo era que o maior repositório da sabedoria humana jamais conhecido pelo mundo deixara de existir. Todo o conhecimento e poder que ele oferecera foram perdidos. A biblioteca desaparecera.

Ou será que não? A pergunta, que Emily nunca levara muito a sério antes daquela manhã, de repente havia se transformado na única pergunta que importava, uma pergunta que fazia o coração de Emily disparar de emoção. Se a mensagem de Holmstrand dizia a verdade, as possibilidades para o que estava armazenado aguardando para ser descoberto em suas galerias eram quase inimagináveis. O que era conhecido pela história mudaria para sempre.

QUINTA-FEIRA

CAPÍTULO 24

AEROPORTO DE HEATHROW, LONDRES - 11H15

Quinze minutos antes de o voo 98 da American Airlines pousar no solo para taxiar até o Terminal 3 do aeroporto de Heathrow, as rodas de um avião bem menor tocaram a pista. O Gulfstream 550, feito sob medida, era pintado de um branco uniforme, sem marcas a não ser o número da aeronave, inscrito em preto no leme.

Jason olhou sem entusiasmo através de uma das janelinhas. O ambiente no interior fazia enorme contraste com o exterior discreto do avião. Um carpete felpudo e poltronas de couro conferiam à cabine um tom bege profissional, realçado pelos detalhes em castanho. Uma pequena mesa com um tampo perfeitamente polido de nogueira completava o conjunto. Sobre a mesa, um copo de cristal com o restante de seu drinque, ao lado de uma pasta com notas e instruções.

E fotocópias de alta qualidade das três páginas do livro que o trouxera àquele lugar. Primeiro ele encontrara as páginas como flocos de cinza e restos queimados no gabinete do Guardião. Mais tarde, ele as encontrara em sua forma original em papel brilhante, em outro exemplar da obra da qual elas haviam sido arrancadas. Agora o conteúdo daquelas páginas estava gravado em sua mente; durante o longo voo, ele se dedicara a memorizar cada detalhe.

Não era raro que seu trabalho o levasse para o outro lado do Atlântico, nem que suas tarefas devessem ser desempenhadas em segredo, sob um manto de clandestinidade e segredo. Jason recebera o título de Amigo sete anos antes, e todos os dias desde essa data haviam sido de intrigas. Ele ascendera os degraus de sua carreira durante aqueles anos em virtude de sua eficiência e frieza. Havia serviços a executar e ninguém poderia executá-los melhor que ele. Ele nunca fora um homem que buscava tomar grandes decisões, ou ter poder e autoridade no sentido tradicional. O poder dele residia no andar térreo, na severidade com

que ele recebia as ordens sem questionar nada e as executava de forma implacável.

Ele ficou olhando enquanto o brilho das luzes do aeroporto passava pela janela, o jatinho taxiando na direção de uma pequena área reservada para aviões particulares. Ele estava ali porque tinha conquistado a confiança do mais antigo membro do Conselho e obtido o posto de seu primeiro-assistente. A responsabilidade que o secretário pusera sobre seus ombros naquele dia era enorme. O

objetivo final, a própria razão da existência deles, na verdade não se perdera de vista. E poderia estar mais perto do que já estivera em séculos.

Ele não tinha nenhuma intenção de deixar que esse objetivo fosse baldado.

CAPÍTULO 25

AEROPORTO DE HEATHROW, LONDRES - 11h34

Momentos mais tarde, o baque surdo das 150 toneladas do Boeing 777 tocando a pista acordou Emily Wess de um sono que custara a chegar. A hora local, de acordo com a bem ensaiada voz metálica que ressoava por toda a cabine, era 11h34 da manhã; o céu estava parcialmente encoberto e a temperatura era de 13°C.

Emily esfregou os olhos espantando o sono enquanto o anúncio terminava com um trinado: — A todos os nossos passageiros dos EUA, desejamos um ótimo Dia de Ação de Graças na Grã-Bretanha.

CAPÍTULO 26

LONDRES - 12H25

O professor Peter Wexler escolhera o Jaguar S-type por um conjunto específico de motivos. Aficionado do design britânico, apesar da infeliz história da compra da Jaguar pela Ford em 1989, e depois, mais recentemente, pela empresa indiana Tata Motors, aquele lhe parecera o carro adequado para reverberar seu status: acabamento sóbrio, interior confortável e equilíbrio ideal entre luxo e praticidade. Exibia classe, mas não pompa. Era um carro em que ele se sentia igualmente bem dirigindo ou sendo conduzido, e sua aparência clássica espelhava a estatura clássica de sua instituição.

O tom vermelho-queimado, entretanto, fora escolha da mulher dele. Nenhum professor da universidade, nem mesmo um catedrático de Oxford, tinha autoridade suficiente para ter a última palavra diante de Elizabeth Wexler, e seu assentimento em relação à compra de um carro sob medida para os gostos de seu marido fora dado sob a condição de que ela escolhesse a cor. O exterior exibia um vermelho queimado metálico, do tom de um veludo fino, e o interior tinha um acabamento em couro cor de creme, com detalhes em um tom mais escuro.

Peter Wexler, todo delicado no banco dianteiro do que agora chamava de “o carro da minha mulher”, aguardou que Emily entrasse pela porta traseira à sua direita. Com sua mais nova passageira que embarcara no estacionamento do aeroporto, o sedem estava confortavelmente “lotado”: acomodava um motorista, Wexler a sua esquerda, Emily no banco de trás, sentada ao lado de um rapaz que ela não conhecia.

— Bem-vinda de volta à Inglaterra, srta. Wess — disse num tom empolado seu antigo professor. Ele estava sinceramente satisfeito em rever sua orientan-da de alguns anos atrás. Emily Wess fora uma de suas mais brilhantes alunas, com raciocínio rápido e espírito combativo. Ele admirava tanto a tenacidade quanto o intelecto dela.

Apontando para a pessoa ao lado de Emily, ele continuou. — Este é Kyle Emory,

um novo orientando meu. Ele está tentando tomar o seu lugar, eu acho.

O jovem sorriu, estendendo a mão para Emily:

— Muito prazer em conhecê-la.

Seu aperto de mão era firme e enérgico. Elegante, jovem, educado; o rapaz dava uma ótima primeira impressão. A nata da nata dos alunos de pós-graduação, segundo o breve julgamento de Emily.

— Ele é outro colonizado — continuou o professor, ignorando a troca de gentilezas que acontecia no banco de trás —, mas pelo menos teve o bom senso de manter a Coroa em sua moeda.

— Um canadense — esclareceu Kyle. — Sou de Vancouver.

— Lá em cima não tem nada da sua absurda rebeldia. — Wexler continuou insistindo, provocando sua antiga pupila. Emily sempre aceitara bem aquela predileção dele pela superioridade cultural britânica e, por causa disso, Wexler insistia muito nisso quando ela estava por perto. — Os canadenses, eles sim, são um povo que sabe o que é bom para eles.

— O senhor diria isso de qualquer nação que tivesse a rainha em sua moeda e ainda considerasse os cavalos como a mais moderna forma de transporte para policiais — retrucou Emily.

— Isso mesmo, isso mesmo. Cavalos, polícia montada. . essas são tradições antigas e veneráveis, cara senhorita. Nada daquele absurdo em que você e suas 50 tribos se envolvem. Observe como os canadenses não estão sendo devorados vivos nos noticiários de hoje - disse ele, fazendo um gesto meio indefinido na direção do rádio do carro, que ainda estava transmitindo o noticiário do meio-dia da BBC

— pela forma escandalosa com que o presidente deles manipulou o Oriente Médio.

Kyle se conteve, sentindo que observar que o Canadá tinha um primeiro-ministro, e não um presidente, provavelmente tinha menor importância para a argumentação provocadora do professor.

— Bem, o senhor e seus amigos canadenses podem vir nos visitar a qualquer hora — retorquiu Emily.

- Nossas colônias rebeldes terão prazer em apresentar-lhes o século XXI. Ou será que deveríamos começar pelo XX, ou pelo XIX? Nunca me lembro em qual deles vocês empacaram.

Um enorme sorriso cobria agora o rosto dos dois interlocutores.

Kyle observava a troca de farpas, sentindo-se um pouco como um adolescente preso na gozação bem-intencionada de amigos mais velhos, mas de alguma forma percebendo o peso de todas as piadas deles.

Wexler se apoiou no braço de seu banco e virou-se para encarar sua convidada.

— Bem, agora trocamos os primeiros cumprimentos, permita-me ir direto ao ponto. Eu trouxe Kyle porque esse bom canadense tem uma espécie de paixão pelo seu assunto, srta. Wess.

Emily afiou a língua. É “doutora Wess”, professor, pensou ela, sem ter certeza se o lapso era apenas uma continuação das brincadeiras bem-intencionadas de Wexler, ou se o seu antigo professor havia esquecido que Emily fizera seu doutorado depois de os dois terem trabalhado juntos.

— A Biblioteca de Alexandria é meu hobby há muitos anos — interpôs Kyle.

Emily tentou disfarçar sua surpresa, que vinha mesclada com um leve toque de preocupação instintiva.

Será que aquele estranho estaria a par da missão dela ali? Ela só estava em terra firme havia 45 minutos, e já um assistente do professor sentado a seu lado entrava no assunto. Ela dirigiu o olhar para Wexler.

— Que eficiência. . - disse ela.

— Eu liguei para ele imediatamente após termos conversado pelo telefone — respondeu Wexler. — Depois que você me contou sobre aquelas cartas que recebeu, eu sabia que tinha de trazê-lo comigo.

Espero que não se importe. Eu sei que você queria manter tudo em segredo —

disse ele, tocando a lateral do nariz com o dedo e imitando um gesto típico dos detetives de filmes cômicos que mal conseguem esconder seus segredos.

— Não, claro que não - disse ela, que na verdade não tinha certeza sobre importar-se ou não. Seu instinto era de guardar a nova informação para si mesma, mas alguém que tivesse um conhecimento mais atualizado sobre a biblioteca seria útil.

— Posso.. posso ver as cartas? — indagou Kyle, estendendo uma mão aberta e expectante. Emily ficou ponderando o pedido dele, sem conseguir superar suas reservas. Ela voltou os olhos para Wexler, em um pedido de orientação. O catedrático lhe lançou seu primeiro olhar sério desde que se encontraram.

— Emily, ele é um dos meus melhores alunos. Ninguém poderá ajudá-la mais que ele.

Depois de hesitar por mais um momento, Emily pôs a mão no bolso e retirou dele o maço de cartas.

Kyle as recebeu com um gesto decidido, depois mergulhou em seus próprios pensamentos enquanto lia.

Emily voltou-se mais uma vez para Wexler, que continuava a acompanhar a cena com interesse.

— Como eu lhe disse pelo telefone, Holmstrand foi morto ontem; ou acho que agora já faz dois dias, descontando o voo. Foi terça-feira à noite.

— Pobre professor Holmstrand - respondeu Wexler. - Um bom homem. Ele fez uma resenha crítica sobre um dos meus livros alguns anos atrás.

A resenha fora uma rigorosa dissecção de um dos estudos de Wexler, que apreciara cada palavra dela.

Nos altos escalões da academia, uma crítica estimulante era tão valorizada quanto um elogio.

— Então, o senhor conhece a reputação dele.

— Ele é um homem que devemos levar a sério. Era. . — corrigiu-se

imediatamente Wexler notando sua incapacidade de se adaptar às circunstâncias atuais. Não era fácil trocar o tempo presente pelo passado quando vidas humanas estavam envolvidas.

— É justamente por isso que estou aqui, em vez de estar em casa com meu noivo, saboreando um peru de Ação de Graças e dando risada das cartas de Arno como se fossem o jogo de um velho que não tem o que fazer — disse Emily, ajustando seu cinto de segurança, que parecia prendê-la de forma desconfortável ao assento de couro.

— Ah, sim, seu bom Sir Michael — disse Wexler. — Como vai nosso ex-patriota?

— Maravilhoso como sempre. Mandou-lhe os cumprimentos. Quer que o senhor saiba como ele agora odeia seu passado inglês, depois de ter passado alguns anos no sagrado solo dos Estados Unidos.

— O rapaz nunca soube o que era bom para ele — devolveu Wexler com um aceno de cabeça não muito honesto.

Emily sorriu, mas sua mente estava muito concentrada nas mensagens de Arno para que ela continuasse com aquela provocação amigável.

— Nas cartas, Holmstrand alega saber a localização da biblioteca — disse ela, olhando para os papéis nas mãos de Kyle - e também sobre alguma “Sociedade”, e que ele seria morto por causa dessas informações.

— Srta. Wess — Wexler resvalou para seu tom costumeiro de mestre que se dirige a uma discípula —, os historiadores procuram a biblioteca há séculos. .

— Eu sei — disse Emily interrompendo a “aula” com um gesto de mão. — Pode acreditar, eu sei disso.

Mas a alegação dele custou-lhe a vida. Tendo a pensar que vale a pena seguir essas indicações.

Ela respirou fundo algumas vezes, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça que conhecia até agora.

— Para mim, o mais intrigante, professor, é o modo como ele morreu. Não foi

apenas um assassinato banal. Ao que parece, foi um serviço de profissional. E ele sabia que iria acontecer. Essas cartas foram enviadas um dia antes de ele morrer. Por que matar um senhor de idade?

O assassinato de Arno, que motivara as cartas e as pistas que ele dera a vida para proteger, era o principal acontecimento que trouxera Emily para a Inglaterra, e mesmo assim ela não conseguia atribuir um sentido a ele.

— Simplesmente não se encaixa — continuou ela. — Pelo que se supõe, os recursos da biblioteca foram vastos no passado. Mas matar um homem? Que recursos poderia a biblioteca oferecer agora que valeriam esse tipo de morte?

— A coisa vai muito além disso.

Emily tinha se esquecido da presença de Kyle, e por isso se surpreendeu com a interrupção do pós-graduando.

— Como?

Kyle levantou os olhos que estavam fixos nas cartas, agora espalhadas em seu colo.

— Desculpem, doutores, mas a biblioteca não é tudo nessa história.

Dado o ar solene do momento, Emily sentiu uma leve ponta de embaraço por ainda se orgulhar quando alguém reconhecia, finalmente, seu verdadeiro título.

— Olhe isto aqui — continuou Kyle, entregando uma das folhas a Wexler. — Leia a partir de um terço da página. A frase que está isolada.

Wexler examinou a linha. “Ela existe, assim como existe a Sociedade que a acompanha. Nenhuma das duas se perdeu.”

— Acho que não estou entendendo, meu rapaz — disse Wexler, estendendo a folha de papel para Emily.

— Ele não diz apenas que sabe sobre a biblioteca - explicou Kyle. - Ele escreveu: “Ela existe, assim como existe a Sociedade que a acompanha”.

Ele fez uma pausa enquanto Emily observava mais uma vez a caligrafia de Arno,

que agora já lhe era familiar.

— E isso, bem. . isso faz uma enorme diferença.

CAPÍTULO 27

13H

Quanto você sabe a respeito das várias teorias sobre o que aconteceu quando a biblioteca foi destruída? — Kyle Emory era agora o ponto principal de atenção, tanto de Emily quanto de Wexler. — Quero dizer, especialmente, teorias sobre sua existência atual.

Emily já hesitava.

— Especular sobre seu desaparecimento é uma coisa. Teorizar sobre sua existência até os dias de hoje é outra bem diferente.

Kyle olhou para ela, sondando-a. - Certo. Mas você foi trazida aqui pela especulação de que ela pode ainda existir, então vamos pelo menos permanecer abertos a todas as possibilidades. — Ele fez uma pausa, aguardando um gesto de assentimento por parte de Emily, e então continuou. — Vamos voltar um passo e começar com as teorias sobre como a biblioteca desapareceu.

— Basicamente, os estudiosos concordam com a hipótese de que ela foi destruída — disse Emily, aceitando a proposta de Kyle. — Mas em relação a quando, por quê e por quem, não há consenso.

— Isso mesmo — concordou Kyle. — A hipótese mais aceita, que há anos é a preferida de teóricos e especuladores, é a de que ela foi totalmente destruída num incêndio, deliberada ou acidentalmente, durante a conquista da cidade por Júlio César em 48 a.C.

— Poucos anos depois que Marco Antônio ofereceu o grandioso presente para impressionar Cleópatra — interpôs Wexler. — Beleza de presente de casamento, se me permitem o aparte. Minha mulher só me deu uma primeira edição de Tolkien e um estojo para charutos com minhas iniciais gravadas.

Emily e Kyle riram do singular “romantismo” de Wexler.

— Bem — acrescentou Kyle, retomando de novo o foco — mas

independentemente de a imagem ser romântica, com César queimando a cidade e a biblioteca até transformá-las em cinzas, enfurecido pelo caso de Cleópatra, essa teoria foi amplamente desacreditada.

— Temos diários e registros de viagens de antigos escritores — afirmou Emily — que registram sua passagem pela biblioteca décadas e até séculos depois.

— Isso mesmo. A história é boa, mas as provas não a confirmam. Mas há duas teorias em que fatos e datas funcionam um pouco melhor.

— Os muçulmanos e os cristãos — sugeriu Emily.

— Exatamente! — Kyle aprumou-se no banco de couro do carro, entusiasmado com o fato de Emily estar inteirada das teorias básicas. - Mesmo que o autor não tenha sido César, a maioria das pessoas concorda que a biblioteca foi destruída quando Alexandria foi saqueada. E isso aconteceu algumas vezes. Em 642 d.C. quando os novos exércitos muçulmanos do oriente se deslocaram para o ocidente, as tropas de Amr ibn al'Aas derrotaram as defesas de Alexandria e a tomaram, destruindo várias partes da cidade à medida que avançavam. Ele era um general cruento. Com o intuito de extirpar religiões mais antigas em favor da nova fé islâmica, ele derrubou templos pagãos e, junto com eles se foram os monumentos em homenagem à sabedoria dos hereges.

— Existe alguma prova de que a Biblioteca de Alexandria ainda existia na época dessa conquista? -

perguntou Wexler. — Ou de que suas tropas a destruíram?

— Nada direto. Sabemos apenas que eles saquearam a cidade e que esse feito combina com o perfil dele.

— A hipótese da destruição da biblioteca pelos cristãos é mais ou menos a mesma — continuou Emily —, embora as datas sejam um pouco anteriores.

— Certo. Essa teoria coloca os eventos mais ou menos na época de Teófilo — disse Kyle, concordando com Emily, que continuou o relato.

— Teófilo I reinou no período entre César e al'Aas, por volta do final do século IV. Foi um imperador cristão, e um dos primeiros a impor o cristianismo não apenas como uma religião permitida, mas como a única religião aceitável. Ele

baixou um decreto ordenando a destruição de todos os templos pagãos do reino, e o bispo de Alexandria, que também se chamava Teófilo, executou prontamente a ordem.

— A biblioteca pode ter sido poupada, — interpôs Kyle — mas suas ligações históricas com a adoração pagã permaneciam fortes. Ela surgiu como um templo dedicado às Musas, e logo passou a incluir um Serapaeum, ou templo ao deus Serápis.

— Pelo que afirma essa teoria - concluiu Emily — a inseparável ligação entre a erudição e a religião pagãs selou o destino da biblioteca, que sucumbiu às multidões de Teófilo por volta de 391 d.C.

— Então, temos demonstrações de amor e tolerância por toda parte — acrescentou Wexler, sarcástico.

— Uma dimensão da história que todos conhecemos muito bem — disse Emily, sentindo que poderia falar por eles três. Nenhum historiador se surpreenderia com essas histórias.

— Mas o que é realmente interessante — continuou Kyle — são as lendas criadas sobre a possibilidade de a destruição da biblioteca ter sido apenas parcial, e de haver algum remanescente dela.

A instintiva desconfiança de Emily começava a voltar.

— Certas pessoas adoram acima de tudo uma teoria da conspiração.

— Tem razão, — disse Kyle — mas não podemos simplesmente descartar por inteiro essa possibilidade. Para muitas pessoas, e aqui incluo a mim mesmo, parece inconcebível que uma biblioteca tão vasta tenha simplesmente desaparecido. Nenhum imperador permitiria que um tesouro tão valioso fosse consumido em chamas. Nenhum governante, por mais tomado que estivesse pelo fervor religioso, muçulmano ou cristão, teria simplesmente jogado fora uma riqueza tão insubstituível.

— Existem alguns momentos extremamente dramáticos na história do mundo que talvez desmintam sua hipótese — observou Wexler.

— E além disso, — interpôs Emily — essas teorias são baseadas em pura

especulação. Talvez a biblioteca tenha sido incendiada como um subterfúgio, uma manobra contra os conquistadores da cidade, tendo sua coleção sido guardada em segurança antes do incêndio. Talvez a coleção tenha sido transferida para outro local cuidadosamente protegido, deixando apenas um complexo de prédios e templos para trás, à mercê da violência das multidões alexandrinas. E assim por diante. . são só palpites e hipóteses.

— Que não têm fim — acrescentou Wexler. — Por sua natureza, as teorias da conspiração se autoabastecem com suspeitas infindáveis.

— Pode muito bem ser assim — respondeu Kyle. — Mas de todas as teorias em torno da biblioteca, uma que nunca se extinguiu completamente diz que um grupo continuou a geri-la de forma ininterrupta desde sua fundação, passando por sua destruição, ao longo de toda a história. E lembrem-se, as duas cartas do professor Holmstrand mencionam um grupo que acompanha a biblioteca. Ele diz que o grupo também existe.

Emily tentou imaginar Arno acreditando nesse tipo de teoria. O que era muito improvável para um acadêmico tão sério. Ainda assim, suas cartas enfatizavam a existência de algum tipo de grupo, a que ele se referia simplesmente como “Sociedade”.

— Então, do que estamos falando? — perguntou ela, explorando o conceito. — De algum grupo reunido, escondido na escuridão, guardando a fortaleza em torno de um milhão de rolos?

— Não é bem assim — disse Kyle num tom apaixonado, totalmente entregue à sua emoção —, segundo a lenda o grupo foi formado pelos próprios funcionários da biblioteca, cuja tarefa sempre fora coletar novas informações, adicionando-a à coleção. Buscar, coletar, armazenar. Buscar, coletar, armazenar. Nas situações em que a biblioteca corria perigo, transportá-la era só uma pequena parte do projeto. O que realmente lhes interessava era continuar com a missão da biblioteca: compilar informações e coletar conhecimento.

— Com a pilhagem de Alexandria e todo o mundo acreditando que a biblioteca estava destruída, ficou claro que a melhor forma de garantir sua existência era mantê-la em segredo. Você conhece a história melhor que eu, dra. Wess — disse Kyle, olhando-a intensamente — e, portanto, sabe que o tema das fogueiras de livros é bastante recorrente. Era um risco grande demais. Assim, a maior

biblioteca do mundo foi para a clandestinidade.

Emily via um problema na lógica de Kyle.

— Qual é o sentido de uma biblioteca clandestina? Se o maior depósito de conhecimento do mundo não pode ser acessado, para que ele serve?

— E nesse ponto que essa lenda toma um rumo meio inesperado - respondeu Kyle. — O

conhecimento que não pode ser acessado é, por assim dizer, sem sentido. Mas conhecimento demais, que se torna disponível demais, transforma-se em um risco. Existe o risco prático de alguém não gostar do que lê e destruí-lo, mas também existe o risco intelectual de as pessoas desejarem saber demais, pelos motivos errados. É preciso lembrar que a Biblioteca de Alexandria não era apenas um repositório de poesia e obras artísticas; era também o repositório do conhecimento acumulado por um império.

Documentos históricos, fontes geográficas e cartográficas, registros de descobertas científicas, anais militares, projetos arquitetônicos. Quando uma nova tecnologia era descoberta num país distante, seus detalhes eram registrados e por fim trazidos para a biblioteca. Quando eram aperfeiçoadas novas técnicas de batalha que proporcionavam a um exército vantagem sobre outro, os generais registravam tudo isso em diários que, por fim, eram copiados e trazidos para a biblioteca. Quando tropas eram enviadas para explorar territórios inimigos, mapas eram elaborados com dados sobre suas fortificações e defesas, que também eram copiados e. .

— E trazidos para a biblioteca — disse Emily, terminando a frase para ele, num sinal de que entendia o argumento de Kyle.

— Isso mesmo. O potencial de conhecimento construtivo oferecido pela biblioteca deve ser ponderado com seu potencial de má utilização. Ninguém queria ver o que as mãos erradas poderiam fazer se tomassem posse desse tipo de informação. Então, pelo que diz a lenda, para proteger a biblioteca das pessoas erradas, das más intenções, tomou-se uma decisão totalitária, acima de todas as outras. A tarefa de buscar novas informações continuou, mas agora ela seria desempenhada às escondidas. Os Bibliotecários se espalharam por todo o império, de modo a ficarem posicionados para coletar novas informações que se tornassem disponíveis, depositando-as na coleção assim que fossem compiladas.

E assim a coleção cresceu, e continuou a crescer através da história.

Emily manteve-se em silêncio, permitindo que a história de Kyle fosse absorvida por sua mente meio’atordoada. Aquilo não era impossível. Nem todas as sociedades secretas eram mitos. O que Kyle estava descrevendo era essencialmente uma forma antiga de coleção velada de dados, algo que os governos fazem até hoje, e ainda em segredo. Mas um detalhe ainda contrariava a hipótese.

— Com esses Bibliotecários espalhados por todo lugar, compilando novos materiais, será que nada foi revelado? Será que a biblioteca se transformou simplesmente em um ralo por onde escoava tanto conhecimento?

— Quem sabe? — respondeu Kyle encolhendo os ombros. — Entrei em contato com várias versões dessa tradição que dizem que os Bibliotecários, vez por outra, disseminavam algumas das informações da biblioteca quando sentiam que elas contribuiriam para o bem maior. Mas é nesse ponto que a versão comum da tradição se subdivide em várias correntes diferentes, e é difícil ter uma idéia concreta do que pode ser fato e do que pode ser ficção. Algumas das teorias realmente começam a avançar por caminhos malucos, como a de que foram “plantados” velhos manuscritos para que os arqueólogos pudessem “descobri-los”, ou de que alguém deixou “vazar” dados militares para combater nações opressoras, e assim por diante. Você pode imaginar qualquer hipótese viável, e com certeza alguém já a formulou.

Emily ergueu uma sobrancelha.

— Você está dizendo que parte do material saiu da biblioteca, apesar de ter sido escondido. E que nós simplesmente não sabemos como?

— Certo. O grupo dos Bibliotecários e seus sucessores determinava, de uma forma ou de outra, qual informação deveria ser divulgada, quando eles julgassem essa medida adequada. Supondo que as lendas têm um fundo de verdade, trata-se de muito poder e influência nas mãos de poucas pessoas.

Emily baixou os olhos e os fixou na primeira carta de Arno. Embora Kyle tivesse exposto seu ponto tão apaixonadamente, por mais que uma parte dela desejasse acreditar que uma lenda tão estranha fazia algum sentido, tudo aquilo parecia muito surreal para ser possível. Tanta especulação ligada àquela sua viagem apenas por vagos comentários escritos na caligrafia de Holmstrand. Ela

existe, assim como existe a Sociedade que a acompanha. Nenhuma das duas se perdeu. Emily fixou os olhos na segunda carta. A Biblioteca existe, juntamente com a Sociedade que a protege e a mantém.

O que Kyle diria a seguir desfaria todas as suas dúvidas.

— Há uma coisa, o motivo de eu ter trazido todo esse assunto — acrescentou Kyle, inclinando-se para a frente e fixando os olhos na carta que estava com Emily. - Essas pessoas, esse grupo de Bibliotecários que manteve a biblioteca através da história, passou a ser conhecido apenas como a Sociedade.

CAPÍTULO 28

WASHINGTON, D.C. - 7H45,12H45 EM OXFORD

Jefferson Hines aproximou-se do conhecido banco no Folger Park com uma igualmente conhecida sensação de insegurança. Ele sabia que em todos os lugares de Washington pelo menos meia dúzia de câmeras gravavam cada movimento, mas também sabia que se esconder à vista de todos era a melhor maneira de evitar uma vigilância demasiadamente rigorosa. Qualquer reunião que ele marcasse, especialmente as que aconteciam “a portas fechadas”, seria meticulosamente investigada. Um encontro casual no parque, entretanto, ainda poderia ser considerado apenas isso. Seria vigiado, sem dúvida, e sem dúvida ouvido pelo Serviço Secreto, que tinha a capacidade de coletar palavras no ar por meio de uma bruxaria técnica que ia além do entendimento dele. Não havia como evitar isso, mas ali ele podia pelo menos sentar e conversar, contanto que ele e Cole mantivessem seus comentários disfarçados e usassem apenas as frases codificadas que haviam determinado muito tempo atrás. Além disso, ser ouvido era, algumas vezes, o que interessava.

Cole se aproximou alguns momentos depois e se sentou perto dele. Os dois homens vestiam longos casacos de inverno típicos das elites políticas, luvas de couro e echarpes de lã para combater o frio do inverno. Nas primeiras vezes que haviam se encontrado em um local público, o vice-presidente ficara nervoso, mas as frases encorajadoras de Cole desde essa época tinham provado ter fundamento. Tendo Cole se integrado no ambiente do escritório do vice-presidente como um suposto lobista e apoiador de sua ideologia política, não causava mais surpresa o fato de os dois serem vistos juntos. Sempre havia o disfarce de assuntos perfeitamente legítimos a discutir, e como articulador político Cole fazia milagres.

Suas promessas nunca deixavam de ser cumpridas, e ele trazia tanto apoio quanto fundos, como um bom partidário devia fazer. Longe de ser alguém que levantasse suspeitas, ele havia se tornado uma pessoa que o ciclo mais restrito de

Hines ansiava por encontrar, com um entusiasmo quase excessivo.

Agora ele estava sentado perto do vice-presidente dos EUA, e nada estava mais longe de seus pensamentos do que a fachada de ativista político. O Serviço Secreto do vice-presidente mantinha uma recomendada distância, investigando minuciosamente as redondezas.

— Não é de todo inesperado o modo como as coisas estão acontecendo — observou Cole, não sentindo a necessidade das cortesias e demoras antes de começar o assunto. Ele usava palavras gerais. Dizer “As coisas estão acontecendo como planejamos” colocaria ambos em risco. Mas dadas as notícias publicadas a cada minuto em todo o mundo, os agentes que escutavam cada palavra com certeza só perceberiam uma conversa entre correligionários sobre o mais recente escândalo.

— Não há vazamento de informações, e mesmo assim a verdade começa a aparecer.

“A verdade” era o código irônico escolhido por Cole para representar a mentira em torno da qual toda a missão deles girava. A mentira deles deveria se transformar na verdade nacional. E com essa verdade, o Conselho ascenderia a um novo patamar de poder, aumentando os recursos que já tinham em seu vasto e antigo arsenal.

— É sim, minha equipe me contou esta manhã - respondeu Hines. - Todas as principais redes já estão começando a noticiar novas revelações sobre os contatos do presidente com o Afeganistão. A ligação dele com os sauditas foi mencionada explicitamente pela CNN e também pela ABC. Algo sobre acordos ilícitos nos esforços de reconstrução, que causaram ressentimento entre os insurgentes. Há inclusive relatos de uma gravação em vídeo, envolvendo alguma célula no deserto, feita por um grupo ameaçando retaliação e jihad por causa dessa traição.

— É só esperar umas horas — respondeu Cole — e essa conexão estará nas bocas de toda a nação.

Aquele era o tipo de comentário especulativo que qualquer pessoa poderia fazer, mas os dois ali sabiam que as palavras de Cole não eram especulação.

Fez-se um momento de silêncio entre os dois. Por fim, Hines verbalizou o

pensamento que lhe dominava a mente.

— Meu assistente, Forrester, não veio trabalhar hoje — disse ele, permitindo que a frase perdurasse no ar frio.

— Nem todos permanecem ao seu lado nos momentos bons e ruins — respondeu finalmente Cole. - É

melhor esquecer aqueles cujo apoio não é. . livremente oferecido.

Cole não disse mais nada e Hines entendeu que o assunto estava encerrado. Eles não haviam discutido a execução de Mitch Forrester, que o vice-presidente tinha quase certeza de ser a razão de sua ausência, mas os homens que Cole representava haviam deixado claro que Hines não seria informado de muitas das dimensões operacionais da missão. Nem suas elucubrações sobre elas seriam exigidas ou bem-recebidas. Ele permaneceu calado, sentado no banco do parque.

— Ao que parece, os conselheiros do presidente Tratham estão tendo uma péssima semana — continuou Cole, mudando de assunto. — Sua equipe lhe mostrou a reportagem sobre Burton Gifford que foi divulgada há pouco?

— Ainda não — respondeu Hines, sabendo precisamente, entretanto, qual seria o teor da reportagem.

O assassinato fora parte do plano desde no início.

— Seria bom que desse uma olhada — continuou Cole. — Uma pena, um homem assassinado assim na flor da idade, assim como Dales cinco dias antes. Parece que os principais conselheiros do presidente estão sendo eliminados um após o outro.

Ele respirou profundamente, inalando o frio ar de novembro, com as sobrancelhas arqueadas em fingida exasperação diante da lamentável situação mundial.

— Fico me perguntando se algum desses acontecimentos tem ligação com suas escusas manobras no Oriente Médio.

E, com esse comentário, a missão avançou para sua próxima fase. Não levaria muitos minutos até que suas palavras, interceptadas pela cúpula do Serviço

Secreto do vice-presidente, fossem transmitidas para o FBI, e daí para toda a rede da vasta e desorganizada infraestrutura da Segurança Nacional. A partir daí, os pontos começariam a ser cuidadosamente ligados, pontos esses que Cole e o Conselho já haviam alinhado num arranjo adequado. O quadro que criariam mudaria os destinos da nação.

Os dois homens ficaram mais um pouco ali sentados, Hines dando a impressão de estar meditando sobre a sugestiva interpretação de seu apoiador político acerca da notícia do dia.

— Não tenho certeza — disse ele por fim, levantando-se e estendendo a mão na direção do outro. — Mas sei que todas as possibilidades serão investigadas. Mas não acrescentou: Você pode apostar todas as suas fichas nisso. Ele apertou a mão de Cole, dizendo: — Por favor, não permita que essa turbulenciazinha em nosso caminho faça cessar seu apoio, ou o apoio de seus colegas da Westerberg Foundation à nossa Administração. Seu apoio é muito importante para nosso partido.

— Claro que não, vice-presidente. O senhor tem, e sempre terá, meu total apoio.

CAPÍTULO 29

13H50

Uma hora depois de ter deixado Heathrow, o Jaguar de Peter Wexler passou por uma praça com chão de pedra e depois foi na direção de um estacionamento reservado no Oriel College, perto do centro de Oxford. A última parte da viagem havia sido mais silenciosa do que a primeira, pois Wexler e Emily ficaram digerindo as informações apresentadas por Kyle com tanto entusiasmo. Em seus fundamentos, a lenda sobre a "Sociedade" era bastante semelhante a qualquer outra teoria da conspiração, mas havia algo emocionante na ligação de nomes e títulos com as misteriosas referências feitas nas cartas de Holmstrand, algo que conferia às especulações de Kyle uma concretude que nenhum dos dois professores conseguia ignorar. Aquilo era suficiente para levar ao máximo uma curiosidade que já fora aguçada.

O pesado ar de Oxford, sobrecarregado pela umidade do Isis e do Cherwell, dois rios que se encontravam na cidade, afetou no nariz de Emily e esfriou sua pele no momento em que ela saiu do carro. Mesmo com tudo o que a tinha trazido para ali, e apesar do estranho rumo da conversa nos últimos 60 minutos, era bom estar de volta. Oxford era um lugar único na Terra.

Enquanto eles esticavam as pernas e braços, Emily dirigiu-se a Wexler: — Preciso ligar para o Michael. Acabou de amanhecer lá, mas com certeza ele vai gostar de saber que cheguei aqui sã e salva.

— Você pode usar o aparelho lá em cima — respondeu Wexler, apontando na direção da janela de seu escritório. Emily, porém, tirou da bolsa seu celular, apontando para ele em resposta.

— Acho que isto deve funcionar aqui. Com base em fontes seguras, acredito que esta novíssima invenção, chamada telefone celular, finalmente chegou à Inglaterra.

Ela ficou pressionando uma tecla para ligar o aparelho, saboreando a oportunidade de dar o troco para as provocações de Wexler, nem que fosse bem de leve. O professor simplesmente resmungou uma resposta, e dirigiu-se à antiga porta de entrada do prédio com um sorriso de satisfação estampado no rosto.

— Quando terminar a ligação, venha juntar-se a nós — disse Kyle, enquanto Emily aguardava que o telefone localizasse uma rede e completasse a conexão. — Quero lhe dizer algo sobre a terceira página.

Ele mostrou a cópia que chegara pelo fax, da folha que parecia apresentar uma série de pistas.

— Tudo bem, estarei lá em um minuto.

Kyle Emory enfiou no bolso as páginas, depois apanhou a mala de Emily e seguiu Peter Wexler, que entrava no suntuoso edifício no instante em que o celular dela foi ligado. Ela apertou a primeira tecla de ligação rápida assim que encontrou uma rede, e alguns momentos depois ouviu uma voz conhecida.

Michael a saudou todo animado, e os dois trocaram os comentários usuais sobre o voo e a chegada de Emily.

— Michael, - disse ela finalmente — se toda esta situação já não fosse estranha antes, você não iria acreditar no que ela se transformou agora.

CAPÍTULO 30

13H55

A três ruas dali, dois homens vestiam ternos discretos e traziam na lapela crachás forjados. Os distintivos que traziam no cinto eram réplicas perfeitas, e se alguém desconfiado verificasse os números em cada um, encontraria o registro deles em todas as bases de dados nacionais e da Interpol. A equipe técnica com que contavam, que trabalhava com terminais de computadores quase futuristas em um discreto barracão em Londres, estava de prontidão, monitorando as comunicações por telefone e por rádio. Caso o disfarce dos dois homens fosse questionado e alguém tentasse telefonar às centrais para verificar sua legitimidade, a ligação seria imperceptivelmente interceptada e redirecionada para uma voz que confirmaria a posição deles, o lugar onde estavam e o seu direito de estar lá.

Mas com quase toda a certeza não aconteceria nada disso. Jason e seu colega eram especialistas em seus papéis, e a cena do crime que queriam investigar estava abarrotada de funcionários. Dada a aparência de funcionários que eles tinham assumido, era provável que nem fossem notados.

Alisando os paletós e relembrando que daquele ponto em diante só deveriam falar com sotaque britânico, os dois homens dobraram a esquina. O entulho diante deles era impressionante, a destruição vasta. Mas eles tinham um foco muito bem definido e não iriam desviar dele.

O segredo do Guardião estava ali. Eles não iriam embora antes de tê-los em suas próprias mãos.

CAPÍTULO 31

NOVA YORK, 9H (14H EM OXFORD)

O secretário levou calmamente aos lábios o uísque, saboreando o fruto de 20 anos de armazenamento em barris de carvalho, o melhor que podia ser oferecido pelas Terras Altas. Embora não fosse de forma alguma um connoisseur, ele sabia o que os homens poderosos deviam beber, e aquela era uma bebida que apenas os poderosos podiam comprar. Cada garrafa lhe custava 400 dólares, principalmente porque ele as mandava buscar diretamente da destilaria escocesa, onde haviam sido engarrafadas manualmente por um homem que, lhe garantiram, não prestava esse serviço para mais ninguém. Sua bebida não podia, literalmente, ser apreciada por ninguém mais no mundo.

Diante dele, o livro estava aberto nas páginas críticas. Ele as olhou pela centésima vez. Era tão claro.

Tão óbvio. Não havia dúvida em relação àquilo para que elas apontavam.

Não havia dúvida alguma. Era quase como se o Guardião tivesse desejado que eles descobrissem o conteúdo delas.

Jason partira de avião cerca de nove horas antes. Agora, o Amigo mais confiável do Conselho devia estar em Oxford. A igreja, descrita no livro e acompanhada por uma nítida fotografia em branco e preto, era um dos principais pontos da cidade. Ou, pelo menos, tinha sido. A BBC, transmitida por uma conexão via satélite a qual seu escritório estava ligado, estava noticiando que mais da metade da estrutura havia sido reduzida a ruínas em uma explosão que abalara a antiga construção quase dois dias antes. O secretário anotou cuidadosamente os detalhes. A explosão ocorrera às 5h30 da manhã, na quarta-feira, horário britânico. Esse horário coincidia, até quase nos minutos, com o momento em que eles haviam exterminado o Guardião, quatro mil milhas a oeste dali. Registros de ligações telefônicas, obtidos com facilidade, confirmavam que o velho professor tinha feito uma ligação para Oxford mais cedo naquele dia.

O secretário enxergava perfeitamente o esquema infantil e vingativo do Guardião. Ficara evidente que ele sabia que viriam pegá-lo. Ele recebera inadvertidamente a lista que o inepto assistente de Hines deixara vazar, e ele sabia que eles não o deixariam viver, já que sabia o que eles estavam armando. Ele também estava ciente de que sua própria execução levaria ao fim mais de treze séculos de busca por parte do Conselho, e o filho da mãe escolhera sair de cena esfregando no nariz deles aquele fato lamentável. Ele desejara que eles encontrassem suas três páginas, que localizassem exatamente o ponto e então ficassem observando enquanto ele lhes negava a real informação, a última esperança de atingir seu Mais Elevado Objetivo sendo-lhes arrancada das mãos. O velho professor estava zombando deles, mesmo morto, fazendo-os perceber a que ponto ele chegara para, em suas horas finais, mantê-los afastados.

Idiota.

O único fato que o secretário lamentava era que o adversário que ele enfrentara durante tantos anos nunca tivesse tido a oportunidade de perceber todo o poder que eles haviam construído para lhe fazer oposição. Agora que eles tinham descoberto seu artifício, o Conselho agiria com toda a força de seus séculos de existência acumulados para chegar ao necessário fim de sua busca. Eles atingiriam seu alvo nos EUA, nada poderia detê-los agora; mas o objetivo maior, a biblioteca em si, também seria deles. O

secretário sentia isso em seu íntimo.

CAPÍTULO 32

OXFORD, 14H

Emily Wess subiu os degraus de madeira que levavam às salas do professor Wexler. A escada fora construída séculos depois da construção do prédio em si, e mesmo assim era uma peça antiga. Emily lembrava-se de ter tentado muitas vezes no seu tempo de pós-graduanda, sem sucesso, subir sem ser notada por seu orientador. O rangido da madeira antiga causara o seu fracasso todas as vezes.

O gabinete do professor tinha como anexos um lavabo, uma copa-cozinha uma sala de estar e um pequeno quarto de dormir. Esse conjunto recebia o nome de "salas" do professor Wexler, seguindo a antiga tradição de Oxbridge, e estava localizado no segundo andar de um dos prédios do Oriel College perto da Magpie Lane. Era ali, entre estantes que mal se agüentavam em pé e mobílias decrépitas, que Emily estudara durante seu mestrado, trabalhando sob a orientação de um dos melhores na área. Suas discussões permaneceriam para sempre na memória dela. Wexler tinha um estilo de dispensar o supérfluo e forçar seus alunos a defender sua posição com uma intensidade da qual eles mesmos não tinham consciência. Eminentemente um professor, ele fora aos poucos se transformando num amigo.

A porta que dava para as salas dele tinha sido deixada aberta, e Emily entrou depois de bater de leve.

— Entre, entre — disse Wexler. - Tomei a liberdade de. . - ele não terminou a frase, mas estendeu para Emily um copo conhecido, cheio de um líquido conhecido. — A sua saúde e também a seu intrigante retorno às nossas dependências.

Emily pegou o copo de xerez e o ergueu; Kyle juntou-se a eles no brinde.

— O Michael está bem? — O professor indicou um lugar vazio no sofá, perto de Kyle, onde Emily se sentou.

— Está ótimo. Ele mandou lembranças.

A ligação que ela fizera para Michael fora breve, mas tinha durado o suficiente para que ela pudesse tranquilizá-lo em relação a sua chegada. Ele se enchera de alegria por falar com ela no dia que era especial para eles, embora tivessem conversado apenas algumas horas antes. Mas o tom de Michael ficou mais sério quando Emily lhe disse o que descobrira desde que havia chegado a Oxford. Notícias sobre uma lenda que, se fosse verdadeira, colocava suas atividades atuais em um contexto maior do que os dois haviam imaginado.

Tendo terminado seu drinque e colocado o copo de lado, Kyle se agitava no canto do sofá.

— Escute, sobre esta terceira página — disse ele, segurando a última folha da segunda carta de Arno.

— Ei, espere, você quer entrar rápido demais nos assuntos de trabalho, sr. Emory — disse o professor interrompendo-o. — Eu posso até dispensar conversa fiada, mas sou totalmente a favor de um drinque civilizado — continuou ele, fazendo um sinal para que Kyle deixasse os papéis de lado.

Kyle fez o que lhe foi pedido com notável hesitação. Ele tinha uma mente acostumada a processar idéias rapidamente e com muita energia. Ele sabia que essa característica se adequava ao perfil dos alunos de doutorado que eram famosos em todo o mundo por desenvolverem uma mente focada que não contemplava quase mais nada além de seu tema de pesquisa; mesmo que esse “mais nada” fosse comer, tomar banho ou engajar-se conversas humanas normais. Mas era assim que ele era. E, isso, isso. . ele olhou para os papéis. Isso é interessante.

Os três acadêmicos ficaram sentados em silêncio por alguns momentos que se alongaram. Kyle continuava agitado.

— Bem, vejo que exaurimos nossa conversa casual — concordou finalmente Wexler, quebrando o silêncio e colocando o copo sobre um móvel. - Muito bem, sr. Emory, pode continuar.

O alívio na expressão de Kyle era mais que evidente.

— Esta terceira página — disse ele — é totalmente diferente das outras duas.

Como o professor Holmstrand diz em sua segunda carta que não pode ter certeza de que você verá as anotações dele antes que “eles” o façam; independentemente de quem sejam “eles”, me parece claro que esta terceira página contém orientações concebidas para se camuflarem sob a aparência de um enigma.

— Orientações camufladas sob a aparência de um enigma? — interrogou Emily, erguendo uma sobrancelha. — Realmente, você é um pós-graduando! Escute, aqui você não precisa encher lingüiça para aumentar o número de palavras. Se você quer dizer “pistas”, pode dizer simplesmente “pistas”.

Ela deu um sorrisinho, mas pela expressão no rosto de Kyle ficava claro que ele não entendeu se estava sendo provocado ou repreendido. Emily lançou um olhar confuso para Wexler e depois tranqüilizou Kyle.

— Sim, eu concordo que esta terceira página parece um conjunto de pistas. Pistas de alguma coisa.

— Exato — disse Kyle amortecendo o sarcasmo de Emily, mas com o mesmo entusiasmo de antes. — Precisamente, pistas. E quanto ao contexto delas, a anotação no topo da página nos dá alguma idéia.

“Duas para Oxford e uma para mais além.” Há três frases mais adiante na página. Parece bastante provável que duas delas se apliquem a lugares aqui na Universidade, e uma a algum outro lugar.

Emily tentou ler a página. A leitura de Kyle era lógica, e tinha a vantagem de criar ordem para frases que, de outra maneira, permaneciam soltas. Em vez de quatro “pistas”, havia três, introduzidas por uma nota que oferecia uma orientação sobre elas. Duas para Oxford, a terceira. . para outro lugar. Pela primeira vez ocorreu a Emily que o que a aguardava poderia levá-la ainda mais longe de onde estava atualmente.

— Então — continuou Kyle — isso nos deixa com a incumbência de descobrir o que significam as três pistas.

— E também o emblema — interpôs Wexler. — Essas letras no topo da página, o símbolo na moldura.

Com certeza ele também significa algo.

Tendo se fixado tanto nas frases manuscritas que o acompanhavam, Emily tinha praticamente ignorado aquele emblema simples, desenhado perto do topo da página. Era uma moldura encerrando duas letras gregas. Aquilo seria mais difícil de decifrar do que as frases enigmáticas, independentemente do que elas significassem.

Aquela não era a única suposição errada que Emily faria naquele dia.

— Quanto a isso — replicou Kyle — acho que descobri o que significa.

As sobrancelhas de Emily se arquearam sem que ela se desse conta, e Wexler também assumiu uma expressão surpresa.

— Já? — disse ela pegando o papel e perscrutando as letras. - Como? Não há nenhuma indicação na página sobre o que isso possa significar, ou sobre como interpretar o símbolo.

— Não, nesta página não tem nada mesmo — concordou Kyle. — A chave está na página anterior — disse ele, pegando a segunda carta de Arno e mostrando-a a Emily. - Olhe ali, mais abaixo, as duas palavras sublinhadas.

— “Nossa biblioteca” - leu Emily em voz alta. Ela olhou na direção de Wexler, mas o professor estava com os olhos fixos em Kyle, aguardando uma explicação. Seu olhar era atento e sua mente cogitava várias possibilidades, tentando refazer os passos da descoberta do aluno.

— É óbvio — continuou Kyle — que o professor Holmstrand queria atrair as atenções para essas palavras, pois elas são as únicas que ele sublinha nas três mensagens.

De repente, Wexler saiu de seu estado letárgico.

— Garoto esperto! — disse ele quase pulando da cadeira, reconhecendo o que Kyle havia visto. — Trata-se de uma etiqueta, um indicador. As migalhas de pão que João e Maria jogaram na floresta.

Seu rosto se iluminava em reconhecimento e Kyle, entusiasmado, concordava com a cabeça.

— Me desculpem — interpôs Emily, interrompendo a conversa dos dois. —

Preciso admitir, não estou entendendo.

Kyle apanhou a terceira página mais uma vez.

— Aqui, no topo da página, o emblema é feito de duas letras gregas, beta e eta. O pequeno traço sobre elas parece um acento, mas não é.

— Não é — concordou Emily. - Isso é um titlo, o antigo indicador de uma abreviação.

O pendor grego pelas abreviações nascera na época em que as palavras não eram escritas com pena e tinta, mas sim entalhadas em pedra. Escrever duas letras em vez de dez economizava material e força muscular.

— Exatamente. Em geral esse tipo de floreio indica um item abreviado, colocado acima da primeira e da última letra da palavra supostamente condensada. Mas neste caso, acredito que o sinal está aqui para abreviar duas palavras. Uma frase.

Emily fez uma expressão de reconhecimento. Ela olhou de novo as palavras sublinhadas na segunda carta de Arno. Nossa biblioteca.

— É isso! — exclamou o professor, vendo que ela tinha entendido. - Na língua da própria biblioteca de Alexandria, beta-eta é uma abreviação de bibliotheche emon, “nossa biblioteca”.

— As mesmas palavras que Holmstrand sublinhou em sua segunda carta — murmurou Emily. As peças se encaixavam. Arno estava estimulando-os a entender.

— Meu palpite é de que Holmstrand desenhou para você um símbolo que representa a própria biblioteca - disse Kyle, prosseguindo com o raciocínio. — E ofereceu pistas sobre como encontrá-la.

Aposto cinco libras e mais uma rodada de bebidas que esse emblema, esse símbolo, vai estar em todos os lugares para os quais essas pistas apontam — disse ele, erguendo o papel diante dos olhares de Emily e Wexler.

— Se esse símbolo está, como vocês dizem, em algum lugar a ser descoberto — disse Emily, achando a hipótese de Kyle convincente —, então precisamos decifrar esses três comentários.

Dessa vez foi Wexler quem dirigiu o rumo da conversa.

— Supondo que as duas primeiras frases correspondam a Oxford, seu significado parece claro — disse ele respirando fundo e preparando-se para explicar. — A primeira pista, “Igreja da Universidade, a mais antiga de todas”, quase não está codificada. Ali, virando a esquina, no coração da cidade, está a University Church of St. Mary the Virgin que, além de ser o centro oficial da vida religiosa de Oxford, é a construção mais antiga de toda a Universidade.

A University Church não era o prédio mais antigo de Oxford, nem o primeiro a ser usado para atividades acadêmicas. Fora, entretanto, o primeiro prédio a ser utilizado coletivamente pelos vários refeitórios e colleges que haviam surgido a partir dos séculos XII e XIII, que viriam ser depois a universidade em seu formato definitivo. Nesse sentido, era possível dizer que era “a mais antiga de todas”.

Erguendo os olhos, Emily notou que Kyle e também Wexler tinham no rosto expressões de perplexidade. Eles olhavam um para o outro, numa pausa, antes que Kyle se dirigisse a Emily.

— Suponho que você não tenha visto os mais recentes noticiários.

— Recentemente não — respondeu Emily. — Estive bem. . ocupada com essas coisas todas — acrescentou ela, referindo-se a seu dia passado, quase em sua totalidade, em trânsito.

— Então — disse Kyle concordando com a cabeça — a notícia que você não ouviu é muito importante; especialmente agora e especialmente para você. Além da cobertura dos escândalos ocorrendo em Washington, a principal notícia aqui hoje é sobre algo que aconteceu um pouco mais perto — disse ele, enfatizando as palavras seguintes. — A University Church foi destruída.

— O quê? — disse Emily, não contendo seu choque. - Como?

— Um atentado à bomba, ontem — respondeu Kyle, mantendo os olhos fixos em Emily.

— Mas não devemos deixar que isso nos detenha — interpôs Wexler. — Se essa frase realmente se refere à igreja, então ela ajuda a dar sentido à segunda pista. A igreja que foi destruída é dedicada à Virgem Maria, mulher de muitos títulos.

Mãe de Jesus Cristo, Senhora Rainha, Sempre Virgem. .

— E Rainha do Céu — sugeriu Emily, acompanhando o raciocínio de seu orientador.

— Precisamente — afirmou Wexler. — Faz algum tempo que não visito essa igreja, mas pelo que posso lembrar, ela tem exatamente o que alguém esperaria, mais de uma imagem de Nossa Senhora enfeitando suas paredes. A frase de Holmstrand, “Orar, entre duas Rainhas”, que é a segunda de suas pistas. . eu poderia apostar que o tal símbolo — continuou ele, apontando para o emblema no topo da página — se encontra em algum ponto entre duas estátuas de Maria na University Church — disse ele, e depois fez uma pausa. — Ou melhor, se encontrava, antes da explosão.

Os três ficaram em silêncio por um longo momento, ponderando sobre o que parecia ser a solução de Wexler para o enigma de Arno.

— E a última frase, “Quinze, se for de manhã”? — perguntou Emily.

— Sobre essa aí, não tenho a menor idéia — disse Wexler erguendo os braços e sinalizando uma derrota pelo menos parcial. - Nem mesmo os ingleses podem solucionar todos os enigmas apenas com uma dose pura.

— Mas é só conceder a eles mais uma. . — disse Emily sorrindo e completando o gracejo de Wexler.

— Mas lembrem-se — observou Kyle — que a mensagem diz que apenas as duas primeiras apontam para Oxford, e a terceira para algum outro lugar. Descobrir esse primeiro local pode nos dar alguma idéia sobre a terceira frase.

Emily inclinou-se para trás, afundando nas dobras murchas do velho sofá. Sua mente estava cheia de emoções confusas. Ela estava tensa por causa da notícia da destruição da igreja, mas também sentia um desapontamento que a surpreendia. Ela esperava que o enigma das orientações de Arno fosse mais difícil de desvelar. Daquele jeito, o grande mistério que na imaginação dela daria origem a uma busca glamorosa, parecia ter sido em grande medida resolvido com apenas um copo de xerez e a primeira meia hora dela na cidade.

Meia hora.

Foi esse pensamento, aquela referência passageira ao tempo, que desencadeou pensamentos no cérebro dela. Tempo, ela pensou. O horário importa. O horário muda tudo.

Emily saltou de seu assento e olhou diretamente nos olhos de Wexler.

— Professor, tenho uma pergunta para a qual preciso uma resposta muito precisa.

Wexler voltou-se para Emily, intrigado com aquele repentino surto de energia.

— Como quiser. Vou fazer o máximo que puder.

Ao prosseguir, Emily pensava em apenas uma coisa, e seu coração estava disparado.

— A que horas, exatamente, explodiu a University Church?

CAPÍTULO 33

OXFORD, 14H10

O entulho ao redor dos Amigos era impressionante por sua desordenação anárquica. A cena ficava ainda mais caótica com os funcionários que se espalhavam pelo local, buscando examinar tudo; médicos legistas, fotógrafos policiais e até engenheiros de edificações já estavam no local. Oficiais uniformizados isolavam áreas consideradas perigosas com uma fita de cor berrante, enquanto outros anotavam detalhes em bloquinhos, e num fluxo quase infindável detetives falavam em rádios e celulares, relatando seus achados para seus superiores.

Era exatamente o típico burburinho de investigações que Jason e seu parceiro esperavam na cena do crime. Num mar de diferentes agências, cada uma com seus códigos de vestuário e uniformes, áreas de interesse e métodos de análise, os dois homens ficavam praticamente invisíveis, o que lhes permitia executar seu trabalho sem nenhuma interferência.

E era isso que os Amigos deviam fazer ali: mais um estudo que uma investigação. Eles sabiam a causa da explosão; eles sabiam quais eram as motivações e intenções por trás do ocorrido. Os detalhes específicos que a polícia investigaria (o tipo de explosivo, o método de disparo) interessavam muito pouco. Eles estavam concentrados em observar o que havia sobrado, e por meio dessa observação determinar precisamente o que havia sido destruído. O que fora escondido por meio da destruição. Porque aquilo era um jogo de esconde-esconde, embora o Guardião tivesse tido a intenção de que eles não fossem capazes de procurar, que eles fossem apenas capazes de lamentar a perda do que ele havia destruído.

Apesar disso, o desejo do homem morto não seria realizado.

— Mantenha-o o mais estável possível — ordenou Jason a seu parceiro. O pequeno aparelho na palma deste último, pouco maior que uma filmadora portátil, ia lentamente varrendo uma das longas paredes da igreja. As imagens

que ele registrava eram encaminhadas para um computador que estava sobre os joelhos de Jason.

— Não deixe a imagem tremer - acrescentou ele. - Precisamos que os contornos fiquem alinhados.

O outro homem mantinha o braço tão firme quanto possível; por fim, chegou ao fim da fluente filmagem.

— Acabei de completar a quarta — disse ele, desligando a câmera.

Jason olhava para o computador à medida que o quarto registro das laterais do interior do prédio surgiam na tela. O programa que recebia a imagem já entrara em ação, costurando digitalmente a última imagem às três anteriores. Gradualmente, um mapa tridimensional da estrutura estava sendo montado.

— Comece no telhado — ordenou Jason. O segundo homem apertou um botãozinho vermelho da câmera e começou uma quinta filmagem, desta vez da parte de cima, lentamente descrevendo um arco que ia de uma extremidade do teto da igreja até a próxima.

Jason pegou o celular. Depois de algumas teclas apertadas, ele estava conectado à equipe de Londres.

— Você está vendo?

— Estou — disse do outro lado uma voz impassível. — Acione o link entrada e saída, e eu envio a nossa imagem para você.

Jason passou por uma série de menus no seu computador, e a conexão de via única com os provedores de Londres ficou bidirecional. Imediatamente, a imagem montada no laboratório começou a surgir na tela.

— Estou recebendo — afirmou ele. Em seu monitor, um modelo tridimensional do interior da igreja começou a aparecer. Na maioria dos aspectos, era igual às imagens que ele e seu parceiro estavam criando agora, com uma diferença perceptível e crucial. O modelo que vinha de Londres era a igreja sem a desfiguração sofrida pela recente destruição. Era a igreja em sua condição anterior.

— Montamos as imagens a partir de várias fontes — afirmou o líder da equipe de Londres. — O que você está vendo é o interior como ele era não mais que 78 horas antes, embora alguns segmentos sejam ainda mais recentes.

Os recursos eletrônicos do Conselho eram enormes, e as habilidades da equipe de operadores eram excelentes. Embora ele já estivesse acostumado com aquela situação em termos práticos, Jason ainda ficava intrigado com a extensão em que a Terra era fotografada em detalhe, tornando-se disponível online, por meio de uma combinação de fotos oficiais, dados de satélites e até blogs de turistas e álbuns pessoais. Com o necessário esforço concentrado, o exterior e o interior de quase qualquer prédio notável do planeta poderiam ser obtidos em imagem.

No entanto ele sabia que esses esforços extensivos não tinham sido necessários ali. O Conselho estivera vigiando Oxford durante décadas. Os recursos da biblioteca eram móveis, e as conexões da cidade históricas. Embora não houvesse uma ligação direta com ela, Oxford era um local conhecido do Conselho, e por esse motivo figurava com proeminência em sua base de dados. Equipes de Amigos exploradores rotineiramente atualizavam seus registros a partir de novas investigações, fotografias e filmagens. Mais recentemente, nos últimos seis meses, as interações do Guardião com a cidade inglesa tinham chamado ainda mais a atenção deles. Embora seus e-mails e ligações telefônicas sempre fossem em código para que eles não pudessem ter acesso ao conteúdo, o Conselho pelo menos fora capaz de perceber que o Guardião estivera se correspondendo com grupos em Oxford rotineiramente desde maio. Assim, a equipe que estava na área iniciara sua fiscalização.

— Temos imagens praticamente suficientes para fazer a análise comparativa — disse a voz ao telefone.

Seu terminal em Londres, assim como o de Jason, em Oxford, mostravam os dois modelos lado a lado: no primeiro, a igreja em seu estado anterior; no segundo, ela aparecia em seu estado atual de ruína provocada. As imagens estavam prontas para serem examinadas e comparadas.

— Use o modelo pré-explosão para catalogar todos os itens que estavam presentes nas partes que agora foram destruídas — ordenou Jason. — Cada quadro, entalhe, estátua, janela. Qualquer coisa que seja uma possibilidade. Envie tudo para o secretário.

Todos os que estavam envolvidos no projeto sabiam que a Sociedade havia destruído a igreja, provavelmente para ocultar algo. Mas, diferentemente dos policiais ao redor deles, os Amigos não precisavam nem escavar nem adivinhar nada. Com a reconstrução do que antes estava nas áreas agora destruídas, eles poderiam conferir e comparar tudo o que viam, usando as imagens como ponto de partida para investigações posteriores.

— Consegui — interpôs o segundo Amigo, abaixando a câmera para a lateral.

— Isso é tudo.

Jason concordou com a cabeça.

Depois de alguns momentos, o segundo modelo tridimensional estava completo na tela. A comparação digital seria feita em computadores de alta capacidade no escritório de Londres. Jason só tinha de aguardar que os resultados fossem detalhados, e isso demoraria alguns minutos.

Ele olhou para cima, observando mais uma vez a cena ao seu redor. Um dia antes, ele estivera no escritório do Guardião. Sentira a grande sensação de poder no momento em que o gatilho de sua arma voltou à posição inicial e os tiros foram disparados. Ele observara o brilho abandonando os olhos do an-cião. Minutos depois, ele agora sabia, este prédio fora destruído. O Guardião, ouvindo-o chegar, tinha orquestrado seu ardil de último minuto, numa tentativa desesperada de esconder algo dele.

Jason reprimiu um sorriso de satisfação. O homem devia ter percebido que não poderia esconder nada do Conselho.

- Estamos indo buscar seus segredos, velho — murmurou ele consigo mesmo. Sentia um prazer enorme em saber que o Guardião não poderia mais responder à sua ameaça.

CAPÍTULO 34

14H30

Emily mal podia conter sua impaciência enquanto Wexler escrutinava o jornal da manhã buscando detalhes sobre o horário preciso em que a University Church of Saint Mary havia sido destruída. Tinha um palpite de que esse detalhe era importante, um palpite que, instintivamente, ela sentia estar certo, mas que era tão estapafúrdio que ela só poderia realmente ter certeza quando o horário fosse confirmado.

— A explosão foi ontem, de manhã bem cedo — disse Wexler enquanto folheava o jornal. — Uma bomba na base da torre da igreja, de acordo com os primeiros relatos. Ainda bem que era cedo.. - sua voz foi diminuindo à medida que ele continuava a ler. Depois, ele se aprumou no momento em que encontrou o detalhe que buscava.

— Aqui está. A explosão aconteceu precisamente às 5h30 da manhã. Não havia ninguém lá dentro, e ninguém se feriu. Mas a torre está destruída, assim como a maior parte do restante do prédio. Eles foram capazes de identificar o horário porque os ponteiros do relógio da torre pararam quando ela foi destruída.

— A mídia, tanto a local quanto a nacional, está cobrindo o fato desde que ele aconteceu — acrescentou Kyle. — Uma reportagem da BBC hoje de manhã disse que a torre ao cair levou consigo a parte central da igreja, inclusive sua antiga biblioteca. As duas extremidades do corpo principal continuam de pé, mas ainda não fiquei sabendo se elas permanecem estruturalmente seguras a ponto de não precisarem ser derrubadas.

— Que enorme tragédia! — acrescentou Wexler. — Era uma igreja linda!

— A área está toda isolada — continuou Kyle. — Passaram a maior parte do dia de ontem examinando os escombros para verificar a estabilidade, para ter certeza

de que havia segurança para os investigadores. A polícia de Thames Valley chegou esta manhã.

— E não foi só a polícia. Com a onda de combate ao terrorismo, com certeza o local também será investigado pelos governos — disse Wexler, expressando sem reservas seu desprezo pelos governantes.

Ele acreditava ser o direito divino dos intelectuais eruditos saber muito mais sobre governança do que qualquer governo jamais poderia saber. Sem dúvida, esses homens nunca se disporiam a governar; isso estava muito abaixo da dignidade de qualquer acadêmico que se desse ao respeito. Mas dava satisfação saber que eles seriam capazes e sem dúvida obteriam muito mais sucesso que qualquer outra pessoa.

Emily ignorou a tradicional demonstração de esnobismo, pois sua mente estava absorta naquela informação chocante.

5h30 da manhã. Ela contou nos dedos, o coração disparado. Mesmo antes de começar, ela sabia aonde os fatos estavam levando, mas precisava ter certeza.

— Cinco e meia da manhã da quarta-feira, menos seis horas de diferença de fuso.. - disse Emily, completamente concentrada em si mesma. — Isso quer dizer que a igreja foi destruída às 11h30 da noite da terça-feira, no horário do Carleton College em Minnesota.

Kyle e Wexler mantinham seus olhos fixos em Emily, sem entender qual era a conexão que ela fazia em sua mente.

— Foi exatamente nesse momento que Arno Holmstrand foi morto, de acordo com os rumores que circularam em meu departamento. Algum momento entre 11h e meia-noite na terça-feira — disse Emily consigo mesma, os dedos ainda na posição de contagem. Então ela disse as palavras que ela nunca pensou que seriam proferidas por sua boca cética. — Esses dois eventos estão necessariamente ligados.

A igreja tinha séculos de existência, mas fora destruída bem no momento em que ela fora enviada para encontrá-la? Mesmo ela tendo odiado teorias da conspiração por toda a sua vida, aquilo não podia ser mera coincidência.

Kyle e Wexler continuavam olhando para Emily, na expectativa de que ela

completasse seu raciocínio.

— Holmstrand e aquela igreja já estão ligados — continuou ela complementando seus pensamentos.

— As pistas apontam diretamente para isso. O que ele escreveu aqui sem dúvida me leva diretamente para lá.

Largando as cartas, ela ergueu uma das mãos e apontou na direção de uma fotografia da igreja estampada na primeira página do jornal de Oxford, que ainda estava sobre os joelhos de Wexler.

— E então, no mesmo momento em que ele me envia para cá a fim de encontrar algo escondido na igreja, ela é destruída por uma bomba — disse Emily, para logo em seguida fazer uma pausa. — A implicação parece clara.

— Diga o que está pensando — pediu Wexler.

— Quer eles soubessem ou não que ele passou essas pistas para uma terceira pessoa como eu, alguém com certeza não queria que ninguém encontrasse exatamente a coisa que Arno disse que eu devia encontrar. E, santo Deus, eles estavam dispostos a tomar atitudes radicais para garantir que ninguém a encontrasse. Emily calou-se um instante para refletir. O fato de que alguém não queria que informações relacionadas à biblioteca fossem encontradas confirmavam a validade das revelações de Arno, e até mesmo das teorias de Kyle sobre o que a Sociedade poderia ser. Algum grupo obviamente queria que os segredos da biblioteca continuassem sendo segredos.

Esse simples fato aguçou-lhe ainda mais a vontade de descobri-los.

Emily ergueu os olhos para Wexler.

— Professor, destruída ou não, temos que olhar aquela igreja.

CAPÍTULO 35

14H45

Aquilo de olhar a igreja era mais fácil falar do que fazer.

— Ela está toda interditada — protestou Kyle depois que Emily fez sua declaração — e o local da igreja está lotado de policiais. Não sei como poderemos entrar.

No meio da confusão e da hesitação, Wexler se levantou. - Rapaz, querer é poder.

Em se tratando de Peter Wexler, essa frase era definitiva. Não era mais preciso discutir nada. Ele sabia o que desejava fazer, e pretendia fazê-lo, independentemente dos obstáculos que se interpusessem. Seu rosto expressava uma confiança que sugeria que acadêmicos mais jovens podiam aprender uma ou duas coisas com seu exemplo.

Eles seguiram sua sugestão e também se levantaram no momento em que Wexler pegou um guarda-chuva e uma boina. O céu limpo, sem nem uma nuvem sequer, era irrelevante para aquele traje que ele habitualmente usava para andar pelas ruas.

Emily sorriu diante do contagiante entusiasmo do professor. Colocando os bilhetes de Arno na bolsa, ela seguiu Kyle saindo pela porta, descendo as escadas e chegando ao coração da Cidade dos Pináculos Sonhadores.

CAPÍTULO 36

WASHINGTON, D.C. - 9H30

14H30 em OXFORD

— Isso não parece nada bom, de qualquer ângulo que olharmos — disse o general Huskins, colocando de volta uma das fotos na longa mesa e observando-a com expressão contrariada à medida que ela ia passando de mão em mão. - Todos os seus assessores mais próximos, seus conselheiros mais influentes!

Os outros ao redor da mesa estavam em silêncio, cada um experimentando um misto de ódio e sobressalto. A reunião fora convocada por Ashton Davis, o secretário de Defesa, em resposta a uma crise galopante que assolava todas as fontes da imprensa, desde o New York Times até as incipientes mensagens dos blogs em todas as línguas que a CIA rastreara, e que eram praticamente todas. Em geral, reuniões táticas entre os chefes da Defesa, Inteligência e Segurança Nacional aconteciam na sala de situação da Casa Branca, mas dadas as circunstâncias, aquela não era uma opção. Davis decidira que o pequeno grupo iria se reunir na “sala silenciosa” no terceiro anel do Pentágono. Tratava-se de uma sala com isolamento de som, na qual eles poderiam falar livremente sem ser ouvidos ou vistos. Por ninguém.

— O senhor está exagerando os fatos - respondeu o secretário de Defesa -só três dos conselheiros do presidente foram mortos. Isso não está nem perto de “todos”.

— Quatro, — retorquiu o general — se você contar o homem do vice-presidente, Forrester. O

rapazinho presunçoso passava tanto tempo com a equipe do presidente quanto com sua própria equipe.

Além disso, esses são só os quatro que conhecemos. Quem sabe quantos outros foram eliminados?

Huskins cravou os olhos no seu colega do Serviço Secreto, o diretor Brad Whitley, que estava sentado à sua frente e concordava com a cabeça.

— De qualquer forma, quatro não é um número desprezível, — acrescentou Whidey — ainda mais em uma única semana.

— Como você foi deixar isso acontecer, Whitley? — disparou o secretário de Defesa contra o último homem que fizera uso da palavra, esmurrando a mesa. O diretor do Serviço Secreto, que ocupava esse cargo já havia três administrações, respondeu calmamente, concentrando-se apenas nos fatos.

— Nosso trabalho é proteger o presidente, o vice-presidente, suas famílias e chefes de estado que nos visitam - disse ele em tom decidido. - O Serviço Secreto não tem a obrigação de proteger os assessores e conselheiros do presidente.

Davis respirou fundo, tentando aplacar sua ira. Whitley estava certo, sem dúvida. Aquilo não era uma falha institucional. Tratava-se mais, de acordo com o que eles (além de todas as fontes de informação do mundo) tinham a sua disposição, a falha do chefe executivo. O presidente, ao que parecia, havia atraído aquilo sobre si mesmo, e sobre a nação que supostamente deveria dirigir.

— Vamos voltar aos fatos sobre os assassinatos — sugeriu o secretário de Defesa, abandonando seu argumento anterior. — Esse é o fator decisivo que vai determinar se a presente situação é apenas uma grande crise na guerra ao terror, ou uma culpável deslealdade do chefe executivo.

As palavras de Davis pela primeira vez descreveram com todas as letras os acontecimentos que se desenrolavam em torno deles.

— Falem, diabos! — exigiu o secretário de Defesa, esmurrando a mesa de novo. Recomposto de acordo com a gravidade do momento, o general Mark Husldns inclinou-se para a frente e desfiou o rosário do que seus investigadores militares haviam descoberto nas cenas dos crimes.

— Em todos os casos, com a exceção do assessor do vice-presidente, os homens foram mortos por vários tiros disparados por armas portáteis na direção do peito.

Foram execuções formais. Trabalho profissional.

— Então pode ter sido qualquer pessoa. Ou qualquer grupo — disse Davis pensando alto numa voz esperançosa.

— Não — discordou o general. — Os testes de balística mostram que em todos os casos as balas se originaram de armas do mesmo calibre, e três dos cartuchos ainda exibiam marcas que nos permitiram rastrear suas origens.

— Que tipo de marcas?

— Supondo que as balas não tenham ficado muito deformadas após o disparo, podemos rastrear sua manufatura a partir da forma, dos constituintes químicos, das ligas e outros elementos importantes. Isso nos ajuda a manter um controle dos fornecedores e traficantes de munição em todo o mundo. Fazemos isso rotineiramente em todos os locais onde ocorreram ataques terroristas e áreas de combate tático.

Qualquer lugar em que tenhamos a oportunidade de obter munições de forças que não são as nossas — ele fez uma pausa e depois apresentou um resumo para o secretário de Defesa: — As balas ligam os homens malvados, senhor secretário.

Todos estavam ali para determinar justamente qual era essa ligação.

— E. .? — sondou Davis. — O que o rastreamento mostrou?

O general percebeu o impacto que sua resposta teria, mas seu trabalho não consistia em ocultar daqueles homens fatos terríveis. Quando ele falou, falou com certeza: — Todas as balas disparadas nos assassinatos dos conselheiros do presidente vieram de um lote de munições com características físicas e químicas idênticas às de munições que identificamos em um único local. E esse local é o nordeste do Afeganistão.

Então, aí está. A reação mental de todos aqueles homens se formou em silêncio e ao mesmo tempo. As suspeitas que haviam reunido o grupo estavam agora confirmadas por provas concretas e legais.

— Que diabos! — respondeu Whitley. A partir daqueles fatos, a descrição de seu cargo de chefe do Serviço Secreto de repente começava a assumir contornos

diferentes.

Davis tentou trazer a notícia para o contexto mais amplo da situação.

— As reportagens que todos vimos inundando a mídia demonstram um claro padrão de comportamento corrupto por parte do presidente Tratham. Quem quer que seja que deixou vazar esse conjunto de documentos deverá talvez apodrecer nas entranhas mais profundas de uma de nossas melhores prisões por quebra de sigilo, mas os fatos dão pouca margem para dúvidas. O presidente tem feito jogo duplo com nossos amigos sauditas no processo de reconstrução.

— E isso provavelmente deixou os afegãos loucos da vida — completou Whitley.

— E a ligação com os conselheiros mortos? — disse o secretário Davis, exigindo clareza. Certeza.

Agora era a vez do diretor do Serviço Secreto proporcionar essa certeza.

— Cada um deles, Gifford, Dales, Marlake, todos foram conselheiros do presidente nas suas decisões de política internacional. Todos eles integravam o seu grupo mais restrito de negociações na reconstrução pós-guerra.

— E Forrester?

— Ele estava com o vice-presidente, embora almejasse um posto mais alto. Mas ele também atuava na política internacional.

— O vice-presidente também! Será que todo o corpo administrativo perdeu a cabeça? - indagou o secretário de Defesa com o rosto vermelho. Ele estava furioso.

— Calma! - interpôs o general Huskins. - Não sabemos ao certo se o vice-presidente está envolvido.

Os documentos que temos em mãos demonstram apenas ligações com o gabinete do presidente, e suas escutas junto a Hines - disse ele dirigindo-se especificamente a Whitley - parecem indicar que ele está tão surpreso quanto qualquer um.

Davis virou-se em direção a Brad Whidey.

— Quero que você e seus homens no Serviço Secreto descubram e tenham certeza. Está claro que o presidente se imiscuiu em negócios escusos com a Arábia Saudita e que isso incitou insurgentes a matar conselheiros do governo, em solo americano, bem aqui na capital. Se o vice-presidente teve um papel nessa traição vil, eu quero saber. E nem que seja meu último ato, crucificarei os dois!

CAPÍTULO 37

OXFORD, 15H10

A cena em torno da Radcliffe Square era exatamente como Peter Wexler a tinha descrito. Em frente à monumental Radcliffe Camera de James Gibbs, a primeira biblioteca circular da Grã-Bretanha, que agora era utilizada como um grupo separado de salas de leitura da central Biblioteca Bodleiana, a University Church of Saint Mary jazia em ruínas. A grande torre com pináculo do século XII, durante muito tempo o centro focai da cidade e uma das maiores atrações turísticas de Oxford, tinha sido completamente destruída pela explosão e agora só existia como uma irreconhecível pilha de pedras desmoronadas e enegrecidas. A parte central da igreja havia desmoronado, e as extremidades leste e oeste continuavam obstinadamente de pé diante da destruição, mas o centro fora destruído, esmagado quando as vigas ligadas à torre desmoronaram. O famoso piso de pedras redondas da praça, pouco prático mas muito belo, estava coberto por uma camada de pedregulhos e poeira que emanava do epicentro da igreja.

Como Kyle havia previsto, toda a área estava isolada com a fita amarela que a polícia usava nessas ocasiões, e patrulhas locais uniformizadas montavam guarda em vários pontos ao longo da linha de isolamento. Atrás dela, o local estava abarrotado de investigadores. A Thames Valley Police era facilmente discernível por suas jaquetas amarelas berrantes, cada uma portando o boi de Oxford e o emblema dessa força policial. Eles estavam acompanhados por membros da brigada de incêndio e vários inspetores que tinham vindo de Londres para investigar a destruição causada. Homens vestindo ternos pretos representavam divisões e departamentos governamentais que, na suposição de Emily, queriam permanecer anônimos, embora ficasse óbvio para todos, principalmente para os habitantes da cidade que se distribuíam em pequenos grupos ao redor do local, que o M16 (como era popularmente conhecido o Serviço Secreto de Inteligência Britânico) estaria envolvido nas investigações. A bomba implicava terroristas, e terroristas implicavam terror e como os políticos britânicos, juntamente com seus colegas norte-americanos, costumavam

enfatizar, estava em curso uma guerra contra o terror.

Kyle estivera certo, também, quando advertiu os colegas sobre a dificuldade de acesso. Não havia nenhuma maneira óbvia de o público ir além da fita colocada pela polícia em torno das ruínas da igreja.

Emily olhou na direção do pós-graduando, na busca de alguma orientação, mas Kyle havia se distanciado do local e ido na direção do muro de pedra que envolvia o All Souls College, numa das extremidades da praça. Ele estava ali sentado agora, e Emily notou o modo como ele olhava não para o local do crime, mas para um ponto bem mais distante, perdido em pensamentos.

Peter Wexler, por outro lado, empunhou seu guarda-chuva e foi diretamente para a linha de isolamento. O velho professor obviamente queria ir aonde desejava, mandando às favas todas as advertências. Emily seguiu ao lado dele.

Eles foram detidos por um posto de guarda do lado de fora do campo isolado pela fita amarela.

— Receio que não possam passar. Esta área está fechada para o público.

E com isso, o joguinho deles começou.

— Isso podemos ver — observou Wexler, retirando sua boina com deliberada exibição de pompa. -

Eu, entretanto, não sou membro do público. Sou membro do Conselho Universitário, e há muito tempo chefe desta área.

O guarda parecia apenas meio convencido, e não se moveu.

— Esta jovem — disse Wexler fazendo um gesto desdenhoso na direção de Emily — é minha assistente, o que significa que ela é uma velha amiga que faz o que eu mando.

Emily mordeu a língua e forçou-se a concordar com a cabeça num gesto submisso de assentimento.

Mais tarde ela daria sua opinião sobre dois ou três detalhes da descrição feita por Wexler.

— E aqueles homens — continuou Wexler apontando um grupo de três homens vestindo ternos cinza, que conversavam em meio às ruínas dentro da área isolada - são meus colegas, que já parecem levemente irritados com o fato de eu ainda estar aqui, e não lá.

Ele fez uma pausa para permitir que o guarda absorvesse o que ele havia dito.

— E eu lhe agradeceria se o senhor nos deixasse entrar, pois esta pequena confusão acrescentou muita coisa à minha programação para hoje.

O guarda hesitou, mas Peter Wexler era um imponente acadêmico idoso em uma cidade dirigida por acadêmicos, e nesse momento seu olhar imperioso fixava-se firmemente no rosto do guarda, como se ele estivesse repreendendo uma criancinha.

— Muito bem, senhor — disse o guarda finalmente, cedendo à pressão. Oxford era uma cidade cheia de professores pomposos que eram muito influentes. Ele podia permitir que o aquele velho entrasse agora, ou poderia deixá-lo entrar mais tarde, depois de receber uma solene reprimenda de seus superiores por ter feito uma besteira e estremecido as frágeis relações entre os acadêmicos e a população da cidade. — Mas tomem cuidado. O prédio está suficientemente estável agora, mas o chão não está.

— Agradecemos - respondeu Wexler de maneira formal, puxando Emily pelo ombro e trazendo-a junto consigo. Os dois passaram por baixo da faixa amarela e começavam uma caminhada decidida na direção dos outros homens.

— Sua assistente? — murmurou Emily pelo canto da boca, incrédula.

— Não seja melindrosa, eu também a chamei de velha amiga — acrescentou Wexler. — Eu lhe dispensei o tratamento completo. Degradação dupla. Pareceu adequado para as circunstâncias.

— E tenho certeza de que o senhor adorou fazer o papel do velho tolo e refinado — disse Emily virando os olhos. — Imagino que nada do que o senhor disse era realmente verdade. .

— Isso depende muito da precisão que você deseja para a sua verdade — disse Wexler, que não se voltou para Emily, mas ela pôde perceber um brilho de satisfação em seu rosto.

Ela agora concentrou seu olhar no chão, navegando pelas pedras e tijolos que há pouquíssimo tempo ainda eram parte do desenho arquitetônico da cidade. Com todo aquele entulho, o hábito dela de usar sapatos baixos era um ponto positivo.

— Vou dar um alozinho rápido a meus colegas — disse Wexler. — Um reencontro e um pouco de lamentação em grupo, você sabe, o modo como os cavalheiros abordam a destruição. E você dê uma olhada em tudo. Mas não se demore muito. Imagino que eles vão acabar nos expulsando daqui.

Ele virou para a direita, onde estava o grupo, enquanto Emily continuou para a extremidade da igreja.

O dano, que impressionava à distância, era ainda mais impressionante de perto. Pedras que chegavam à altura dos ombros repousavam sobre o chão em ângulos estranhos, tendo sob si mesmas gárgulas e imagens quebradas ou esmagadas. Emily parou diante de uma estátua, provavelmente de um anjo, que durante séculos observara de sua imponente altura a população e os acadêmicos lá embaixo. Agora o anjo, partido em dois, fixava o olhar pouco acima do chão. A visão era opressora. Ela estava no meio da história, como se os livros e velhos documentos de repente tivessem ganhado vida. A construção da igreja da universidade havia marcado uma mudança na educação ocidental, um ponto de virada na história intelectual. Palestras sobre os grandes avanços da ciência tinham sido feitas ali. A Reforma tinha cobrado seu preço ali, bem como a Inquisição.

E ali estava Emily, uma das primeiras pessoas a contemplar sua destruição.

Emily tentou refrear a tentação de cair no sentimentalismo. Ela estava ali por um motivo, e esse motivo exigia que ela mantivesse totalmente o foco. Tentando aparentar que tinha uma razão e também a permissão de estar ali, Emily foi na direção da extremidade oeste do prédio e do longo muro que dava para a High Street. Aquele lado tinha sofrido o menor dano, e Emily foi até a porta, avançando sem olhar para o policial uniformizado que estava de guarda para impedir que entrassem turistas e curiosos.

O contato dos olhares só iria provocar perguntas, e ela não tinha certeza de que poderia improvisar de forma tão convincente quanto Wexler.

No interior, havia quase o mesmo número de investigadores que Emily tinha visto do lado de fora da igreja. Ela tentou imitar o comportamento observador

deles enquanto examinava o ambiente ao seu redor. A extremidade oeste, que abrigava o famoso vitral de Charles Kempe representando a Arvore de Jessé, tinha milagrosamente sobrevivido incólume e, de fato, toda a extremidade da área oeste permanecia numa condição relativamente boa. Olhando através da nave na direção da extremidade oposta, o mesmo parecia se aplicar lá. O presbitério, reconstruído em meados do século XV e adornado com assentos de madeira da mesma época minuciosamente entalhados, tinha a mesma aparência que Emily recordava dos seus tempos de estudante.

O longo espaço entre as duas pontas, entretanto, tinha sofrido o impacto da explosão. O teto havia ruído sobre o altar central e o púlpito, e a parede que se conectava com a parte norte e sustentava a torre agora estava desmoronada formando um monte enorme de escombros. A capela lateral, que levava o nome de Adam de Brome, prior da igreja no século XIV e fundador do Oriel College, tinha sido completamente destruída. A luz do sol invadia o espaço por ângulos estranhos, podendo pela primeira vez em séculos entrar na igreja diretamente e não pelos vitrais, trabalhos de mestres como Pugin e Kempe. Agora o sol invadia a igreja por enormes buracos no teto e nas paredes.

Apesar do esforço para se conter, a historiadora dentro de Emily estava cada vez mais emocionada diante da cena. Aquela fora a igreja em que o Cardeal Newman pregara antes de abandonar a Igreja Anglicana pela Católica Romana; e na qual John Wesley, fundador do Metodismo, tinha feito seus sermões antes de ser banido por seus provocadores comentários sobre a indolência e a indiferença religiosa dos membros da Universidade. Aquela igreja também testemunhara alguns dos primeiros testes impostos pelos ingleses à Reforma Protestante, quando fora usada como um tribunal para os julgamentos de Latimer, Ridley e Cranmer — dois bispos e um arcebispo reformistas que acabaram executados numa pira não longe da igreja por se recusarem a se submeter aos movimentos pró-romanos de uma nova rainha. Emily não se considerava nem católica, nem metodista, nem mesmo protestante, mas aquela construção, que agora tinha sua estrutura semidestruída, fora o local de eventos e momentos que tinham moldado a história moderna.

E talvez seria mais uma vez, se de fato tivesse alguma ligação com a Biblioteca de Alexandria, há tanto tempo perdida. Esse pensamento, que menos de uma hora atrás a teria surpreendido por seu caráter estapafúrdio, parecia menos ridículo nas circunstâncias atuais. Aquela tinha sido uma destruição deliberada, claramente ligada com o assassinato de Arno Holmstrand.

Emily caminhou ao longo da nave sul da igreja na direção dos escombros no centro, murmurando as enigmáticas orientações de Arno: Orar, entre duas Rainhas. Em uma igreja dedicada à Virgem Maria, Rainha do Céu, devia haver estátuas, pinturas, algo representando a padroeira celeste daquele edifício.

Ela olhou por sobre os escombros que consumiam o centro da igreja. Se estava ali, já não está mais.

Qualquer estátua que pudesse ter sobrevivido ao peso esmagador da torre estaria enterrada por semanas antes de ser recuperada. As circunstâncias dos dois últimos dias, entretanto, eram suficientes para convencer Emily de que ela não tinha semanas a seu dispor.

Ela olhou para trás, observando o caminho que fizera. Não havia nenhuma estátua digna de nota ao longo do trajeto, e nada lhe chamava a atenção nas janelas laterais. Ela esticou o pescoço para enxergar mais à frente e, não pela primeira vez em sua vida, parou para se maravilhar com o esplendor da enorme janela oeste. Mesmo a destruição espalhada por toda parte não conseguia diminuir sua beleza.

A imagem representava a grande visão do profeta Isaías, na qual se anunciou que Cristo viria da “árvore de Jessé”, parte da antiga linhagem do rei Davi. A janela interpretava a visão literalmente e era o retrato impressionante de uma enorme árvore com galhos se entrelaçando através do espaço, cada um suportando imagens de reis, profetas, patriarcas e ancestrais. No centro, como a concretização da visão, havia uma imagem do próprio Cristo.

Nos braços de sua mãe.

Emily concentrou o olhar no painel central da janela. O menino Jesus nos braços da mãe, apoiado nos joelhos dela como num trono. Ela usava um traje real, e em cada detalhe compunha a imagem da Rainha do Céu.

Orar, entre duas Rainhas.

A respiração de Emily ficou mais rápida. Observando as molduras próximas à vasta janela, ela buscou outra imagem da Virgem. Teria o símbolo sido introduzido no vitral pelo próprio Kempe, ficando entre duas imagens de Maria? Seria o caminho no qual Arno a guiava assim tão antigo?

O olhar de Emily perscrutou o intrincado vitral várias vezes, mas ela não conseguiu encontrar a segunda imagem da Virgem. A segunda deve estar em algum outro ponto da igreja, pensou ela. Essa idéia parecia fazer mais sentido do que a da segunda imagem estar na própria janela.

Encontre outra imagem de Maria, e depois o espaço entre elas. Emily expandiu seu campo de busca. As paredes que a rodeavam não ofereciam nada, e seu coração ficou oprimido quando ela mais uma vez olhou para a parte central da igreja coberta de escombros. Seu olhar foi mais adiante, passando pelo arco do presbitério e chegando aos assentos do coro além do arco. O quadro feito por Francesco Bassano da adoração dos pastores ainda permanecia sobre o altar da extremidade leste, mantendo-se desafiadoramente firme contra o choque da explosão.

Acima da pintura, naquilo que Michael insistia que Emily devia chamar de “retábulo”, mas que ela sempre chamava de “fundo do altar”, havia sete estátuas. Uma em particular logo se transformou no único objeto de sua atenção.

Diretamente acima do próprio altar leste estava uma estátua do menino Jesus, carregado nos braços de uma mãe-rainha.

Orar, entre duas Rainhas. Cada extremidade da longa igreja tinha em seu centro a mesma imagem da Virgem Maria, uma em vidro, outra em pedra. O foco na pista de Arno de repente cristalizou-se na mente de Emily. O pequeno emblema de Arno, além de qualquer outra informação que o acompanhasse, tinha de estar a meio caminho entre aquelas duas imagens. Entre duas Rainhas. Um ponto precisamente no centro da igreja.

E diretamente abaixo de milhares de toneladas de pedra desabada.

CAPÍTULO 38

OXFORD, 15H50

Quando Emily saiu da igreja poucos minutos depois, sua expressão era sombria. Ao caminhar pela viela conhecida como Catte Street, na extremidade leste da construção, ela pouco se preocupava em ser ou não detida pela polícia e retirada do local. Suas descobertas lá dentro tinham acabado com todas as suas esperanças de que a informação que Arno Holmstrand queria que ela encontrasse, e que Emily sabia que estivera lá, pudesse ser acessada. Arno havia escrito que outros buscavam essa informação. Parecia claro que eles tinham chegado lá primeiro, e ocultado seus vestígios de um modo dramático. O que quer tivesse estado lá para ser visto estava agora inteiramente inacessível. Emily não tinha idéia de quanto tempo levaria, semanas ou meses, para que o monte de pedras fosse retirado do centro da igreja e, mesmo depois de removidas as pedras, ela não sabia se a pista que buscava ainda estaria lá.

Olhando em volta, seus olhos encontraram os de Wexler, que ficou visivelmente aliviado por vê-la fora do prédio. Murmurando rápidas despedidas para o grupo em torno dele, Wexler acenou afirmativamente com a cabeça para Emily e os dois se dirigiram para fora do local do crime, passando por baixo da fita e chegando à área permitida. Foram em silêncio na direção de Kyle, ainda sentado no banco de pedra e absorto em pensamentos.

— Eu estava começando a me perguntar por quanto tempo mais eu conseguiria manter aquela pequena farsa — disse Wexler. Ele olhou com ar esperançoso para Emily. — Espero que tenha sido tempo bem despendido.

— De certo modo, sim — respondeu ela. - Encontrei as duas rainhas: uma imagem de Maria na janela oeste e outra imagem em forma de estátua no altar do outro lado. Mas orar entre as duas não é possível atualmente.

O professor ergueu uma sobrancelha, questionando.

— O ponto médio entre as duas imagens — disse Emily — é atualmente uma enorme pilha de pedra e escombros.

Wexler olhou de volta para a igreja, e à medida que seus olhos fixaram as ruínas da torre, ele compreendeu o que Emily dizia. O professor parecia sentir uma dor física ao ouvir a notícia.

— Não tenho certeza de que sei como continuar — admitiu Emily, tentando disfarçar o tom de derrota em sua voz. — O que quer que esteja embaixo daqueles escombros, não há como acessá-lo. Pelo menos não agora.

De repente, Kyle se levantou. Quieto até aquele momento, ele agora era o único dos três que tinha uma expressão de esperança.

— Na verdade, dra. Wess, não acredito que o problema seja tão grande quanto está imaginando.

Emily, em meio a sua frustração, ficou surpresa pelo tom positivo.

— Não é um problema tão grande quanto estou imaginando? Professor, — disse ela dirigindo-se a Wexler - o senhor sabe como escolher os otimistas!

Ela olhou de novo para Kyle: — Escute, sei que a esperança é a última que morre, mas uma dose de realismo faz bem para a alma.

Entretanto, enquanto Emily falava, o rosto do rapaz ia ficando mais animado, e o que a princípio parecia esperança agora ia se transformando numa expressão de resoluta satisfação. Em vez de ficar acabrunhado com a resposta atravessada, ele abriu um sorriso maroto.

Emily não entendia.

— Você não acha que toda a estrutura desmoronada de uma igreja constitui um problema?

— Não — disse Kyle resoluto. — Não para você. Porque tenho certeza absoluta de que embaixo daquele entulho não há mesmo nada.

CAPÍTULO 39

NOVA YORK, 10H30

15H30 EM OXFORD

Um desconforto crescente agitava o estômago do secretário. Jason e seus homens estavam em seus postos em Oxford, fazendo a coordenação entre uma equipe de rua local e a agência de Londres. Todos os seus homens da Inglaterra já tinham mostrado suas habilidades como agentes; a equipe que Jason tinha recrutado para lhe dar apoio em sua tarefa eram homens de negócios na fachada; eles conheciam muito bem o território e não falhavam na apresentação de resultados. Como Jason, eles eram a personificação da lealdade, do sigilo e da eficiência: os companheiros ideais para o secretário. Da mesma forma que ele era um homem que só queria as melhores bebidas, os pratos mais sofisticados, os ternos mais elegantes, ele também só queria os melhores homens a seu serviço. Homens que conhecessem o poder do secretário e o lugar deles, que temessem o secretário e se contentassem com suas posições. Não homens de sim e não, mas homens que nada diziam. Homens que simplesmente faziam, e cumpriam seus desejos ao pé da letra.

A pequena equipe estava agora concentrada no processo de comparar as duas imagens digitais da igreja, cujas cópias estavam no computador do secretário, bem a sua frente. Uma teünha à esquerda dos modelos era atualizada continuamente com a lista dos itens que, segundo o cotejo da equipe estava verificando, tinham sido destruídos na explosão. A listagem incluía a procedência dos objetos, seu design, sua herança e história. Os resumos eram minuciosamente detalhados. Qualquer ponto mínimo podia ser importante, e a equipe produzia listas extensivas. A missão estava indo bem.

Ainda assim, ele sentia o estômago revirado.

O secretário recebia relatos telefônicos a cada dez minutos, mas o tempo entre as chamadas estava ficando intolerável. Cada segundo parecia trazer novas dúvidas,

novas preocupações. Sua mente repassava continuamente o perturbador conjunto de detalhes que acompanharam a morte de Holmstrand.

O último ato do Guardião. Um telefonema mais cedo naquele mesmo dia. O livro, com as páginas faltando. A igreja. A explosão.

Ele girava um clipe de papel entre os dedos da mão esquerda, um tique que trouxera da infância.

Alguma coisa não está certa. Ele baixou mais uma vez os olhos na direção do livro, das páginas que Arno Holmstrand tinha tentado impedir que ele visse mas que, ao que parecia, ao mesmo tempo parecia ter desejado que ele buscasse e encontrasse.

A igreja. A explosão. O livro aberto. O livro aberto, completamente visível.

Sentiu mais um aperto no estômago. O Guardião, ele sabia, era um homem traiçoeiro. De logros e ardis.

Ele não era um homem sábio, acreditava o secretário, pelo menos não em nenhum sentido nobre e verdadeiro. Mas ele era esperto, e um mestre das artimanhas. Ele ficara sabendo dos planos do Conselho para Washington, mas nem mesmo a visão do poder que eles iriam conquistar dentro do mais recôndito santuário da máquina política americana o impedira de investir suas últimas energias naquilo.. naquela outra tarefa. Naquela desprezível e vergonhosa zombaria de toda a razão de ser do Conselho.

Foi nesse momento que o secretário teve sua epifania. Com uma claridade que só lhe vinha quando as circunstâncias provocavam sua sabedoria mais profunda e verdadeira, o secretário de repente se conscientizou de que o último ato do Guardião não era apenas uma missão de vingança e desdém. Não, era mais que isso. Muito mais. E, naquele mesmo momento, o secretário soube que, até aquele minuto, ele estivera analisando a situação da forma errada. Os mentirosos sempre mentem, disse ele numa repreensão a si mesmo. Ele estava dando muito crédito à aparência externa do último trabalho de Holmstrand.

O secretário esticou o braço sobre a mesa em busca do telefone, selecionou uma tecla de discagem rápida no grande painel digital e o aparelho ao seu ouvido.

— Sou eu — anunciou ele, certo de que o homem do outro lado não precisaria

de mais detalhes. — Quero que você vá até a faculdade do Guardião. Agora. Consiga informações sobre todas as pessoas com quem Arno Holmstrand trabalhava, e todos com os quais ele conversou nos últimos cinco dias.

Ele colocou o telefone de volta no lugar, e sua mão deixou uma camada de suor sobre ele.

O último lance do velho desgraçado não foi direcionado a mim, pensou ele, estimulado por sua nova percepção. Suas migalhas de pão foram deixadas para alguma outra pessoa. E tenho toda a certeza de que vou descobrir quem é.

CAPÍTULO 40

Oxford, 16H10

- Do que você está falando? — perguntou Peter Wexler, cuja expressão confusa falava por ele e por Emily.

Kyle passou uma mão por seu cabelo curto, como se retirasse qualquer resto de dúvida.

— Enquanto vocês dois entraram para explorar a igreja, fiquei tentando entender toda esta situação — respondeu ele — e o pensamento que não consegui tirar da cabeça foi o de que tudo isto é gritantemente óbvio — completou, abrindo os braços num gesto que apontava todo o ambiente em volta deles.

— Óbvio?

A palavra conflitava com a opressiva sensação de intriga que dominava Emily naquele momento. A única coisa que para ela estava óbvia era sua perplexidade. E sua frustração. E talvez a crescente irritação com o otimismo daquele jovem.

— Pensem um pouco — continuou Kyle. — Arno é assassinado e a igreja explode no mesmo momento. Ligação mais que óbvia, já que ele a direcionou para Oxford e lhe comprou uma passagem antes de morrer. Não é preciso um detetive de primeira para ligar os pontos.

Emily esperava mais. Ela ainda não conseguia entender para onde Kyle estava conduzindo a conversa, mas as palavras dele iam ao encontro do mal-estar que ela havia sentido antes diante da suposta simplicidade das mensagens de Arno.

— E também tem a pista que nos trouxe até aqui — prosseguiu Kyle. — Igreja da Universidade, a mais antiga de todas. Quero dizer, vejam bem. .

Seus olhos se dirigiam a Emily, depois a Wexler, e de volta para Emily, exasperando-se porque eles não percebiam o que ele queria dizer. Outro homem teria se alegrado em derrotar dois eruditos na solução de um enigma, mas Kyle Emory estava muito envolvido na intriga daquele caso. Ele queria que eles vissem o que para ele estava claro.

— Acho que o motivo que nos fez decifrar essa pista tão facilmente - disse ele por fim — é que ela era mesmo simples. Simples demais. “Fichinha”, “bico”, como dizem por aí. Qualquer pessoa que já esteve num tour a pé por Oxford sabe que essa igreja é o prédio mais antigo da universidade. E, se isso não fosse suficiente, o nome da igreja está na pista. Se seu professor conseguiu descobrir uma biblioteca que ninguém mais conseguiu descobrir durante 1500 anos, você acha que ela foi escondida por trás de pistas que qualquer guia turístico de Oxford seria capaz de decifrar?

Emily continuou calada. O rapaz era esperto, naquele seu estilo irritantemente diligente e preciso. Ele havia escolhido se concentrar no que parecera apenas um detalhe para Wexler e também para Emily, que foram levados pela emoção barata do trabalho de um detetivezinho amador. O modo de ele enxergar as coisas havia sido compensador.

— Você está certo. As mensagens dele são muito. . muito. .

— Óbvias — completou Kyle, permitindo que um leve brilho de satisfação iluminasse ~seu olhar enquanto ele repetia seu pronunciamento anterior.

Emily concordou com a cabeça, sentindo uma ponta de inveja, mas reconhecendo as habilidades do rapaz.

— E também tem essa coisa das duas rainhas — prosseguiu Kyle. — dra. Wess, você ficou lá dentro por dez minutos, e embora metade da igreja tenha se transformado em escombros, você ainda foi capaz de visualizar as duas rainhas. Encontrou um ponto no meio. Encontrou esse ponto coberto de pedras, certo, mas ainda assim o encontrou. No que diz respeito a pistas, essas foram diretas até demais. Certo?

O entusiasmo de Kyle ia aumentando, e ele falava de forma quase autoritária.

— Se tudo isso tem a ver com a Biblioteca de Alexandria — continuou ele, completando sua observação — e as pistas deixadas por Arno Holmstrand

devem manter essa descoberta fora do alcance das mãos erradas, então elas têm um problema básico?

— E qual é?

— Elas não vão conseguir despistar os inimigos. Elas são ridiculamente simples, totalmente inadequadas para o objetivo. Até alunos do primário, em alguns dias, poderiam decifrá-las.

— Arno Holmstrand não era nenhum idiota, Kyle - disse Wexler, entrando na conversa. — Acho muito improvável que ele não encontrasse um modo eficaz de ocultar seu real objetivo.

— Professor, o senhor está absolutamente certo — respondeu Kyle, agora totalmente arrebatado pelo momento. Seu entusiasmo fazia seus ombros se levantarem e suas mãos se moverem na frente do corpo, marcando sua fala, como se a solução para os enigmas daquela tarde estivessem pairando no ar entre eles.

— O fato de essas pistas serem tão diretas e simples não me faz pensar que elas são ruins. Faz-me pensar que elas são.. brilhantes.

Ele olhou diretamente para Emily, cuja curiosidade estava agora elevada ao máximo. — Acho que seu professor concebeu essas pequenas orientações especificamente para que elas fossem enganadoras. Duas vezes. Uma vez, de uma forma suficientemente misteriosa para envolvê-la, fazê-la perceber que de fato existe um enigma, fazê-la ficar entusiasmada à medida que as peças começam e se encaixar e você acha que encontrou a solução. Em outras palavras, se mais alguém descobrir essas pistas, suspeitando que elas ocultem algum segredo, o professor quer que essas pessoas achem que solucionaram o enigma. Para reforçar a expectativa, e depois despistá-las. Mas as pistas devem ter uma função dupla. Elas ocultam algo duas vezes. A primeira leitura é um logro que esconde a segunda leitura. Se caírem nas mãos erradas, os novos donos serão levados a uma busca inútil onde não há nada a ser encontrado.

Um ardil duplo. Enquanto ouvia, Emily cogitava várias possibilidades em sua mente, e ficava cada vez mais convencida. Apenas um fato crucial colocava em xeque a teoria de Kyle. Um fato que, literalmente, estava em toda a volta deles.

— Mas o que dizer de tudo isto? — indagou Emily apontando para os escombros

da igreja. — A destruição da igreja parece confirmar a leitura mais simples. Se a pista não aponta para cá, por que alguém bombardearia a torre? E obvio que mais alguém sabia, ou acreditava piamente, que uma informação importante estava contida aqui.

Kyle fez uma pausa muito rápida. Por mais que sua teoria parecesse improvável, ele tinha certeza de que estava certo.

— Um ardil - respondeu ele. — Ardil que tem como objetivo dar credibilidade à leitura falsa.

A sugestão deixou Emily pasma, mas Kyle confirmou sua sugestão. — Não acho que outra pessoa destruiu a igreja. O próprio Holmstrand a explodiu.

— Meu Deus! - exclamou Wexler ofegante, enquanto seus olhos esbugalhados examinavam mais uma vez a cena. O alcance da sugestão de Kyle era espantoso. Toda aquela destruição como uma manobra.

Se ele estivesse certo, Holmstrand ou quem quer que estivesse envolvido na destruição da igreja fizera aquilo deliberadamente, causando uma devastação física e histórica, apenas para despistar supostos perseguidores. Além disso, Emily fora envolvida em algo muito maior do que Wexler esperava. Maior que qualquer coisa que ele já vira em sua longa carreira acadêmica. Grande o suficiente para fazer o que qualquer historiador julgaria inescrupuloso: destruir um monumento histórico para proteger um segredo.

Os três acadêmicos ficaram um longo tempo olhando para os escombros da antiga igreja.

Quando Kyle falou de novo, sua voz estava mais calma e resoluta. Ele proferiu suas palavras ainda olhando para a cena de destruição.

— Seja ou não a Biblioteca de Alexandria, o que você precisa encontrar deve valer uma fortuna fabulosa.

Emily finalmente desviou os olhos das ruínas da igreja, voltou-se para os outros e falou levada pela emoção do momento.

— Então, o Canadá venceu as disputas culturais por hoje, já que você enxergou o que o professor Wexler e eu não conseguimos ver.

Wexler, tocou com a mão a boina para expressar sua admiração.

— Vamos então supor, Kyle, que você esteja certo — continuou Emily. —Se você estiver errado, não há muito o que possamos fazer. Mas se você está certo e as pistas tinham o objetivo de confundir, como podemos encontrar o verdadeiro significado?

A resposta de Kyle trouxe de volta o véu do mistério. - Parece, dra. Wess, que você ainda tem de descobrir como orar entre duas rainhas.

CAPÍTULO 41

NOVA YORK - 11H15

16H15 EM OXFORD

— Você não vai gostar nada disto - disse o homem de forma solene ao pequeno telefone celular. Trent era um Amigo de longa data, e o secretário lhe permitia uma informalidade que jamais permitiria a seus outros homens.

— Pode falar — respondeu o secretário. Embora sua voz não traísse nada, o comentário atraiu sua atenção e ele se endireitou na poltrona.

— Fizemos uma investigação completa de todas as pessoas do departamento do Guardião no Carleton College. Está tudo certo com os membros de seu departamento, tanto os que estavam com suas famílias para passar o feriado quanto os que permaneceram no campus. Todos os membros, exceto um.

O secretário segurou com mais força o telefone.

— Quem é?

— Uma jovem professora, dra. Emily Wess, não está onde deveria estar.

O secretário pronunciou o nome em voz baixa para si mesmo. Era um nome familiar no sentido de ter constado na lista dos colegas do Guardião na faculdade, na época em que eles haviam descoberto a identidade dele. Eles haviam investigado todas as pessoas da lista, mas ninguém havia levantado suspeitas, nem Emily Wess.

— Nós averiguamos o departamento meses atrás - refletiu ele. — Wess não nos

chamou a atenção.

— Não - respondeu o Amigo. - É uma iniciante, pelo que vimos no arquivo dela. Jovem, nova na instituição, ainda não muito graduada. Mas — disse ele debruçando-se sobre o telefone como se para estar mais perto do secretário — o tema de sua tese de doutorado é. . de nosso interesse.

O secretário já estava acessando as informações de Emily Wess em seu computador. Cada investigação de pessoas que o Conselho fazia ficava permanentemente armazenada, exatamente para momentos como aquele. Quando o material apareceu na tela, o nó em seu estômago transformou-se em um tijolo.

— Na pós-graduação - continuou Trent do outro lado da linha - a dra. Wess estudou Ptolomeu. E o Egito.

Suas palavras confirmavam o que o secretário estava lendo na tela.

— Isso está no arquivo dela - disse o secretário mais uma vez, só que agora seu tom estava incomumente polido. — Nós a investigamos. A mulher tem um interesse no Egito e sua história, mas não foi possível estabelecer nenhuma ligação nem com a Sociedade nem especificamente com o Guardião. Ficamos de olho nela, porque ela trabalhava na mesma instituição, mas nada que observamos foi motivo para suspeitarmos de alguma ligação.

— Eu sei — respondeu o Amigo. - Muita gente estuda história, até mesmo história do Egito antigo.

Mas o arquivo da dra. Wess se torna muito mais interessante quando ficamos sabendo onde ela decidiu passar o feriado de Ação de Graças.

— Onde?

— Na Inglaterra. Emily Wess chegou a Heathrow hoje de manhã.

CAPÍTULO 42

OXFORD, 16H35

Emily se separou de Kyle e Wexler alguns minutos depois da conversa deles do lado de fora da University Church. No meio da tarde, os dois oxfordianos tinham tarefas a cumprir. Ela, por sua vez, sentia que podia usar algum tempo para pensar nas complexas revelações que o dia lhe trouxera. Fosse em virtude de jet lag, do trauma por causa da magnitude dos eventos ou simplesmente da enorme quantidade de informações que ela tivera de absorver nas poucas horas desde que aterrissara em solo inglês, sua cabeça latejava e ela queria ficar um tempo sozinha. O grupo combinou de se encontrar naquela noite para jantar na casa de Wexler, que também lhe oferecera hospedagem por todo o tempo que ela permanecesse na cidade. Ele lhe deu o endereço e tomou providências para que a pequena mala de Emily fosse levada a seu quarto de hóspedes, de modo que ela não tivesse que carregá-la pela cidade.

Deixando para trás a praça e a igreja, Emily virou à esquerda rumo à calçada levemente curva da High Street. Tradicionalmente, a High Street era a rua que na maioria das cidades inglesas se destacava por lojas nacionais de varejo e comércio de luxo, mas a de Oxford era diferente. No lugar do glamour de lojas de roupas caras e artigos eletrônicos, ela abrigava uma série de faculdades, cafés e alguns esta-belecimentos comerciais. O distrito comercial havia mudado, Emily não sabia há quanto tempo, para o Cornmarket, que não ficava longe dali, deixando a High Street relativamente sem lojas, embora nela estivessem sempre presentes ônibus e táxis.

Emily desceu a rua na direção de um local conhecido de seus tempos de pós-graduação. Uma pequena cafeteria que ficava na esquina de uma rua perpendicular à High Street, bem em frente ao prédio das Examination Schools, onde aconteciam quase todas as conferências da Universidade. O estabele-cimento era despretensioso e agradava em cheio a Emily: o café era forte, a localização conveniente, o ambiente agradável. Ela se sentou a uma mesa, pediu

um espresso duplo e ficou olhando através da janela para o constante fluxo de transeuntes.

Depois de Kyle ter defendido seu ponto de vista, a convicção de que ele estava certo logo tomou conta de Emily. As pistas, como eles as estiveram interpretando, eram óbvias demais. O temor de Arno de que outra pessoa encontrasse as cartas antes de Emily evidentemente fora forte o bastante para que ele codificasse até os códigos. A igreja de Oxford, que era um marco da cidade, o próprio cerne histórico da universidade, havia sido destruída como parte do ardil para despistar do caminho certo supostos perseguidores. Emily tentava entender a urgência que Holmstrand deveria ter sentido para tomar a decisão de destruir aquele monumento histórico tão importante.

Mas quem era exatamente esse homem? — perguntava-se Emily. — De que tipo de ligações, de que tipo de poder necessitava um homem para ser capaz de tramar a destruição de um prédio daqueles a partir de seu escritório na região rural de Minnesota?

E que diabos tudo isso tem a ver comigo? Essa era uma pergunta que não saía de sua cabeça. E, para essa pergunta, Emily ainda não tinha nem o início de uma resposta.

A verdadeira pergunta, porém, era como ela iria decifrar o significado das pistas que Holmstrand se esforçara tanto para ocultar. Emily sabia que deveria pensar de forma diferente para penetrar na mente de Arno. Ela relembrou seguidas vezes as palavras de Holmstrand. Igreja da Universidade, a mais antiga de todas. Se o nome da igreja era óbvio, era também definitivo. Não havia outra igreja em Oxford que tivesse o nome da instituição. Se Arno tivera a intenção de que a pista apontasse para alguma outra coisa, será que Emily precisaria pesquisar mais a história de Oxford? Haveria outra igreja com o nome da universidade além daquela, mesmo que tivesse sido apenas por um tempo? A história tinha fluxos e refluxos. Talvez tivesse havido um período em que aquele não fora o centro religioso.

Será que o ardil estava em “a mais antiga de todas”?

Um grupo de turistas passou diante da janela da cafeteria, segurando câmeras para registar a imagem da faculdade situada ao lado. Emily ficou com o olhar perdido enquanto poses eram batidas e o momento era registrado nos cartões de

memória da era digital. Tomou um grande gole de seu café preto e espesso.

Ou talvez o ardil esteja em “Igreja da Universidade”? Se a primeira parte da pista tinha o objetivo de despistar, então Emily precisava buscar a igreja mais antiga de Oxford, independentemente de uma filiação à Universidade. Isso daria um trabalho e tanto. Seria a mais antiga igreja completa, ainda em pé? A mais antiga fundação? A mais antiga torre? Emily conseguia pensar em pelo menos meia dúzia de estruturas dentro do raio de uma milha que alegavam ser os remanescentes do prédio “mais velho” de Oxford: mais velhas torres, mais velhos muros, mais velhas fundações, mais velhos pisos. Em uma cidade que exalava antigüidade, todos tentavam aumentar o próprio valor proclamando-se mais antigos que todos os outros.

Ela tentava recobrar o foco. Orar, entre duas Rainhas. Fora do contexto da University Church, Emily não sabia por onde começar a decodificar a segunda pista de Arno. Deixando de lado todas as “Rainhas do Céu” que existiam em uma cidade cheia de igrejas e imagens da Virgem Maria, Oxford era também uma cidade de realeza, com uma longa história de interação com a monarquia. Prédios, ruas, placas, praças, estátuas, igrejas. Havia pelo menos uma de cada coisa dedicada a uma ou outra rainha. Era um número impossível.

Emily tomou mais um último gole de sua xícara. Embora tivesse apreciado muito o café, ela suspeitava que caminhar poderia aliviar melhor a frustração que ela sentia crescer com cada reflexão. Deixando algumas moedas para cobrir a despesa, ela saiu da cafeteria e atravessou a rua. Vendo-se próxima a um dos famosos “tours a pé” da cidade, ela diminuiu o passo e ficou ouvindo a monótona voz do entediado guia descrevendo as atrações ao seu redor. Emily havia feito um desses tours vários anos antes, em sua primeira visita a Oxford, quando era graduanda e estava fazendo intercâmbio por um ano. Por um instante, sua mente se desanuviou enquanto ela relembrava a enorme admiração que sentira diante daquele ambiente de conto de fadas, das grandes fachadas de pedra, dos mercados cobertos, dos enclaves fortificados das faculdades e dos pináculos das capelas. Mesmo quando era estudante, ela suspeitava de que os mal pagos guias desses tours inventavam metade dos “fatos” com os quais cativavam seus grupos de turistas, mas estranhamente ela não se irritava com isso. Oxford era tanto mito quanto fato, tanto sonho quanto realidade concreta.

— . .em um desafio direto às alegações do Merton College, que está atrás dele. .

Emily retornou ao presente quando uma diminuição no fluxo do trânsito tornou a voz do guia mais audível.

— Mas apesar de tudo isso, o University College, à sua esquerda, ainda afirma ser o prédio mais antigo da Universidade, datando de meados do século XIII.

Umas dez câmeras viraram para a esquerda e começaram a fotografar o edifício de pedra que o guia estava descrevendo.

O quê? Emily sentiu seu coração disparar. Antes que percebesse, já estava falando; sua boca se abriu e ela despejou a pergunta.

— Me desculpe, você poderia repetir isso?

O guia se virou para ela e com uma polidez ensaiada, concordou: — Claro. O University College é uma das três instituições que afirmam ser as mais antigas da Universidade. As outras duas são o Merton e o Balliol, que veremos em seguida.

O guia abriu um largo sorriso, mas seus olhos brilhavam com um ar de suspeita, como se sugerindo que se aquela turista, com seus olhos incomumente vividos e profundamente azuis, com sua bela aparência, tinha pagado 10 libras pelo tour, ele não tinha visto.

Emily, entretanto, ficara paralisada no lugar, deixando que o grupo se distanciasse enquanto ela pescava as cartas de Arno em sua bolsa. Puxando a terceira página, ela leu em voz alta as palavras que de repente adquiriram um novo significado.

“Igreja da Universidade, a mais antiga de todas.” O brilhantismo simples do disfarce agora saltava aos seus olhos, como se as palavras tivessem sido escritas com nova clareza.

Emily, assim como Wexler e Emory, tinham desde o princípio lido “University Church” — o nome conhecido de um marco conhecido, e um marco que Arno obviamente desejara que logo viesse à mente. Mas suas palavras tinham sido precisas. Não a University Church, mas University’s Church: a capela do University College, que alegava ser o mais antigo de todos.

Emily olhou para o robusto muro do University College, que se impunha sobre

as ruas abaixo dele.

Tomada por uma nova convicção, ela agora tinha certeza de que aquele era o objeto da instrução de Arno.

Ela se detivera na frente do portão mais ao leste do muro do college, que não era mais usado como acesso. Para entrar no complexo, ela precisaria caminhar um pouco mais naquela rua até o portão principal, mas no momento ela queria organizar suas idéias. Ela subiu os poucos degraus que levavam até a arcada do portão inutilizado, virando-se para sentar no degrau mais alto. Emily fechou os olhos por um instante, saboreando a falta de distrações visuais, entusiasmada com a rapidez com que o pequeno mistério de Arno estava começando a fazer sentido. Afinal de contas, aquilo poderia não ser uma busca impossível, que não levaria a lugar algum.

Ela abriu os olhos e mais uma vez examinou a frase escrita à mão: “Orar, entre duas Rainhas”. Emily sentiu uma nova determinação crescendo dentro de si. Ela também descobriria o objeto desse enigma.

A solução veio antes do que ela previra. Levantando os olhos da página, ela se viu olhando para uma imensa imagem de pedra. Do lado oposto da rua, rodeada por oito pilares de pedra branca que sustentavam uma cobertura sobre sua cabeça, estava a imagem nobre de uma rainha. A estátua ficava em uma cúpula privada, encimando um muro decorado que ficava perpendicular à rua. Emily agora a tinha ao nível de seus olhos porque estava no degrau mais alto do portão desativado do University College.

Queen’s College. Sua pulsação se acelerou à medida que ela rapidamente buscava de memória alguns fatos que conhecia sobre o lugar. Fundado em 1341, levava o home da Rainha Philippa, esposa do Rei Eduardo III, famoso por formar ótimos organistas e historiadores. Emily participara de um congresso ali em seu segundo ano de mestrado e, mesmo nessa época, sentira-se admirada diante da estátua no portão frontal. Poucas rainhas mereceram um monumento tão imponente numa instituição de ensino.

Ela é a primeira. Preciso da segunda.

Com uma certeza de quem sabe, Emily voltou seu olhar da direita para a esquerda e, mesmo antes de iniciar o movimento já sabia o que ia ver. Ali, quase à mesma distância na direção oposta, estava a torre avariada da University

Church of St. Mary the Virgin.

Ela então percebeu que estava entre duas rainhas. A sua esquerda, a Rainha do Céu, na forma de uma igreja dedicada à Virgem. A sua direita, uma Rainha do Reino inglês, na forma de uma faculdade dedicada a uma monarca do século XIV. E atrás dela, oculta de seu campo de visão pela espessa parede do college, estava a University’s Church, a Igreja do University College, a mais velha de todas.

Emily enfiou a carta de Arno na bolsa e voou para a porta.

CAPÍTULO 43

OXFORD, 16H55

A seqüência de eventos após a epifania de Emily aconteceu muito rápido. Chegando ao University College, ela pagou uma pequena taxa pelo direito de fazer um passeio no local e entrou no antigo recinto da instituição. No interior daqueles muros de pedra calcária, ela atravessou os jardins impecavelmente podados e foi direto para a capela. A grande construção ficava perto do salão, sendo que as duas impressionantes estruturas ficavam escondidas da visão do público em geral por causa do design do prédio, que é todo murado.

Emily entrou na capela com um único propósito. Todos os detalhes do belo interior, as estátuas de antigos mestres no vestíbulo, a tela de madeira toda entalhada, os vitrais de Van Linge que datam de antes da Guerra Civil, atraíram a atenção dela apenas como um possível local do símbolo da Biblioteca, como estava desenhado na carta de Arno. Em qualquer outro dia, ela teria reparado em cada detalhe daquele espaço sagrado, deliciando-se com o significado histórico e religioso dos que ela reconhecia, buscando aprender sobre os que não conhecia. Ela tinha passado horas fazendo exatamente isso em capelas e igrejas durante toda a sua vida, tomada por uma crença interna de que havia algo quase sacrílego em ficar perto de algo antigo e não se deleitar com seu significado. Mas hoje não.

Emily não tinha idéia de que forma teria o emblema: se seria algo brilhante em um vitral, algo esculpido em pedra, entalhado em madeira ou tecido em algum pano. Ela apenas sentia, com todas as forças do seu ser, que ele estava ali, em algum lugar. Cada traço arquitetônico, cada superfície, era uma possibilidade. Ela olhou mais uma vez para a terceira folha de papel que Arno lhe enviara, com o pequeno emblema desenhado perto do topo, as letras gregas beta e eta envolvidas por uma pequena moldura decorativa.

Ela passou pelo biombo de madeira e entrou na capela principal. Poucos visitantes se espalhavam no espaço, alguns parados e observando o ambiente, outros sentados nos velhos bancos em várias poses de devoção. Emily passou

por eles dirigindo-se para o altar, escaneando com seus olhos cada superfície.

Nada que tivesse uma mínima semelhança com o símbolo de Arno apareceu. Ela se voltou para o lado direito da igreja e passou os olhos sobre as paredes, bancos, janelas e assoalhos enquanto ia andando pela nave. Nada. Ela foi até a extremidade do altar e a examinou de novo, para depois repetir o procedimento com a parede e os bancos do outro lado. Outra vez nada.

Frustrada, ela esticou o pescoço e fixou os olhos no quase gótico teto da capela, com seus planos inclinados, arcos ogivais e curvas imponentes. O teto a observava silenciosamente, sem revelar nada.

Emily abaixou os olhos do teto, fixando-os mais uma vez na extremidade da nave onde ficava o altar, claramente o ponto principal da capela. Ele ficava separado do espaço principal da igreja por uma divisória tradicional, uma espécie de biombo feito em madeira escura com elaborados entalhes. Mestres entalhadores de alguma geração anterior haviam criado, a partir da sólida madeira, treliças e folhagens que pareciam quase leves como o ar, sendo apenas prejudicadas por uma camada de poeira cinza em seus recessos mais difíceis de alcançar, além de alguns arranhões e desgastes causados por séculos de uso como um espaço ativo de adoração.

Enquanto ela examinava a divisória, a atenção de Emily foi atraída por uma das pequenas partes arranhadas em seu canto. Visível apenas da extremidade do altar, onde ela agora estava, aquela parte mais áspera estava oculta da visão normal de visitantes e fiéis. E do ponto onde Emily estava ela conseguia perceber que aquela parte não só estava mais adulterada que as outras áreas, mas também que as marcas na madeira escura eram claras, como se tivessem sido feitas recentemente. Ela deu alguns passos e se aproximou, e as marcas começaram a ganhar uma forma coerente. O que antes parecera uma pequena rasura agora ia se definindo como um quadrado riscado, e linhas gravadas iam se revelando.

Letras, palavras, envoltas por linhas toscamente riscadas na madeira, e um pequeno símbolo. O símbolo.

Emily o havia encontrado.

Riscado de forma rústica na estrutura de madeira estava um símbolo idêntico ao que aparecia no topo da carta de Arno: as letras gregas, beta e eta sob sua marca

de abreviação, rodeadas por uma moldura decorativa. O despretensioso e simples emblema representando “nossa biblioteca”. Abaixo dele, gravadas na madeira dentro do pequeno quadrado, havia uma série de palavras desconexas.

CAPÍTULO 44

17H30

Emily ficou observando longamente aquele texto desconcertante; o senso de história, de aventura, era de repente tangível e real. Apesar de suas melhores intenções, sua mente escorregou para as idéias dos grandes sucessos hollywoodianos com seus templos de papelão e suas falsas estátuas de ouro. Como ser criada na região rural de Ohio não era o cúmulo da aventura, Emily desenvolvera desde a infância um entusiasmo quase masculino por filmes de aventura. Indiana Jones era seu favorito.

Isto é real, Indiana. Ela sentiu uma satisfação imensa.

Aquela era a primeira descoberta genuína de Emily Wess. Por si só, poderia não significar quase nada: algumas marcas arranhadas na parte posterior de uma divisória da igreja. Mas seu significado era muito maior. Emily estava agora completamente convencida de que a conversa de Arno sobre a Biblioteca de Alexandria era verdadeira, e que aquela era uma peça em um quebra-cabeça que levaria a uma descoberta que não se igualava a nenhuma outra que ela pudesse imaginar.

E se ela havia podido chegar até ali, poderia ir mais longe.

Ela olhou de novo para aquela gravação precária na madeira diante dela. Era o emblema de Arno, claro como a luz do dia. E abaixo dele, em letras toscas, uma série de palavras.



O LEGADO DE PTOLOMEU

VIDRO

AREIA

LUZ

Apesar do conhecido nome do rei egípcio, as outras palavras não tinham nenhum significado particular para Emily. Apesar de seu êxtase em ter conseguido fazer a descoberta, o conteúdo da mensagem era ainda mais intrigante do que os outros que lhe haviam sido transmitidos antes.

Mas estava claro que havia um caminho a seguir. Até ali ela chegara valendo-se da perspicácia de outras pessoas, e ela percebia que precisaria dessas pessoas de novo para descobrir os próximos passos.

Ela precisava de ajuda.

Tirando o celular do bolso de seu casaco, ela pressionou um botão prateado para ativar a câmera. Ao som dos cliques digitais que atestavam a realização da ação, ela tirou três fotos da inscrição na madeira, para garantir que ela ficasse claramente visível em pelo menos uma delas. Sua mente estava determinada. Embora ela e Wexler só tivessem combinado de se encontrar mais tarde para o jantar, Emily sabia que sua descoberta era importante demais para esperar. Colocando o celular de novo no bolso, ela saiu da capela e foi na direção da casa

do professor.

CAPÍTULO 45

NOVA YORK - 12H30

17h30 EM OXFORD

O senso de clareza, de revelação, que o secretário tivera algumas horas antes tinha se acalmado, transformando-se em uma determinação controlada e concentrada. Ele tentou relaxar os ombros enquanto a conexão telefônica foi se estabelecendo em vários pontos do mundo, até culminar no típico toque duplo da rede britânica.

Fazia pouco mais de uma hora, seus homens em Minnesota tinham confirmado sua nova interpretação do misterioso final do Guardião. O Conselho tinha sido vítima de uma armadilha, proporcionando cobertura para que a Sociedade envolvesse mais uma pessoa. Os próprios homens do secretário tinham sido mandados para vasculhar escombros enquanto o Guardião acrescentava um novo apoiador à sua causa. A missão para a qual seus mais confiáveis homens da Inglaterra tinham sido enviados era, o secretário agora tinha absoluta certeza, uma busca impossível. Um logro. Arno Holmstrand o estava provocando, mesmo após a morte.

Mas agora ele sabia quem era a pessoa. O fato de que a dra. Emily Wess tinha viajado para a Inglaterra, de que ela estivera lá na mesma época que seus homens, confirmava a visão do secretário.

A situação atual era diferente. Os fatos eram diferentes, pelo menos no seu significado. Ele já não podia acreditar que a explosão de Oxford fora uma manobra para esconder alguma coisa do seu Conselho.

Nada, pelo menos, do que havia na igreja.

O plano do Guardião fora enganoso, mas falho. Ele tinha perfeita consciência de

que as páginas por ele arrancadas de um livro facilmente acessível seriam recuperadas pelo Conselho num piscar de olhos. Do jeito que a coisa aconteceu, eles nem sequer precisaram passar pelo caro, lento mas geralmente confiável processo de tratamento químico dos restos queimados, rejuntando-os para verificar o que aquele homem queria que ficasse oculto. Jason simplesmente fora a uma livraria local e comprara outro exemplar da obra. Holmstrand agira de modo suficientemente deliberado, garantindo que não se tratava de nenhuma edição rara e que eles poderiam facilmente descobrir um exemplar dela. As páginas que ele arrancara de seu volume foram achadas em todo o seu esplendor, e a referência delas era clara.

A University Church of St. Mary, de Oxford. Um ponto de referência da cidade.

Em seguida, exatamente quando havia descoberto o objeto que seu inimigo sabia que ele iria discernir, o secretário soube da destruição da igreja. Uma explosão, apenas alguns minutos depois que o Guardião fora morto. A conexão era evidente. E, embora a extensão da manobra o surpreendesse, o desejo do Guardião de ofendê-los, levando-os rumo a um tesouro só para depois afastá-lo do alcance deles e obrigá-los a vê-lo interditado, não o surpreendia.

Os passos seguinte fora automáticos, e o secretário percebia agora que esse fora seu erro. Um alvo óbvio, um disfarce óbvio. Ele havia enviado os Amigos para cumprir uma tarefa óbvia sem hesitar: não conceder ao Guardião os benefícios da destruição. Descobrir o que jazia por baixo dos escombros.

Em algum ponto no fundo de si mesmo, além da esfera do que jamais admitiria, nem sequer para si mesmo, ele sabia que deveria ter tido mais discernimento. Ele deveria ter parado para pensar. Deveria ter observado além das aparências óbvias e ter percebido que estava sendo feito de bobo. Manipulado.

Depois de todos esses anos, ele deveria conhecer o jogo do Guardião.

Mesmo assim, numa visão retrospectiva, tudo ficava óbvio. Poderia ser um clichê, mas apesar disso era uma verdade. Ele estava agora sentado à sua mesa, absolutamente seguro de ter descoberto seu caminho em meio ao ardil do adversário. Ele fora levado a desviar-se da rota, mas havia descoberto o caminho de volta. Os homens de Minnesota haviam desempenhado bem o seu papel.

Ele fez uma ligação telefônica, e ouviu o toque em seu aparelho. Logo em seguida, uma voz respondeu.

— Estou aqui.

— Onde, exatamente? — perguntou o secretário.

— Perto da cena do crime — respondeu Jason. — Escureceu, e assim a polícia local nos pediu para deixar o ambiente, enquanto eles vão instalar holofotes para iluminar os escombros. O atraso não será grande. Vamos voltar para o interior da igreja em alguns minutos. A listagem de Londres está completa, e eles nos instruíram a investigar algumas zonas que ficaram escuras nos escaneamentos, algumas áreas que não foram cobertas por inteiro. Pode haver algo ali.

— Não — disse o secretário, secamente. Sua negativa, como ele esperava, não provocou nenhuma pergunta, nenhuma discussão do outro lado da linha. Apenas silêncio, aguardando explicações e instruções. Seu auxiliar mais próximo, aquele dentre os Amigos que desfrutava de sua total confiança e crédito, apesar de sua pouca idade, era bem treinado e confiável.

— As circunstâncias mudaram - continuou ele. — Não há nada na igreja. Trata-se de uma manobra ardilosa.

Do outro lado do Atlântico, o corpo de Jason se contraiu. Embora não dissesse nada, ele sentiu na pele os sinais da raiva. Não gostava de ser enganado.

O secretário suspeitou de sua raiva crescente.

— Não se preocupe, meu amigo. No fim, nós acabamos descobrindo o ardil. Como sempre fazemos.

— Qual é nosso próximo passo? —perguntou Jason. A única maneira eficaz de combater sua frustração era estabelecer um novo objetivo, um novo alvo e atingi-lo.

— Fazer o papel do caçador, e não o do mineiro.

O secretário aprumou-se junto à escrivaninha. — Estou enviando um arquivo para o seu telefone com uma fotografia. Esta mulher, a dra. Emily Wess, está aí em Oxford. Ela é agora sua prioridade. Ela tem um celular com um número registrado. Sua equipe deveria conseguir usá-lo para localizá-la.

Jason sentiu uma vibração em seu celular no exato momento em que o secretário

falou, indicando o recebimento de uma nova mensagem.

— Aguarde um instante — disse ele, abaixando o aparelho para a altura dos olhos. Uma mensagem curta aparecia num canto da telinha com informações sobre Wess. Ele a examinou rapidamente e tornou a levar o telefone aos ouvidos. - Entendido.

— Essa mulher é agora sua prioridade número um.

— Até que ponto ela está envolvida? — perguntou Jason. — O que é que ela sabe?

— Ainda não posso dizer. Só sei que está envolvida, e exatamente no âmago da questão.

O secretário fez uma pausa. Diante de qualquer outro homem, ele não admitiria essa aparente fraqueza, mas a Jason ele confiava todos os seus pensamentos.

— O nome dela já estava em nossos arquivos, mas nunca havia despertado nossa atenção. Ela era, pelo que sabíamos, uma colega sem importância do Guardião. Mas se deslocou para a Inglaterra imediatamente após a morte dele, usando uma passagem que ele mesmo reservou.

O trabalho de retaguarda que os homens do secretário haviam feito em Nova York já estava revelando ligações com os acontecimentos dos últimos dias.

— Ela está envolvida. Tenho certeza disso.

Houve uma pausa.

— Estamos neste momento na casa dela, verificando o que possa estar escondido por lá. Encontre-a e não a perca de vista. Não quero que ela seja eliminada antes de sabermos exatamente como ela está envolvida. Relate-me tudo o que você descobrir.

O secretário encerrou o telefonema, e Jason se dirigiu ao parceiro.

— Temos novas instruções. Tome isto.

Ele entregou ao homem seu celular, com os dados de Emily Wess ainda exibidos

na telinha.

— Rastreie seu telefone e leve-nos até ela.

— Diga-me qual é a área — respondeu o outro Amigo. — Onde vamos começar o rastreamento?

— Ela está aqui. Emily Wess está em Oxford.

CAPÍTULO 46

OXFORD, 18H

Emily tinha telefonado para o professor Wexler quando saía do University College e começava a atravessar a cidade tão rápido quanto podia. Depois de ela ter contado sobre sua descoberta, a voz dele do outro lado da linha tinha soado tão entusiasmada quanto a dela. Quando ela chegou, Wexler abriu a porta com grande receptividade.

— Entre, entre.

Emily entrou na casa de estilo vitoriano e abraçou seu anfitrião.

Com a carga de adrenalina que circulava em seu corpo, Emily não deu naquele momento tanta importância ao decoro.

— Tire os sapatos — instruiu Wexler. — A Madame não vai querer que você enlameie o chão dela.

Mesmo com a extensão das descobertas do dia, esperava-se que alguns protocolos fossem seguidos.

Emily obedeceu, tirou os sapatos e seguiu Wexler, calçando apenas as meias, até a sala elegantemente decorada.

Wexler tinha um ar de entusiasmo infantil quando se curvou numa reverência à mulher que estava sentada com ares de rainha no sofá.

— Emily Wess, minha adorável esposa, a sra. professor Wexler.

A mulher de Wexler levantou-se do sofá e abraçou Emily calorosamente.

— Não ligue para ele — disse ela sorrindo. — Meu nome é Elizabeth, e é um

prazer conhecê-la depois de todos esses anos.

Emily retribuiu o sorriso enquanto Elizabeth Wexler prosseguia: — Peter sempre me falou de você. E nunca falou mais do que hoje.

Elizabeth Wexler falava com o ar de uma mulher que conhecia muito bem a energia do marido.

— Por favor, Emily, sinta-se em casa. Vou cuidar do jantar que está no forno enquanto vocês dois vão se acomodando.

Ela dirigiu-se para a porta enquanto Wexler se aproximou para tomar o lugar dela, com os drinques já prontos em suas mãos.

— Um drinque, srta. Wess. E sente-se, também.

Emily pegou seu copo e fez como fora solicitado. Ela percebeu que a mobília na casa do professor era de um estilo muitíssimo mais refinado do que a que havia em seu escritório. Na universidade, Wexler preferia fazer o estilo do intelectual aplicado que não liga muito para as aparências. Em casa, entretanto, esse estilo podia ser colocado de lado.

— Não consegui fazer nada desde que você ligou — disse Wexler, ainda de pé, andando de um lado para o outro da sala. Ele foi até uma mesinha de café e apanhou um livro muito usado. — Estive tentando me ocupar, enquanto esperava, com informações sobre Alexandria e sua biblioteca, mas não é fácil manter esta velha mente concentrada.

Ele colocou o livro de volta na mesa e sentou-se em frente de Emily. Olhou para ela, ansioso.

Emily tirou seu celular do bolso do casaco sem dizer nada, acendeu a tela do aparelho e o entregou ao professor. Wexler olhou fixamente para a imagem.

— Incrível! Maravilhoso!

Emily segurou com mais força o copo em suas mãos.

— Olhe, se me disser que já entende o que isto significa. . — disse ela, num tom meio de brincadeira, meio de desafio. Ela estivera pensando no conteúdo da

mensagem gravada desde que a havia descoberto. Wexler a contemplara por menos de 20 segundos.

— Claro que não — disse o professor, tranquilizando-a prontamente. — Não tenho a menor idéia do que significa. Ainda não. Mas é simplesmente maravilhoso o fato de que a inscrição estava lá, você não concorda? Que você a encontrou! Que realmente existe algum sentido em todo esse curioso subterfúgio.

Ele olhou para Emily, ergueu o copo num gesto dramático e sorveu um longo trago em comemoração à descoberta. Logo em seguida respirou fundo enquanto o uísque ia queimando sua garganta e recostou-se em sua poltrona, aguardando que aquele momento de excitação desse lugar a uma disposição mais concentrada.

— Você. . você tem alguma idéia do significado das inscrições?

— Até este momento, só algumas observações — disse Emily endireitando-se na poltrona, assumindo sua postura analítica. — A primeira coisa que me chama a atenção é que a mensagem foi gravada em madeira, não em pedra ou à tinta. E ela foi gravada, não entalhada. Recentemente.

A última palavra ficou ressoando na cabeça deles dois. Era curiosa a justaposição de um símbolo gravado recentemente e aquilo a que ele se referia, algo tão antigo.

— Então é uma mensagem nova, não algum detalhe histórico daquela peça em madeira — comentou Wexler, com os olhos ainda fixos na pequena tela do celular.

— Ao que parece, sim. A madeira parece ter sido marcada há pouco tempo. A mensagem não está desgastada, como acontece com outros entalhes ali presentes. E parece que as palavras foram riscadas na madeira com, sei lá, algo aguçado, alguma ponta de metal. Como se tivessem sido gravadas rápido, com qualquer instrumento que estivesse à mão. Emily fez uma pausa, dando um tempo para que suas observações se organizassem. As curiosidades não acabavam ali.

— O segundo detalhe que chama a atenção — continuou ela — é a língua. A mensagem está em inglês, ao passo que quase todas as inscrições da capela são

em latim.

— Notei isso também — concordou Wexler, continuando a observar a imagem no celular.

— Esses dois fatos sugerem que a mensagem é recente, e eu diria bem recente. Essa gravura poderia ter sido feita ontem, ou na semana passada. Definitivamente, ela não faz parte de algum conjunto antigo de pistas.

— O que quer dizer que ela não pode ter sido plantada ali pelo próprio Holmstrand, — observou Wexler — pelo menos não fisicamente. . a menos que ele tivesse sido capaz de desaparecer de seu campus e vir vagando até aqui num intervalo tão curto de tempo, o que não parece provável. Alguém deve tê-lo ajudado.

Emily considerou as implicações do argumento de Wexler. Pistas estavam sendo deixadas para que ela as descobrisse, e Arno estava por trás delas. Mas ele não estava agindo sozinho.

— Então, Holmstrand, antes de morrer, teve alguém que o ajudou a plantar a mensagem. Algo novo, plantado por algum motivo.

Wexler considerou os comentários de Emily por um longo momento. Quando falou, suas palavras eram uma continuação dos pensamentos dela.

— Mensagem plantada por alguma razão, e plantada para uma pessoa.

Emily não entendeu imediatamente. Wexler ergueu os olhos do celular e fixou-os nos da sua antiga aluna.

— Plantada para você, srta. Wess — disse ele, entregando o celular a Emily. — Essa pequena pista foi escondida, sua localização transmitida em uma série de cartas entregues a você. Ela está escrita em inglês que, apesar de sua proficiência em outras línguas, é a sua língua materna — ou pelo menos um abastardamento americano dela.

Para Wexler, deixar passar uma possibilidade de provocação estava fora de questão. Mas seu argumento fazia sentido. E ele completou: — E a mensagem começa com uma frase sobre Ptolomeu, que, com certeza não preciso lembrá-la, foi tema de sua pesquisa - disse Wexler assumindo um tom mais enfático. - Não

sei quantas letras alguém precisa alinhar antes que um alfabeto comece a fazer sentido, mas aqui temos a, b, e c, todas as letras apontando para a mesma direção. Esse não é um sinal genérico.

E uma mensagem colocada em determinado lugar com um único propósito: ser descoberta por Emily Wess.

Agora era a vez de Emily ficar olhando fixamente para a pequena tela do telefone, investigando a imagem em silêncio, enquanto o professor falava. Seu dedo deslizou no teclado, o que fez que as três fotos se sucedessem na tela.

— Isso agrega novos sentidos à coisa toda — continuou Wexler. — Kyle estava certo: essas pistas se destinam a ter um significado, oculto por baixo de algo mais óbvio. Mas o significado tem você como alvo, Emily. A mensagem deve fazer sentido para você, de uma maneira que talvez não seja óbvia para outras pessoas.

Emily despertou de sua introspecção, dirigindo os olhos para Wexler.

— Se o senhor estiver certo, então essa nova pista, também, deve falar especialmente para mim. E daí?

O que concluímos disso?

Wexler parecia satisfeito em ver Emily concordando com sua análise da situação, e também porque ela mantinha o termo “nós”, apesar da repentina personalização dos eventos do dia.

Seguiu-se então um longo silêncio, durante o qual os dois acadêmicos buscavam respostas.

— O legado de Ptolomeu - disse Emily, finalmente quebrando o silêncio, — é exatamente o que estamos buscando. A Biblioteca de Alexandria em si. Ela foi fundada pelo primeiro Ptolomeu que ascendeu ao poder, tendo sido depois expandida por seus filhos.

— Exatamente — respondeu o professor. Ele deu outro longo gole, com os olhos ainda fixos nos seus livros. — Mas, é claro, isso não pode ser o que significa a pista.

Emily ergueu os olhos para sondar os de Wexler, percebendo que o professor tivera uma idéia.

Ele se voltou para ela, subitamente assumindo a plena postura de um mestre diante de uma aluna.

— Há dois bons motivos para que “O legado de Ptolomeu” não se refira à antiga biblioteca de Alexandria. Em primeiro lugar, já sabemos que estamos procurando a Biblioteca Perdida; portanto, uma pista cuja mensagem codificada seja “Vá, procure a antiga biblioteca” não serve para quase nada.

Mesmo que Arno tenha pensado que você fosse ingênua o bastante para ainda estar confusa sobre tudo isso a estas alturas, simplesmente mandar que você vá procurá-la não ajuda nada em termos de lhe indicar como procurá-la.

Emily permitiu-se rir do argumento do professor, e também do tom falsamente condescendente em que ele foi apresentado. Sua capacidade de ser repreendida como uma garotinha aparentemente não desaparecia, independentemente dos diplomas que ela havia conquistado.

— Em segundo lugar — continuou Wexler — está a palavra “legado”. Um legado não é algo que foi perdido; é algo que foi deixado para trás, e vem sendo passado adiante. Algo acessível.

Emily captou o pensamento de seu mentor.

— Claro. Quando falamos sobre o legado de um político, estamos falando sobre o que ele deixou depois. O que temos atualmente que devemos ao trabalho dele. A sua vida.

— Isso mesmo. Em termos de pistas, “O legado de Ptolomeu” não estaria apontando para algo que foi perdido, mas para algo que temos. Algo que existe hoje e que pode remontar ao antigo rei.

Wexler levantou-se da poltrona e caminhou até uma estante do lado oposto da sala, sem interromper a exposição de seu pensamento.

— O que me leva a uma idéia interessante, minha querida — disse ele, examinando uma fileira de livros de forma deliberada, buscando um volume específico. Encontrando-o depressa, ele o retirou da prateleira e começou a

folhear as páginas, sem deixar de falar. — O trabalho de Ptolomeu foi sua biblioteca, e o legado de Ptolomeu é sua biblioteca. De certa forma.

Emily ouvia com atenção, tentando adivinhar de antemão onde as conclusões de Wexler o estavam levando.

— Você pode estar buscando algo antigo, algo oculto, mas para levá-la até lá o professor Holmstrand está indicando para você algo novo. Algo óbvio.

Wexler voltou para perto de Emily, virou o livro aberto para que ela o visse, e estendeu o braço.

Emily pegou o livro. Estava aberto em uma foto colorida de uma imensa construção moderna, de estrutura circular e com um teto dramaticamente inclinado, que descrevia um ângulo até encontrar o mar, na extremidade de uma agitada metrópole egípcia.

— Permita-me apresentar-lhe, dra. Wess — anunciou Wexler — o legado de Ptolomeu: a biblioteca de Alexandria. A nova biblioteca de Alexandria, inaugurada pelo governo egípcio em 2002. Aposto cinco contra um que esse é o objeto da mensagem mais recente que recebeu.

A magnífica estrutura saltou da página aos olhos de Emily, com suas linhas modernas e imponentes contornos refletindo-se no olhar dela. A nova biblioteca não tinha uma ligação direta com sua ancestral, mas estava na tradição daquele projeto original. Era um monumento grandioso ao seu passado egípcio de realeza, realçando o litoral de Alexandria com um prédio que era diferente de tudo o que existia na Terra.

Enquanto Emily absorvia os contornos da imagem, ela sentiu que teria de ver aquela construção com os próprios olhos.

CAPÍTULO 47

CHICAGO, 14H

18H EM OXFORD

Michael Torrance estava sentado no banco no gramado do lado de fora de seu apartamento, um casaco grosso de couro isolando o ar frio de um dia azul de outono, quando o telefone em seu bolso tocou. O

nome de Emily apareceu na tela, ao lado de uma pequena foto que havia sido tirada dois anos antes, momentos depois de ela ter acordado numa viagem de acampamento, exibindo os cabelos em um estado que apenas um noivo apreciaria. O estágio que Michael fazia atualmente em Chicago implicava que eles passavam muito menos tempo juntos, e a pequena imagem do rosto dela na telinha tornava a distância um pouco mais tolerável.

Embora a distância tivesse aumentado exponencialmente nas últimas 24 horas.

— Emily! — disse ele com voz alegre, levando o telefone até o ouvido. — Eu não esperava que você ligasse tão cedo.

— Oi, amor. Estou atrapalhando sua tarde?

— Não, de jeito nenhum. Estou apenas curtindo um horário de almoço comigo mesmo.

Michael fez uma pausa, sabendo que suas próximas palavras tocariam os sentimentos de Emily. — Feliz Dia de Ação de Graças, querida!

— Ainda é o dia — disse ela provocando-o — igualzinho a quando telefonei para você umas horas atrás.

A voz dela era acolhedora e calorosa.

— Um cavalheiro não pode saudar sua dama duas vezes? Ir para o velho país está fazendo de você uma minimalista. Emmy, daqui a pouco você vai estar me

dizendo que o “Eu te amo” que espero ouvir alto e bom som no dia do nosso casamento será suficiente para toda a vida de casados.

— Pensei que isso já estava subentendido - respondeu Emily. - Quero dizer, nós dois somos pessoas ocupadas. Não há tempo para repetições desnecessárias — disse ela ao telefone rindo, e de repente dando-se conta da distância que os separava, de que dia era aquele e qual era seu significado. Desejou, com vigor renovado, que eles não tivessem concordado que ele ficaria nos EUA. — Feliz Dia de Ação de Graças para você também, Mikey. Lamento não estar aí com você. Mas eu prometo que vou compensar você por tudo isso.

— Ah, garanto que vai mesmo — disse Michael com voz zombadora.

— Mas, por agora — continuou Emily — tem uma coisa que você pode fazer por mim.

— Você espera que eu permita que você fique me dando ordens do outro lado do mundo?

— Não estou dando ordens — protestou Emily, fingindo inocência. — Eu apenas sugiro com veemência.

Ele riu e disse: — De que você precisa?

Emily passou os próximos minutos colocando o noivo a par dos novos acontecimentos desde que chegara a Oxford. Michael ouviu tudo surpreso, sobre a descrição dos prédios destruídos, as igrejas antigas, as gravuras na madeira e, finalmente, a nova obra-prima do governo egípcio, tão cara aos historiadores e eruditos.

— A Nova Biblioteca de Alexandria, Emily, é uma das mais incríveis construções feitas nos últimos trinta anos. E o sonho de todo arquiteto.

— Vocês, arquitetos só pensam numa coisa — retrucou Emily num gracejo. Entre as explosões, as ruínas, a invasão de uma cena de crime e outros detalhes dramáticos que tanto a haviam emocionado, fora a arquitetura que capturara o interesse de Michael.

— Não se preocupe, Emmy - respondeu Michael. - Eu ainda estou bastante impressionado com seu brilhantismo e esperteza investigativa. Mas esse prédio. .

estamos falando da perfeição arquitetônica.

— E você não gostaria se eu lhe fizesse uma descrição de primeira mão? — perguntou ela.

— Você vai para lá? - perguntou Mchael, percebendo que Emily não estava apenas mencionando a estrutura arquitetônica, mas efetivamente planejando uma segunda fase de sua viagem improvisada. — Você vai para o Egito?

— Se você puder me ajudar, eu vou. Não dá para eu encontrar uma pista como essa e simplesmente ignorá-la, dá?

Aquela era uma pergunta retórica, mas havia mais na proposta de Emily do que simplesmente buscar uma interessante liderança acadêmica. Havia um perigo em que ela já sabia estar envolvida. Se chegasse mais perto da biblioteca, pelo que ela tinha visto naquela manhã, provavelmente o perigo aumentaria.

Michael soltou um longo suspiro, expressando um nervosismo que Emily percebeu nele diante da notícia. Mas seu noivo sabia que ela já estava decidida, e Emily sentiu mais intensamente a preocupação porque ele ficou em silêncio e não a expressou de forma explícita.

— Se você me prometer que vai ter cuidado, — disse Michael finalmente — eu ajudo você em qualquer coisa que possa fazer daqui.

— Eu prometo. Tenho uma firme intenção de voltar logo para você. Agora, você acha que pode me reservar uma passagem?

Emily achava que dessa forma seria mais fácil do que fazer a operação pelo celular.

— Claro — respondeu Michael. — Na verdade, vai ser uma boa distração para mim. Os sites de reservas de passagens serão provavelmente os únicos que não estarão noticiando os escândalos. A todo o momento fico apertando o botão de “Atualizar” do site da CNN desde que as proverbiais fezes foram jogadas no ventilador nesta tarde.

— Não estou entendendo.

— Ora, ora, minha querida, - disse Michael provocativamente - realmente você

está envolvida com suas aventuras se não ficou sabendo do que está acontecendo aqui. Faça um favor para si mesma: dê uma olhada nos noticiários antes de embarcar. O país inteiro está implodindo deste lado do Atlântico.

Escândalos presidenciais, terroristas assassinando pessoas da cúpula de Washington. Parece o apocalipse político.

Depois dessa caracterização, ele fez um resumo dos acontecimentos que consumiam Washington.

— Pelo menos, não sou a única que está rodeada de intrigas — disse Emily quando ele terminou seu relato. - Incrível! Afinal de contas, estamos compartilhando uma experiência hoje, apesar de tudo.

CAPÍTULO 48

OXFORD, 20H25

O tempo tomado pela conversa deles tinha, por acaso, sido útil para Emily. Havia um voo da Turkish Airlines para Alexandria partindo às 10h55 da noite e, se a mulher de Wexler superasse a frustração de vê-los abandonando seu jantar feito em casa bem na hora que ele estava programado para começar, eles poderiam chegar ao aeroporto de Heathrow em tempo hábil para o embarque, e ainda daria tempo de Emily tomar um banho rápido e trocar de roupa. A idéia de mais um período presa numa cabine com ar reciclado parecia impossível sem que antes ela pudesse se banhar e se trocar.

O professor se ofereceu para levar Emily de carro até o aeroporto assim que Michael confirmou que a passagem fora reservada. Pensando nas proezas que aguardavam sua antiga aluna, o velho professor parecia uma criança cheia de expectativa.

— Você vai precisar disto — disse ele, jogando um livro de sua prateleira nas mãos de Emily assim que ela voltou do quarto de hóspedes, já tendo tomado banho e se trocado. Era o terceiro livro que ele lhe oferecia desde que ela havia aparecido. — E este — um guia de viagens com páginas brilhantes foi adicionado à pilha. — Comprei esse quando estive lá para a inauguração em 2002. Estrutura esplêndida.

Esse livro vai lhe contar tudo sobre a biblioteca.

Emily sorriu agradecida. Os volumes que tinha nas mãos cobriam tudo sobre a história da biblioteca, desde sua antiga origem até a política do Egito moderno que tinha produzido sua nova obra-prima.

Mesmo com um voo de oito horas pela frente, seria difícil para ela concentrar-se para ler todos.

— Obrigada, professor, — disse ela num tom sincero — mas acho que estes já

bastam. Se não formos agora. .

— Isso mesmo, muito certo - disse Wexler afastando-se da estante de livros. Os dois se olharam por um breve instante. Ele não conseguiu reprimir um sorriso. — Céus, isso é mais que emocionante! Se eu soubesse que suas visitas seriam tão interessantes, eu a teria convidado com mais freqüência.

Os dois partilharam uma risada, e Wexler pôs no bolso as chaves do carro.

— Meu amor, estamos de saída — anunciou ele na direção da cozinha, já se dirigindo para a porta da frente.

— Antes de sairmos — interrompeu Emily — me diga uma coisa: seu telefone recebe mensagens com fotos?

— Acho que sim - respondeu Wexler. - Eu nunca tentei, mas o meu é um desses modernos. Tenho certeza de que ele deve receber. Por que está perguntando?

— Eu gostaria de fotografar estas cartas de Arno e enviá-las para o senhor. Só por segurança.

Emily hesitou, mas algo a fazia sentir que ter um backup eletrônico dos materiais era necessário. O dia já lhe proporcionara muitas incertezas e mistérios. Ela não sabia o que a esperava.

— Certo — disse Wexler — bem pensado. Você pode fazer isso no carro. Agora, vamos indo.

Emily pegou sua pequena mala de viagem e com seus livros na mão foi em direção à porta, ao carro, ao aeroporto e, mais além, a Alexandria.

CAPÍTULO 49

OXFORD, 21H35

Diferentemente da maioria dos homens que cresceram em meio a grandes sucessos cinematográficos de Hollywood e histórias populares de crimes, Jason sabia que seguir um alvo no mundo moderno tinha menos a ver com correr atrás das pessoas por trilhas tortuosas ou persegui-las em carros e mais a ver com sentar-se astutamente em frente à tela de um computador muito bem equipado. Não que cenas de perseguição não surgissem ocasionalmente, mas elas tendiam a aparecer apenas nos estágios finais da operação, quando um alvo estava pronto para ser capturado, ou eliminado. A verdadeira perseguição era feita de forma muito mais efetiva com tecnologias e recursos modernos.

O rastreamento de Emily Wess foi um bom exemplo. O número do celular dela foi facilmente relacionado a um cartão de memória, que tinha depois disso permitido que eles mantivessem um registro da localização de Wess, cuja margem de erro era menor que um terço de um quarteirão comum. O sistema também permitia que eles ouvissem as chamadas telefônicas dela, que tinham revelado uma interação local com um acadêmico de Oxford chamado Peter Wexler e também um noivo em Chicago chamado Michael Torrance. As investigações sobre Wexler haviam confirmado um relacionamento de longa data com Wess, bem como uma qualificação de especialista em história do Egito antigo. Se havia alguma dúvida sobre uma ligação com os interesses da biblioteca, ela agora havia sido total e plenamente extinta.

A escuta da conversa de Wess com seu noivo havia revelado sua intenção de viajar, e a partir de uma busca em bases de dados sobre viagens aéreas Jason sabia agora detalhes completos da reserva do voo de Emily com destino a Alexandria, o que incluía minúcias como o número de seu assento e suas preferências de cardápio. Desde que começara a investigação, ele tinha monitorado todos os cartões de crédito de Wess, além de ter colocado escutas nos dez números para os quais ela mais ligava. Aonde quer que Emily Wess fosse, o que quer que ela fizesse, com quem quer que ela falasse, os Amigos agora saberiam.

O trabalho de Jason durante os últimos vinte minutos passara a se concentrar em Alexandria. Antes de telefonar para o secretário, ele queria ter todas as informações na ponta dos dedos. Exatamente como as tinha agora.

Ele pegou o telefone e ligou.

— Atualize — exigiu o secretário, minutos mais tarde.

— Emily Wess reservou uma passagem para Alexandria no voo TA1986 da Turkish Airlines, saindo de Heathrow às 10h55 esta noite, horário local. A passagem foi reservada online, de um computador localizado em um prédio de apartamentos de Chicago que pertence ao noivo dela. Logo mandaremos alguns homens até lá.

— Alexandria — respondeu o secretário, repetindo o nome do significativo local.

— Já deixei a postos nossa principal equipe lá — continuou Jason — e eu vou pegar meu voo assim que terminarmos nossas atividades aqui.

— Vá o mais cedo possível. Deixe para outros o acompanhamento em Oxford.

— Claro — disse Jason e depois fez uma pausa para olhar as anotações na tela.

— Temos quatro alvos em Alexandria que estamos monitorando há meses. Sabemos que deve haver um Bibliotecário naquela cidade, dada sua importância, e nosso melhor entendimento diz que se trata de um desses quatro. Todos trabalham na Bibliotheca Alexandrina, que é o destino de Wess.

Ele sabia que o secretário já tinha os detalhes, pois as investigações em Alexandria vinham de longa data, mas de qualquer modo ele estava enviando os detalhes resumidos pelo telefone.

— Ordenei que nossos homens de lá acompanhem constantemente cada um desses quatro nas próximas 48 horas. Há grandes chances de que Wess vá se encontrar com um deles. E se ela foi conduzida lá pelo Guardião, é possível que ela faça contato com aquele que nos importa.

— E vocês?

— Nós vamos ficar de olho na própria Wess - respondeu Jason olhando na direção de seu parceiro.

Estaremos lá quando o avião dela aterrissar, e vamos ficar com ela, para a eventualidade de ela não ir ao encontro de um de nossos candidatos conhecidos.

O secretário recostou-se em sua poltrona. Os Amigos estavam no controle do jogo.

— Só mais uma coisa - acrescentou Jason. — Wess está a caminho do aeroporto e está visitando vários sites de notícias pela conexão 3G de seu celular. Todos os sites falam sobre a situação em Washington.

Maldita, pensou o secretário, quase pronunciando a palavra em voz alta. Embora estivesse claro que Emily Wess estava de alguma forma ligada à biblioteca, agora também parecia que ela estava informada sobre a missão deles em Washington. O vazamento do Conselho não estava tão bem estancado quanto eles imaginavam.

— Quer dizer que ela recebeu informações sobre a missão em curso. Holmstrand a obteve antes de nós chegarmos até ele.

- É o que parece — respondeu Jason.

O secretário ponderou suas próximas palavras por um longo momento antes de dizê-las ao telefone.

— Você vai ter de ficar em cima de Wess, agora. Ela pode ser a única pessoa viva ligada à localização da biblioteca, e por isso precisamos que ela permaneça viva e sem saber de nossa presença pelo maior tempo possível. Se ela fizer alguma coisa que coloque em risco a missão em Washington, teremos de intervir. Mas que seja em último caso.

— Entendido.

Outro momento silencioso se passou antes que o secretário encerrasse a conversa.

— Agora, vá para o Egito, e descubra o que Emily Wess realmente sabe.

CAPÍTULO 50

LONDRES, 22H55

O único assento que, tão em cima da hora, Michael tinha conseguido encontrar para Emily no voo noturno para Alexandria fora na primeira classe, uma categoria de luxo que ela nunca tinha antes experimentado. Enquanto era conduzida a um assento amplo e confortável, já coberto com uma manta de lã e adornado com uma bolsinha de brindes, ela de repente sentiu-se grata porque Wexler tinha se oferecido para pagar a despesa. Depois de um dia investigando os escombros de um prédio recém-destruído e decodificando pistas deixadas por um homem morto, ela ficou feliz com aqueles pequenos sinais de civilidade. Uma loção para as mãos e uma toalhinha refrescante nunca haviam lhe parecido tão reconfortantes.

O voo de Londres até Alexandria, incluindo o curto tempo de parada para a liberação da pista do aeroporto de Cairo, levava precisas oito horas, partindo de um dos aeroportos mais antigos do ocidente e chegando a um dos aeroportos mais novos do Egito. Borg El Arab era uma resplandecente nova maravilha de vidro e metal que, inexplicavelmente na opinião de Emily, tinha o formato de um barco.

Não lhe causara surpresa o fato de Michael ter expressado uma certa paixão quando o descrevera pelo telefone, embora Emily tivesse se perguntado nesse momento se os detalhes de um aeroporto, por mais novo que fosse, eram algo que apenas um estudante de arquitetura podia amar. Mesmo que as linhas náuticas tivessem o intuito de fazer a conexão entre as modernas viagens aéreas e a antiga fama de Alexandria como cidade portuária que ligava todos os cantos do antigo mundo mediterrâneo, aquilo ainda era um aeroporto, com todos os inconvenientes dos aeroportos de todos os lugares.

Emily relaxou em seu assento. Ela tinha ainda oito horas pela frente, e era melhor que apreciasse a paz e a tranqüilidade do voo, lendo parte do material que Wexler lhe havia dado. Isso, além de comer a maior refeição que a companhia aérea pudesse lhe oferecer. Os vorazes movimentos de seu estômago

eram lembretes de que ela não havia ingerido mais que uma xícara de café desde que chegara dos EUA.

Aguardando que a refeição começasse a ser servida, ela aproveitou que seu assento tinha um ponto de energia embutido e conectou a ele o carregador de seu celular, para depois concentrar sua atenção nos livros. Borg El Arab, ela logo aprendeu, não era a única obra de arquitetura moderna que havia surgido em Alexandria nos últimos anos. O guia de viagens que Wexler lhe dera em Oxford, que agora ela segurava aberto em seu colo, estava cheio de muitos outros exemplos. Desde meados da década de 1990, o governo local de Alexandria havia estabelecido como meta revitalizar a cidade, para redimi-la da imagem que a maioria dos estrangeiros tinha do Egito: a de um país sem educação, pobre e incivilizado do Terceiro Mundo. Alexandria, que em épocas antigas fora uma das grandes capitais mundiais do comércio e da erudição, estava se tornando uma nova metrópole de cultura e exibição cívica. As mesmas lojas caras que se observavam na Quinta Avenida em Nova York e na Oxford Street em Londres agora podiam ser vistas ao longo do calçadão da praia de Corniche em Alexandria, e cada novo prédio que era erguido na cidade era um representante da novíssima arquitetura, tão distante dos tijolos cozidos e das pirâmides quanto a imaginação podia alcançar.

A nova biblioteca era um bom exemplo. No desejo de recuperar algo de sua antiga reputação de centro mundial de conhecimento, a cidade havia, décadas antes, decidido construir uma nova biblioteca num local mais próximo possível de onde ficara a antiga. Mas a localização talvez fosse tudo o que a Bibliotheca Alexandrina deveria ter em comum com sua ancestral. A estrutura em si parecia, pelo que Emily podia adivinhar a partir das fotos, tão futurista quanto qualquer outra que ela havia visto. O

prédio principal era um enorme disco de granito, que descia diagonalmente na direção do mar, tornando-se uma imagem, como a literatura logo apontou, do sol do conhecimento nascendo das águas.

Em torno de suas laterais havia inscrições em mais de 120 línguas e alfabetos mundiais conhecidos, simbolizando a reunião de toda a coleção do conhecimento mundial, pela qual a biblioteca original fora famosa.

Não surpreendia nada que Michael adorasse aquela obra.

Cada número que Emily lia sobre a estrutura era assombroso. O disco central de granito tinha 160

metros de diâmetro. Apenas a principal sala de leitura tinha uma área de 70 mil metros quadrados. A construção custara 220 milhões de dólares. A biblioteca tinha a capacidade de armazenar mais de oito milhões de livros.

Quando a moderna Alexandria construía, ela o fazia em grande estilo. O que não a tornava muito diferente, pensou Emily, da antiga Alexandria.

A grande diferença entre a antiga e a nova estava nas sociedades que estavam ligadas às duas bibliotecas. Na cidade antiga, a biblioteca era a favorita do rei, e a sociedade fazia o que as sociedades deviam fazer no mundo antigo: seguiam seu rei. Ptolomeu usava a biblioteca para engrandecer seu império, e seu povo o seguia com avidez. Se eles seguiam por amarem o rei ou porque apreciavam sua biblioteca não fazia diferença no final. A biblioteca tinha o apoio da nação.

Entretanto, o Egito moderno pouco se parecia com o reino de Ptolomeu Sóter, e o preço assombroso da nova Bibliotheca Alexandrina não era o único detalhe que tornara a construção um tema de acirrados debates nas ruas e nos escalões do governo. A mesma importância tinha a questão de exatamente o que ela devia ser, já que a maioria do povo de Alexandria permanecia analfabeta, e Alexandria já há séculos não era uma capital do conhecimento. O presidente da época, que permanecera no poder por um longo tempo, poderia tê-la custeado inteiramente, considerando sua existência como meio de recriar aquela reputação antiga, mas um presidente não é um rei, fato este que fora enfatizado pelo levante que desde então derrubara o governo. Se antigamente os Ptolomeus comandavam e o povo obedecia, o regime moderno foi obrigado a enfrentar eleições democráticas e as caricaturas feitas pela mídia internacional.

Era um mundo diferente: um mundo que era volátil, manipulativo e inseguro.

Os pensamentos de Emily voltaram para as notícias que ela lera no caminho para o aeroporto de Heathrow. Era difícil acreditar no que aparecera na pequena tela de seu celular: ela estava fora do país havia menos de 48 horas, e a capital já fora palco de muitos assassinatos, aparentemente cometidos por ativistas do Oriente Médio, e supostamente porque o presidente havia provocado a ira deles com seus negócios ilegais. Gostaria de saber se haverá um país para o qual eu possa voltar, Emily pensou consigo mesma. Não era todos os dias que os termos

“golpe de estado” e “traição presidencial” eram aplicados a reportagens sobre os EUA, mas essas haviam sido as mais suaves manchetes que ela lera no carro.

Mas ela não permitiria a si mesma se distrair. O escândalo em Washington servia como bom exemplo da frágil natureza da política mundial, exatamente o tipo de fragilidade política que transformara a nova biblioteca de Alexandria num projeto tão difícil de completar. Entretanto, ela fora construída, e em 2002 o mundo mais uma vez era o lar da Biblioteca de Alexandria, com sua nova face e imagem.

Do lado de fora da janela, o Canal deu lugar ao litoral. Durante sua leitura, o avião já tinha avançado até a França. Não pela primeira vez naquele dia, Emily se perguntou como é que ela fora se encontrar no meio de tamanha. . enormidade. Era difícil acreditar que apenas duas noites atrás ela estava exercitando seus músculos e sua concentração nas aulas de Krav Maga, e ontem de manhã ela estivera dando sua aula costumeira em um campus cheio de jardins impecáveis em Minnesota. Agora, ali estava ela, seguindo o conselho de uma inscrição que ela descobrira no biombo de madeira de uma igreja na Inglaterra, enquanto o mundo político em casa parecia estar sendo implodido.

O revoltoso desconforto na boca de seu estômago aumentou, e não só em virtude da fome. Se tudo aquilo fosse uma caçada impossível que não a levaria a lugar algum, que assim fosse. Pelo menos, ela teria visto Alexandria. Mas se fosse mais que isso, e ela tinha certeza de que era mais, ela poderia verdadeiramente ter sucesso em sua pequena busca. Se isso acontecesse, ela possuiria a mesma informação que valera três balas no peito de Arno Holmstrand.

Emily fechou os olhos. Sete horas ainda a separavam da costa egípcia. Naquele momento, ela queria estar muito, muito mais longe.

CAPÍTULO 51

WASHINGTON, D.C. 17H45

10H45 EM OXFORD

O grupo convocado pelo secretário de Defesa para cuidar da galopante crise na administração estava mais uma vez reunido na sala silenciosa dentro do Pentágono. Ashton Davis havia reconvocado a pequena equipe que, sabia ele, logo estaria realizando uma das mais monumentais tarefas da história dos EUA: afastar o presidente de seu cargo à força.

— O impeachment não é uma opção - declarou ele categoricamente. - O impeachment é um processo formal que leva tempo, e só quando ele é concluído um presidente em exercício pode ser afastado do cargo. Nós não temos esse tempo à nossa disposição. Os atos desse homem provocaram uma ameaça evidente e inegável à segurança da nação. Conselheiros políticos, até mesmo funcionários que trabalham na própria Ala Oeste, estão sendo assassinados. O homem que está provocando essas ações deve ser afastado de um cargo no qual ele tem o poder de agir como age, sendo ou não sendo ele presidente dos Estados Unidos.

Embora o raciocínio fosse claro, pensar nisso deixava nervoso o diretor do Serviço Secreto.

— Nunca na história do país um presidente foi afastado à força de seu cargo por ninguém, a não ser pelos eleitores.

— Mas nunca na história do país um presidente atraiu assassinos para Washington numa vingança contra suas atividades ilícitas no exterior, diretor Whitley — respondeu o general Huskins.

— E é justamente por isso que nossa reação está sendo organizada como uma ação militar -

acrescentou o secretário de Defesa. — Não estamos apenas falando de negócios ilegais ou de más ações políticas. Estamos falando de um homem que está colocando em risco a segurança nacional. Um homem que literalmente trouxe o conflito do Oriente Médio para os recônditos de nossa capital democrática.

Whitley contorceu-se levemente na cadeira. Tudo o que os outros dois homens estavam dizendo era exato, mas mesmo assim. . Aquele era um passo que nunca fora dado antes.

— Existe alguma cláusula formal na Constituição que contemple a destituição do presidente em exercício pelos militares?

— Não explicitamente — respondeu Davis. - Apesar do fato de o presidente ser o comandante supremo das Forças Armadas, ele não pode ser trazido diante de um tribunal militar comum. O cargo de chefe supremo não é, na verdade, uma patente militar.

— Mas se não há uma cláusula militar, como proceder? O exército dos EUA não pode prender um cidadão em solo nacional sem o suprimento de uma lei militar.

O general Huskins inclinou-se sobre a mesa.

— Podemos, se esse cidadão está apoiando ou encorajando operações de combate de forças inimigas em tempos de guerra.

Whitley arregalou os olhos.

— Você está sugerindo que prendamos o presidente dos EUA como um combatente inimigo na guerra contra o terror?

— Já prendemos outros cidadãos americanos com base nas mesmas premissas por muito menos. Meu Deus, as atividades ilegais do presidente Tratham atraíram assassinos para Washington! Eles podem estar aqui em retaliação, e não por um convite dele, mas a questão é que eles estão aqui, e se ele estivesse obedecendo às leis que deve defender, eles não estariam. O homem precisa ser detido. O

general falava de forma dramática e convincente.

O diretor Whitley sabia que não havia como protestar. Huskins estava certo. O

presidente devia ser detido antes que a situação saísse totalmente do controle.

— E o vice-presidente? — perguntou o secretário de Defesa. — Ele tem alguma ligação com o esquema?

Whitley voltou-se para Davis com um olhar expectante.

— Meus agentes andaram trabalhando com o FBI, verificando cada possibilidade desde nossa última reunião. A boa notícia é que Hines parece estar limpo. Sua principal base de apoio, no que diz respeito a políticas internacionais, é constituída pela Alhauser, a Krefft e a Westerberg Foundation. Essas instituições são conhecidas por promoverem negócios comerciais legais com o Oriente Médio. Os dois últimos grupos mencionados na verdade pressionaram o Congresso para que houvesse mais transparência no trabalho de reconstrução do Iraque e do Afeganistão. O vice-presidente parece estar envolvido com os grupos certos, não com os grupos que com seus atos ilícitos vão provocar reações militantes.

— Continue verificando — ordenou Davis. - É melhor que ele não esteja mesmo sujo, ou ele e o presidente vão afundar juntos.

Ele se levantou, encerrando a reunião com uma última observação sobre a gravidade da tarefa que tinham à frente: — Senhores, o governo deste país não será derrubado pelos atos criminais de seu líder.

Devemos isso a todos os cidadãos americanos. Agora vão, e cuidem para o que o vice-presidente esteja pronto para o que virá. Antes do final desta semana, sua função na administração vai mudar muito em relação ao que é hoje.

SEXTA-FEITA

CAPÍTULO 52

AEROPORTO BORG EL ARAB, ALEXANDRIA, EGITO, 8H56

6H56 EM OXFORD

O trem de pouso do jato da Turkish Airlines tocou a pista só um minuto depois do horário programado para a chegada. O sol estava começando a nascer no horizonte, e o frio da noite ainda não tinha se transformado no calor constante que mesmo um dia de novembro fatalmente traria.

Depois de uma hora, Emily estava em um táxi, indo em direção ao norte e ao leste, para o centro da cidade. Ela esticou o pescoço na janela enquanto o carro avançava, na esperança de ter uma visão clara da cidade na distância. Não vira quase nada durante a aterrissagem e, percebendo agora que estava a apenas alguns quilômetros de uma cidade que havia estudado desde a infância, o medo que lhe causara um mal-estar no estômago nas duas últimas horas começava a ser mitigado por uma conhecida sensação de aventura e descoberta.

Na distância se via Alexandria, a cidade de Alexandre, o Grande. Essa fora uma das cidades mais famosas do mundo desde que Alexandre a fundara em sua própria honra no início dos anos 330 a.C., até seu desaparecimento da paisagem.internacional no século VII d.C. Seu farol, o Faros, brilhara sobre a baía como uma das sete maravilhas do mundo, e sua reputação como centro de comércio, indústria e atividade intelectual quase alcançara a mesma fama. Situada ao longo da costa, na extremidade ocidental do delta do Nilo, a Pérola do Mediterrâneo, como Alexandria foi conhecida durante milênios, sempre fora famosa por ser um ponto central de navegações e poder militar. Hoje a cidade podia ser mais conhecida como um centro de turismo, constituindo um destino turístico e cultural muito disputado mas, sendo o principal porto do Egito, ela ainda mantinha sua antiga importância como centro de navegações.

Alexandria fora o coração de três impérios e o ponto focal de pelo menos cinco culturas distintas. A importância da antiga dinastia dos faraós, que nos seus últimos séculos se transformou no reinado dos Ptolomeus, remontava a um passado de milênios. Nos últimos séculos a.C., a cidade se transformou no centro da diáspora judaica e na maior comunidade de judeus em todo o mundo. Depois, nos anos que se seguiram à conversão do Império ao Cristianismo, ela se transformou em uma capital de conhecimento e influência cristã, produzindo alguns dos maiores bispos e pensadores da Igreja, bem como suas mais insípidas heresias. O Concílio de Niceia, que foi o primeiro Concílio Ecumênico, reunindo a assembléia que produziu a primeira forma do credo que os cristãos ainda recitam atualmente, aconteceu em reação a uma heresia que tinha se originado nessa cidade e rapidamente se espalhado pelo mundo cristão.

A fama cristã de Alexandria estava destinada a permanecer durante séculos, mas não indefinidamente.

Após uma série de conquistas nos anos 640, finalmente a cidade foi tomada pelos muçulmanos e se tornou o cerne da nova África do Norte islâmica, embora seus conquistadores rapidamente tenham fundado sua própria cidade para rivalizar com ela. A nova metrópole veio a ser chamada de Cairo, atualmente a mais famosa, mesmo sendo mais recente, prima de Alexandria.

Emily estava impressionada com a cidade que se revelava aos seus olhos. Muitas antigas capitais de cultura e conhecimento tinham surgido e desaparecido durante o curso da história mas, em geral, quando elas desapareciam, era para não mais retornar. Alexandria estava reagindo, recobrando sua herança. A cidade via grandiosidade em seu horizonte, e estava determinada a conquistá-la.

Aquele espírito tinha literalmente mudado a paisagem da cidade ao seu redor. Tinha criado uma metrópole moderna, uma vibrante contribuição cultural para o continente. E havia criado uma nova biblioteca. Antes de Emily ter tempo para pensar mais nesse feito, ela sentiu o táxi diminuir a velocidade e contornar uma esquina na direção de uma pequena praça. Diante dela estava a inconfundível forma do prédio que viera ver.

Nas profundezas do mesmo prédio, um homem aguardava pacientemente a sua chegada.

CAPÍTULO 53

10H25

Emily saiu do táxi com determinação, o usual vigor em seus passos apenas levemente diminuído pelo cansaço da viagem, mas fortalecido pela crença de que ela estava no caminho certo. A fachada de granito da biblioteca se erguia diante dela e brilhava branca ao sol da manhã. A moderna estrutura se fundia com um pórtico frontal coberto com estátuas de antigos deuses e reis egípcios, confundindo a linha divisória entre o presente futurista e o passado antigo. Ela se viu obrigada admitir que o design funcionava muito bem. Sentiu-se dominada, até intimidada, diante da visão da biblioteca.

Um enorme conjunto de portas de vidro marcava a entrada, e Emily passou apressadamente por elas, cheia de ansiedade. Durante a curta viagem desde o aeroporto, ela estabelecera um plano básico. Ela iria se inscrever para uns dos tours guiados que eram oferecidos a cada quinze minutos, e usar essa oportunidade para ter uma idéia do interior do prédio e seu conteúdo. Ela não tinha a menor idéia de onde começar a procurar o que quer que fosse que ela devia encontrar ali, mas uma orientação básica parecia um primeiro passo essencial. Mais familiarizada com o ambiente, ela passaria a se concentrar na tarefa de buscar a nova peça do quebra-cabeça de Arno.

Balcões estavam dispostos em volta do saguão principal da biblioteca, com placas em várias línguas para atender a visitantes como Emily. Ela procurou uma placa que indicasse tours e, encontrando-a, foi para lá diretamente.

— São dez libras para entrar e fazer o tour — disse uma atendente antes mesmo que Emily perguntasse. Enquanto ela abria a carteira para pegar o dinheiro local, que havia comprado num guichê de câmbio do aeroporto pagando uma comissão irrisória, a atendente continuava seu discurso bem ensaiado:

— Nossos guias vão levar a senhora em visitas de meia hora de duração, nas quais a senhora poderá entender toda a história.

Emily conteve o riso. Algumas vezes, um inglês meio macarrônico acabava fazendo promessas mais ambiciosas do que se pretendia. Mas pensando do lado

positivo, “toda a história” parecia um bom negócio por 10 libras egípcias.

A atendente lhe entregou um pequeno mapa colorido.

— Tour começou faz cinco minutos. Próximo às 11h. Espere perto da estátua e a guia vai chegar.

A atendente fez um gesto na direção de uma estátua de pedra branca que estava no meio do saguão, dominando a cena. Emily reconheceu a figura de Demétrio de Faleros, famoso orador ateniense que tinha passado sua melhor fase em Alexandria, sob a proteção do primeiro Ptolomeu.

Mas Emily estava ansiosa demais para esperar. Ela olhou no relógio e de novo para a atendente.

— Vou junto com o grupo que já começou. Para onde eles foram?

Emily seguiu a indicação da atendente, dando passos rápidos através do saguão na direção de uns degraus que levavam para a sala de leitura principal, onde um grupo de turistas, em sua maioria americanos, se apinhava em torno de uma guia jovem e de expressão séria. Emily era capaz de reconhecer um estudante a um quilômetro de distância e logo teve certeza de que a guia em questão era uma estudante universitária; pela sua idade, provavelmente em nível de pós-graduação. Trabalhar para pagar os estudos era aparentemente uma tradição que não conhecia fronteiras internacionais.

Emily se aproximou do grupo, sorriu de forma cortês quando a guia notou sua chegada, e mostrou-lhe o ticket para que a guia não achasse que ela era uma intrusa.

— Me desculpe, estou atrasada — disse Emily, principalmente para si mesma. A guia retribuiu-lhe o sorriso e prosseguiu com sua explicação. Ela falava um inglês culto e claro, o sotaque suavizado por uma prática diligente.

— A Bibliotheca Alexandrina, ou Aktabat al-Iskandar yah, é uma jóia da herança cultural moderna de Alexandria. Oficialmente inaugurada em 2002, ela é o centro intelectual não apenas do Egito, mas de todo o Mediterrâneo.

A guia indicou para que os turistas subissem os degraus. — Nossa cidade antigamente teve a maior biblioteca do mundo. Hoje em dia, nossa coleção pode

não ser a maior, mas está crescendo rápido, e esperamos que um dia ela venha a ser.

— Qual é o tamanho dela?

Um turista vestido de modo previsível fez a pergunta previsível.

— A biblioteca tem espaço para oito milhões de livros, e para centenas de milhares de mapas e volumes especiais. Entretanto — acrescentou a guia diminuindo um pouco a voz, como se revelasse um segredo de estado — nossa coleção atoai só tem 600 mil volumes. E é por isso que, como vocês podem ver, a maioria das prateleiras está meio vazia. A coleção que nós possuímos foi doada por países de todo o mundo quando o prédio foi inaugurado. Muitas das maiores doações vieram da Espanha, da França e do México. Agora recebemos livros de toda a região do Oriente Médio, da Ásia, da Europa e do Ocidente, e a coleção cresce a cada dia. Um dia, todas essas prateleiras estarão cheias.

Com uma sincronia cuidadosamente ensaiada, essas últimas palavras foram proferidas precisamente no momento em que o grupo chegava ao topo da escada e colocava os olhos no centro focai da biblioteca: a sala principal de leitura. Suspiros audíveis vieram de todos os lados, e Emily não teve vergonha de deixar escapar um suspiro da própria boca.

Diante deles se descortinava uma visão verdadeiramente espetacular. Um enorme teto inclinado de vidro e pedra filtrava luz sobre uma biblioteca que parecia uma mistura de nave espacial e luxuoso salão executivo pós-moderno. Pisos de madeira envernizada se sobrepunham no imenso espaço angular, nível a nível, conectados por escadarias esculpidas e rampas suaves. Fileiras e mais fileiras de estantes de freixo claro, emolduradas por frisos em alumínio escovado, eram requintadamente iluminadas por lâmpadas embutidas. Divisórias de vidro marcavam espaços menores de leitura e trabalho, enquanto mezaninos artísticos se debruçavam sobre os níveis mais baixos. Ao redor da floresta de imensos pilares prateados que suportavam o incrível teto, mesas se alinhavam em fileiras ou conjuntos, algumas vazias e esperando ser cobertas por livros a papéis; outras, centenas de outras, equipadas com terminais de computadores, impressoras e scanners. Luminárias embutidas conferiam uma luz calma e profissional àqueles cantos que a luz do sol, filtrada pelas claraboias no teto, não alcançava.

A guia concedeu aos turistas um momento para que absorvessem a cena.

O projeto é de autoria de uma empresa norueguesa de arquitetura, escolhida pela UNESCO para criar nossa biblioteca, que se tornou um ponto de referência.

— O nome da empresa é Snohetta, não é? — indagou Emily, recordando-se a informação que vira no livro turístico que Wexler lhe emprestara.

A guia parecia adequadamente impressionada.

— Sim, senhora — disse ela, lançando um provocador olhar para Emily. — A Snohetta ganhou o concurso por causa da sua visão do antigo e do novo encontrando-se numa única estrutura, simbolizando o renascimento de nossa cidade no século XXI. Mas também porque o projeto deles, além de visualmente incrível, é também prático.

— Nossa biblioteca pode acomodar milhares de leitores ao mesmo tempo. Os livros são facilmente acessíveis por meio de um catálogo inteiramente eletrônico, e mantemos coleções atualizadas de periódicos e jornais de todo o mundo. A sala principal de leitura, onde estamos agora, tem sete níveis que formam um plano inclinado. Nas extremidades de cada nível há computadores, que oferecem acesso livre à Internet a qualquer pessoa que deseje usar o sistema.

Ela fez uma pausa, exibindo certo orgulho do que ia dizer em seguida: — A Internet ainda não chega a todos os pontos da África, mas aqui, no interior destas paredes, ela é grátis e rápida para qualquer pessoa que quiser usá-la.

Ela começou a conduzi-los por entre as estantes, andando em meio a conjuntos de mesas e prateleiras impressionantemente bem alinhadas.

— Também há muitos outros recursos aqui, além dos livros que esperamos encontrar em qualquer biblioteca. Dentro do espaço principal há coleções separadas para mapas, uma ala inteira totalmente destinada a recursos multimídia, e um laboratório científico dedicado à restauração de livros e manuscritos antigos. Também somos a única biblioteca do Egito que tem sua própria coleção de materiais para os cegos, com milhares de livros em braile. No andar superior nos projetamos da terra para os céus, com um planetário completamente digital. E se os senhores tiverem tempo depois dessa experiência, também abrigamos oito museus completos que exibem mais de 30 coleções especiais, tudo dentro destas paredes.

Mais exclamações de admiração. Emily olhava pasma e acompanhava os outros, enquanto eles desciam um lance de degraus para um nível inferior onde havia volumes que pareciam especializados na história do leste europeu.

— Talvez se interessem em saber - continuou a guia — que a Bibliotheca Alexandrina possui a única cópia completa do acervo da Internet Archive, armazenado em 200 computadores doados por essa instituição norte-americana e que valem mais de cinco milhões de dólares, embora hoje o valor esteja estimado em mais de dez vezes essa soma. Cada página da Internet entre 1996 e 2001 estava contida na doação inicial e está arquivada aqui, ocupando cem terabytes de espaço. Desde essa época, o arquivo foi expandido, e uma atualização de todo o conteúdo da Internet é feita a cada dois meses. Esse inacreditável recurso é usado por centenas de milhares de pessoas em todo o mundo.

O grupo prosseguia, apreciando fileira após fileira de prateleiras brilhantes, fachadas luminosas, relaxantes áreas de descanso e espaços para conferências. A guia continuava a fazer comentários detalhados, mas após alguns minutos Emily já estava satisfeita com tanto maravilhamento. O lugar era obviamente formidável. Impressionante. Incomparável. Mas ela não estava ali como uma simples turista, e quanto mais fatos a guia enumerava, mais assustadora parecia a missão que Emily tinha pela frente. Mesmo que ela soubesse precisamente o que estava procurando, encontrar aquilo em uma estrutura daquelas dimensões seria uma tarefa imensa. Mas Emily não tinha a mínima certeza do que devia descobrir ali.

Preciso continuar sozinha. O pensamento lhe veio de repente e ela agiu depressa. No momento seguinte, quando a guia e o grupo contornavam um canto, Emily não fez o mesmo. A voz da guia foi sumindo na distância, e Emily se viu parada diante de 600 mil livros, sozinha.

CAPÍTULO 54

10H35

“. .A sala principal de leitura, onde estamos agora, tem sete níveis que formam um plano inclinado. .”

Os dois homens só prestavam atenção à jovem guia para manter o volume de sua voz constante, usando a simples técnica de guardar uma distância estável entre si e o grupo e ao mesmo tempo permanecer invisíveis. Eles não tinham tido tempo de trocar as roupas desde que chegaram, e seus ternos profissionais, nas cores preto e cinza, que os tinham ajudado a passar despercebidos em Oxford, agora os destacavam demais em meio aos acadêmicos egípcios. Melhor ficar a distância e manter-se fora da observação pública desnecessária.

Eles se posicionaram por trás das fileiras de estantes, atrás e ao lado do grupo. Cada Amigo estava concentrado num show muito bem ensaiado de olhar as prateleiras, pegar e folhear algum livro aqui e ali, para parecerem, a qualquer observador externo, apenas leitores interessados em explorar a coleção da biblioteca. Mas sua atenção estava concentrada em uma única coisa: a jovem que eles estavam seguindo desde Oxford.

A dra. Emily Wess, cuja exata ligação com o Guardião permanecia um mistério, mas cujo envolvimento com a biblioteca estava agora fora de questão. Emily Wess, cujo voo comercial vindo da Inglaterra tinha demorado uma hora a mais que o avião particular deles, facilitando-lhes a tarefa de precedê-la no Egito. Emily Wess, cujos movimentos agora eram todos rastreados, cuja vida toda estava se tornando o principal foco do Conselho. No mesmo momento em que eles a seguiam ali, uma equipe estava na casa dela, em Minnesota, buscando mais informações.

Emily Wess, que agora estava sozinha, separada do grupo.

O segundo homem olhou por sobre um livro aberto na direção do primeiro. Ele, também, tinha visto que seu alvo se afastara dos outros turistas. Agora ela estava sozinha. Acessível.

Espere, Jason pensou resolutamente consigo mesmo, sabendo que a expressão em seus olhos transmitiria a mensagem para seu parceiro sem que fosse preciso usar palavras. Espere. Depois continue a segui-la. Não parta para o ataque.

Seus homens estavam posicionados em toda a biblioteca, mantendo-se próximos de cada um dos quatro funcionários que o Conselho estivera investigando nos últimos meses. Cada um desses homens era considerado um potencial candidato a ser identificado como o Bibliotecário que trabalhava secretamente em Alexandria. Eles sabiam que seus inimigos, da Sociedade de Bibliotecários, tinham um correspondente na cidade. Isso estivera claro por muitos anos, e gradualmente eles foram afunilando seu conjunto de potenciais indivíduos até chegar a esses quatro. Até o momento, entretanto, o Conselho não conseguira encontrar nada conclusivo que pudesse revelar qual dos quatro homens era ele. Mas logo alguém desempenharia essa tarefa para eles. Emily Wess simplesmente precisava fazer seu caminho na direção daquele que o Guardião lhe tivesse indicado, e eles saberiam de quem se tratava. Um Bibliotecário trabalhando naquele lugar deveria ter um alto posto na hierarquia da Sociedade, e o Conselho podia espioná-lo para obter mais informações. Emily Wess os levaria diretamente até ele. E então, se o conhecimento dela não passasse disso, eles poderiam despojá-la dele, e também de sua vida.

CAPÍTULO 55

10H40

A parte mais difícil era saber por onde começar. O simples tamanho da biblioteca tornava arbitrária qualquer decisão de Emily, mas ela sabia que precisava partir de algum lugar. Ela retornou pelo pequeno lance de degraus pelo qual o grupo havia descido minutos antes de ela ter se afastado dele, e se dirigiu até uma caixa de acrílico transparente que exibia uma planta baixa da sala principal de leitura.

Tirando o celular da bolsa, ela passou o dedo pela tela e recuperou a imagem que havia fotografado em Oxford.

Encontrei o legado de Ptolomeu, pensou ela consigo mesma, relendo a primeira linha gravada à mão na madeira. Logo abaixo da frase vinham a três palavras que ela sentia que deveriam levá-la a alguma coisa ali na Bibliotheca Alexandrina: vidro, areia, luz.

Vamos começar pelo começo. Vidro. Emily quase não tinha idéia do como o vidro poderia se relacionar com sua busca da antiga Biblioteca de Alexandria, mas qualquer parte da coleção daquele prédio que lidasse com a cidade histórica não seria um mau lugar para começar.

Recordando o orgulho da guia em relação à oferta de acesso público à Internet em toda a Bibliotheca Alexandrina, Emily foi até um computador e selecionou num menu a versão em inglês do catálogo de obras. Apareceu na tela uma interface conhecida de busca, muito parecida com os catálogos das bibliotecas acadêmicas que ela encontrara em várias instituições. Ela com facilidade acessou o programa e digitou as palavras de pesquisa. Examinando as fileiras de resultados, ela localizou “História: Alexandria (Antiga)” e uma série de algarismos indicando o nível quatro, fileiras de estantes de número 25 a 63. Voltando à caixa de acrílico, ela localizou o local na planta baixa e definiu o melhor trajeto.

Virou-se então para ir até lá.

Atravessando dois níveis de galerias e descendo até o quarto piso da enorme sala

de leitura, Emily chegou à fileira 25, onde a coleção mais ampla sobre a história antiga do Mediterrâneo começava a afunilar para o assunto “Alexandria” propriamente dito. Os livros estavam organizados em grupos nas prateleiras, e esses grupos eram ligeiramente mais alentados do que os das outras estantes. Na verdade, as prateleiras se pareciam mais com o que qualquer pessoa esperaria de uma biblioteca, e o contraste chamava a atenção. Emily percebeu que o resto do lugar, com todo o seu esplendor, tinha um certo ar triste ou assombrado. Um dos prédios mais espetaculares do mundo, praticamente vazio, como se estivesse exibindo ao mundo seu potencial de conhecimento, mas sem ter ainda descoberto o que queria dizer.

Ela foi examinando as longas fileiras de livros, olhando lombadas com títulos impressos em francês, inglês, espanhol, russo, alemão, árabe. Deus me ajude, se a pista estiver em árabe, pensou ela. Ela conseguia lidar com a maioria das línguas românicas, juntamente com os tradicionais grego e latim escolásticos, e um número suficiente de títulos em alfabetos eslavos também. Mas o árabe estava num galho alto da família das línguas mundiais que ela não ousara atingir.

Depois de passar pela quinta e pela sexta e última prateleira da fileira 63, que era a última da seção, ela já pressentiu que não ia encontrar nada. O último grupo de livros tratava dos anos de declínio da cidade, mas não havia nada em nenhum de seus títulos, e nem nos títulos que ela vira antes, que tivesse alguma associação com vidro. Como se essa associação fosse mesmo existir, pensou ela.

Emily se aprumou e foi na direção do corrimão do mezanino, que separava artisticamente seu piso do piso de baixo. Talvez ela estivesse raciocinando do modo errado. Vidro, por mais que pudesse remontar a épocas antigas, sempre tinha algo de moderno. Talvez ela não devesse estar buscando na seção de história, no fim das contas. Vidro moderno? Fabricação de vidro? Tecnologias do vidro? Emily se dirigiu mais uma vez aos terminais de computadores sempre à vista em toda a biblioteca, selecionou um novo conjunto de critérios de pesquisa e em poucos minutos alimentou a interface com os termos: “Materiais modernos: vidro”. Em seguida, foi para outra seção da sala de leitura.

Um exame das estantes resultou no problema oposto ao que ela enfrentara na pesquisa das estantes de história: aqui, todos os livros que ela tocava eram sobre vidro, mas nenhum tinha ligação alguma com Alexandria, ou com a biblioteca. Diferentes estados de frustração, mas o mesmo resultado final.

Pense, professora! O pensamento quase saiu em voz alta, como se, num acesso de insistência agressiva, ela pudesse forçar-se a descobrir o caminho que deveria seguir. Vidro, areia, luo que isso pode significar?

Pense de forma criativa. Talvez a resposta não estivesse em um ou outro termo, mas em sua combinação. Vidro, todos sabiam, era feito de areia. Ou, pelo menos, até onde Emily sabia sobre a ciência da fabricação do vidro. Luz. . “luz” também estava entre os termos. A luz claramente passava pelo vidro.

Ela fechou os olhos, tentando ter alguma epifania, combinando as palavras criativamente.

Seria o legado de Ptolomeu algum tipo de processo? Converter areias egípcias em vidro? Deixando entrar a luz? Aquilo era uma tentativa maluca, mas já era melhor do que nada. Ela voltou para a coleção histórica, dessa vez concentrada em localizar todos os volumes que pudesse sobre Ptolomeu. Mas qual Ptolomeiti Enquanto ela ia até a estante, as possibilidades foram se multiplicando até ficarem excessivas para serem úteis. Tinha havido 15 reis em sucessão, todos chamados Ptolomeu, e pelo menos duas vezes esse número de generais, príncipes, governantes e comandantes que tiveram o mesmo nome imperial até o final da dinastia egípcia. Cada um deles tinha, uma história. E Emily tinha certeza de que cada um tinha ao menos uma pequena coleção de livros escrita sobre si mesmo.

Isto não está me levando a lugar algum.

Ela parou antes de chegar ao quarto piso, e foi em direção a um dos pequenos grupos de cadeiras que havia espalhados pela biblioteca. Ficar examinando as estantes a cada palpite era contraproducente. Ela precisava sentar e definir exatamente o que queria procurar.

Ela se afundou o mais que pode numa poltrona robusta de um tom cinza-azulado e deixou que o sol que vinha de cima distraísse sua atenção das coisas ao seu redor. Mais uma vez ela fechou os olhos, tentando se concentrar.

As pistas em Oxford eram enganosas, ela se lembrou. Sua linguagem era precisa, com o intuito de enganar à primeira vista. Ela pegou o telefone, olhou pela milésima vez a foto tirada na capela.

Legado de Ptolomeu. Emily recordou os comentários de Wexler sobre o termo

“legado”: algo que se possuía hoje, agora, e não algo perdido. Essa orientação a trouxera ali. Talvez ela precisasse prestar atenção nela de novo e reformular sua abordagem. Em vez de sondar a biblioteca buscando algo que contivesse um elemento-chave do legado do rei, Emily disse a si mesma, vamos partir da premissa de que este é seu legado. Estou sentada nele. Ela abriu os olhos e observou a cena de forma diferente. O

que será, neste lugar, que liga os três termos?

Uma mulher que estava num terminal de computador ali perto digitava sem parar em seu teclado, e ouvia-se a música que vinha de seus pequenos fones brancos firmemente colocados em seus ouvidos.

Emily não tinha certeza, mas parecia que a mulher estava acompanhando a música baixinho, num murmúrio. Música, murmúrio, digitação, blips de computador. Parecia que aquela mulher estava sentada ali especificamente para distrair Emily.

Emily fechou os olhos e reclinou a cabeça para trás, apoiando-a na cadeira, permitindo que a luz do sol cobrisse seu rosto e acalmasse seu sangue.

E daí teve um estalo.

Luz do sol. Luz, que entra através do teto. Só havia uma maneira pela qual aquilo podia acontecer.

Emily abriu os olhos.

Vidro. O enorme e inclinado teto da biblioteca era um rede espetacular de painéis de vidro filtrando o sol egípcio. Cada painel encaixado em seu nicho de granito, formando um conjunto de placas que transformavam a luz dourada do sol em um cinza suave que enchia a biblioteca lá embaixo.

Emily se ajeitou na cadeira. Vidro, areia, luz. Ela olhou mais uma vez no celular e na mesma hora a imagem na tela assumiu uma aparência diferente. Nova. Havia algo que ela não tinha visto antes.

Forma. Quem quer que tivesse riscado a mensagem no biombo de madeira do altar em Oxford não tinha escrito essas palavras lado a lado. Elas estavam gravadas na madeira verticalmente. “Vidro” não estava ao lado das outras; estava

sobre elas.

VIDRO

AREIA

LUZ

Emily dirigiu mais uma vez os olhos para o teto inclinado em cima dela. Ali, no meio do legado de Ptolomeu, o vidro ficava sobre tudo. Seriam essas palavras um mapa? Um plano básico que ela deveria seguir?

O teto da biblioteca era vidro. Ela fora construída sobre a areia egípcia. Emily olhou de volta na foto.

Embaixo da areia, luz.

Tenho de chegar ao subsolo.

CAPÍTULO 56

11h

Enquanto Emily descia cada lance de escada para chegar ao andar mais baixo da biblioteca, às vezes desviando-se na direção das estantes para evitar que seu passo determinado atraísse a atenção de alguns curadores e atendentes que trabalhavam ali, ela foi tendo cada vez mais certeza. As três palavras em suas fotos eram um plano, dizendo a ela para descer para qualquer parte do prédio que ficasse abaixo da areia, abaixo do nível do solo. A luz, como qualquer historiador sabia, era um símbolo da verdade em quase todas as culturas.

A verdade está abaixo destas paredes.

Ela começou a andar mais rápido ao se aproximar do piso térreo, que era bastante parecido com todos os outros: muitas mesas, carteiras e computadores na parte frontal iluminada pelo sol, com várias fileiras de estantes mais ao fundo sob o piso superior.

Emily foi da escada para as fileiras de estantes e avançou diretamente até a parede atrás delas. Nesse ponto o ambiente era mais escuro, e apenas a artística iluminação embutida das estantes mitigava a escuridão resultante do fato de aquele piso estar abaixo de 11 patamares de design moderno.

Ela chegou até a parede do fundo, que era branca e lisa. Alguns retratos e pôsteres adornavam a longa e plana superfície que, como Emily notou, só tinha além deles três portas de madeira, uma em cada extremidade e uma no centro. Ela se dirigiu impulsivamente para a porta à esquerda. Forçou a maçaneta. Trancada.

No momento seguinte ela tentou a porta central. Ela parecia idêntica à primeira,

e estava também muito bem trancada. Sua certeza, entretanto, não diminuiu. Apesar das duas tentativas fracassadas, ela estava convencida de que estava no caminho certo.

Ao aproximar-se da terceira porta, Emily sentiu seu coração disparar.

O sinal que ela buscava estava lá, aguardando.

No canto superior da porta, gravado em riscos rudimentares sobre a madeira e o verniz, estava um símbolo que ela já conhecia muito bem, com duas letras gregas dentro de uma moldura artística. O

emblema da biblioteca. Ela se permitiu apenas um minúsculo sorriso de satisfação, e então colocou a mão na maçaneta da terceira porta fechada. E, desta vez, ela se abriu.

CAPÍTULO 57

SIMULTANEAMENTE, NORTHFIELD, MINNESOTA, 15H

Os três homens tinham revirado cada superfície da pequena casa que ficava bem na saída do campus do Carleton College e era alugada pela dra. Emily Wess. As almofadas dos sofás tinham sido rasgadas à faca, o colchão desmontado até as molas. O carpete fora arrancado do chão, e até mesmo o papel de parede foi retirado na busca de qualquer esconderijo ou lugar disfarçado que pudesse ocultar alguma coisa. Todas as buscas feitas pelos Amigos eram completas, de modo que quando o secretário ordenava uma busca "completíssima", ele queria dizer que o lugar deveria ser desmontado, desfeito até que se visse seu esqueleto, se necessário.

Os Amigos tinham feito isso, mas a busca fora infrutífera. Não havia nada, nem um único objeto na residência de Emily Wess que tivesse alguma ligação com a biblioteca, a Sociedade ou o Guardião.

Apenas uma biblioteca pessoal que continha uma coleção típica de professor universitário, intrigante apenas no explícito amor que Emily Wess nutria pela instituição onde iniciara seus estados de pós-graduação, a Oxford University. Livros sobre sua história, arquitetara e cultura tomavam quase três prateleiras inteiras da estante em sua sala de estar.

Como haviam sido instruídos, os homens removeram o disco rígido do computador de Emily e levaram todos os livros das prateleiras. Se alguma coisa estivesse escondida ali, seria descoberta pelo moderníssimo escrutínio de seus laboratórios em Minneapolis.

Os três homens esperavam que esse escrutínio revelasse alguma coisa. A falta de notícias não era boa notícia aos olhos do secretário.

Um dos homens pegou o telefone celular e fez uma ligação. No momento seguinte, alguém atendeu do outro lado. Nenhuma das duas partes se identificou.

— Terminaram? - veio a indagação do outro lado da linha.

— Sim, e não encontramos nada. A casa parece limpa. Os livros e os computadores estarão no laboratório em uma hora.

O homem olhou para o caos que antes fora a casa de Emily Wess, convencido de que eles não tinham deixado passar nada. Voltou então a atenção para o telefone.

— E vocês, já chegaram ao local?

— Acabamos de chegar ao apartamento dele — foi a resposta.

— Bom — respondeu ele. - Quando vocês tiverem extraído o que for necessário do noivo, comuniquem-se imediatamente.

— Claro — disse o homem e a ligação foi encerrada.

Em Chicago, os dois Amigos adotaram um ar profissional quando as portas de metal do elevador se abriram no quarto andar de um prédio de apartamentos de nível intermediário no centro da cidade.

Mais alguns passos e eles estavam diante da porta com o número 401. O Amigo que era o líder bateu.

— Qual é o sobrenome dele? — perguntou seu parceiro num sussurro. Na “entrevista” que estava para acontecer, ele precisaria manter um protocolo profissional. — Me diga o sobrenome dele.

— Torrance - respondeu o outro homem. - O nome do nosso alvo é Michael Torrance.

CAPÍTULO 58

11h05

Emily abriu a porta de madeira, que não ofereceu resistência. Além da parede branca no fundo do patamar mais baixo de prateleiras da biblioteca, uma cena diferente se descortinava. Uma longa rampa descia mais ainda, para as entranhas do prédio, sendo as paredes de um tom cinza escuro. A luz ali era bruxuleante e vinha de finos tubos fluorescentes expostos, substituindo o aconchegante sistema de luminárias embutidas característico dos espaços públicos de leitura dos andares superiores. Além daquela porta não se via mais o comercial carpete em cores cinza e creme que terminava justamente ali, arrematado por uma tira de metal: o chão era de concreto, já marcado com longas linhas sinuosas feitas pelos carrinhos de transporte, empurrados infinitas vezes ao longo do corredor.

Aquela era, evidentemente, uma entrada de serviço, para o subterrâneo operacional da deslumbrante Bibliotheca Alexandrina. Enquanto avançava pela rampa que terminava num complexo de corredores e salas, Emily não pôde deixar de pensar que era ali que acontecia o verdadeiro trabalho do principal centro de conhecimento do Oriente Médio.

Indo pelo corredor principal, ela deparou à sua direita com a entrada da primeira sala de um conjunto de salas interconectadas. Antes de passar pela porta aberta, ela examinou com cuidado a pequena sala para ter certeza de que estava vazia e ela não seria vista. Felizmente, a sala estava sem ninguém, assim como a sala seguinte, e a outra depois dela. Emily pôde continuar descendo pela rampa. As prateleiras sofisticadas das salas de leitura agora davam lugar a velhas estantes de metal, pintadas de um verde industrial típico de qualquer lugar do mundo, curvadas sobre o peso de livros e pilhas de papel que estavam mais amontoados do que dispostos sobre elas.

As vezes, um ruído ou outro a fazia lembrar, entretanto, que aquela era uma área

de trabalho e que ela não estava sozinha, mesmo que muitos dos escritórios e salas de trabalho parecessem vazios. Emily ouviu vozes abafadas vindo da próxima sala ao longo da rampa e avançou cuidadosamente para não fazer barulho. Olhando com o rabo do olho esquerdo através do pequeno visor da porta, ela viu o que parecia uma reunião comum de trabalho: pessoas examinando papéis e digitando em luminosos terminais de computador.

Antes que pudesse ser notada, Emily abaixou a cabeça e foi adiante. Embora em outras circunstâncias ela pudesse ter apreciado muito um encontro profissional com as pessoas que ela observara ali, agora ela não podia se arriscar. Obviamente aquela não era uma área pública, e ela estava ali sem ser convidada. Um fúncionário cioso do protocolo a consideraria uma intrusa, fazendo-a sair assim que aparecesse na sala, e Emily não podia correr o risco de ser expulsa daquele prédio.

Estes corredores encerram uma resposta, disse Emily a si mesma. Luz. Verdade. O que quer que seja que preciso encontrar.

Ela foi adiante na rampa até atingir seu fim, observando superfícies, portas, prateleiras e qualquer coisa onde pudesse encontrar algum sinal do que procurava.

Em sua maioria, as portas eram marcadas com números ou não tinham marcação nenhuma. Algumas, entretanto, tinham placas com nomes que começavam com os títulos de “doutor” ou “professor”. Para Emily foi gratificante constatar que o inglês fora escolhido como a língua internacional do meio acadêmico no Egito. Sua memória retrocedeu até uma tarde comum em sua infância, em que ela estava numa aula de francês em Logan, Oliio, e a professora orgulhosamente insistira que o francês era a língua universal, a verdadeira e literal lingua franca, em todo o mundo. A professora conseguira convencer as crianças na época, e Emily estudara francês durante anos. Mas estava claro que o mundo tinha mudado.

A rampa terminava em uma curva abrupta para a direita, marcando o início de outro corredor. Emily foi adiante, adentrando no subsolo cada vez menos iluminado da biblioteca. Havia mais gabinetes ao longo do corredor, que se subdividia em três outros corredores menores do lado esquerdo, formando um desenho que parecia uma letra “E” ao contrário. Enfiando-se atrás de um canto de prateleira ou em uma sala vazia toda vez que ouvia um ruído, Emily foi se

movendo devagar, examinando o complexo com olhos atentos e evitando ser registrada pelas surpreendentemente poucas câmeras de vigilância.

Abaixo da areia, luz. Estava claro. Qualquer luz que ela fosse encontrar ali não viria do sol, nem ela acreditava que os frios tubos da luz morta que bruxuleava sobre ela podiam ser fortes o bastante para produzir algo como a revelação iluminadora que ela estava buscando. Deve ser um símbolo, ou uma representação. Uma figura, em vez da realidade.

O que simboliza a luz?

Quanto mais Emily avançava, mais velhas pareciam as paredes em torno dela. Elas no início eram de concreto, mas agora, seriam de pedra? Se não eram, o tijolo usado ali tinha sido uma boa imitação. As extremidades de cada longa placa retangular pareciam desgastadas, ligeiramente deterioradas.

Poderiam eles ter construído todo este prédio sobre as ruínas de alguma estrutura mais antiga?

Emily se lembrou de que o governo egípcio desejara construir a biblioteca nova no ponto mais próximo possível da antiga. O Egito também era um lugar onde era difícil escavar um terreno sem encontrar algum artefato antigo. Era completamente possível que nem todas as paredes ali, nas entranhas do novo complexo, fossem tão novas quanto as paredes lá de cima.

Dos três corredores laterais ela entrou no do meio. As prateleiras ali estavam praticamente vazias, revelando mais das paredes atrás delas, à medida que Emily avançava por sua curta extensão. As luzes nessa área estavam completamente apagadas, mas seus olhos iam se ajustando e era impossível não enxergar as inscrições nas paredes. As pedras estavam cobertas de desenhos e rabiscos. Essas marcações, entretanto, não estavam pintadas. Estavam riscadas.

Riscadas.

A pulsação de Emily acelerou. Os dois sinais até agora deixados para ela haviam sido riscados, na madeira do University College e na porta da sala de leitura lá em cima. Pela primeira vez desde que entrara no complexo do subsolo, ela sentiu que estava fazendo algum progresso.

Seus olhos examinaram as marcações nas paredes. A maioria estava em árabe,

embora outras parecessem algum tipo de inscrição baseada no latim que ela não conseguia reconhecer inteiramente.

Mas ela conseguia saber que se tratava principalmente de nomes. Nomes de pessoas.

Com a mesma velocidade que viera, a sugestão de inscrições antigas se foi, e Emily sorriu quando se deu conta do que estava vendo. Seus pensamentos retornaram ao Willis Hall, no Carkton College, quando ela era uma graduanda no último ano da faculdade e, juntamente com um grupo de amigos, perpetuou uma antiga tradição da escola. Bem tarde numa noite de maio, no escuro para evitar a vigilância dos seguranças do campus, sempre a postos, eles escalaram em segredo a torre do prédio, feita de tijolos, levando canetas e inscrevendo seus nomes nas paredes antigas que, em geral, ficavam fora da vista do público. Eles acrescentaram seus garranchos a centenas de outros que já estavam lá, desde tempos muito antigos da história da faculdade. Era uma espécie de rito de passagem: deixar sua marca na pedra do campus antes de partir para o que viesse em seguida. Agora, examinando as dezenas de nomes gravados na pedra desse corredor subterrâneo, Emily percebeu que aquilo deveria ser um ritual equivalente ao do Willis Hall, só que realizado por construtores: numa estrutura construída por suas próprias mãos, eles haviam gravado seu nome, para que ele entrasse para a história, embora com muita probabilidade esses construtores nunca mais fossem entrar no prédio.

Ela foi adiante no pequeno corredor e chegou a uma porta. Não havia nenhuma placa indicando nomes, e a porta estava trancada. Ela tentou girar a maçaneta, imprimindo-lhe cada vez mais força, mas ela não cedeu. Emily ficou surpreendentemente desesperada. Que vou fazer se o que procuro estiver ali dentro, e eu não conseguir abrir a porta? Os inúmeros nomes gravados na pedra, embora pudessem não ter relação alguma com seu projeto, tinha estimulado a adrenalina e o senso de expectativa de Emily.

Mas a porta não cedia.

Ela foi em frente, chegou até a extremidade do pequeno recinto e voltou-se para examinar o outro lado do corredor que acabara de descer. Uma segunda porta ficava em frente à primeira. Também essa não tinha nem número nem indicação de nome.

E então, ela avistou. Recém-marcada na pedra, em uma letra pequena e rude, uma única palavra: LUZ

Então, não precisarei decifrar um sinal, no fim das contas, pensou Emily. A luz que ela estava buscando era um pouco mais. . óbvia. Ela fixou os olhos na palavra, como se ela fosse revelar algum segredo se Emily olhasse com intensidade.

Este é o ponto, ela sabia, e esta é a porta. Ela baixou o olhar até a porta de madeira diante dela, no mesmo momento em que sentiu um calafrio.

A porta agora estava aberta. Ali estava um homem, sua pele escura ocultada por uma barba negra, seus olhos fixos diretamente em Emily.

CAPÍTULO 59

11h35

O olhar do homem perscrutava o rosto agora pálido de Emily. Ele usava terno e gravata tradicionais, cada peça com uma tonalidade diferente de marrom-claro. O tom oliva de sua pele era acentuado por uma barba negra muito bem aparada. O cabelo ralo era da mesma cor, mas o negro era suavizado por toques grisalhos em torno das têmporas e orelhas. Seus olhos estavam muito fixos nos de Emily.

— O que deseja? — perguntou o homem de forma abrupta, a austeridade em sua voz tornada mais ríspida pelo sotaque árabe.

Emily não tinha idéia do que responder. Como ela devia responder dependia inteiramente de quem era aquele homem, de ele estar ou não ligado à investigação de Emily e à palavra rabiscada sobre a porta de sua sala. Estaria ele ligado, de alguma forma, às mensagens e sinais que Arno havia deixado na biblioteca? Ou seria ele simplesmente um funcionário local que por acaso estava na sala? Emily estava perdida, não tendo idéia nem de como começar a conversa.

— Eu, eu. . — titubeou ela.

O homem a examinava lentamente, enquanto Emily hesitava, sem dizer nada. Finalmente ele trouxe seu olhar de volta ao nível dos olhos de Emily. Não disse nada, apenas aguardando. Fosse por uma manobra deliberada ou por rudeza de caráter, ele não ia deixar as coisas mais fáceis para Emily.

Tenho de passar por este homem. Não posso deixar que ele me detenha. A mente de Emily procurava as palavras certas, mas tudo o que ela conseguiu foi inventar uma desculpa óbvia. Ela se esforçou para assumir um tom relaxado.

— Sinto muito, acho que perdi meu grupo e estou per. .

— Lamento — disse o homem interrompendo-a. — Estou muito ocupado.

Mas ele continuou plantado na porta, seus olhos completamente fixos nos de

Emily. Ele não moveu um braço, nem olhou na direção de sua mesa, nem fez nenhum outro gesto que normalmente acompanharia a tentativa de se evadir de uma conversa indesejada. Ele permanecia, absolutamente estoico, as mãos imóveis ao longo do corpo.

O momento silencioso e incômodo se alongou, como se o homem quisesse mais alguma coisa. Então, depois do que parecia um momento de inflexibilidade, ele moveu a mão na direção da maçaneta.

— Receio que deva pedir que a senhora saia, se não tem nada a dizer.

Seus olhos mais uma vez perscrutaram os de Emily de uma forma estranha, quase suplicante. Em seguida ele pegou na maçaneta e, sem nenhuma cerimônia, entrou na sala e fechou a porta atrás de si.

Pela segunda vez, Emily ficou olhando a superfície da porta sem indicação alguma, que agora estava fechada a centímetros de seu rosto. Seu coração batia acelerado, mas agora não apenas de medo. Ela sentia um nervosismo que era quase pânico. Com certeza, esse homem sabe de alguma coisa. Ela bateu na porta, mesmo percebendo que não sabia o que dizer se ela se abrisse.

A oportunidade não se apresentou. A porta continuava imóvel diante dela.

Pense!, ordenou Emily a si mesma. Algo parecia estranho na última fala do homem, “Receio que deva pedir que a senhora saia, se não tem nada a dizer.” Era um comentário peculiar, e na confusão daquele momento ele latejava na mente de Emily. Nada a dizer? O que ele espera que eu diga?

Emily olhou ao redor buscando alguma forma de orientação, e seus olhos subiram até a palavra acima da porta. “Luz”. Seria uma senha? Será que eu devo usá-la como uma palavra para entrar, como Ali Babá em sua caverna depois da partida dos ladrões?

Preocupada com o fato de que a oportunidade de conversar com aquele homem pudesse se perder, Emily agiu por impulso. - Luz! - anunciou ela, e a palavra ecoou no pequeno corredor.

Nada. A porta continuava firmemente fechada, e os únicos sons que ela ouviu foram as reverberações da própria voz. A resposta simples, ao que parecia, fora simples demais. O padrão de buscar as soluções óbvias para as pistas de Arno

aparentemente tinha chegado ao fim. Ela deveria ter adivinhado.

Então, que diabos eu devo dizer?

Além da inscrição na parede, o único recurso que ela tinha a seu dispor era a sua bolsa, cheia de papéis de Oxford. Ela tirou da bolsa as duas cartas de Arno e uma página que continha pistas. Olhando nelas, Emily rapidamente examinou o texto escrito à mão, forçando-se a se deter em qualquer detalhe que pudesse ajudá-la. As cartas, entretanto, não revelavam nada que parecesse relevante. Os textos a tinham levado até Oxford, e dali para a pequena inscrição na capela, mas eles não diziam nada sobre o que ela deveria fazer aqui.

Pelo menos, eles não pareciam dizer nada. Mas isso, Emily percebia, devia ser intencional.

A lembrança de Oxford avivou uma lembrança, e Emily passou pelas páginas até que chegou àquela que fizera sua primeira viagem parecer uma busca. A página contendo o pequeno emblema que havia sido seu sinal indicativo nas duas cidades, com as três pistas que ela fora obrigada a decifrar. E, no topo da página, uma curta inscrição. “Duas para Oxford e uma para mais além.”

O que era que Kyle havia dito?, perguntou-se Emily, tentando recuperar os comentários que o assistente de Wexler tinha feito quando eles estavam sentados na sala da faculdade. “Há três frases mais adiante na página. Parece bastante provável que duas delas se apliquem a lugares aqui na Universidade, e uma a algum outro lugar.” Quando se lembrou, Emily foi tomada de admiração pelo jovem que conhecera naquela cidade. Se o palpite dela estivesse correto, essa seria a terceira vez que Kyle a conduzira para o caminho correto num momento de frustração.

Emily examinou a página, abaixo do emblema, buscando as três frases. As duas primeiras eram conhecidas, e já tinham provado sua utilidade. Abaixo delas estava a terceira e última pista de Arno.

Quinze, se for de manhã.

A frase não significava nada para Emily, mas naquele exato momento ela não estava buscando significados. Ela estava apenas buscando algo que pudesse dizer.

Ela voltou os olhos para a porta, e como uma voz tão firme quanto conseguiu manter, disse a frase sem sentido, para que ela penetrasse na sala. — Quinze, se for de manhã.

Decorreu um momento interminável, no qual todas as esperanças de Emily pareceram sumir e todas as dúvidas emergir da escuridão. E se não for nada disso? Aquela era a última pista que ela tinha.

Em seguida, ela ouviu um clique.

Os olhos de Emily dirigiram-se à maçaneta, que lentamente foi virada para a esquerda e depois parou.

A porta se abriu silenciosamente. Atrás dela, o homem estava parado, estático como antes, seus olhos mais uma vez perscrutando os de Emily. Sem desviar o olhar, ele disse: - Entre.

CAPÍTULO 60

11H40

Jason e seu parceiro haviam ficado à espreita de Emily guardando uma confortável distância, seguindo-a pelos corredores, fazendo uma pausa quando ela entrava depressa em salas e escritórios vazios. A dedicação da mulher a sua missão era intensa, apenas surpreendente no sentido de que ela parecia não saber o que estava procurando. Os Amigos sabiam muito mais sobre sua busca do que ela mesma, mesmo que a identidade da pessoa procurada tivesse permanecido indefinida até poucos minutos antes.

A identidade do Bibliotecário que Emily Wess buscava tateando no escuro tinha ficado clara para eles no momento em que ela entrara no complexo subterrâneo. Dos quatro candidatos que o Conselho identificara como potenciais Bibliotecários na cidade, três trabalhavam nos escritórios superiores da Bibliotheca Alexandrina. Apenas um trabalhava no subsolo. Como as pistas que o Guardião tinha deixado para Emily a levavam cada vez mais para baixo nas entranhas do prédio, Jason afunilou suas escolhas e acabou encontrando o alvo.

— É Antoun — transmitiu ele para toda a equipe pelo SMS em grupo. Nos corredores do subsolo, com suas paredes de pedra e pisos frios, ele não podia arriscar ser ouvido por Wess, mesmo se num cochicho. Os Amigos em todo o prédio entenderam imediatamente o que o texto de duas palavras significava, e começaram a se reorganizar de acordo com a nova informação. O homem que estivera seguindo Antoun abandonou sua posição. Depois de descobrirem que ele era o alvo, eles não queriam ficar perto demais. Nem um Bibliotecário assustado, e muito menos uma Emily assustada seriam úteis agora. Jason e seu parceiro tinham continuado a segui-la a distância.

A única preocupação deles havia sido evitar serem vistos por Wess ou pelo homem que ela iria encontrar. Ao contrário dela, os Amigos não tinham a preocupação de serem vistos por outros nos corredores. Cartões de acesso e crachás falsos já os esperavam quando eles aterrissaram no Egito, e os dois os usavam presos às lapelas. Se os ternos cinza tinham parecido inusitados em meio aos turistas e estudantes lá em cima, agora eles combinavam com o ambiente de trabalho do subsolo. Qualquer mente curiosa deduziria que eles eram dois

especialistas em tecnologia, analisando a biblioteca e avaliando a condição de seus scanners e aparelhos óticos, dos quais não havia escassez. Eles pareciam isso mesmo, e os Amigos tinham larga experiência em desempenhar seus papéis de forma convincente.

Depois de vários minutos buscando e vasculhando, Emily se detivera diante de determinada porta. Algo havia lhe chamado a atenção ali. Jason fez um sinal para o parceiro, e cada um dos dois se posicionou no canto onde o pequeno corredor encontrava a rampa maior. Na escuridão eles tinham encontrado a melhor posição, vendo sem serem vistos.

Quando a porta se abriu e o homem apareceu, Jason agiu rapidamente. Pegando o celular, tirou uma foto dele e, apertando alguns botões, a enviou para o secretário.

Antoun, pensou ele, confirmando a identidade. Eles tinham encontrado o Bibliotecário.

Ficava claro, entretanto, que Emily Wess não conhecia o homem. Ocorrera uma cena estranha de uma porta se fechando, a dra. Wess remexendo em papéis e falando sozinha, e depois a porta voltando a se abrir. O moreno Antoun, aparentemente um respeitável funcionário da biblioteca, olhou para Wess com frieza. “Entre”, ele disse.

Jason sabia que estava na hora de agir. Quando Wess entrou na sala e Antoun fechou a porta atrás dela, Jason foi para a frente e tirou do bolso um pequeno aparelho digital. Silenciosamente, ele afixou no batente da porta o microfone especializado e colocou um fone no ouvido esquerdo. Tocando com os dedos uma série de botões no display, ele ajustou microfone da forma mais adequada. O microfone desempenhava sua função perfeitamente, e Jason conseguia ouvir o que estava sendo falado lá dentro como se a porta estivesse aberta.

Mais alguns botões apertados e o aparelho começou a transmitir a conversa digitalizada por uma rede sem fio de curto alcance. O segundo Amigo, com o palmtop já aberto na mão, captou o sinal e o direcionou por meio de uma conexão ao vivo para o gabinete do secretário.

A medida que as duas pessoas na sala falavam, suas palavras eram transportadas sem nenhuma distorção através de uma vasta rede digital, sendo transmitidas com clareza cristalina por dois pequenos alto-falantes de um escritório em Nova

York apenas alguns milésimos de segundo depois de proferidas.

O secretário estava junto a uma mesa de carvalho, ouvindo cada palavra.

CAPÍTULO 61

11H45

— Entre — disse o homem lentamente, numa mistura de ordem e hesitação. O plano que o Guardião tinha colocado em prática estava em um momento crítico, e o trabalho que já tinha sido feito para preparar Emily Wess para sua função, completamente sem o conhecimento dela mesma, estava chegando perto de sua finalização.

Ele deu espaço para Emily, que entrou na sala de tijolo e concreto, sem janelas. O homem fechou a porta atrás dela, trancando-a com um pequeno ferrolho.

— Por favor, sente-se — disse ele indicando a Emily uma cadeira no canto, a única superfície no gabinete que não estava coberta por papéis, livros, pastas, computadores. Aquela era uma sala muito utilizada.

Emily sentou-se. O homem ocupou seu lugar à mesa, sentou-se em uma poltrona giratória barulhenta e voltou o rosto para ela. Ele mantinha as mãos espalmadas sobre os joelhos, examinando sua visitante sem dizer uma só palavra.

Finalmente, Emily quebrou o silêncio.

— Meu nome é. .

— Sem quem é, dra. Wess.

Emily assustou-se ao ouvir o próprio nome. Aquele homem a conhecia o tempo todo.

— Não entendo — respondeu ela. — Se o senhor já me conhecia, por que não me deixou entrar quando bati na porta? Por que toda aquela conversa esquisita?

O olhar do homem permanecia fixo.

— Não é assim que trabalhamos. Nós nos baseamos na. . confiança. Eu tinha de ter absoluta certeza de que podia confiar em você.

Nas palavras dele, havia um tom de convicção e alívio.

— Eu não entendo - repetiu Emily. — O que o fez decidir que poderia confiar em mim?

— O fato de você saber meu nome.

— Seu nome?

— “Quinze, se for de manhã” — disse o homem, apontando para si mesmo. — Em carne e osso.

O canto de sua boca se ergueu minimamente, num esboço de sorriso. Mas ela permanecia desconfiada e ficou imóvel diante da revelação.

— Lamento, dra. Wess — disse o homem, sentindo a reserva dela. Era importante, crucial, que Emily Wess entendesse o que estava em jogo. Ele teria de ajudá-la.

— Na verdade, não é meu nome, é claro — explicou ele. — Meu nome é Athanasius, embora aqui meus colegas me chamem de Antoun.

O homem falava sinceramente, e a franqueza dele acalmou um pouco os nervos de Emily.

— E a frase, “Quinze, se for de manhã”? — perguntou ela.

— É o que chamamos de nossa persona. Tente entendê-la como um identificador. Uma forma simples de falar um com o outro sem que as verdadeiras identidades sejam empregadas.

Ele fez uma pausa, aguardando que um sinal de compreensão iluminasse o rosto de Emily. Ela, entretanto, continuava confusa e desconfiada. Então Athanasius se levantou, percebendo que teria de fazer mais para conquistar a confiança dela. Deu um passo no pequeno gabinete na direção de um arquivo e retirou de lá uma despretensiosa folha de papel que estava em meio a inúmeras outras.

— Recebi isto a semana passada — anunciou ele, entregando o papel a Emily. Nele estava escrito um recado, à mão: A. dra. Emily Wess deve chegar em breve. Se ela souber o que dizer, diga-lhe o que ela precisa saber.

Emily sentiu um aperto na garganta quando reconheceu a caligrafia de Arno Holmstrand, idêntica à das cartas em sua bolsa. Até mesmo a tinta era da mesma cor marrom.

Athanasius Antoun voltou à sua cadeira.

— Então, o que é, dra. Wess?

Emily ergueu os olhos.

— O que é o quê?

— O que é que você precisa saber.

A repentina mudança para pergunta e resposta a pegou de surpresa.

— O que eu preciso saber? Qualquer coisa. Tudo. Eu literalmente atravessei o mundo nas últimas 24

horas, sabendo apenas que eu estava procurando a biblioteca perdida de Alexandria e. . — ela vasculhou sua bolsa, pegou os papéis de Arno e dirigiu seu olhar à primeira carta — e essa “Sociedade que a acompanha”.

Ela ergueu os olhos para o homem à sua frente.

— Posso supor que o senhor é um membro dessa “Sociedade”?

Ela sentiu que seria melhor pôr as cartas na mesa e sondar o homem em relação às poucas informações específicas que tinha a seu dispor. Athanasius parou. Em circunstâncias normais, nenhum Bibliotecário deveria jamais falar sobre sua função, ou sobre a Sociedade, ou sobre a biblioteca. Muitos ao longo da história haviam preferido ser presos, até mesmo mortos, a revelar sua função no nobre destino dela.

Mas as instruções do Guardião haviam sido claras. Emily Wess fora escolhida para uma função, e ela precisava saber a verdade, mesmo que dizer-lhe a verdade significasse a quebra de séculos de protocolo.

— Sim — respondeu ele finalmente. - Mas preciso corrigi-la, dra. Wess. A biblioteca que está procurando, ela não está perdida.

Ele fez uma pausa, concedendo um tempo para que ela entendesse as suas palavras.

— Ela está oculta.

Emily imediatamente tentou completar a informação.

— Então, Arno a descobriu, — disse ela — e vocês estão trabalhando juntos para manter a biblioteca em segredo?

— Não exatamente.

Athanasius se mexeu em sua cadeira. O entendimento que Wess tinha da situação era precário. — Ela não precisou ser descoberta, porque nunca foi perdida. Ela sempre foi ocultada e cuidada, intencionalmente.

Emily tentou absorver a revelação. Kyle, ao que tudo indicava, estivera certo mais uma vez.

— Desde quando?

— Desde sempre — enfatizou Athanasius. — O mito de que a biblioteca foi destruída, ou perdida, sempre nos foi útil. Mas ela não está morta, e nunca esteve. Ela é uma entidade viva e ativa.

Exatamente como a biblioteca lá em cima, nossa biblioteca está sempre crescendo.

Emily mantinha os olhos fixos em Athanasius, mas sua visão se moveu para outro ponto, tentando rastrear toda a história, lendas e mitos, documentos e descobertas. As teorias que havia discutido com Kyle e Wexler agora tinham um mérito substancial e assustador. No mundo que ela conhecera até aquele dia, ninguém sabia o que havia acontecido com a Biblioteca de Alexandria, mas todos concordavam que ela havia desaparecido. Todos sabiam que ela se fora, havia muitos séculos.

Todos. . exceto aquele homem diante dela e o grupo ao qual ele pertencia.

— Nossa função — continuou Athanasius - é garantir que ela se mantenha viva. A Sociedade existe para assegurar que a biblioteca continue sendo o que sempre

foi: o maior repositório de conhecimento da história, com um propósito a cumprir no curso dos acontecimentos humanos.

A visão de Emily retornou para o presente, e para a pergunta que a consumia de forma mais intensa.

— Então, o senhor sabe onde está a biblioteca? - disse Emily, inclinando-se para a frente, ansiosa pela resposta. Quando ela veio, não foi o que ela esperava.

— Não — disse Athanasius, já esperando o olhar de desapontamento no rosto de Emily. —Nenhum de nós sabe onde está localizada a biblioteca. Esse sempre foi o mais bem guardado segredo da Sociedade, mantido a sete chaves, longe mesmo dos que trabalham nela. Apenas dois homens sabem a localização — disse ele, para depois corrigir-se. — Ou sabiam. Esses dois homens foram mortos na semana passada.

Emily sentiu um aperto no coração. Sua memória recordou de Arno Holmstrand, sendo executado em seu gabinete. Teria havido outro assassinato, mais mortes? O alcance daquela situação que de repente a envolvera estava se expandindo de forma dramática.

Entretanto, apesar da imensidão daquela história, e até mesmo do fato de que duas mortes recentes estavam envolvidas nos detalhes, a curiosidade de Emily foi maior que seu medo. Um ponto, um ponto crucial, saiu das palavras de Athanasius para penetrar na mente de Emily.

— Conte-me como funciona — disse ela, fazendo tudo para que Antoun percebesse a urgência de seu pedido. - Como vocês mantêm uma biblioteca oculta?

CAPÍTULO 62

11H55

Athanasius recostou-se na cadeira. Se a história devia ser contada, ela precisava ser contada direito e completamente. Ele havia sido um Bibliotecário, um membro da Sociedade, por mais de 25 anos, dedicando a parte mais produtiva de sua vida a seu serviço. Emily Wess fora exposta a sua existência havia apenas algumas horas, e mesmo assim o futuro da Biblioteca dependia dela. O modo como Athanasius iria informá-la sobre seu trabalho e trazê-la para dentro da Sociedade era de extrema importância.

— O “como” de nosso trabalho — começou ele — pode ser explicado depois do “quem” e do “porquê”.

O nome completo da nossa organização é Sociedade dos Bibliotecários de Alexandria. Durante 15

séculos, nossa função tem sido a mesma: manter o arquivo da biblioteca, tanto no que se refere ao conhecimento passado quanto ã sua atualização com novos materiais. Lá em cima - disse ele apontando na direção da imensa instituição sobre eles — eles se sentem orgulhosos de ter um arquivo que remonta a 1996. O nosso remonta. . bem, digamos, a um pouco antes. .

— A época de Ptolomeu II — sugeriu Emily, pensando no famoso fundador da biblioteca original.

— Não, dra. Wess, muito antes. Essa data pode se referir a quando a biblioteca foi fundada, mas ela buscou informações, documentos e registros de séculos anteriores. Temos na nossa coleção arquivos que remontam a milhares de anos. No caso de algumas culturas, ao próprio início de sua história escrita. O rei Ptolomeu tinha uma visão, de que um homem devia viver pela verdade, e ter acesso a toda a verdade, de todas as eras. Temos sempre tentado manter essa visão.

Enquanto Athanasius falava, Emily sentiu um ar de nobreza naquele homem e em suas palavras, o que era um estranho complemento para a atmosfera de morte que, como aquelas mesmas palavras relembravam, a tinham trazido ali. O projeto original da Biblioteca de Alexandria tinha princípios.

Trabalhar por sua continuidade parecia igualmente elevado.

— A Idade das Trevas pode já ter passado, — continuou Athanasius — mas a maior treva ainda está por vir, e vai chegar no momento em que estivermos cegos para o passado. Na época de Ptolomeu, o povo chamava esse projeto de "Nova Aurora", o surgimento da sabedoria a partir do caos, a ordenação e a acessibilidade do conhecimento. Mas novas auroras nem sempre são bem-vindas. Você é uma historiadora, não é, dra. Wess?

Emily concordou com a cabeça.

— Então você sabe muito bem das vicissitudes da história. Tribos guerreando contra tribos, nações batalhando contra nações. Ideologias lutando para vencer ideologias.

Emily conhecia bem até demais os movimentos da história. Era isso o que a fascinava nesse campo, mesmo que os constantes conflitos denunciassem coisas deprimentes sobre a condição humana. Pense em duas culturas em paz, ela sempre provocara os alunos, e então dê ao historiador alguns séculos e ele vai lhes mostrar duas culturas em guerra. E essa seria a estatística otimista. Em muitos casos, o período era demarcado em décadas, não em séculos.

— Entre o surgimento do antipaganismo cristão, nos séculos IV e V — continuou Athanasius — e o advento do Islamismo e o avanço de seus exércitos no século VI, o clima em que nossa biblioteca existia estava ficando cada vez mais instável. O conhecimento que possuíamos, os materiais que tínhamos coletado, estavam se transformando em motivo de inveja ou mesmo na perdição de muitas culturas e poderes. Nós sabíamos que, deixada em prateleiras acessíveis em um local conhecido, a biblioteca nunca estaria a salvo, e o mundo também não estaria a salvo do conhecimento que a biblioteca possuía.

Você deve se lembrar, dra. Wess, que a biblioteca não está só repleta de literatura. Ela possui..

— Informações militares - interrompeu Emily. — Materiais políticos,

informações sobre estados e governos — ela foi fazendo uma lista dos materiais que um rei poderia querer manter a sua disposição.

Parecia impossível que o que eles estavam discutindo fosse verdadeiramente real.

— Avanços científicos, pesquisas tecnológicas - disse Athanasius, continuando a lista. — Esse tipo de informação é muito.. perigoso.

Emily inclinou-se para a frente ao ouvir a palavra. Ela não se sentia em condições de corrigir Antoun, mas o último comentário dele tocou num ponto que era importante para ela.

— Acho que o senhor quer dizer “ameaçadoras” — disse ela. — A informação em si não é perigosa, só é perigoso o que fazemos com ela.

Ela já tinha sido acusada de ingenuidade juvenil no passado por manter essa distinção, mas era naquilo que ela acreditava.

— Quero dizer perigosa, dra. Wess - disse Athanasius, assumindo uma expressão mais severa. — Uma ameaça é uma coisa. Perigo real é outra. A informação não é simplesmente uma idéia romântica. A informação nua e crua pode ser mortal.

Emily se sentia desconfortável, e dava mostras disso. Esse era um ponto que os intelectuais haviam debatido durante séculos, e que nunca saía da pauta das discussões. Será que o que sabemos é que é perigoso, ou o perigoso é o que fazemos com a informação? Ela e Michael haviam debatido a questão mais vezes do que ela podia recordar. Ele encarava a questão numa atitude que chamava de “mais defensiva” do que a dela, convencido de que a informação em si tem poder, que o que os homens faziam, faziam-no por causa da informação que possuíam. Não era uma questão de ou. . ou. “Homens maus não podem fazer um grande mal sem os instrumentos”, dissera-lhe Michael mais de uma vez.

Emily tinha uma opinião diferente. Ela estava menos convencida da utilidade da sonegação da informação do que estava dos perigos da opressão, da crueldade, da dominação a que a censura tradicionalmente levava.

Ela estava prestes a argumentar, a levantar seu ponto de vista ideológico sobre a distinção entre conhecimento e ação, quando Athanasius se antecipou a ela.

— Pense na história moderna. Imagine que os detalhes completos da construção, lançamento e explosão de uma arma nuclear estivessem disponíveis ao público em 1944, com três potências mundiais prontas para destruir umas às outras a qualquer custo. Você consideraria essa informação simplesmente uma ameaça, ou um perigo genuíno?

Emily não disse nada. Imagens de nuvens em formato de cogumelo sobre Hiroshima e Nagasaki passaram por sua mente.

— Impérios estavam sobrepujando impérios — continuou Athanasius, retornando à época antiga. — Novas culturas estavam progredindo, conquistando e derrotando antigas civilizações. O que teria acontecido se um exército tivesse todos os detalhes sobre a força militar de todos os outros? Se os segredos de um governo fossem conhecidos por seus inimigos, até os mais minuciosos detalhes operacionais? Esse é o tipo de profundidade que a biblioteca havia atingido, depois de séculos eliminando as fronteiras entre coletar informações e buscá-las de uma forma proativa. Os Bibliotecários não eram apenas processadores e catalogadores de informações; eles tinham estendido suas funções, incluindo o reconhecimento e a ação, em todo o mundo. Os materiais que eles haviam reunido eram sem par. Não, estava claro que esse conhecimento era excessivo para um mundo belicoso. Tínhamos de proteger o mundo do que sabíamos.

Emily ficou escutando, embora sua atenção oscilasse entre o espanto e o medo. Lá dentro, em suas entranhas, um novo nó se formava. Ela era adepta da idéia de obter conhecimento, mas escondê-lo do mundo.. isso era censura com outro nome. Apesar dos tipos de perigos mencionados por Athanasius, o mundo tinha testemunhado, com muita freqüência, o que a censura acabava promovendo.

— Foi tomada a decisão — continuou Athanasius - pelo principal Bibliotecário, o Guardião da Biblioteca, de levá-la para o subterrâneo. E assim formou-se nossa Sociedade. A transferência em si foi feita no início do século VII, e desde essa época temos cuidado dela, desde que ela ficou “perdida” para o mundo. Na verdade, ela foi levada para Constantinopla. A cidade imperial já tinha nessa época vários séculos de idade, mas comparada a Alexandria ela era recente, e estava assumindo o lugar de núcleo intelectual do Império. A transferência deve ter sido uma tarefa incrível — disse Athanasius, com o olhar perdido enquanto sua mente tentava recriar a cena. — Milhões de rolos, manuscritos, livros, todos colocados às escondidas em navios que deveriam navegar clandestinamente pelo

Mediterrâneo e o Bósforo, chegando a um novo complexo subterrâneo que havia sido construído ali para alojá-los.

A imaginação de Emily seguiu a de Athanasius. Com o tamanho que a biblioteca tinha atingido depois de tantos séculos, a frota envolvida em sua transferência deve ter sido enorme. Levá-la em segredo, sob o manto da escuridão, teria sido quase impossível. Mesmo assim, em todos os séculos de história registrada desde aquela época, Emily nunca havia encontrado uma única menção ao projeto. Ou a história de Athanasius sobre a transferência da biblioteca era simplesmente uma mentira, ou ela revelava uma monumental ocultação.

— A coleção permaneceu em Constantinopla até meados do século XVI. Nas décadas e séculos que se seguiram, houve várias tentativas de descobri-la, mas ela continuou oculta, embora tenha sido por pouco. A Sociedade estava ficando cada vez mais preocupada com o risco de vazamentos. Nossa equipe é composta de seres humanos, tão suscetíveis a subornos, ameaças e a manipulações como quaisquer outros. Se algum deles sucumbisse, séculos de cuidado e sigilo estariam comprometidos.

Emily sentiu que sabia onde Athanasius iria chegar.

— Então, tiveram de escondê-la, mesmo de sua própria equipe?

— Decidiu-se levar a ocultação da biblioteca um passo além: transferi-la de novo, dessa vez mantendo sua localização desconhecida de todos, com a exceção de um pequeno grupo de privilegiados indivíduos; apenas dois, que viveriam bem distantes um do outro, em regiões remotas do Império. Se um dos dois morresse, o conhecimento da localização da biblioteca ficaria com o outro, e ele escolheria um novo “segundo”. Dessa forma, a localização da biblioteca nunca ficaria na posse de um único indivíduo, com quem ela poderia se perder, mas também não seria conhecida por muitos, por quem ela poderia ser colocada em risco.

Pelo menos, pensou Athanasius consigo mesmo, é assim que o sistema normalmente funciona. Quando o Guardião vê que sua morte está próxima, e não há um Segundo a postos, alguns planos devem ser improvisados. Mas ele não manifestou esse seu último pensamento. Wess ainda não estava pronta para essa dimensão da história.

—No final do século XVI, o labirinto de túneis sob o antigo palácio imperial

bizantino, que fora sede da biblioteca durante séculos, estava vazio.

CAPÍTULO 63

WASHINGTON, D.C., 5H15

O diretor do Serviço Secreto, Brad Whitley, estava na sala do vice-presidente, que tinha a porta trancada e as cortinas abaixadas. Ele já instruíra seus homens a desligarem as escutas da sala, e a garantir que a reunião não fosse interrompida. Algumas discussões exigiam concentração total, sem distrações ou ouvidos curiosos.

— Isso tudo é bem difícil de acreditar, diretor Whitley — disse o vice-presidente Hines. — Tudo isso vai mesmo acontecer dentro de dois dias?

— Vai sim, sr. vice-presidente - respondeu Whitley. - O secretário de Defesa e seu alto comando concordam que esse é um problema de segurança nacional que precisa ser resolvido imediatamente. O

presidente vai ser afastado de seu cargo sob as cláusulas da lei militar, apesar dos protestos de inocência que ele tem feito diante da mídia desde que as notícias se espalharam. Trata-se de um homem que trouxe o inimigo estrangeiro para o solo pátrio. Se não fosse por suas atividades ilegais, não teríamos terroristas e assassinos atacando nossas personalidades políticas aqui na capital.

— O senhor tem certeza da ligação?

— Sim, senhor. As provas são irrefutáveis. Os militares conseguiram ligar os assassinatos diretamente a enclaves afegãos por meio de munições rastreáveis, e as informações que obtivemos sobre as atividades do presidente Tratham na Arábia Saudita não deixam espaço para dúvidas. Com certeza, o senhor já tomou conhecimento delas.

— Sim, claro — confirmou Hines. Sua equipe o mantinha constantemente atualizado, com um fluxo praticamente contínuo de documentos desde que o fato começara a ser noticiado. Ele lançou um olhar perplexo ao diretor do Serviço Secreto.

— Qual é o procedimento para uma situação dessas? — perguntou ele. — Existem medidas previstas para a detenção militar do presidente?

— Não assim como o senhor coloca, — respondeu Whitley — mas os generais estão convencidos de que uma lei militar comum e as cláusulas do Ato Patriota são mais que adequadas para a prisão, detenção e acusação de qualquer indivíduo, inclusive um presidente em exercício. Se ele for preso nessas bases, seu privilégio executivo cessará imediatamente.

— E depois?

— Depois a cadeia de sucessão constitucional segue seu curso como está previsto.

Hines apreciou a gravidade dessa frase inócua. A cadeia de sucessão transferia o controle executivo para o vice-presidente, no caso de incapacidade ou inabilidade, da parte do presidente, de cumprir os deveres do seu cargo; e se essa incapacidade fosse de longo prazo, a própria presidência seria assumida por ele.

— O senhor deve saber, vice-presidente, — continuou Whidey — que o secretário de Defesa Davis e sua equipe investigaram sua vida detalhadamente. Há traição e deslealdade no ar e ele, nós, estamos determinados a não deixar que isso infecte nosso sistema de governo ainda mais do que o presidente já deixou que acontecesse. O senhor precisa saber que cada dimensão de sua vida política foi examinada.

Hines se retesou levemente ao ouvir essas palavras.

— Fico feliz em ouvir isso — respondeu ele, com o tom de um político sério e confiável. — Não tenho nada a esconder.

— Sim, senhor. E isso o que nossas investigações confirmaram até agora.

— E meus principais conselheiros e colaboradores em assuntos internacionais são Westerberg, Alhauser e Krefft. Se vocês os investigaram, sabem que eles são conhecidos por sua completa transparência em questões internacionais. A Fundação Westerberg chegou até a. .

— Certo — interrompeu Whitley. - Ela fez lobby a favor da transparência no processo de reconstrução. Nós fizemos a investigação. Eles se posicionaram

publicamente contra esse tipo de transação que colocou o presidente Tratham em problemas.

O vice-presidente Hines concordou com a cabeça, certo da estatura de seus colaboradores. Ele não tinha dúvidas de que eles sairiam ilesos de qualquer tipo de escrutínio.

— Então — continuou Whitley - a não ser que haja segredos em seu armário que ainda não vieram à luz. . — ele deixou a idéia suspensa no ar.

— Não há — respondeu Hines com firmeza. Pelo menos nenhum de que vocês venham a ficar sabendo.

— Então é melhor que comece a se preparar, vice-presidente — acrescentou o diretor do Serviço Secreto, levantando-se. — Até o final da semana, duvido muito que esse “vice” ainda fará parte do seu título.

CAPÍTULO 64

ALEXANDRIA, 12H02

Emily tentava digerir o relato de Antoun que, no mínimo, desafiara um amplo segmento da história como ela o havia aprendido. A história e a realidade presente. Misturados com a enxurrada de detalhes fornecidos por Athanasius estavam o fato concreto de um assassinato, talvez dois, e um atentado à bomba. Aquilo era mais do que ela conseguia digerir. Emily nunca vivera uma situação em que seu entusiasmo estava tão fundido com o medo a ponto de os dois ficarem quase indiscerníveis um do outro.

— Sua Sociedade — disparou ela — é a continuação do trabalho dos antigos Bibliotecários: buscar materiais e adicioná-los a essa coleção oculta?

— Em parte - respondeu o egípcio. — Nossa função como Bibliotecários individuais é buscar e coletar informações, algo que os bibliotecários fizeram em Alexandria desde os primeiros tempos da biblioteca.

E ao longo dos anos nós nos espalhamos pelo globo para realizar nossa tarefa. Mas a Sociedade como um todo tem também uma missão tática.

— Tática?

O comentário pegou Emily desprevenida. A palavra parecia deslocada em uma conversa sobre livros, conhecimento e documentos, e servia para acirrar uma apreensão crescente que a mantinha tensa na cadeira.

— Você deve entender — continuou Athanasius — que a biblioteca há muito tempo deixou de ser um simples repositório e passou a ser uma força ativa no mundo. Já no primeiro século, ela desempenhava um papel nos eventos mundiais. Se algum conhecimento precisava ser ocultado, outro conhecimento precisava ser compartilhado. O bem da humanidade é facilitado pela informação correta que influencia as pessoas corretas na hora correta. O objetivo de nossa Sociedade tem sido manter a biblioteca, mas também utilizá-la.

Emily recostou-se na cadeira, afundando no silêncio. Esse comentário acrescentava uma dimensão totalmente diferente à história da Biblioteca de Alexandria. Não só ela havia coletado informações sobre os eventos mundiais, mas também tinha ajudado a orquestrá-los.

— Até que ponto? — perguntou ela. — Qual foi o envolvimento da Sociedade no sentido de influenciar o mundo com a riqueza de seus recursos?

— Nosso grau de envolvimento tem variado ao longo da história. Em situações ideais, nós não temos de exercer um papel muito direto. Mas a história muitas vezes fica longe do ideal.

— Dê-me exemplos específicos - disse Emily, surpresa diante da própria autoconfiança. Ela sentia sua pulsação acelerar-se, e não tinha certeza do que pensar sobre essa mais nova revelação.

Athanasius ergueu as sobrancelhas, mas concordou.

— Nero.

— Nero?

— Um dos piores imperadores da história. Você e a maioria das pessoas sabem que ele foi um homem alucinado que tocou sua rabeca enquanto Roma ardia em chamas, mas em sua época os abusos foram muito bem ocultados por assessores mais diretos. O Império sofreu, sem saber que estava à mercê de seu líder. Nós, entretanto, conhecíamos os detalhes. Foi por meio da liberação, pela biblioteca, de informações cruciais às pessoas certas que o papel de Nero no declínio de Roma ficou conhecido e acabou conduzindo a uma mudança da opinião pública que o levou a tirar a própria vida.

Emily ouvia, espantada.

— Ou, se a história moderna for mais convincente, eu poderia mencionar Napoleão — disse Athanasius. — Depois de seu golpe em 1799, o poder de Napoleão se alastrou por toda a Europa com uma força quase irrefreável. Ele era um construtor de impérios do tipo mais egoísta, e os estados começaram a sucumbir ao poder de sua Grande Armée.

— Mas de alguma forma vocês se envolveram? — sondou Emily.

— A Sociedade forneceu o essencial reconhecimento e inteligência que permitiu que a Sexta Coligação o derrotasse em Leipzig em 1813. Foi essa batalha que virou a maré contra a dinastia napoleônica.

— A Sociedade deteve Napoleão?

A idéia era inacreditável.

— A Sociedade influenciou os eventos daquela época — corrigiu Athanasius — assim como influenciou os eventos de todas as épocas em que o compartilhamento tático de informações permitiu que o bem comum prevalecesse.

Emily se acomodou de novo na cadeira, chocada.

— O senhor está dizendo que a Sociedade usa as informações que tem à sua disposição para manipular os eventos do mundo ao nosso redor.

Mais uma vez, a imponência da revelação era contrabalançada por suas objeções morais inatas ao que ela ouvia, e essas objeções estavam só crescendo.

— Não os eventos, apenas o conhecimento. E eu não usaria o termo “manipular”.

Athanasius buscou uma palavra que se adequasse melhor ao temperamento de Emily.

— É melhor pensar nisso como.. compartilhamento. O cuidadoso e deliberado compartilhamento de conhecimento, quando ele ajuda em vez de ferir. A biblioteca sempre foi uma instituição do bem.

Lutamos para tomar decisões morais que beneficiem a humanidade.

O nó no estômago de Emily retornou, mais apertado que antes. Havia nobreza e convicção moral na causa da Sociedade, isso era certo; mas a censura já fora superada, havia muito tempo. A biblioteca era uma força para o envolvimento e a mudança ativa, com recursos que ultrapassavam qualquer imaginação. Quem poderia lidar com esse poder?

Ela tentava combater seu crescente mal-estar retornando a questões práticas.

— Como os Bibliotecários faziam seu trabalho, quando a biblioteca estava oculta até para eles?

Influenciar o mundo parece impossível se você não tem acesso aos seus próprios recursos.

— Saber a localização física da biblioteca nunca esteve no cerne do ttabalho dos Bibliotecários — respondeu Athanasius. — Uma ligação física à coleção tornou-se menos importante ao longo do tempo, e hoje em dia ela é absolutamente desnecessária. Bibliotecários individuais coletam e acrescentam informações, e apenas os responsáveis precisam acessar a coleção em si. Toda a nossa estrutura é compartimentalizada. Continuamos orientados pelo Guardião da Biblioteca e seu assistente. Só essas duas pessoas conhecem a localização da coleção, e só elas têm acesso a ela. E o guardião que supervisiona a organização e a distribuição da informação da biblioteca para o domínio público, conforme for adequado. Existe uma grande equipe de apoio, espalhada por todo o mundo, que ajuda no gerenciamento e processamento de novos materiais. O resto do trabalho é feito por nós, os Bibliotecários. Existe uma centena de nós a cada época, localizados em todo o mundo e assumindo uma única tarefa: coletar informações no terreno de nossas atribuições. Essas informações podem constituir matérias-primas ou conhecimentos que resultam num maior envolvimento da Sociedade em eventos locais ou internacionais. Alguns Bibliotecários, como eu, realmente trabalham em bibliotecas — Athanasius fez um gesto indicando o ambiente que os envolvia. - Trabalhei na área de biblioteconomia toda a minha vida, e minha função é, podemos dizer, tradicional. Eu garanto que um exemplar de todos os livros impressos, jornais, periódicos, revistas, até mesmo panfletos e pôsteres que chegam às principais editoras e gráficas egípcias, sejam acrescentados à nossa coleção. O material que não é produzido pelos meios mais tradicionais, eu busco e adquiro. Existem mais ou menos dez de nós com fúnções como essa, na British Library, na American’s Library of Congress e instituições semelhantes em todo o mundo. A maioria de nossos Bibliotecários, entretanto, é mais especializada. Seu trabalho envolve coletar informações sobre atividades políticas e sociais em suas regiões, mas principalmente buscar o que é “bom e grandioso” em suas sociedades. As pessoas influentes do mundo. Qualquer pessoa com alguma importância é buscada, seguida, investigada. Tem suas informações pessoais coletadas e reunidas, histórias narrativas são compostas, redes interpessoais são analisadas, e assim por diante.

Emily tentava entender a enormidade da organização descrita por Athanasius. Se

realmente era o que ele dizia que era, a Sociedade dos Bibliotecários de Alexandria não constituía simplesmente uma rede de indivíduos tomando conta de um tesouro incomparável de informações e conhecimento, mas também uma das maiores, e mais antigas, organizações de espionagem da história.

O alcance do projeto parecia inconcebivelmente vasto. A pressão sangüínea de Emily continuava a subir, a pulsação a acelerar-se, mas ela não podia resistir ao desejo de conhecer cada detalhe.

— Como vocês são escolhidos? Como vocês são treinados para suas funções?

— Há um processo muito antigo que seguimos religiosamente — respondeu Athanasius — e que nos permite recrutar novos Bibliotecários e treiná-los em suas funções sem que eles jamais conheçam a identidade do Guardião ou de outros membros. Candidatos potenciais são seguidos e investigados por pelo menos cinco anos, para que determinemos seu caráter, adequação e confiabilidade. O Guardião indica um Bibliotecário que é incumbido de conhecer o candidato pessoalmente. Idealmente os dois se tornam colegas, até amigos, e nós podemos conhecer o candidato por meio de seu mentor. Quando chega o momento de o candidato obter informações sobre a Sociedade e sobre a função para a qual ele está sendo convidado, a abordagem é sempre feita por outro Bibliotecário, de um país diferente. Dessa forma, o candidato nunca saberá que o Bibliotecário mais próximo, aquele que o conheceu pessoalmente e o investigou, estava envolvido. Se o candidato revela que foi convidado, ou algum outro aspecto de sua função ao mentor, nós já sabemos que aquele candidato não é digno de obter o tipo de informação que temos à nossa disposição. Em suma, se tudo correr bem, o novo candidato é formalmente indicado a distância pelo Guardião e admitido oficialmente na Sociedade. O candidato recebe suas instruções, faz seu juramento, fica inteirado de seus deveres, e depois o Bibliotecário parte.

Os dois nunca mais se encontram de novo.

— Então, o novo Bibliotecário entra para uma Sociedade da qual ele só conhece um único membro? E

na qual ninguém sabe os nomes de nenhum outro membro?

— Precisamente — afirmou Athanasius. — A identidade o Guardião nunca é revelada. Ninguém deve ser capaz de identificar o que vocês americanos

chamam de “o homem no topo”.

A complexidade do sistema reforçara a aura geral de mistério que Emily sentia diante da Sociedade, mas também enfatizava seu caráter ameaçador. Emily sentia um espanto, mesclado com intriga e mau pressentimento.

— Não consigo imaginar — disse ela finalmente — como é tudo isso. Ser cortejado por um grupo com essa história, com esses recursos, para essa tarefa.

— Na verdade — respondeu Athanasius — acho que você pode.

Emily ficou surpresa.

— E mais diretamente do que pensa.

— O que quer dizer?

— Você conhece pelo menos uma pessoa que passou exatamente por esse tipo de preparação velada que acabei de descrever.

— Quem?

— Você.

CAPÍTULO 65

12H20

— Eu?

O coração de Emily, que antes estava acelerado, de repente quase parou quando ela ouviu a última revelação de Athanasius.

— Do que o senhor está falando? Eu não fui preparada por ninguém.

— Como você poderia saber? — questionou de volta Athanasius. — A questão toda da preparação é que o candidato não saiba. Ele só deve saber no final, quando provou que é digno de confiança. Na progressão normal, que dura cinco anos, o candidato só fica sabendo da biblioteca e da Sociedade nos últimos seis meses.

— Mas eu. .

— Você ainda não estava nesse estágio — interrompeu Athanasius. — Seu processo de candidatura havia começado pouco mais de um ano antes.

— Um ano?! — Emily não podia acreditar que tinha sido vigiada pelo grupo, e menos ainda que isso tivesse acontecido por um período tão longo. - Mas quem era meu “mentor”, como o senhor diz?

A expressão de Athanasius ficou mais severa.

— Em circunstâncias normais, você nunca saberia. Mas, dra. Wess, nossas circunstâncias hoje não são normais. Acho que você sabe muito bem quem estava de olho em você, preparando você. Ele era o homem no topo. O próprio Guardião — disse ele, deixando em seguida que o silêncio se estendesse entre eles.

Emily sabia que só poderia ser uma pessoa.

— Arno Holmstrand!

Ela estava de olhos arregalados, mas convencida. Desde o princípio da descrição da Sociedade feita por Athanasius, ela começou a adivinhar a identidade de seu Guardião. Agora ela tinha certeza.

— O Guardião era o professor Arno Holmstrand.

A expressão de Athanasius se abrandou quando ele ouviu esse nome.

— Isso mesmo, dra. Wess. Arno era o Guardião e seu mentor. E um bom homem.

A emoção ficou evidente nessas últimas palavras proferidas por Athanasius.

Emily teria se solidarizado mais obviamente com Athanasius em seu sentimento de perda, já que ela, também, sentia uma tristeza pela morte de Arno que era reavivada a cada menção de seu nome. Essa tristeza agora tomava uma nova dimensão, sabendo ela que Holmstrand tinha estado pessoalmente envolvido na vida dela por um período tão longo, sem que ela soubesse. Mas o principal sentimento de Emily naquele momento era uma emoção confusa, atemorizada e já esperada. Seu envolvimento nos eventos dos últimos dois dias não tinha sido acidental nem circunstancial. Ela estivera sob os olhos da Sociedade por mais de um ano. Holmstrand, seu Guardião, a observava por mais de um ano.

Preparando-a.

Para o quê? O que Emily deveria fazer? Uma parte dela sentia um medo que ordenava que ela desse meia volta e fugisse o mais rápido possível de toda aquela novidade; mas uma parte mais forte se sentia encorajada por essa nova informação, e alimentada com um poder de buscar ainda mais nas profundezas. Se ela realmente deveria se tornar uma Bibliotecária, ela devia saber o que a função implicaria.

Ela se voltou para Athanasius.

— Então, o que normalmente vem em seguida? Depois do elaborado programa de recrutamento, como os Bibliotecários realmente desempenham seu trabalho? Nada do que o senhor disse dá conta do fato de que coletar e depositar informações continua impossível se não se sabe onde fica a biblioteca.

— Os frutos de nossas coletas são enviados para o Guardião todos os meses por

encomenda postal.

— Encomenda postal?

— Você sabe: pequenos pacotes, amarrados com barbante.

Emily ficou paralisada, mas Athanasius continuou antes que ela pudesse expressar a incredulidade que já vinha aflorando em seus lábios.

— Os pacotes não são enviados para ele, é claro. Seria demasiado o risco de exposição. Em vez disso, eles são coletados. A cada mês nós juntamos as novas informações em um pacote e deixamos para que ele seja coletado.

— Onde?

— O ponto de coleta é diferente para cada Bibliotecário. Recebemos instruções sobre onde, e como, e quando devemos depositar nossas contribuições como parte de nosso recrutamento. Então, mês a mês, fazemos nosso depósito como indicado. O Guardião tem uma equipe de três assistentes para cada Bibliotecário; são pessoas que o Bibliotecário não conhece, nem vê, mas cuja responsabilidade é supervisionar o trabalho do Bibliotecário, e recolher os pacotes nos pontos de coleta a cada mês. Os arranjos são pessoais, desenvolvidos para cada membro. Da mesma forma pela qual eles estavam sendo desenvolvidos para você.

Nesse momento Emily evitou o olhar de Athanasius, tentando contornar o mal-estar que lhe sobreveio, juntamente com uma nova onda de suor e arrepios, quando ficou sabendo dos detalhes especificamente relacionados a ela. Os fatos mais genéricos já eram suficientemente impressionantes, e os excessos da biblioteca em relação ao sigilo e à confiabilidade revelavam uma estrutura altamente regulamentada.

Não só os Bibliotecários se mantinham ignorantes em relação à localização da biblioteca e à identidade de seus companheiros de trabalho, mas nenhum deles seria capaz de conhecer a metanarrativa na qual eles inseriam suas informações específicas. Cada membro da Sociedade simplesmente coletava informações específicas e as passava adiante. O que elas significavam, como elas se coordenavam com outras informações, tudo isso ficava fora de seu alcance.

Mas a coisa que mais a impressionava, entretanto, também colocava a questão que tornava seu coração acelerado e sua pele arrepiada. Finalmente, Emily não

pôde mais refrear seu impulso e perguntou: — Por que todo esse sigilo em torno de uma força do bem? — indagou ela sinceramente, aprumando-se na cadeira. — Todo esse controle, esse subterfúgio, essas pistas que não podem ser seguidas. Tudo isso parece. . excessivo.

Adianasius recebeu a expressão de Emily com bondade, mas seu rosto parecia cansado: — Porque, dra. Wess, cada busca da verdade tem seus oponentes, e a posse de uma grande verdade impõe às pessoas um inimigo ainda maior — disse ele, buscando no rosto de Emily um sinal de reconhecimento. — Somos sigilosos, porque temos um inimigo.

Logo que ele proferiu aquelas palavras, o sinistro silêncio do ambiente subterrâneo foi perturbado por um baque do lado de fora da porta. O coração de Emily parecia estar agora em sua garganta, e ela pulou na cadeira, assustada. Antes que ela pudesse dizer algo, a mão de Athanasius estava sobre sua boca.

— Não dê um pio!

CAPÍTULO 66

12H29

— Abaixe-se! — sussurrou Jason para seu parceiro com toda a intensidade que tinha a sua disposição.

Levou menos de um segundo para que os dois homens recuassem pela curva até o corredor principal, refugiando-se atrás de duas estantes, fora da vista do escritório do Dr. Athanasius Antoun.

Todo o instinto em seu corpo ordenava que ele se gritasse para o parceiro, expressando seu desagrado.

Que raios aconteceu?! O que você fez? Mas as circunstâncias não permitiam nada disso. Jason respirou fundo, controlando sua raiva. Espiou com cautela, tentando visualizar a porta do escritório. No chão, um livro tinha caído de uma pilha mal equilibrada numa prateleira de metal. O barulho inesperado não fora culpa de seu parceiro, simplesmente um acaso infeliz. Um “acidente”, para usar um termo que o secretário insistia que jamais deveria ser proferido.

Jason afastou a cabeça rapidamente no momento em que a porta de madeira do escritório começou a se abrir. Olhando na direção do parceiro, ele pôs um dedo sobre os lábios. Os dois homens pararam até de respirar, com medo de que o mero som de sua respiração pudesse denunciar sua presença naqueles corredores tão propensos ao eco.

O corpulento acadêmico egípcio olhou cauteloso para fora de sua porta aberta, deitando o olhar lentamente do lado direito, e depois do lado esquerdo. A escura passagem não mostrava sinal de intrusos, nenhuma presença de visitantes inesperados.

Athanasius baixou os olhos. No chão, um livro jazia de cabeça para baixo, aberto. Erguendo os olhos em seguida, ele notou uma pilha malfeita de livros e papéis de onde provavelmente o livro caíra. Vendo aquilo, sua pulsação diminuiu, e seu suspiro de alívio pôde ter sido ouvido por todos os corredores.

Ainda assim, Athanasius examinou longamente mais uma vez o corredor, antes de se recolher de novo ao seu gabinete e fechar a porta.

Quando o ferrolho se acomodou em seu lugar, Jason e o outro Amigo, lentamente, silenciosamente, liberaram o conteúdo de seus pulmões.

Essa foi por pouco!

Jason se levantou e examinou mais uma vez além da quina. Na escuridão, o pequeno microfone e o transmissor que eles haviam colocado na porta era quase invisível. Ele torcia para que Antoun não o tivesse visto.

CAPÍTULO 67

12H32

— Dra. Wess, por favor, sente-se e relaxe — disse Athanasius trancando a porta atrás dele e voltando à sua posição em frente a Emily.

Os olhos de Emily estavam arregalados, sua respiração rápida entrecortada. O surto de adrenalina a estava afetando com toda a certeza, enquanto seu corpo tentava se adaptar a um nível de estresse ao qual ela não estava acostumada.

— Por favor, sente-se! — repetiu Athanasius. Ele colocou a mão no ombro dela e a forçou a acomodar-se na cadeira.

— Foi um alarme falso — acrescentou ele. — Me perdoe.

— Que diabos aconteceu?

— Foi só um livro que caiu de uma estante lotada. Nada mais. Sinto muito se minha reação a assustou.

Nestes últimos dias ando um pouco nervoso.

— Eu percebi! — disse Emily, várias vezes respirando fundo e longamente e tentando expulsar a tontura e o ligeiro enjoo que acompanhou seu choque. — Quem o senhor achou que estava ali fora?

Athanasius sentou-se de novo em sua cadeira.

— Eu estava exatamente mencionando o motivo para todo o nosso sigilo. Nosso trabalho não deixa de ter seus oponentes.

Emily contraiu fortemente as mãos, na tentativa de expulsar o estresse.

— O senhor pensou que eles estavam ali fora, os seus inimigos? — disse ela, olhando-o de frente. — Que tipo de pessoas eles são?

— Nós não sabemos precisamente como, ou exatamente quando, o Conselho passou a existir — disse Athanasius com os ombros ligeiramente curvados. — E assim que eles se autodenominam, dra. Wess.

Sabemos que eles se organizaram no século subsequente ao da transferência da biblioteca para o subterrâneo. A primeira referência que temos ao Conselho na nossa coleção data de 722 d.C. De acordo com um documento breve adicionado por um Bibliotecário de Damasco, o Conselho já era um grupo organizado com líderes indicados e uma estrutura eficiente. E já era conhecido simplesmente como o “Conselho”.

Emily se mostrou surpresa com o nome, tentando espantar a tensão que fazia seus punhos ficarem cerrados. Apesar do medo, ela não pôde deixar de pensar que parecia adequado que uma organização oposta com uma história de 1.300 anos devesse ter um nome tão inócuo.

— O potencial da coleção da biblioteca para exercer dominações internacionais — continuou Athanasius — para realizar jogos de poder entre reis e facções foi nossa primeira razão para ocultá-la.

Mas em seguida a dissensão surgiu em nossos próprios quadros. O Conselho se originou a partir de um golpe. Alguns homens dentro da Sociedade sentiam que o poder que ela conferia não estava sendo adequadamente utilizado. Havia o desejo de que fôssemos mais. . poderosos mediante nossos recursos e influência.

— O poder corrompe, como dizem por aí — comentou Emily. Era difícil voltar a uma conversa efetiva depois do medo que tinham passado, mas ela se esforçou para lembrar que tinha sido apenas um livro caindo. Não havia ninguém lá fora.

— Quando a Sociedade não permitiu que seus recursos fossem usados para ganhos monetários, para o apoio a exércitos imorais e objetivos semelhantes, — continuou Athanasius — o golpe tentou colocar a sua liderança em novas mãos. Não conseguiu, mas os homens que o promoveram se reuniram em uma nova organização. Assim nasceu o Conselho. A expulsão desses homens criou infelizmente uma nova unidade entre os opositores da Sociedade. Líderes de facções que lutavam havia gerações se juntaram.

Militantes, dissidentes, até generais e líderes de estados inteiros de repente se tornaram aliados, mas não para o bem maior. A coalizão deles tinha um objetivo bem distinto: redescobrir o que nós tínhamos ocultado. Reivindicar um

conhecimento que todos eles sabiam muito bem que usariam sem hesitar uns contra os outros. Descobrir um poder real e indestrutível.

Athanasius continuou sua narrativa:

— Seus objetivos aumentaram e se expandiram com o número de seus membros. No centro de tudo aquilo estava o desejo de encontrar a biblioteca e conquistar seus recursos, mas essas intenções levaram a novas ambições. Escondido do olhar público, o Conselho estendeu seu braço e alcançou qualquer grupo ou organização nos quais pudesse obter mais poder, mais influência. Seus membros começaram a se infiltrar em exércitos, em governos, em transações comerciais, usando tudo isso para exercer influência em todo o mundo.

— O senhor está dizendo que existe outra organização lá fora tentando manipular os eventos mundiais. Não apenas a Sociedade. — disse Emily, vendo Athanasius se encolher diante da comparação que ela havia feito entre os dois grupos. Mas o homem rapidamente recobrou a compostura.

— O Conselho só deseja o poder. Dominação. Seu “Mais Elevado Objetivo”, a descoberta da biblioteca com seu potencial para uma dominação realmente sem paralelos, nunca desapareceu. Eles trabalham incansavelmente para localizar a única coisa que queremos manter oculta e eles querem encontrar.

— Então, eles são tão ativos quanto vocês?

Athanasius franziu a testa numa expressão cansada.

— Isso mesmo, dra. Wess. Eles são ativos e extremamente poderosos. Aquele ruído lá fora pode ter sido apenas a queda de um livro, mas minha precaução não foi demasiada.

Emily observou o mal-estar quase físico que foi tomando conta de Athanasius à medida que ele prosseguia falando.

— Sabemos que o Conselho é chefiado por um comitê que inclui altos funcionários da justiça, de governos e da administração de várias nações. Alguns desses indivíduos nós conhecemos, mas muitos nós não conhecemos. Eles aprenderam a ser tão sigilosos quanto nós somos. Conhecemos, entretanto, a identidade de uma pessoa-chave — disse Athanasius, instintivamente baixando a voz. — O Conselho é liderado por um secretário que detém um poder incrível

sobre suas operações. A organização pode ser tecnicamente dirigida por um comitê, mas esse é um comitê em que o líder está muito acima de qualquer outro membro, e tem seu próprio grupo de Amigos, seus assistentes que executam suas ordens com uma eficiência assustadora. Estávamos tentando descobrir sua identidade havia décadas e, de repente, seis meses atrás, finalmente obtivemos sucesso. O secretário do Conselho é um empreendedor e homem de negócios de Nova York cujo nome é Ewan Westerberg. Ele é presidente de uma grande fundação que investe em empresas e causas políticas em todo o mundo — disse Athanasius, retirando uma fotografia de um grosso envelope pardo sobre sua mesa e passando-a a Emily. Sua voz hesitou. — Ele é um indivíduo muito perigoso.

O nome não significava nada para Emily, nem o rosto na fotografia. O mundo dos negócios e dos empreendimentos estava bem longe da área de atuação dela.

— Depois que descobrimos a identidade dele — continuou Athanasius — nosso objetivo era usar esse conhecimento a nosso favor. Nós sabíamos quem estava no comando deles, mas eles ainda não sabiam nada de nosso Guardião ou seu Assistente. Ou pelo menos era o que pensávamos — disse ele e depois fez uma pausa, permitindo que sua mente contemplasse a realidade daquele momento, e cofiou a barba.

Finalmente, ele voltou a olhar pra Emily. — Estávamos enganados. De alguma forma, o Conselho tinha descoberto a identidade deles, da mesma forma que nós tínhamos descoberto a de Westerberg. Nosso Guardião-Assistente era Collin Marlake, um instrutor de patentes do alto escalão em Washington. Ele era membro da Sociedade havia 37 anos e estava perto da aposentadoria, tanto de seu cargo quanto de sua função conosco. Uma semana atrás, dois homens apareceram em sua sala logo depois do início do expediente e com toda a eficiência — ele cuspiu as palavras como se fossem veneno — dispararam dois tiros no coração dele.

Emily permanecia sentada, atenta ao relato.

— A princípio, não entendemos por que ele tinha sido repentinamente assassinado, mas o motivo ficou logo muito claro para o Guardião. Uma das últimas contribuições de Marlake para a biblioteca era uma lista de nomes que ele tinha obtido do computador de um assessor no gabinete do vice-presidente dos EUA.

— O gabinete do vice-presidente? — disse Emily assustada. O arrepio em sua espinha voltou de repente. — Que tipos de nomes?

— Os nomes estavam divididos em duas categorias sem classificação, mas logo pudemos determinar que um grupo era de indivíduos próximos ao presidente Samuel Tratham, e o outro continha nomes de homens que apoiavam o Conselho, juntamente com homens próximos ao vice-presidente. Além disso, o significado da lista não ficou imediatamente claro. Não pelo menos até que descobrimos que os indivíduos da primeira lista estavam começando a aparecer mortos.

— Era um tipo de lista de alvos — especulou Emily.

— Em parte. Mas uma lista com objetivos mais manipulativos que a simples vingança. O objetivo nesse caso é. . mais dramático.

De repente vieram à mente de Emily as reportagens sobre os escândalos em Washington. Os conselheiros do presidente sendo eliminados, supostamente por insurgentes terroristas. As ações do presidente apontando-o como culpado por isso, sua traição colocando a segurança do país em risco.

Comentários sobre a iminência de um colapso de toda a administração.

— Espere, o senhor está falando de um golpe. Uma conspiração.

A cabeça de Athanasius moveu-se lentamente numa expressão afirmativa, enquanto seus olhos permaneciam fixos nos de Emily.

— Não é provável que o presidente Tratham sobreviva a esse escândalo.

— Mas o senhor está dizendo que o escândalo se baseia em uma mentira — interpôs Emily. — As notícias online que eu li diziam que os assessores do presidente estavam sendo assassinados por insurgentes estrangeiros, que ele tinha colocado a nação em risco comportando-se de um modo que provocou esses insurgentes a nos atacar em nosso próprio solo. O senhor está sugerindo que isso não é verdade? Que eles não foram mortos pelos terroristas?

— Bem, não pelo tipo de terroristas que o seu povo imagina. Não são matadores profissionais do Oriente Médio que estão atacando seus compatriotas, dra. Wess. Bem-vinda à primeira demonstração da atuação do Conselho.

CAPÍTULO 68

12H38

Emily ficou atordoada com a magnitude da revelação. A história que havia começado com o assassinato de um colega e uma biblioteca perdida agora abarcava duas sociedades secretas, a antiga e ainda vigente manipulação dos eventos mundiais e, ao que parecia, um golpe de estado acontecendo em Washington.

E, de certa forma, ominosamente, na mistura de tudo aquilo, parecia haver um papel para ela. A sensação que ela sentira antes, de medo e expectativa, agora atingia seu pico.

— Mas por quê? — perguntou ela, quase sem fôlego. — Por que esse Conselho vai tão longe para manchar a reputação do presidente? O que ele tem a ganhar com isso?

— Você já ouviu dizer que a natureza abomina um vácuo? — disse Athanasius, devolvendo-lhe a pergunta. — Bem, em vista do que ocorreu na semana passada, parece que logo haverá um vácuo no mais alto cargo executivo do governo dos EUA. Se você deseja ocupar uma posição de poder, a melhor maneira de fazê-lo é criar uma situação de sucção política que vai engolir o homem que está no topo.

— Mas isso não vai funcionar — disse Emily, pensando rápido. — Os EUA têm uma cadeia de comando claramente definida. Se o presidente é deposto, o cargo não vai para alguém de fora. O vice-presidente vai automaticamente ocupá-lo.

Athanasius tinha os olhos bem abertos no momento em que ligou os últimos pontos para Emily, numa voz que, de novo, era quase um sussurro.

— E o nome de quem você acha que estava no topo do segundo grupo da lista?

Ele deu a Emily um momento para que ela digerisse o verdadeiro alcance da conspiração. Ele sabia que, para a jovem professora, o mundo antigo e o moderno estavam colidindo em termos quase incompreensíveis.

— Nós não somos os únicos que sabemos como usar a informação que temos à nossa disposição — acrescentou ele finalmente.

— Isso é. . inacreditável! — exclamou Emily num tom baixo. O peso da informação parecia suprimir qualquer outra fala mais ousada.

— Nosso Guardião — continuou Athanasius calmamente com sua narrativa — recebeu a lista e depreendeu seu significado. Mas a essa altura o Conselho sabia que a lista estava nas mãos dele. Dois dias atrás, ele teve um fim semelhante ao de seu Assistente.

Tomado pela emoção, Athanasius fez uma longa pausa antes de prosseguir. Quando o fez, tinha os olhos marejados, mas o olhar firme.

— A única diferença foi que, dessa vez, ele sabia que eles viriam. Arno era um homem prático, e sabia que se eles tinham achado o Guardião-Assistente, também o encontrariam, e que isso certamente significaria a sua morte. Eles não o deixariam viver, já que ele sabia da conspiração e tinha a biblioteca sob seu comando. Portanto, mesmo eliminando o único homem que poderia lhes revelar a localização da biblioteca, eles deram esse passo drástico. E Arno, em vez de tentar se proteger, passou seus últimos dias colocando um novo plano em ação.

A sensação agourenta que Emily sentira, de que a história recairia sobre ela, foi confirmada pelas palavras seguintes de Athanasius.

— Ele decidiu apressar seu recrutamento, dra. Wess. Ele não tinha mais quatro anos pela frente para recrutá-la, seguindo nosso padrão normal. Ele tinha apenas alguns dias, alguns dias para colocar em ação sua entrada na Sociedade.

— Por que ele não veio simplesmente falar comigo? — indagou Emily. — Nesses últimos dias, ele poderia ter falado comigo, pessoalmente. Ele poderia ter me ajudado.

O senso de perda retornou ao coração de Emily, que agora sabia que Holmstrand tinha passado os últimos dias de sua vida atento a ela. Mas essa perda não era apenas emocional. De repente ela percebeu que havia perdido um homem que, diante do que parecia ser um perigo real, poderia tê-la ajudado.

Athanasius deu-lhe um sorriso de aprovação.

— Não é assim que trabalhamos — disse ele, fazendo-a lembrar de algo que já tinha dito antes. — Algumas coisas não podem simplesmente ser dadas. Elas precisam ser descobertas. Arno passou seus últimos dias arquitetando um plano que pudesse ao mesmo tempo tirar o Conselho do nosso caminho e ajudá-la a descobrir a biblioteca, nossa Sociedade e sua função nela.

A estranha cisão na mente agitada de Emily retornou. Por um lado, ela não queria saber da "sua função", nem sobre nenhum papel que ela tivesse de desempenhar num drama de séculos repleto de logro, morte e destruição. Mas, apesar do medo, a outra parte dela gritava: a parte que valorizava a necessidade de tomar uma posição, de ser forte em defesa de uma causa que ia além de sua pessoa. A tensão a torturava. O que no início parecera uma busca inspiradora, uma aventura que poderia resultar em uma descoberta que enriqueceria sua carreira acadêmica, agora pesava sobre os ombros dela como uma carga insuportável. Ela não sabia ao certo se queria um fardo daqueles, menos ainda se tinha força suficiente para carregá-lo.

Athanasius parecia intuir o que ela estava pensando, e inclinou-se para a frente na direção de Emily, cheio de gravidade.

— Não é uma opção, essa tarefa — disse ele. — Dada a magnitude do que está em jogo, você tem uma obrigação. Você precisa continuar, levar a missão até o fim — disse ele, olhando-a atentamente. — Além disso, na verdade não há escolha. Você pode ter certeza de que o Conselho já sabe quem você é.

Uma vez que souberem que você está ligada à biblioteca, eles vão fazer o que for preciso para encontrá-

la, para conseguir o que você sabe.

As palavras congelaram todos os medos amorfos dela.

— Mas eu não sei nada!

— Você sabe. Você está aqui, comigo — respondeu Antoun. — E o Guardião confiou a você uma incumbência, que só você pode realizar. Você vai precisar ter cuidado até que a tenha completado.

Um calafrio percorreu a espinha de Emily, e ao mesmo tempo ela foi tomada de uma grande curiosidade, forte o bastante para distraí-la momentaneamente da

idéia de perseguição.

— Se tudo na Sociedade é tão secreto — perguntou ela, inclinando-se na direção de Athanasius — se tudo é escondido, até mesmo para vocês, Bibliotecários, como é que o senhor sabe tanto? Como é que o senhor conhece todos os detalhes que acabou de me contar?

Athanasius parecia cansado, até mesmo triste.

— Porque, dra. Wess, eu estava sendo treinado para ser o novo Guardião-Assistente. Marlake devia se aposentar em dois meses e eu estava sendo preparado para assumir a função dele. Essa programação foi adiantada depois de sua morte. Mas agora, dadas as circunstâncias atuais, as coisas mudaram de novo.

A voz dele agora estava mais baixa, quase como um sussurro sugestivo.

— Um segundo no comando não pode ser segundo se não há um primeiro — disse ele, mantendo seu olhar fixo nela enquanto Emily se aproximava mais dele.

— Encontrar o novo Guardião tem alguma coisa a ver com meu recrutamento como Bibliotecária? — perguntou Emily. — Devo ajudar o senhor a encontrá-lo?

— Tem tudo a ver com seu recrutamento, - afirmou Athanasius — mas não há um “ele” a encontrar.

Quando ele disse suas próximas palavras, tinha os olhos tão arregalados quanto os de Emily.

— Ora vamos, dra. Wess, é claro que você entende. Eu nunca disse que você estava sendo recrutada para ser uma Bibliotecária.

CAPÍTULO 69

12H45

Aos olhos de Emily, a situação tinha dimensões tão vastas, tão abrangentes, que não podia ficar maior do que era. E, no entanto, isso acabara de acontecer. — O Guardião? Holmstrand estava me treinando para substituí-lo?

— Você foi a pessoa que ele escolheu — afirmou Athanasius. — É claro que sua entrada na função não era para ser tão. . dramática. Ou rápida. Mas quando o Conselho começou seu ataque, as intenções do Guardião precisaram ser aceleradas.

Emily continuava tentando entender os pronunciamentos de Athanasius.

— Mas por que não o senhor? — perguntou ela, sincera na pergunta. — O senhor já estava em posição de se tornar o Guardião-Assistente, e é claro que sabe mais do que eu. Por que não torná-lo o Guardião e treinar um outro segundo?

— É difícil entender, eu sei — respondeu Athanasius, quase em tom de consolo — mas há uma ordem e uma razão para o modo como operamos. Minhas experiências, minhas habilidades, foram treinadas e condicionadas para uma função específica. E uma função de importância, de ação, mas também de apoio. O Guardião viu em você algo diferente, algo que ele sentiu que era importante, crucial para uma função não de apoio, mas de liderança. Algo que ele julgou pesar mais que sua inexperiência.

Experiência sempre se pode adquirir, e você pode aprender o que não sabe. Mas o guardião confiou em você, e encontrou em você o grau e a grandeza de caráter que julgava necessário para o papel.

Durante toda a sua vida acadêmica, Emily ansiara por reconhecimento; ela queria ser reconhecida como uma pessoa inteligente, criativa, respeitável. Mas ter agora seu caráter louvado daquela maneira a enchia de terror. Ela não sabia se poderia estar à altura das expectativas colocadas diante dela, e via que, nesse caso, o risco de fracassar era muito maior do que o de receber uma resenha

negativa para um artigo ou uma avaliação ruim por parte dos alunos.

Ao mesmo tempo, seu lado intelectual permanecia perturbado com os detalhes que Athanasius lhe relatara sobre a história da biblioteca e as operações da Sociedade. Estava claro que eles tinham um inimigo poderoso, mas Emily não conseguia afastar o pensamento de que os curadores de biblioteca tinham atuado como censores, ultrapassado a linha divisória entre “o compartilhamento de informações” e a inegável manipulação dos eventos mundiais de um modo não de todo diferente do atual complô presidencial do Conselho. Ela se sentia entre uma nuvem moral negra e outra nuvem menos escura, mas ainda assim cinza.

Será que essa ação está correta ? Precisamente que tipo de grupo estou sendo convidada a integrar? A liderar?

Ela sabia, no entanto, que não podia recusar a tarefa que Arno Holmstrand pusera diante dela. O que corria o risco de ser perdido para sempre tinha simplesmente um valor inestimável. O objeto do cuidado de Sociedade não tinha paralelos na história da humanidade. Se suas dimensões eram tão vastas e detalhadas quanto Athanasius tinha indicado, então ela era, até mesmo hoje, um recurso que não tinha nada igual na história da humanidade. Não podia ser perdida. A apavorante perspectiva de ser perseguida pelo Conselho teria de ser enfrentada.

Com a costumeira rapidez, Emily aceitou a situação resolutamente. Tendo ela requisitado ou não essa função, havia trabalho a fazer. Ela decidiu criar coragem e seguir em frente.

— Como devo encontrá-la? — disparou ela, rompendo o silêncio estagnado que havia se formado entre eles.

Athanasius ergueu os olhos. Seu coração, entristecido pelo relato que fizera para Emily sobre a recente história da biblioteca, sentiu-se encorajado com a resolução da moça.

— Continuando a agir da mesma maneira como fez até agora. Seguindo a orientação que o Guardião deixou para você.

Emily hesitou.

— Eu consegui chegar até aqui porque Arno me deixou duas cartas e uma série

de pistas nos EUA, que me levaram a inscrições que ele, de alguma forma, mandou alguém fazer na Inglaterra e aqui em Alexandria. Mas a pista que me trouxe até aqui era a última. Daqui para a frente, não tenho como continuar.

Athanasius se endireitou na cadeira. — Não é bem assim.

Ele voltou ao arquivo de onde tinha tirado a carta de Arno instruindo-o a aguardar a chegada de Emily.

Pegou um envelope e entregou-o a ela.

— Eu aconselharia você a continuar seguindo a orientação do Guardião.

Emily olhou para o envelope em suas mãos.

— Esse envelope me chegou juntamente com a carta - esclareceu Athanasius. O Guardião sempre pensava dois passos à frente.

No envelope, Emily verificou a mesma caligrafia em tinta marrom que era característica das correspondências anteriores de Arno. Cuidadosamente escrita, havia uma frase: Para a dra. Emily Wess. Para ser entregue na sua chegada. Ficava evidente que Holmstrand acreditara mais que a própria Emily que ela poderia chegar até ali.

Ela virou o envelope e o abriu. Uma única folha de papel estava dobrada lá dentro. Nela havia uma frase solitária, que ela leu em voz alta:

Entre dois continentes: a casa do rei, que toca a água.

— Nosso Guardião gostava de pôr as pessoas para pensar — disse Athanasius, ensaiando um sorriso tímido.

Pela primeira vez durante a conversa deles, Emily deu também um sorriso, com um senso de certeza consciente.

— Pode ser — disse ela - mas desta vez, eu não tenho de pensar. Arno provavelmente sabia que isso é óbvio para mim, e fica ainda mais óbvio depois de nossa conversa.

Athanasius esperou que ela continuasse. Emily levantou-se e começou a andar

de um lado para o outro na pequena sala, nervosa, interpretando o significado da mensagem críptica de Holmstrand.

— Só existe uma cidade onde um palácio se localiza entre dois continentes, e é uma cidade que o senhor acabou de mencionar como sendo parte do passado da biblioteca. Constantinopla, nos nossos dias Istambul. A cidade jaz sobre uma pequena saliência de terra no Bósforo, exatamente entre os continentes da Europa e da Ásia. Ela foi vítima de terremotos ao longo de toda a sua história exatamente por esse motivo. Emily visitara Istambul duas vezes na sua época de estudante, e se lembrava bem da cidade.

De repente ela parou de andar de um lado para o outro, e virou-se, olhando Athanasius de frente.

— E eu sei exatamente o que ele quer dizer com “a casa do rei”.

CAPÍTULO 70

UMA HORA MAIS TARDE, 13H45 EM ALEXANDRIA

Jason estava sentado, com um ar indiferente, junto a uma mesinha redonda num café do aeroporto. Era um dia típico, com passageiros andando apressados em todas as direções. O outro Amigo estava discretamente sentado do outro lado, longe do colega.

Por baixo de um verniz de calma e casualidade, entretanto, a mente de Jason estava povoada de emoções conflitantes. Por um lado, havia a emoção que acompanhou sua ciência do fato de que Emily estava sendo preparada para ser a nova Guardiã da Sociedade, e que ela poderia levá-los até a própria biblioteca. Por outro lado, essa possibilidade era teórica, e no meio tempo haveria novas, muito reais e muito imediatas ameaças ao sucesso da missão em Washington. Pessoas em número excessivo sabiam demais e a Sociedade estava envolvida demais para recuar àquela altura. Tudo seria colocado em risco se Wess ou Antoun abrissem a boca.

Ele pegou seu celular e ligou para o primeiro contato em sua agenda, simplesmente marcado como “secretário”. Alguns segundos depois, a linha conectou-se ao escritório de Ewan Westerberg em Nova York.

— Ouviu a conversa? - perguntou Jason como sempre, sem desperdiçar tempo com apresentações.

Apenas algumas pessoas no mundo tinham o número particular do secretário, e os dois homens sabiam qual era o assunto do telefonema.

— Cada palavra — respondeu Westerberg. Seu tom era conciso, mas profissional. Sua habilidade de manter uma compostura controlada, independentemente das circunstâncias (fosse cumprimentando um colega ou ordenando uma execução), era o que valera ao homem sua reputação. — Estávamos certos. Holmstrand levou Emily Wess diretamente para o Bibliotecário de Alexandria.

— Ele não é apenas um Bibliotecário — afirmou Jason. — Ele é o futuro Guardião-Assistente. Não poderíamos ter feito uma descoberta melhor.

— Nós sabíamos que Alexandria seria importante — respondeu o secretário, embora até ele tivesse ficado surpreso com a alta posição ocupada por Athanasius Antoun na Sociedade. — Agora temos um elo importantíssimo.

Essa era a boa notícia. Mas os dois sabiam muito bem que a conversa grampeada tinha revelado outros fatos mais preocupantes, e não apenas referentes à missão de Washington.

— A informação que eles têm de nós é. . completa — disse Jason numa voz ligeiramente tensa.

— Eles conhecem melhor nossa estrutura do que suspeitávamos - reconheceu o secretário. Nenhum dos dois esperava que a Sociedade soubesse das ações do Conselho no grau revelado pela descrição de Antoun. — Ainda assim, o que eles sabem não é quase nada em comparação ao que eles não sabem.

Jason permanecia ansioso.

— Mas eles sabem quem o senhor é, Pai.

No momento em que essa palavra escapou de sua boca, Jason ficou paralisado. O lapso era inadmissível.

As regras que ele devia seguir ao falar com o secretário eram rígidas e inflexíveis. E nunca antes ele tinha vacilado.

A resposta de Ewan Westerberg foi gelada. Em sua repentina frieza, sua voz era ainda mais aterradora do que em sua costumeira reserva.

— Que foi que eu lhe disse sobre se dirigir a mim dessa maneira?

Mais que uma pergunta, a frase era um lembrete. Um lembrete ameaçador.

Jason Westerberg tinha galgado os degraus até o topo do braço executivo do Conselho, tendo até garantido um lugar entre o grupo seleto dos “Amigos” do secretário, seus assessores mais diretos, precisamente porque nunca tinha se permitido pensar no secretário como seu pai, mas apenas como seu patrão. Sua

ligação de sangue era irrelevante; só importava seu desempenho. Os dois tinham um relacionamento que era inteiramente profissional, e os dois (especialmente o pai de Jason) preferiam que fosse daquela maneira. Essa fora a natureza do relacionamento deles desde a infância de Jason, e ele sabia que assim seria até a morte.

— Sinto muito, senhor — desculpou-se Jason, tentando recuperar sua compostura ao telefone. — Mas o fato continua sendo verdade. A Sociedade sabe quem o senhor é, e agora Emily Wess, a mulher que vem sendo treinada para ser a nova Guardiã, também sabe.

— Não deixe que esses problemas preocupem você, Jason — respondeu o secretário. O raro uso do nome surpreendeu seu filho. Era uma mudança em relação ao tom gelado de minutos atrás. Foi o máximo que Ewan Westerberg conseguiu fazer para demonstrar sua afeição, visando agora acalmar o estado agitado do rapaz. — Eles podem ter ficado sabendo de alguma coisa sobre nós, mas nós ficamos sabendo de algo muito mais importante sobre eles. Neste exato momento, estamos investigando todos os detalhes da vida de Antoun. A informação geral que tínhamos sobre ele como um possível Bibliotecário era inconclusiva, mas com o novo material que obtivemos a partir da conversa, estou certo de que poderemos penetrar em seu disfarce e descobrir muito mais.

Ele fez uma pausa: — Esse homem viu você?

- Não.

— Mantenha as coisas assim. É melhor que ele não saiba que temos informações sobre ele até que tenhamos um perfil mais completo. Então você poderá. . — ele fez outra pausa, dando ênfase ao duplo sentido das palavras que estava prestes a dizer — . . convidá-lo a compartilhar com você qualquer outra coisa que ele saiba. O tom dele com Wess foi muito reservado. Ele sabe mais, e pode nos levar a seus colegas da Sociedade. Deixe que as outras equipes no Cairo o mantenham sob vigilância enquanto obtemos mais informações sobre o ele. Voltaremos a envolver você quando chegar a hora de convencer Antoun a falar. E enquanto isso..

Ao ouvir isso, Jason olhou na direção do outro Amigo, do outro lado do café. Ele sabia que os dois não ficariam simplesmente de braços cruzados enquanto a investigação era feita.

— Vocês dois continuam com nosso principal alvo. A dra. Wess já determinou sua próxima parada no processo de iniciação proposto pelo Guardião. Não a percam de vista.

— O voo dela para Istambul parte em menos de uma hora — observou Jason. — Nosso jatinho vai chegar 20 minutos antes dela. Já providenciei para que nos esperem na chegada. Terei quatro homens a minha disposição lá, caso sejam necessários.

— Faça o que precisar — respondeu o secretário. — Não pode haver muito mais passos nesse joguinho que o Guardião preparou para sua futura discípula.

Jason acolheu a idéia. Quanto mais cedo terminasse o jogo, mais cedo Emily Wess poderia ser completamente eliminada do quadro. Em vez de uma nova ameaça, a moça poderia acabar se revelando um presente duplo para o Conselho. Ela os levaria até a biblioteca, e com sua morte garantiria que o trabalho deles em Washington não seria revelado. Eles terminariam controlando a coleção e também a última superpotência do mundo.

A adrenalina de Jason subiu só de ele pensar no poder que os aguardava.

Do outro lado do Atlântico, o secretário percebeu o entusiasmo do filho.

— Não perca o foco, Jason. Tenha um pouco mais de paciência. Emily Wess vai nos mostrar a porta para aquilo que nos ocupou durante 13 séculos. E quando ela fizer isso, meu filho, você pode fazer o que for preciso para garantir que sejamos nós, e não ela, quem vai entrar por essa porta.

CAPÍTULO 71

ISTAMBUL, 16H55,

O trem de pouso do avião de Emily tocou o solo no aeroporto Ataturk, de Istambul, às 4h55 da tarde. O

curto voo tinha sido tranqüilo, mas Emily tinha tantas coisas em que pensar que não pôde se permitir aquele tipo de devaneio que tivera no voo de Oxford para Alexandria. Seus pensamentos se agitavam com as informações que obtivera de Athanasius no subsolo da Bibliotheca Alexandrina.

Um surto de adrenalina a acometeu quando ela ficou sabendo que Arno Holmstrand lhe deixara outra carta, outra pista, e uma pista que ela conseguiu decifrar. Istambul, a versão moderna e secular da antiga Constantinopla cristã, fazia sentido em todos os níveis. A cidade unha um palácio real que ficava em um ponto de terra que se projetava em meio a dois continentes. Tinha um longo passado intelectual que, segundo confirmara Antoun, havia desempenhado seu papel na história antiga da biblioteca. Ela até seguia a própria Alexandria por ser uma cidade real batizada com o nome de seu fundador. O nome da metrópole egípcia fazia referência a Alexandre, o Grande; Constantinopla, por sua vez, referia-se a Constantino, também chamado de “o Grande”. Os paralelos estavam por toda parte. Emily sabia que era ali que ela precisava estar.

Athanasius a havia ajudado a programar sua viagem de última hora até Istambul. Duas vezes nas últimas 24 horas, Emily tinha sido capaz de partir da idéia de viajar, passar pela reserva das passagens, embarcar e voar, tudo isso no espaço de poucas horas. A Internet às vezes mostrava seu lado útil.

Athanasius também providenciara para que um motorista local apanhasse Emily no aeroporto, para que ela não tivesse de enfrentar os famigerados motoristas de táxi de Istambul, conhecidos por todos os habitantes da cidade por sua tendência a cobrar exageradamente dos turistas, levando-os pelos trajetos mais longos possíveis entre dois pontos. Em uma cidade cujas ruas contornavam colinas e enseadas em um intrincado labirinto, era fácil enganar um passageiro.

Athanasius e Emily concordavam que o tempo era essencial, e não deveria ser desperdiçado com meandros desnecessários.

— O motorista é meu amigo - dissera-lhe Athanasius. — Ele vai encontrá-la no estacionamento das limusines. Procure meu nome.

A conversa deles terminou, e os dois se despediram sem dizer mais nada. Emily sentia que um certo laço havia se formado entre eles, mas isso nascera unicamente das terríveis circunstâncias do momento.

Eles haviam se despedido em termos profissionais.

Agora, a mais de mil quilômetros de distância, Emily desceu do avião e entrou no terminal do Aeroporto Internacional Ataturk. Seu voo chegara no finalzinho do dia de trabalho, e o aeroporto estava alvoroçado com muita atividade.

Com sua pequena sacola pendurada no ombro, ela procurou as placas em inglês, em cor amarela, e dirigiu-se para a área de controle de passaporte e depois para a saída. A seção de passaportes foi mais amigável do que ela havia esperado, e em minutos ela estava do outro lado dos corredores de vidro, na alfândega, seu passaporte levando um novo carimbo com os detalhes de sua entrada na Turquia, incluindo-se um adesivo que servia de visto e que era feito para se parecer com uma tapeçaria artística turca. Seu próximo passo era passar por um guichê de câmbio, sacar um bom suprimento de liras turcas para o dia que a aguardava. Athanasius lhe avisara que poucas lojas pequenas da Turquia aceitavam outra forma de pagamento que não fosse dinheiro.

Um maço satisfatório de notas amarrotadas logo estava em suas mãos, e Emily ligou o celular a fim de telefonar para Michael. Ela não conseguira falar com ele desde que havia deixado a Inglaterra e, da sua perspectiva, o mundo em si havia mudado desde a última ligação. Michael mais que merecia uma atualização, e o som consolador de uma voz conhecida seria bom para ela.

O telefone tocou algumas vezes sem que ninguém atendesse, e Emily instintivamente sentiu que havia algo errado. Michael não responder nos primeiros toques era estranho. O celular dele sempre lhe permitia saber quem estava ligando, e embora ele secretamente fizesse uma triagem das ligações que recebia, o número dela sempre tinha uma pronta resposta. Michael raramente atendia depois do segundo toque desde a primeira ligação dela para ele, quando ela pediu pela primeira vez que se encontrassem. Ela quebrara o protocolo e dera

o primeiro passo, mas naquela ocasião Michael só atendeu após o terceiro toque, e Emily depois acabou confessando que quase perdera a paciência e desistira. Aquele terceiro toque quase custara o relacionamento deles, e Michael nunca esquecera o significado da demora para Emily.

Emily olhou no relógio quando o telefone tocou uma quarta vez, e uma quinta. Cinco da tarde aqui..

ela subtraiu oito horas contando nos dedos. São nove da manhã em Chicago. Ele deveria estar acordado. Ela tentou repassar mentalmente a rotina de Michael em uma sexta-feira de manhã. Ele normalmente só sairia para o escritório daí uma hora. Será que ela esquecera alguma atividade que o deixaria fora do alcance do telefone?

Antes que ela pudesse elucubrar mais, a ligação se completou.

— Alô — respondeu Michael. A voz dele soava fraca na conexão distante.

— Sou eu, disse Emily, a voz dela cheia de uma alegria aliviada.

— Emmy! — A plena voz dele chegou pela linha. As preocupações de Emily desapareceram.

— Estou tão feliz por você estar aí — disse ela. — Você não vai acreditar no que aconteceu desde que liguei para você de Oxford.

Fez-se uma pausa breve.

— Onde você está agora? — perguntou Michael.

— Istambul.

— Na Turquia? Pensei que você ia para o Egito.

— Eu fui. Eu estava lá. Acredite em mim, Michael, eu estive lá. Mas a viagem para lá me trouxe para cá.

Ela relatou a história do último dia. Da sua busca em Alexandria, da descoberta do emblema, de sua discussão com Athanasius. Ela lhe falou da biblioteca, da Sociedade, do Conselho, das mudanças na história em relação ao que ela soubera

antes. Também falou da última pista de Arno, de sua última passagem aérea e do voo recente. Contou sobre a função que ela aparentemente devia assumir. Emily sentia calafrios na espinha enquanto ia contando, mas relatou os fatos com clareza e sem reservas.

A medida que ia falando, ela percebeu como tinha sido alucinado seu ritmo de vida nas últimas 48

horas. Ela conseguira pôr o pé em três continentes diferentes só no último dia.

Ela continuou fornecendo informações para ele em termos gerais enquanto andava pelos longos corredores do aeroporto na direção do estacionamento das limusines. Então, ao final de seu entusiástico relato, ela finalmente fez uma pausa para respirar.

Michael permaneceu calado. Por um tempo longo demais. Ele não era uma pessoa que ficasse calada. O

senso anterior de preocupação de Emily retornou rapidamente, e ela percebeu que Michael não tinha comentado sobre a notícia do estranho recrutamento dela, nem mesmo quando ela falou do Conselho, ou do estranho papel que aparentemente ela deveria desempenhar na Sociedade. Ele simplesmente permanecia calado.

— Mike, que foi? — perguntou finalmente ela.

Houve mais uma espera antes de ele responder.

— Emily, sua sala no Carleton. Ela foi arrombada. Sua casa também. A polícia me ligou cerca de cinco ou seis horas atrás, no meio da noite, tentando encontrá-la. Alguém invadiu os dois lugares, e fez a maior bagunça. Prateleiras esvaziadas, gavetas reviradas. Ao que parece, sua casa e seu gabinete foram saqueados.

Emily diminuiu seu passo. A revelação de Michael teve imediatamente um efeito desanimador, e sua temporária agitação acabou na hora, as notícias de Michael alterando o modo como ela via e sentia os fatos que acabara de relatar.

Percebendo o silêncio que fizera, ela fez a primeira pergunta que lhe veio à mente.

— Eles sabem quem fez isso?

Pensamentos sobre o Conselho, seu líder implacável, os homens à sua disposição, percorriam a mente dela.

— Não, mas. .— sua voz foi diminuindo.

— Mike, que foi? Me diga!

Estava claro que mais alguma coisa o estava perturbando. Emily estava nesse momento quase paralisada.

As palavras que ele disse em seguida de repente a deixaram estática.

— Emmy, esses homens. Eles vieram me procurar.

CAPÍTULO 72

17H15

A língua de Emily parecia travada. Ela nunca tinha vivido antes uma situação de pânico emocional e, ao ouvir a declaração de Michael, essa sensação a atingiu de forma terrível, em parte por conta da falta da familiaridade. Ela sentiu sua pele congelar-se, os sons sumiram no ar ao seu redor, sua mente se transformou numa névoa anárquica. E ela sentiu, pela primeira vez na vida, uma sensação total de desamparo. Desamparo e confusão desesperada.

— Como assim, foram procurar você? Quem? Quando? Você está bem? - As palavras dela saíam coladas, uma atrás da outra sem pausa alguma. Ela ficou paralisada no meio do corredor do aeroporto, com passageiros passando por ela, esbarrando nela e a empurrando. Mas Emily Wess não percebia nada além da voz de seu noivo.

— Umas horas atrás, dois homens vieram me entrevistar - respondeu Michael. - Eles apareceram aqui no apartamento bem cedinho. No início, achei que eles estavam aqui por causa dos arrombamentos da sua casa e do seu gabinete, embora me parecesse estranho que eles viessem até Chicago. Mas tudo o que eles queriam saber era sobre você. Há quanto tempo você trabalhava na faculdade. Onde você tinha estudado antes. Quais eram seus interesses. Se você passava algum tempo com pessoas que eu não conhecia, ou se viajava sem explicação.

Ele hesitou, em dúvida sobre partilhar com ela um último comentário, mas optou pela completa honestidade.

— Esses caras eram sinistros. Não tem outra palavra para descrevê-los.

Emily recebeu as palavras de Michael da melhor maneira que conseguiu, seu coração agora batendo no mesmo ritmo frenético em que havia batido no escritório de Athanasius. O tom reservado de Michael durante todo o relato dela agora fazia sentido.

— Eles perguntaram sobre seus planos de viagem, — continuou ele — que voo

você tinha tomado.

Eles até queriam saber como você havia reservado sua passagem. Se foi online, pessoalmente, por intermédio de um amigo. Coisas que não poderiam ser importantes na investigação da invasão da sua casa.

— Mike, lamento muito, lamento muito mesmo!

— E depois veio uma série de perguntas sobre as dimensões políticas de seu trabalho.

— Políticas?

— Se você trabalhava com alguém em Washington, quanto você sabia sobre membros da administração, se você recebia financiamento de partidos políticos ou grupos lobistas. A linha de questionamento era absurda, e mesmo assim agressiva.

— Meu Deus! Não dá para acreditar!

À medida que o noivo ia falando, Emily sentia um ódio crescente pelos homens que, agora ela percebia, estavam se apoderando do objetivo da Biblioteca de Alexandria e transformando-o numa questão pessoal. Athanasius lhe avisara em Alexandria que seus oponentes iriam saber quem ela era e viriam vigiá-la. A advertência estava se mostrando bem fundamentada.

— Esses homens, — continuou Michael — eles são meio estranhos. Eles eram. . determinados.

Vestiam o mesmo terno cinza, tinham o mesmo corte de cabelo, o mesmo comportamento. Era como se fossem clones um do outro. E eu duvido que eles trabalhem para a polícia local, ou para o governo. Eles eram completamente fabricados. Não havia nem um osso legítimo nos corpos deles.

Ouvindo o tom de rebeldia de Michael, Emily deu um leve suspiro de alívio. Michael Torrance não era uma pessoa de se acovardar e fazer-se de vítima. Embora a conduta auto-confiante e a tenacidade de Emily muitas vezes fizessem as pessoas acreditar que era ela quem dominava o casal, a verdade é que eles se equiparavam. Ele tinha uma força e uma resiliência que inspiravam a mesma atitude nela.

— Mas — acrescentou Michael — eu não queria cruzar com eles de novo. Eles pareciam saber as respostas para as perguntas antes de fazê-las. Eu tive a perfeita sensação de que estava sendo testado, não interrogado.

Dessa vez a pausa em sua voz foi perceptivelmente mais longa.

— Eu não quero nem saber o que eles teriam feito se eu lhes desse uma resposta que não estavam esperando.

Emily tentava aplacar a vertiginosa mistura de sentimentos que surgia dentro de si: ódio, raiva, medo, confusão. Ela precisava seguir o exemplo de Michael e pensar com calma sobre o que tudo aquilo significava. O Conselho (era assim que Athanasius chamara o grupo que trabalhava contra a biblioteca) certamente era o grupo por trás daquilo. Por trás da invasão da casa dela, por trás da "entrevista" com Michael. Eles estavam obviamente à procura dela.

Estavam à procura dela, e estavam dispostos a chegar até ela de qualquer maneira. Até por meio de seu noivo. Uma nova onda de ódio a dominou, superando o medo paralisante. Ela não estava mais a salvo, mas também não era mais uma observadora objetiva. Até aquele momento, a busca em que Arno Holmstrand a colocara tinha sido precisamente o tipo de mistério em que Emily sempre desejara secretamente se envolver: o tipo que toma uma pessoa pequena e insignificante e a lança na dimensão plena da história. E ali estava ela, uma professora novata, lançada no papel principal de um drama que se estendia desde os faraós aos governos modernos, atravessando séculos e continentes. Até aquele ponto, tudo estava absolutamente perfeito. Mas com Michael sendo atacado (e ela considerava aquilo um ataque, uma invasão, mesmo que eles só o tivessem interrogado), o quadro se invertia. Emily não estava mais simplesmente sendo lançada na história; a história estava sendo lançada contra Emily Wess.

O que antes eram acontecimentos impessoais agora eram eventos inaceitavelmente pessoais.

— Michael, — interpôs Emily, voltando para o aqui e o agora — esses homens, eles são perigosos. Eu não imaginava que eles fossem atrás de você.

— Você sabe quem eles são? — disse Michael, sem certeza se a idéia o consolava ou simplesmente o fazia sentir mais medo pela segurança dela.

— Eu tenho uma idéia - respondeu ela. — O homem com quem falei me disse

que esse outro grupo, esse Conselho, tem o que eu suponho que sejam agentes secretos. Ele os chamou de “amigos”.

— Mas por que eles estavam fazendo perguntas sobre Washington? — persistiu Michael. — O que a Biblioteca tem a ver com o que está acontecendo lá? Tem alguma coisa a ver com os escândalos?

Emily quase respondeu, no desejo de participar ao noivo o segredo do século, mas ela se conteve.

Instintivamente, ela sentia que contar a Michael sobre os detalhes da conspiração do Conselho com o vice-presidente apenas o colocaria em maior perigo, e nesse momento ela deu atenção aos seus próprios instintos de proteção. Essa informação estava por trás da morte de Arno Holmstrand, mas também, ela agora percebia, por trás da morte de pelo menos mais quatro homens.

Em vez disso, ela fez um pronunciamento enfático.

— Preciso voltar para casa!

Não era uma idéia sobre a qual ela tivesse refletido; não era um plano. Era só a coisa óbvia a fazer. Ela não podia continuar em sua busca quando sua vida e a vida dele claramente corriam risco. Ela podia amar aventuras, mas não era tão egoísta assim. — Ainda estou no aeroporto. Com certeza posso conseguir um voo para hoje à noite mesmo.

Houve outra pausa na conversa deles, mas quando Michael respondeu, não foi a resposta que Emily esperava.

— Não. De jeito nenhum!

— Mike, não estou a fim de ficar brincando de detetive quando os riscos são tão grandes. Tudo isso devia ser só uma viagenzinha para descobrir uma biblioteca para um colega.

Entretanto, a firmeza do tom de Michael sugeria que ele tinha passado a considerar a situação como um desafio e não estava disposto a deixar que Emily o abandonasse só por causa dele.

— Emmy, pense com calma. Eles vieram fazer uma pequena entrevista comigo.

Desagradável, sim, mas já terminou. E eles se foram. Eles não têm motivo para vir atrás de mim de novo. Mas você, você. .

— ele buscava as palavras corretas — . . é impossível que você ainda esteja achando que tudo isso é uma brincadeirinha de detetives. Até eu posso ver a história verdadeira envolvendo tudo isso, e muito mais do que só história antiga, se de alguma forma houver alguma ligação com o que está acontecendo em Washington.

O tom dele era forte, resiliente, e Emily sentiu resolução nele.

— Ainda acho que eu devia voltar — disse ela. - Posso continuar investigando daí. Fazer umas pesquisas. Arrumar as coisas. Ficar com você.

— De jeito nenhum! — respondeu Michael. — Você não vai me usar como desculpa. Volte, se quiser.

Minha porta vai estar trancada.

Emily finalmente reagiu adequadamente, caindo numa risada. Ela ia se casar com o homem certo. Com espírito de aventura, beligerante, forte. Maravilhoso. Todavia, no instante em que a risada terminava, Michael parecia perceber que a sugestão de Emily de voltar para casa poderia ser não só por preocupação com ele. Mesmo uma mulher forte podia sentir medo.

— Eu poderia ir até aí — sugeriu ele espontaneamente. — Me unir a você e enfrentar o que for preciso.

As emoções de Emily a forçavam a dizer “sim”, mas ela se conteve. Ela não queria os dois em perigo, se o perigo viesse.

— Não, você fica aí, protegendo a fortaleza — respondeu ela finalmente. — Mas vou dar mais um dia para essa história toda. No máximo. E só se eles deixarem você em paz. Se você receber uma simples ligação inesperada, eu vou embora. Quero ter um marido para quem eu possa voltar.

— Parece justo — disse ele. Michael também sabia quando ceder.

O que Emily diria em seguida parecia banal, mas ela tinha de dizê-lo.

— Tome cuidado, Michael. Eu amo você!

— Eu? Pretendo ficar em meu escritório 24 horas por dia, pelos próximos três dias — respondeu ele. -

Aprontando meu projeto e, se der tudo certo, colocando os planos em prática quando eu fizer a venda.

Tente não se preocupar. Mas siga o seu próprio conselho. Se esses homens vieram até aqui, Emily, isso quer dizer que eles estão dispostos a ir a qualquer lugar.

Ele fez uma pausa, para que ela pensasse bem naquelas palavras. — Se cuide!

CAPÍTULO 73

17H25

O resultado da conversa de Emily com Michael foi uma tensão que se instalou no peito dela.

Aquilo era o suficiente para tornar paranóica qualquer pessoa saudável, e Emily sentia um novo nervosismo em seu passo. O aeroporto lotado parecia menos seguro do que antes da ligação, e ela olhava desconfiada para cada pessoa que passava.

Não se apavore, disse ela a si mesma. É irracional reagir com exagero. Uma daquelas ordens que eram fáceis de dar, mas difíceis de cumprir. Seus nervos não se acalmaram de forma alguma.

Emily fez uma curva e chegou a um longo conjunto de portas de vidro que levavam ao exterior do aeroporto e ao estacionamento das limusines. Homens segurando placas com nomes se enfileiravam ali, cada um parado perto de um carro polido, a própria figura da perfeição sofisticada e do profissionalismo.

Todos, menos um. À direita da fileira de carros, havia um homenzinho encostado em um minúsculo Audi cinza segurando uma placa onde estava escrito “Dr. Antoun”. Seu terno era todo velho e amarrotado, e seu cabelo parecia nunca ter sofrido a ameaça de um pente. Apesar disso, ele oferecia um enorme sorriso, tão enorme que quase parecia fabricado. Ele sorria e acenava com a cabeça para cada um que passava, esperando que alguém acenasse de volta e se dirigisse a ele.

Athanasius podia realmente ter conseguido um amigo para receber Emily, mas ao que parecia era um amigo em dificuldades financeiras.

Ela fez um sinal para o motorista e aproximou-se do carrinho.

— Sou Emily Wess, a. . — ela não sabia o que dizer — . .a colega do Dr. Antoun.

O homenzinho abriu a porta de trás do Audi com um sorriso, esperou que ela entrasse e fechou a porta.

Emily tomou seu assento e afivelou o cinto de segurança.

No momento em que se acomodava no carro que começava a se movimentar, Emily de repente sentiu todo o seu corpo se contrair. Bem no limiar de sua visão periférica, alguma coisa de uma determinada cor chamara sua atenção. Ou melhor, alguma coisa sem cor: de um cinza amortecido e proeminente.

Assim que viu aquilo, ela voltou a cabeça para trás. Tinha certeza de que vira dois homens, vestidos de cinza, parados do outro lado, quase fora de seu campo de visão, mas quando olhou com mais atenção, não havia ninguém ali, exceto os outros motoristas, aguardando seus passageiros.

Estou ficando paranóica, disse ela se repreendendo, ajeitando-se no banco e tentando controlar seu batimento cardíaco e fazê-lo retornar a um ritmo minimamente normal.

CAPÍTULO 74

17H29

Três quadras atrás dela, Jason Westerberg acelerou um sedan preto, mantendo uma distância constante do carro onde estava Emily Wess. No banco de trás, seu parceiro estava calmamente sentado, fazendo o papel de passageiro. O silenciador acoplado à arma em seu colo era a única coisa que o diferenciava de um passageiro comum apanhado no aeroporto.

Sem dizer nada, os Amigos seguiram seu alvo.

CAPÍTULO 75

WASHINGTON, D.C., 10H30

17H30 EM ISTAMBUL

O general Brad Huskins olhou para o vice-presidente, que estava sentado à sua frente no interior da limusine. Dadas as circunstâncias, ele parecia composto, confiante e preparado. Todas essas qualidades eram desejáveis no chefe político de uma nação.

— A detenção do presidente está planejada para domingo de manhã, às 10h — declarou o secretário de Defesa. Sentado perto do vice-presidente, Ashton Davis tinha passado a maior parte dos primeiros cinco minutos da viagem relembrando os procedimentos à sua frente. A frente da nação. — Como a detenção vai acontecer sob da lei militar, ela será feita por mãos militares.

— Eu mesmo vou detê-lo — observou o general Huskins.

O vice-presidente fez um gesto de anuência e virou-se para Brad Whitley.

— Tenho certeza de que o senhor pode garantir que não haverá nenhum protesto ou interrupção por parte de seus agentes na Casa Branca?

— Não vai haver nada disso — respondeu o diretor do Serviço Secreto. - Tanto os detalhes para o presidente quanto os detalhes para o vice-presidente estão sendo comunicados esta tarde, e todo o nosso pessoal de Washington terá suas novas ordens de procedimento minutos antes de a operação ocorrer.

— Não quero nenhum agente secreto se jogando na frente do presidente e tumultuando uma detenção tranqüila e controlada — declarou o general.

— Isso não vai ser problema — insistiu Whitley. - Meus homens têm instruções de proteger o presidente dos EUA. O presidente legítimo. Eles não vão resistir à remoção legal de um traidor.

Tanto o general Huskins quanto o secretário de Defesa concordaram com a

cabeça, entendendo o que o outro queria dizer. Davis olhou para fora do vidro escuro da limusine e viu o mármore do Capitólio brilhando à luz do sol. Atrás dele se via um complexo menor, mas, tendo em vista os acontecimentos do dia, mais poderoso: o da Corte Suprema dos Estados Unidos.

— Vamos chegar ao gabinete da presidente do Supremo Tribunal, a juíza Angela Robbins, em poucos instantes — disse ele, voltando sua atenção para os outros homens no carro. — Ela vai nos esclarecer os detalhes constitucionais da transferência do poder executivo e explicar o processo. Se o senhor vai subir imediatamente ao posto de presidente, ou se vai apenas assumir o controle executivo como vice-presidente até que chegue o momento de Tratham ser condenado por traição, tornando-se assim inelegível para manter-se no cargo, será decisão dela. Mas, em qualquer caso, o resultado prático será o mesmo.

— O senhor vai comandar o espetáculo — comentou o general Huskins com toda a seriedade.

Um silêncio se estendeu por alguns momentos. Foi interrompido apenas quando o carro se aproximou da entrada dos fundos do prédio da Suprema Corte.

— Esse vai ser o maior julgamento que nosso país já viu desde sua fundação - disse Brad Whitley.

— Ainda bem que temos homens racionais e sensatos como o senhor para nos ajudar a superar isso.

CAPÍTULO 76

ISTAMBUL, 17H35

O modesto carro que Athanasius arranjara para apanhar Emily no aeroporto agora corria ao longo da principal estrada costeira entre o aeroporto e o coração de Istambul: uma estrada bonita e moderna com o improvável nome de Kennedy Caddesi. O velho Audi, que parecia ser pelo menos 20 anos mais velho que o último modelo, rangia e chiava com o esforço da locomoção. O motorista, cujo sorriso parecia paralisado e que obviamente não falava inglês, ao que todo indicava queria chegar ao destino o mais rápido possível.

Emily se esforçava para concatenar as informações daquele dia. Concentrar-se nos fatos reais a ajudava a manter sua mente longe da preocupação por Michael e do nervosismo que sentia em relação a si mesma. Se não alimentasse sua atenção com os fatos do quebra-cabeça diante dela, ela enlouqueceria, ou de ansiedade pela segurança de Michael, ou pelo constante sentimento de culpa por continuar ali, longe dele, ou pela ameaça à sua própria segurança, que ela sabia ser real, mesmo sendo invisível. Foi assim que ela se forçou a se concentrar nas informações que obtivera ao longo do seu último dia.

Qualquer que tenha sido a causa de sua transferência, a primeira Biblioteca de Alexandria tinha obviamente deixado a cidade. Os estudiosos a haviam dado por perdida, ou destruída. Emily agora sabia que a biblioteca fora ocultada, e secretamente transferida. Levá-la para Constantinopla fazia sentido. A nova capital do Império era sólida e segura. A cidade se transformara num centro dominante mundial após o declínio de Roma, e permaneceria assim até cair sob os turcos otomanos quase mil anos depois, em 1453. Mesmo nessa época, ela continuou sendo uma cidade de importância imperial, tornando-se o coração do grande império islâmico, com seu poderoso sultanato e seus invencíveis exércitos, até que aquilo tudo também desapareceu. O advento da moderna Turquia em 1923 transformara a paisagem.

Pela primeira vez desde que Constantino a consagrara a si mesmo em 330 d.C., a cidade deixara de ser uma fortaleza real.

Se a biblioteca de fato estivera lá, então fazia algum tipo de sentido que Holmstrand dirigisse Emily até o local, como parte de sua descoberta. Emily não conseguia deixar de sentir que Arno estava deliberadamente fazendo que ela retraçasse a história da biblioteca em sua própria jornada, como se isso fosse trazê-la para mais perto dela. . pessoalmente? Emocionalmente?

Qualquer que fosse o motivo, um fato era particularmente interessante. Se Athanasius estava certo, e a biblioteca não tinha deixado Constantinopla até meados do século XVI, então ela havia permanecido ali durante a grande transferência de poderes no século anterior. A biblioteca chegara à Cidade Imperial sob a bandeira de um rei bizantino. E fora embora sob a bandeira dos otomanos.

O que significava que “o palácio do rei” descrito pela última pista de Arno não podia ser a residência do imperador bizantino que havia sido coroado na imensa igreja Magia Sophia, que agora era um museu.

No momento em que o carro passou por ela, Emily teve certeza de que esse era o significado superficial das palavras de Arno, que tinha o intuito de ser facilmente decifrado, mas apontava para a direção errada. Os reis de Constantinopla tinham sido gloriosos e o palácio deles, embora hoje estivesse em ruínas e em um estado de ostensiva escavação, era uma atração turística famosa da cidade moderna. Era só mencionar “a casa do rei” em Istambul, e era para ali que o turista seria levado.

Mas se a biblioteca realmente tinha existido ali, sobrevivendo à queda de Bizâncio e Constantinopla e entrando no período da conquista islâmica, então o palácio do rei devia referir-se a algo diferente.

Devia referir-se, Emily tinha certeza, à residência do sultão otomano. A mesma residência, conhecida como Palácio Topkapi, para a qual o pequeno Audi estava agora correndo com toda a velocidade que podia.

CAPÍTULO 77

18H05

Quando o carro contornou uma curva fechada, entrando na rua Kabaskal, dois breves toques emanaram do bolso do casaco de Emily, seguidos, depois de uma pausa, por mais dois. Ela pegou o celular, cuja pequena tela estava iluminada anunciando a chegada de duas mensagens de texto. No momento seguinte Emily estava examinando a lista de mensagens, vendo perto delas um código de país e um número que ela não reconhecia.

Quando ela abriu a primeira, o remetente logo ficou evidente. Uma curta mensagem pessoal começava o texto: DE ATHANASIUS: PARA QUE VOCÊ TENHA TUDO À MÃO QUANDO CHEGAR A SEU

DESTINO.

Emily moveu os dedos no celular para continuar lendo a mensagem, que continha uma lista de nomes, que ela não reconhecia. Depois, na segunda mensagem, outra lista de nomes. Mas nessa lista, os nomes se destacavam.

O primeiro era Jefferson Hines, vice-presidente dos EUA.

Quando o carro estacionou em frente ao Palácio Topkapi, Emily percebeu o que tinha nas mãos. Era a lista que tinha mandado Arno Holmstrand para o túmulo.

CAPÍTULO 78

NOVA YORK, 11H

18H EM ISTAMBUL

O secretário observava os homens sentados à mesa preta, perscrutando por sobre os ombros deles os resultados que eles iam obtendo em seus terminais de computador. Eles, como todos os funcionários do Conselho, estavam entre os melhores da área, e as informações que já tinham coletado a partir da conversa de Athanasius Antoun e Emily Wess eram formidáveis. Mais informações continuavam a ser compiladas à medida que eles rastreavam nomes e lugares obtidos da transcrição da conversa, invadiam arquivos pessoais e registros de chamadas telefônicas e investigavam a procedência das pessoas cujas identidades eles tinham retirado de câmeras de segurança e reconhecimento de imagem de pessoas que entravam e saíam da Bibliotheca Alexandrina. “Não deixar pedra sobre pedra” era um método de investigação que tinha se tornado muito mais detalhado com o advento da espionagem por computador.

Ewan avaliava as informações que já tinha em mãos.

— Sabemos que Antoun foi treinado para assumir o segundo cargo da Sociedade — disse ele, sem se dirigir a alguém em particular. — O que, como ele mesmo admite, significa que ele se tornaria uma das duas pessoas que conhecem a localização da biblioteca.

— Mas ele ainda não havia assumido a função — observou um dos conselheiros. — Chegamos até Marlake primeiro, antes que ocorresse a sucessão.

— Foi o que Antoun disse — confirmou Ewan. Ele baixou os olhos para a transcrição sobre a mesa. — Entretanto, ao que tudo indica, o trabalho dele nos úldmos meses se concentrou no novo cargo.

Conhecer as informações que ele teria de conhecer, fazer contatos, estabelecer princípios de trabalho, *etc.*

— O registro telefônico é extenso — interpôs um técnico em computação. — O

número de chamadas feitas e recebidas começou a aumentar vertiginosamente em fevereiro, e continua alto desde aquela época. Eu verifiquei aleatoriamente gravações de telefonemas a partir dos grampos que colocamos no sistema de telecomunicações da Bibliotheca Alexandrina, mas nenhuma de suas conversas é reveladora.

E provavelmente por isso que eles nunca nos chamaram a atenção antes. Se eles estão discutindo alguma coisa relacionada à biblioteca, estão fazendo isso em código. As conversas dele são todas sobre livros, aquisições e atividades comuns.

— É claro que ele não vai falar abertamente sobre a biblioteca — retrucou o secretário — e ele não vai criptografar suas chamadas. Ele deve saber que perceberíamos imediatamente. Isso o teria delatado.

De repente, uma idéia começou a tomar forma na mente de Ewan.

— Richard, — disse ele, olhando para um dos hackers — faça um mapa dessas ligações telefônicas.

Quero a imagem visual das ligações que ele andou fazendo.

— Sim, senhor! — respondeu o homem, e seus dedos começaram a dançar pelo teclado. Em poucos minutos apareceu na tela um mapa-múndi, e pequenos pontos vermelhos começaram a pontilhar a imagem, cada um marcando uma cidade específica. Em seguida, o mapa começou a ficar salpicado também de pontos azuis.

— Os pontos vermelhos são chamadas feitas por Antoun para o local em questão. Os pontos azuis indicam chamadas que ele recebeu — disse Richard. — O mapa cobre as ligações telefônicas dos últimos seis meses.

Os homens se juntaram em torno da tela do computador, estudando-a. Depois de alguns momentos de atento silêncio, o secretário falou.

— Me diga o que se destaca nesse mapa, na opinião de vocês — ordenou ele. Uma idéia ganhava força em sua mente, mas ele queria que ela fosse confirmada por outros.

— Bem - respondeu um dos seus conselheiros, mantendo os olhos fixos na tela

— fica claro que ele fez muitas ligações.

— Sim, sim — respondeu Ewan, irritado com aquela observação óbvia e inócua. — Mas olhem mais de perto. Nesse mapa, que localidade está conspicuamen-te ausente, dado o que sabemos pela conversa de Antoun com Wess?

Todos os olhos examinaram o display com novo foco. Finalmente, o segundo técnico em computação deu a resposta.

— Já sei — disse ele. — Istambul. Não há nenhuma ligação feita para Istambul ou recebida ali nos últimos seis meses. O mesmo se verifica para todas as cidades vizinhas.

A observação confirmou exatamente o que o secretário havia notado. Istambul, onde Emily Wess e Jason e sua equipe estavam, era um enorme espaço em branco no registro de chamadas. A conclusão parecia óbvia.

— A biblioteca não pode estar lá — disse ele. — Istambul pode ser um local histórico do acervo, mas não está mais ativo. Os contatos do novo Guardião-Assistente confirmam isso.

— Então, Emily Wess está errada em interpretar que a mensagem do Guardião a conduz a Istambul?

—

Não — respondeu o secretário. — Tenho certeza de que ela está certa. Mas o Guardião está fazendo o que sempre fez: enganando, manipulando, alongando a rotina. Esse é apenas mais um passo em seu jogo de gato e rato. Vamos deixar que Wess vá até lá e veja a tolice que foi deixada para ela. Nós temos de dar um passo à frente.

Ele voltou os olhos para o mapa, assim como os outros.

— Uma outra localidade se destaca — disse o hacker Richard. — A Inglaterra tem muitos pontos indicando ligações, de lá e para lá.

Ewan concentrou seu olhar naquela região no mapa.

— Dê um zoom no Reino Unido — ordenou ele. Poucos segundos depois, o

Reino Unido ocupava toda a tela. Oxfordshire estava marcado com muitos pontos vermelhos e azuis, havendo um número significativo em Oxford.

Oxford. Outro pensamento surgiu na mente do secretário. — Alguém acesse o inventário dos livros retirados da casa de Wess.

O segundo técnico acessou o levantamento feito, e Ewan examinou a lista de livros. Uma coluna inteira era de obras sobre Oxford. Emily Wess estivera lá como aluna de pós-graduação.

— Wess esteve em Oxford — disse ele, pensando alto. O ritmo de sua fala ia num crescendo.

— O Guardião esteve em Oxford em várias ocasiões ao longo da sua carreira. A lista de chamadas de Antoun está concentrada ali..

— Mas nós estávamos em Oxford ontem, — observou um conselheiro — na igreja. A destruição foi um ardil.

— Claro que foi — respondeu Ewan. — A destruição da igreja foi um logro. Mas Oxford, ao que parece, não é.

Enquanto o secretário falava, Richard continuava digitando, num exame detalhado do relatório da correspondência eletrônica de Athanasius Antoun. Por um momento houve uma pausa em sua digitação, e finalmente ele ergueu os olhos para o secretário.

— Senhor, tem uma coisa aqui que o senhor devia ver.

Ewan chegou mais perto de terminal de Richard e olhou para a tela.

— Esta imagem estava anexada a uma mensagem em branco enviada para Antoun pouco mais de três meses atrás de uma conta do Yahoo ligada a um endereço IP de Oxford. Na época isso não nos chamou a atenção, mas também não estávamos fazendo uma busca tão detalhada.

Ele clicou no mouse e um cartão postal da Abadia de Westminster apareceu na tela. O secretário ergueu uma sobrancelha.

— Westminster?

— Isso mesmo — respondeu Richard. — Mas essa não é a fotografia real. Na verdade, trata-se de um arquivo JPEG criptografado.

— Traduza — ordenou o secretário. Sua tendência era deixar as tecnicalidades para os técnicos. Ele não estava familiarizado com aquele vocabulário.

— É um arquivo de foto destinado a mostrar uma determinada imagem quando for aberto normalmente. Mas quando é descriptografado, a verdadeira foto torna-se visível.

O secretário refreou uma crescente expectativa.

— Você sabe descriptografá-la?

— Claro — respondeu Richard. — Já fiz isso. Não era o algoritmo de criptografação mais simples do mundo, mas também não era o mais complexo. A criptografia de arquivos JPEG não se destina a um sistema de codificação de alto nível. Ela é geralmente usada para fraudes pequenas. Ninguém pensaria que uma segunda foto está escondida ali, a não ser que estivesse especificamente procurando essa foto.

— Não me importa — disse o secretário, ansioso. - Mostre a fotografia verdadeira.

Alguns cliques de mouse depois, uma foto diferente apareceu na tela.

Um novo símbolo estava diante dos olhos do secretário, talhado na pedra e fotografado a partir de uma posição bem abaixo. Era um hieróglifo, um entalhe figurativo afixado a um teto de pedra decorado. E

sua forma era característica.

Naquele momento, Ewan soube exatamente aonde precisava ir, e o que precisava fazer. A localização da biblioteca estava tão evidente para ele como a imagem diante de seus olhos.

No mesmo instante, um dos técnicos desviou os olhos da tela e olhou para ele ansiosamente.

— Acabamos de captar atividades do celular de Emily Wess em Istambul.

— Detalhes! - latiu Ewan. O homem passou por algumas telas de seu computador, falando enquanto digitava.

— Ela acabou de receber duas mensagens de SMS, do mesmo remetente. O número de origem é do Egito. Teremos os dados completos em um momento.

— Você consegue extrair o texto das mensagens?

— Com certeza.

Uma série de ruídos do teclado quebrou o fluxo da conversa. Quando o técnico olhou de volta para o secretário, viu que a expressão dele estava calma.

— As duas mensagens são listas de nomes.

Ewan aproximou-se da tela e olhou por sobre o ombro do técnico para as mensagens exibidas. As duas mensagens de texto juntas formavam a lista. O vazamento. O vazamento que estava se alastrando.

Sem dizer outra palavra aos circunstantes, ele calmamente tirou um celular fino do bolso, digitou um número e levou o aparelho à orelha.

— Seu objetivo mudou — disse ele quando se conectou com o telefone de Jason, que estava em um carro em Istambul.

— Está na hora de eliminar Emily Wess. Veja se ela sabe de mais alguma coisa, e depois mande-a desta para a melhor.

CAPÍTULO 79

ISTAMBUL, PALÁCIO TOPKAPI, 18H15

Emily parou no portão de entrada do palácio para pagar o ingresso que custava 20 liras turcas, e depois avançou pelo jardim cultivado na direção do complexo principal.

O palácio, como muitos outros que Emily tinha visto nos dois últimos dias, fora construído para impressionar. Mas ele impressionava de uma forma diferente da arquitetura altiva e erudita da Universidade de Oxford, ou do modernismo de pedra e vidro da nova Biblioteca de Alexandria. O

palácio tinha sido residência dos sultões desde que fora construído em 1478 por Mehmet, “o Conquistador”, que tomou a cidade dos cristãos e acabou com os impérios bizantino e cristão. Era uma fusão de estilos islâmicos tradicionais. Não havia dois prédios com a mesma aparência. Cores vivas (praticamente ausentes em Oxford e Alexandria) eram o modus operandi dos decoradores otomanos.

Azulejos azuis, vermelhos e dourados adornavam os prédios, interna e externamente. Colunatas pintadas suportavam cúpulas angulosas folheadas a ouro, e havia fontes em cada canto e pátio. O

complexo em si, que ocupava cerca de 80 mil metros quadrados no topo do Ponto do Seraglio, ou Sarayburnu, era mais como uma pequena vila de prédios e salões reais do que uma estrutura única.

Emily sabia um pouco sobre Topkapi, talvez um pouco mais do que um turista casual sem um conhecimento de história, mas não muito mais do que era descrito no panfleto turístico que ela recebera junto com seu ingresso.

Os sultões otomanos haviam ocupado o Palácio Topkapi desde os dias de Mehmet, o Conquistador, até 1856. Durante essa época, o palácio abrigou a imensa família real, incluindo-se a multidão de esposas e concubinas imperiais e seus filhos. Toda uma seção do terreno, conhecida como “Harém”, formava uma

parte tradicional de todas as residências reais otomanas, na qual o próprio sultão vivia com os membros mais próximos de sua família. O palácio, entretanto, também abrigava prédios da administração pública, incluindo as residências dos vizires e conselheiros, que o sultão mantinha perto de casa, literalmente. No interior de suas paredes também ficavam o tesouro real, os estábulos, o espaço para desfiles e cerimônias, o arsenal, hospitais, casas de banhos, mesquitas, auditórios, enfim, tudo o que um monarca em exercício poderia exigir, praticamente sem precisar se expor ao risco de sair e enfrentar o populacho numeroso e indisciplinado.

O palácio se transformara em museu em 1840, depois que os sultões decidiram se mudar para outro lugar. Topkapi foi transformado oficialmente numa instituição da nova diretoria de Museus do governo por Kemal Ataturk em 1924, e assim permanecia até os dias atuais. Nessa nova função, Topkapi não só proporcionava ao turista uma notável visão e experiência da vida otomana em seus níveis mais elevados, mas também abrigava coleções de interesse islâmico e otomano que iam além da história da realeza. A arte tradicional de cerâmica e azulejos pintados era abundante, e uma sala de relíquias perto de uma das mesquitas do palácio guardava vários artefatos importantes da herança islâmica. Entre eles estava o item mais valorizado do museu: um único fio da barba de Maomé, preservado em um estojo de vidro em uma sala consagrada a ele, do lado do qual um sacerdote muçulmano lia continuamente versos do Corão.

Emily apreciava a cena à medida que caminhava pelo complexo que, mesmo com as tensões daquele dia, era uma beleza que precisava ser admirada. Quando o frescor do início da noite começou a tomar conta do lugar, ela caminhou ao longo de uma via de pedra, margeada por flores bem cuidadas, na direção do Pavilhão Bagdá, na ala nordeste do palácio. Havia fontes por todas as partes. Um pedaço da história que se insinuou em sua memória e invadiu seus pensamentos fragmentados foi o propósito das fontes: o som suave que elas produziam tinha uma função além de ser belo e relaxante. Era um eficaz produtor de “ruído branco”, que ajudava a abafar os sons das conversas que o sultão pudesse ter com seus conselheiros dentro de um palácio cheio de gente. As fontes estavam estrategicamente localizadas perto das janelas e entradas de todas as principais câmaras de audiência e salas para reuniões privadas, mantendo afastados possíveis espiões, pelo menos no caso de eles tentarem ouvir a voz real.

A beleza e a história, entretanto, estavam naquele dia inseridas no contexto de algo muito mais grandioso, com dimensões que não eram apenas admiráveis,

mas aterradoras. Emily constantemente olhava por sobre o ombro, buscando qualquer figura suspeita. Os homens que ela tivera a impressão de ter visto no aeroporto poderiam ser fruto de sua paranóia, mas a realidade não podia ser ignorada. O

“Conselho” de Athanasius era uma realidade, e estava disposto a enfrentar tudo para atingir seus objetivos. Eles haviam achado Michael, e isso significava que eles sabiam tudo a respeito dela. Talvez até o fato de que agora ela possuía as listas de nomes que aparentemente estavam no cerne de suas atividades naquele momento. Ela sabia que eles tinham deixado de representar o inimigo apenas para a Sociedade. Eles eram também inimigos dela, e Emily tinha certeza de que eles estariam caçando sua vítima.

Ela entrou em um pavilhão de mármore branco e vermelho, construído para celebrar uma campanha militar em Bagdá durante o século XVII, agora circundado por árvores e flores cuidadosamente cultivadas. Esse pavilhão ficava na extremidade mais distante do palácio, no mais recôndito santuário imperial. Ali, a partir de uma localização engenhosamente ocultada, ela viu o que, no auge do Império, poucos exceto os membros das classes mais altas e da nobreza teriam visto: um panorama completo de toda a cidade e mares lá embaixo, do ponto de vista da força e do poder do imperador. O sultão podia literalmente ficar em seu jardim e dali debruçar o olhar sobre todo o seu império.

E essa vista incomodou Emily.

Daquela extremidade elevada do palácio ela podia ver a cidade em uma direção, e a confluência dos mares na outra. Na ponta da península central de Istambul, o Mar de Mármara, o Bósforo e o Chifre de Ouro, todos convergiam, dando à cidade sua localização privilegiada para a navegação e o comércio.

Emily desceu os olhos até as águas bem abaixo do enclave no topo da montanha.

Lá embaixo.

A distância, nesse momento, mostrou-se perturbadora. Alguma coisa não se encaixava. Emily manteve o olhar nas águas lá embaixo, mas sua certeza de que aquele era o local correto estava se desfazendo.

Teria ela cometido um erro?

O Palácio Topkapi assentava-se sobre sua colina, contemplando as águas, mas a carta de Arno em Alexandria mencionara a casa do rei “que toca a água”. Toca. Era uma frase estranha, mas esse fato lhe dava mais peso, segundo a idéia de Emily. Se ela aprendera alguma coisa sobre Arno Holmstrand nos últimos dois dias, era que suas frases eram precisas demais para não serem significativas. Quando ele dizia algo, era exatamente aquilo que ele queria dizer, e ele queria dizê-lo exatamente do modo como dizia.

Enquanto ela tentava recordar a total precisão das palavras de Arno, a grande questão ficou de repente tão cristalina quanto o mar lá embaixo. O palácio e os mares estavam próximos, mas eles não se encontravam. Eles não se tocavam. O que só podia significar uma coisa.

Topkapi era o palácio errado.

CAPÍTULO 80

18H30

Emily deu meia volta e retornou na direção do portão principal. Cada passo solidificava a percepção de que o Palácio Topkapi não podia ser a “casa do rei” indicada pela pista de Arno. Aquela ela a variação local do mesmo subterfúgio de Holmstrand, que antes a tinha feito investigar as ruínas da University Church of St. Mary em Oxford: a solução óbvia, criada para despistar possíveis perseguidores que pudessem ter encontrado a pista que agora ela segurava contra o peito. A ocultação ali tinha duas camadas. A pista não apontava para o primeiro palácio imperial que a maioria das pessoas associa com Constantinopla, o dos Imperadores, mas para a residência dos sultões. Mas ali havia uma segunda camada de engano.

A casa do rei, que toca a água. Essa pista tinha de apontar para outro local. Tinha de existir outro palácio. Embora Emily entendesse agora a necessidade que Arno sentira de ocultar suas pistas, essa pista ainda exigia que ela solucionasse outro enigma.

Um rapaz estava sentado atrás da janela de acrílico da bilheteria, da qual Emily se aproximou. Ele parecia muito motivado em seu trabalho de atender às pessoas. Pareceu a Emily o tipo de funcionário que gostava de agradar, que seria útil durante o estranho diálogo que ela estava prestes a ter com ele.

— Por favor, tenho uma pergunta — ela falou de repente, antes mesmo de chegar à bilheteria.

— Pois não, posso ajudar? — O jovem rapaz se aprumou na cadeira, um sorriso profissional imediatamente lhe cobrindo o rosto. A impressão de Emily fora correta.

— Este não é o palácio que eu quero.

O homem, apesar de suas ótimas intenções, olhou para ela confuso. O inglês não era sua primeira língua, mas mesmo se fosse, a frase era inesperada.

— Como?

— Me desculpe. Acho que eu deveria estar visitando outro palácio imperial. Este aqui não se encaixa com a. . — ela hesitou — . .com a descrição que recebi. Desculpe, sou uma turista idiota! — disse ela, tentando seduzir o rapaz e reconquistar seu sorriso amigável. Fazer-se passar por uma inocente atrapalhada a levaria mais longe naquela conversa do que demonstrar uma deliberação explícita. — Existem outras residências de sultões aqui em Istambul?

— Existem duas — o funcionário do museu disse, com hesitação. — Yildiz e Dolmabahçe. Mas este lugar aqui é o mais famoso. - Era evidente que ele se orgulhava do seu local de trabalho, e seu peito estava ligeiramente estufado.

— Onde ficam os outros dois? — perguntou Emily. — Tem algum que fica perto da água?

— Yildiz fica na cidade — veio a resposta. — Mas Dolmabahçe fica sobre o mar.

Emily ouviu as palavras mágicas.

— É também um lugar importante — continuou o guia, condescendendo em dar ao palácio uma menção honrosa, embora abaixo do seu Topkapi. - Ataturk morou lá. Muito importante para a história da Turquia.

— Como eu chego lá?

— A senhora pode ir de ônibus ou carro, mas de balsa é mais rápido. Tome a balsa em Eminönü, descendo a colina - disse ele pegando no guichê ao lado um folheto sobre o Palácio Dolmabahçe e outro com os horários da balsa e entregando-os a Emily.

— Ótimo! Muito obrigada! — disse Emily, dando um sorriso agradecido ao jovem.

— Mas — acrescentou o funcionário — a senhora vai ter de esperar até amanhã. Aqui fica aberto até as 7h da noite, mas o Dolmabahçe só abre até as 5h. Hoje já está fechado.

A rapidez com que a expressão de Emily passou do entusiasmo para o

abatimento foi impressionante. A manhã seguinte lhe parecia impossivelmente distante. Ela de fato queria cumprir o que dissera para Michael ao telefone: mais um dia era o máximo que ela estava disposta a ficar longe dele.

O homem parecia perceber o desapontamento dela.

— Quer dizer, — continuou ele — a não ser que a senhora esteja interessada nas relações franco-turcas.

— Emily ergueu os olhos.

— Como?

— Hoje à noite haverá uma palestra no Dolmabahçe sobre as relações entre a França e a Turquia no último século. O palestrante é um político francês, — disse ele, pegando um folheto de seu guichê e olhando o nome — Jean-Marc Letrouc - continuou o rapaz, passando o folheto para Emily. — A palestra começa às 7h. Se a senhora pegar a última balsa, pode conseguir chegar a tempo.

Emily olhou o rapaz com um senso de enorme gratidão. Se eles não estivessem separados por uma placa de acrílico, ela teria lhe dado um abraço.

Emily Wess não tinha o menor interesse em relações franco-turcas, mas naquela noite ela estava disposta a fazer uma exceção. Não importava o que fosse preciso fazer para entrar ao palácio. No palácio certo.

Ela pegou os folhetos, deu ao funcionário um punhadinho de moedas para recompensar os serviços dele, e foi na direção do mar.

CAPÍTULO 81

18H35

Jason voltou-se para o companheiro, com um olhar solene no rosto, a expectativa já agitando seu peito.

Sua conversa com o secretário fora curta e direta.

— Nosso objetivo mudou — relatou ele ao outro Amigo. — Wess deve ser eliminada na próxima oportunidade possível após a extorsão de toda informação que ela possua.

Seu companheiro ergueu a sobrancelha, mas não disse nada. Eles tinham investido uma boa dose de tempo e energia para acompanhar os passos de Wess, e ela ainda parecia estar seguindo as orientações do Guardião. Matá-la agora era uma mudança inesperada. Muita coisa estava em jogo em Washington, ele sabia, mas Wess poderia levá-los a algo muito maior, à própria biblioteca.

— Vamos detê-la na próxima vez que ela estiver sozinha — continuou Jason. — Recebemos ordens de interrogá-la rapidamente, ver se ela sabe de algo além das informações que já obtivemos. Você vai tirar dela o celular e tudo o mais que ela esteja levando consigo. Temos de garantir com certeza que a lista não chegou a outro lugar além do celular dela. Quando tivermos tudo, terminamos o serviço.

— Podemos pegá-la agora — respondeu o parceiro. Eles estavam rastreando Wess, que descia a ladeira que levava até o cais. Ela tinha obviamente decidido que Topkapi não era o palácio que ela devia encontrar, e estava se dirigindo a Dolmabahçe. O Conselho tinha investigado os dois palácios várias vezes ao longo de vários anos. Até minutos atrás, o plano dos Amigos fora seguir Emily Wess na balsa que ia para Dolmabahçe. Mas se essa não era mais a intenção, eles poderiam eliminar seu alvo imediatamente. - Podemos pegá-la depois que ela atravessar a próxima rua movimentada.

— Não — respondeu Jason. — O secretário quer que o serviço seja feito discretamente, sem testemunhas. E fora da vista das pessoas, onde demore um pouco até que descubram o corpo. Não precisamos de uma investigação policial

para atrapalhar o que está prestes a acontecer.

Seu parceiro concordou com a cabeça. Assim seria, então. Emily Wess morreria sozinha, longe da vista das pessoas, despojada de todas as informações que estivessem em seu poder. Ele olhou para Jason e notou em seus olhos um brilho, um brilho que era muito mais intenso do que causaria nele a simples eliminação de um vazamento potencial. Ali havia mais. Era uma. . expectativa. A observação lhe trouxe uma onda de ansiedade. A luz das novas ordens que eles haviam recebido do secretário um minuto atrás, ele concluiu que o olhar de Jason só podia significar uma coisa.

O secretário tinha localizado a biblioteca.

CAPÍTULO 82

18H45

Emily deixou o local do Palácio Topkapi e desceu a ladeira na direção da costa norte da península central de Istambul. Ela não podia se livrar da sensação de que estava sendo vigiada, seguida, e mesmo assim a necessidade de chegar a tempo para pegar a última balsa a deixava com poucas opções além de se arriscar e expor-se na rua principal. O folheto com os horários mostrava que a última balsa do porto de Eminönü para Besiktas, local mais próximo do Palácio Dolmabahçe, partia exatamente às 7h da noite. Ali dizia que a viagem era curta, com duração de apenas 15 minutos. Se Emily conseguisse chegar lá a tempo, e se não fosse interrompida nem interceptada, ela estaria ao palácio cerca de apenas 20 minutos após o início da palestra. As apresentações e cortesias que precediam a palestra em si com certeza demorariam mais ou menos isso. Emily sabia muito bem que uma boa apresentação era importante para muitos acadêmicos. Ela só tinha de torcer para que o evento não fosse formal demais em termos de protocolo, e que eles ainda permitissem que as pessoas entrassem.

Se eu conseguir passar pela porta, pensou ela, posso tentar encontrar uma forma de desaparecer no palácio.

A descida pela principal ladeira da cidade, entretanto, era mais longa do que parecia, e Emily apertou o passo quando viu os ponteiros do seu relógio chegando perto da marca das sete horas. Ela não poderia se dar ao luxo de perder a balsa.

Ela contornou uma esquina e deu de cara com um passeio público ao longo da costa norte. Do outro lado, projetando-se para fora da água, estava Eminönü: uma coleção de embarcadouros, barcos e barracas cheias de pessoas. Correndo através do trânsito pesado da rua, Emily chegou até o porto e dirigiu-se ao local onde estavam pequenas balsas de dois andares ao longo de passadiços de madeira.

— Besiktas? Dolmabahçe? — perguntou ela para um homem que parecia estar oficialmente vestido com um traje de trabalhador das docas: camisa engordurada, chapéu surrado e uma mão cheia de ingressos e cédulas.

O homenzinho pançudo rosnou através de seu cigarro meio fumado e fez um gesto na direção de uma balsa na extremidade mais distante da doca. — Paga na balsa.

Ele continuou contando suas cédulas.

Emily atravessou rapidamente para a balsa, que já estava acelerando seus motores e preparando-se para partir. Pulando a bordo, ela pagou 12 liras por um bilhete e subiu alguns degraus até o nível superior.

Só quando a multidão dos passageiros de última hora tinha embarcado e a balsa estava completamente em movimento, o impressionante perfil da cidade começando a se afastar, ela se permitiu respirar aliviada. Ela conseguira chegar à balsa, e saltar para a embarcação já em movimento era uma boa forma de garantir que tinha despistado possíveis seguidores. Ela foi até o parapeito de metal na ponta do deck do andar superior e contemplou a cena diante dela.

Da popa da balsa via-se a colina pela qual ela acabara de descer, encimada pelas imponentes cúpulas de Hagia Sophia e da Mesquita Azul, com as paredes e balaustradas do Palácio Topkapi ao seu lado.

Minaretes de incontáveis mesquitas se enfileiravam no horizonte, e Emily não pôde deixar de pensar que aquela era uma cena que poderia ter saído de qualquer livro de histórias orientais da Idade Média.

Ela se virou e olhou na direção em que a balsa avançava. À sua esquerda estava a Europa. A sua direita, a Ásia, com o Bósforo servindo como um fino estreito entre as duas enormes massas de terra. Ali durante milênios florescera o comércio. Embora os prédios dos dois lados agora trouxessem evidentes marcas da modernidade, coalhados de antenas de rádio e antenas parabólicas, e mesmo que os carros tocassem suas estridentes buzinas nas movimentadas ruas ao redor, Emily sentiu que Istambul tinha algo de atemporal. Uma cidade que reunia dois continentes e servia como o centro de dois impérios; e, agora, a República Turca. Mesmo sendo Ankara a atual capital, Istambul sempre continuaria sendo o coração da Turquia.

A esquerda de seu campo de visão, o Palácio Dolmabahçe começava a surgir. A vista não poderia diferir mais daquela do Palácio Topkapi. Emily abriu o pequeno folheto que o homem da bilheteria lhe havia dado, concentrada em captar todas as informações básicas que pudesse, a fim de preparar-se para a

busca que tinha pela frente.

Dolmabahçe substituíra o Palácio Topkapi na função de residência imperial em 1856, quando o Sultão Abdulmecid I desejou ter uma sede governamental que se parecesse mais com aquelas de seus colegas europeus. Seus desejos foram realizados com um enorme complexo que fundia estilos arquitetônicos de toda a história europeia: barroco, neoclássico, rococó, qualquer estilo menos o otomano clássico. Sua identidade como palácio de sultões deveria ser afirmada pela decoração, não pelo projeto arquitetônico.

Quando pôde ter uma visão completa do palácio, Emily percebeu que ele tinha, de uma forma estranha, atingido o desejado efeito de palácio europeu. Parecia uma estranha mistura de Versalhes, Buckingham Palace e palacete italiano. Ela não pôde evitar o pensamento de que Michael o consideraria um pesadelo arquitetônico, um cruzamento de influências que o deixava sem um estilo característico. Mas com certeza impressionava. A expressão “de tirar o fôlego” não seria, pensou Emily, exagerada para aquele palácio.

No interior, continuava o panfleto, Dolmabahçe fora projetado com base na tradicional divisão otomana entre espaço público e harém, ou dependências familiares, que Emily havia visto no Topkapi.

Mas tudo no interior era feito em grande estilo, e feito para impressionar. Dois dos elementos mais famosos, a Escadaria de Cristal e o lustre central, eram bons exemplos disso. O nome da escadaria vinha do fato de que seus corrimãos eram feitos de sólido cristal Baccarat, ao passo que o lustre, que foi presente da Rainha Vitória ao sultão, fora na época e continuava sendo o maior do mundo, pesando 4,5

toneladas e ramificando-se em 750 lâmpadas. Cada item do palácio era dourado, cravado de pedras preciosas, gravado em relevo ou de alguma forma decorado, o que tornava cada detalhe inestimável e impressionante sob todos os pontos de vista.

Não causou surpresa a Emily ler que o único acesso a Dolmabahçe era por meio de um tour guiado. Não havia ali a possibilidade de andar livremente, como ela pudera fazer no Palácio Topkapi.

É bom que eu vou chegar depois de o lugar estar fechado, pensou ela. Sair de uma palestra e vagar pelo palácio parecia menos problemático de que se afastar

de um grupo de turistas e esquivar-se de outros.

Esse palácio, também, era agora um museu, embora tivesse permanecido como um prédio oficial até mesmo durante o regime do novo estado turco. Sua importância para a história da Turquia tinha muito a ver com o fato de ele ter sido a residência de Mustafá Kemal Ataturk, o fundador e primeiro presidente da Turquia moderna. Os cidadãos turcos, bem como o governo turco, idolatravam seu fundador de uma forma que superava muito qualquer coisa que os americanos pudessem sentir em relação a George Washington e os Patriarcas Americanos. O leito de morte de Ataturk, dentro do Palácio Dolmabahçe, havia se transformado num monumento, uma espécie de santuário, e era um dos locais mais visitados pelos turistas.

Entretanto, o mais significativo para Emily era a localização. O terreno que Abdulmecid tinha escolhido para seu novo palácio tinha sido antes uma baía do Bósforo. Essa baía fora aterrada por jardineiros otomanos ao longo de muitas décadas no século anterior e transformada num jardim e refúgio imperial. O nome Dolmabahçe, “jardim aterrado”, mantinha viva a memória dessas antigas origens. Atualmente, o palácio repousava sobre esse terreno aterrado, literalmente, “tocando a água”, que chegava exatamente à altura das fundações do prédio.

Emily contemplou a vista, agora imediatamente à frente da proa da balsa. Não havia dúvida de que ela estava chegando ao lugar certo.

Quando a balsa se aproximou do porto e começou a diminuir a velocidade, ela se dirigiu para a escada que a levaria ao deck inferior para desembarcar. Quando se virou, seus olhos desceram até o piso mais largo do andar inferior e avistaram dois homens.

Dois homens elegantemente vestidos e, embora um deles carregasse o paletó na mão, os dois vestiam ternos.

Ternos cinza.

O cabelo deles estava muito bem cortado, e eles pareciam quase idênticos. Como clones. A voz de Michael ecoava agora na mente dela.

O sangue de Emily gelou. Ela não tinha tido um surto paranoico no aeroporto, nem seu nervosismo subsequente fora injustificado: ela estava, de fato, sendo

seguida. Com certeza eles não eram os homens que haviam confrontado Michael-Não havia como eles pudessem ter chegado até ali tão rápido. Mas eles certamente estavam ligados aos outros.

O Conselho a estava rastreando, seguindo. Uma voz na cabeça dela gritou uma ordem decidida: mantenha-os seguindo.

Emily recuou num passo curto, com o coração acelerado, para sair do campo de visão deles. Será que eles sabiam que ela os vira? Se acreditassem que ela não estava ciente da presença deles, isso poderia adiar um confronto.

Emily não ouvia mais o ronco dos motores da balsa, nem o burburinho da multidão de passageiros.

Tudo o que ela ouvia era a própria pulsação, martelando em seus ouvidos.

Descer a escada, sair da balsa e atravessar para o palácio. Descer a escada, sair da balsa e atravessar para o palácio, ela se forçou a recitar mentalmente os próximos passos, tentando concentrar a atenção, mesmo que não conseguisse ficar calma.

Emily engoliu em seco, respirou fundo e começou a descer a escada de metal. Mantendo os olhos fixos à frente, ela foi diretamente para a rampa da balsa e chegou à terra firme.

Mantenha-os seguindo. Ela repetia a ordem mental e se esforçava para avançar. Se eles quiserem seguir, é melhor que eu ofereça algo para eles seguirem.

CAPÍTULO 83

19H15

No momento em que seus pés tocaram a terra firme, Emily voltou-se para o imenso Palácio Dolmabahçe à sua direita e tentou andar até lá de forma indiferente, como se sua pulsação não estivesse cada vez mais acelerada. Ela tentou manter-se no centro da calçada cheia de gente.

Se eu puder entrar e sumir da vista deles, talvez ainda consiga despistá-los.

Emily tentava se acalmar com o fato de que esses homens a estavam seguindo desde pelo menos sua chegada à Turquia, o que significava que eles deviam ter estado com ela antes no Palácio Topkapi. Eles tinham estado com ela, mas não a haviam machucado. Nem a haviam confrontado. Ela rezava para que mantivessem essa conduta.

Não aparente estar desconfiada, disse ela a si mesma. Se eles acharem que você está ciente da presença deles, tudo pode mudar.

Ela se forçou a diminuir o passo para andar no mesmo ritmo tranqüilo dos outros. Para se misturar.

A caminhada até o palácio levou apenas alguns minutos. Emily esticou o pescoço para ter uma visão de toda a extensão do lugar, agora que estava diante dele. Dolmabahçe era mesmo de chamar a atenção.

Apesar de seu medo, ela se perguntou se aquela imponente fachada não era uma versão otomana novecentista da tática do “choque e pavor”, no que dizia respeito à ostentação imperial.

Ela seguiu as placas que indicavam a principal entrada do palácio, que tinha as portas abertas e as luzes acesas, recepcionando os que estavam atrasados para o evento especial daquela noite. A medida que se aproximava, Emily diminuiu ainda mais o passo, alisou seu blaser de marca e arrumou seu cabelo desgrenhado em um profissional rabo de cavalo. Ela se perguntava se, com aquela sua aparência desalinhada, conseguiria se passar por uma acadêmica

interessada em saber mais sobre as relações franco-turcas. Só podia esperar que sim.

Uma mesinha, peça de antigüidade, servia de bilheteria, e Emily pagou uma quantia exorbitante para assistir à palestra da noite. Educadamente desculpando-se por seu atraso com uma recepcionista que, de qualquer forma, parecia não ligar a mínima, ela pegou sua entrada e ingressou no prédio.

Ela ficou, como de fato esperava, imediatamente impressionada. A entrada principal, batizada de Medhal Hall segundo a indicação de uma pequena placa que ainda não tinha sido retirada após as visitas turísticas do dia, capturava todos os cinco sentidos. Era enorme, tinha escadarias em formato de dupla ferradura, um imenso lustre, mesas entalhadas e pinturas imponentes. De repente, o champanhe grátis e os sachês com produtos de higiene pessoal que recebera no seu voo de primeira classe quando viera da Inglaterra não pareciam definir "luxo" como faziam antes.

Desviando seu olhar admirado do opulento esplendor ao seu redor, Emily seguiu um grupinho de participantes que ainda estavam se encaminhando para o que ela imaginava ser, mesmo vista de certa distância, uma sala de reuniões que tinha praticamente o mesmo esplendor. Ao se aproximar, ela pôde ver que a sala estava cheia de cadeiras de madeira, cada uma revestida com veludo vermelho e quase todas já ocupadas por convidados atentos. Um homem se dirigia ao grupo de um elegante púlpito à sua frente, falando em francês. Parecia que a palestra já tinha começado.

Imediatamente antes de entrar na sala, Emily pôs seu plano em ação. De repente, "lembrando-se" de que precisava de um banheiro, pediu informações ao porteiro.

— Segunda porta, à direita.

Emily fez o caminho. Então, verificando para ter certeza de que ninguém a observava, ela contornou um canto e desapareceu na escuridão do palácio.

CAPÍTULO 84

19H27

Momentos depois Emily estava sozinha nos vastos e escuros corredores do Palácio Dolmabahçe. Na condição de maior palácio da Turquia, o Dolmabahçe impunha a ela uma tarefa ainda mais intimidadora do que a que ela enfrentara na Bibliotheca Alexandrina. Em algum ponto dos 110 mil metros quadrados construídos do palácio, Arno Holmstrand havia deixado uma pista para ela.

Ela foi fazendo seu caminho, entrando e saindo de salas e corredores no bloco principal do palácio, seu coração batendo acelerado não apenas pela ameaça dos homens que a estavam seguindo, mas também pela admiração diante do ambiente incrível que via ao seu redor. Mesmo na luz fraca do período de portas fechadas ao público, o lugar brilhava e cintilava. Quatorze toneladas de ouro folhado faiscavam na luz suave.

Quando ela se dirigia para a famosa Escadaria de Cristal e subia por ela sem fazer barulho, ela percebeu que seria simplesmente impossível investigar cada área e superfície de um lugar daqueles. Nem, pensou ela, Arno poderia ter esperado que ela o fizesse. Holmstrand não poderia ter imaginado que Emily teria um acesso mais amplo ao palácio do que aquele que estava tendo. Provavelmente teria deixado sua pista em algum lugar onde Emily pudesse encontrá-la, presumivelmente no trajeto normal do tour. Nalgum lugar acessível.

Placas e cordas vermelhas marcavam o trajeto dos tours, e Emily tentou segui-las, com os olhos bem abertos para não perder nenhuma indicação do pequeno símbolo que marcava cada uma das pistas de Arno.

Deve haver algo aqui que ele sabia que chamaria minha atenção, pensou ela. Algo para diminuir a gama de possibilidades.

Onde a gente esconde uma pista na casa de um rei? Na recepção real? Não poderia ser. Durante o dia, o lugar estaria constantemente cheio de visitantes, o que impediria que alguém procurasse ali um sinal. O

Salão do Embaixador? Emily esperava que esse não fosse o lugar, pois os pequenos mapas colocados em vários pontos ao longo do trajeto do tour pareciam indicar que aquela era exatamente a sala onde estava acontecendo a palestra. Se a pista de Arno fora escondida ali, seria impossível encontrá-la naquela noite.

Onde mais? Emily se forçava a pensar em cada palavra da mensagem que havia recebido em Alexandria. “Entre dois continentes: a casa do rei, que toca a água.” Os dois continentes estavam reconhecidos, a casa era real e era tocada pela água. O que estava faltando?

O rei. Aquele era o único trecho da pista que ainda parecia estranho. Dolmabahçe tinha sido a casa dos sultões durante décadas, mas os líderes otomanos nunca tinham usado o título de “rei”. Nem antes deles os governantes bizantinos, que eram conhecidos por “Imperadores”. Sim, os termos eram mais ou menos equivalentes, mas Arno Holmstrand demonstrara muitas vezes sua precisão no uso da linguagem. O uso daquela palavra, naquela mensagem, devia ser exato. Intencional.

Quem governou aqui, mas não foi sultão? No exato momento em que fazia a pergunta, ela contornou um canto e viu a resposta bem à sua frente.

Ataturk. O fundador da República Turca e estado moderno da Turquia, que tinha se mudado para o Palácio Dolmabahçe, assim que assinara em 1922 um decreto retirando a governança do povo turco das mãos da monarquia hereditária. Ataturk, que havia expulsado os sultões, mas continuara a liderar seu governo republicano ocupando seus palácios gloriosos. Ataturk, que adoecera e acabara morrendo ali, entre as paredes daquele palácio. Mais especificamente, no cômodo conhecido hoje como “Quarto de Ataturk”, para o qual uma placa postada no centro do corredor estava apontando.

Esse homem tinha conquistado grande importância na memória nacional turca, importância essa que ia além da atribuída a quase todos os reis ou líderes antes dele. Ele se tornara o símbolo da identidade nacional, o “Grande Líder” do orgulho patriótico turco. Às 9h05 da manhã do dia 10 de novembro de 1938, ele morrera. Aquela era uma data e uma hora que qualquer aluno de história oriental moderna conhecia bem. Todos os relógios do palácio foram parados no instante da morte de Ataturk, marcando o momento do luto nacional por décadas vindouras. Mais recentemente, o luto fora suspenso, e os relógios foram ativados

de novo para indicar a hora corrente. Todos, menos um: o pequeno relógio que ficava sobre a mesa do quarto onde Ataturk havia morrido.

Emily sabia agora exatamente aonde devia ir.

CAPÍTULO 85

19H45

Emily seguiu as placas na direção do quarto de Ataturk, localizado na área que havia sido o harém do palácio. Não precisou ir muito longe, e embora estivesse constantemente olhando por sobre os ombros, ela não conseguia ter certeza de que não estava sendo seguida. A incerteza tornava mais rápidos os seus passos.

O quarto era distinto e cerimonioso mas, quando entrou, Emily percebeu que aquele não era o cômodo mais luxuoso do palácio. Isso não queria dizer que não fosse bastante adornado, mas ali não havia o mesmo grau de ostentação de riqueza que se observava em outras áreas pelas quais ela acabara de passar.

O objeto principal do quarto era a própria cama de Ataturk: uma grande cama king size, com guardas de madeira e coberta com uma grande bandeira turca, de tom vermelho-sangue, como um memorial do local onde seu primeiro líder havia morrido. O quarto em si era revestido de madeira com tapetes orientais trabalhados e alguns sofás ao estilo otomano e cadeiras com tecidos florais enchendo o pequeno ambiente.

Emily passou por cima das cordas vermelhas que em geral mantinham os turistas a uma respeitável distância em relação à venerável cama. A área que ela precisava investigar em busca da pista de Arno era agora dramaticamente mais viável. Em algum lugar entre estas quatro paredes.

A cama em si oferecia poucas oportunidades para alguém esconder um símbolo gravado, sendo em sua maior parte revestida de tecido e mantas. Ela deu uma olhada rápida, mas sentiu que teria mais sorte em outro ponto. Forçando-se para combater seu nervosismo e tensão e examinar lentamente cada objeto, ela foi escrutinando o quarto na busca de possíveis locais para um sinal oculto. Examinou os pequenos criados-mudos de cada um dos lados da cama. Nada. Uma mesa marchetada à esquerda, com o pequeno relógio quadrado para sempre congelado às 9h05, também não tinha nada. Emily passou os olhos por sobre cada centímetro dos painéis de madeira das paredes, candidatos naturais para o

tipo de gravação que ela já encontrara na Inglaterra e no Egito, mas ficou igualmente desapontada.

Aproximou-se do sofá ao estilo otomano que ficava no canto da parede com janelas, para sentar e refletir. Onde não estou procurando?

Então, com o rabo do olho, ela viu alguma coisa. Atrás de uma almofada rebuscadamente bordada, a estrutura de madeira do sofá estava visível. Algo interrompia o fluxo da textura da madeira, bem no ponto em que ela desaparecia atrás do tecido.

Emily retesou o corpo, esticou o braço e retirou a almofada. Atrás dela, levemente marcada no braço de madeira do sofá, estava a última pista de Arno. O emblema da biblioteca era o cabeçalho, como tinha sido em todos os outros lugares ao longo de jornada de Emily. Abaixo dele, uma única linha de texto, cuja única semelhança com as outras era sua forma críptica.

“Um círculo completo: o teto divino de Oxford, e lar da Biblioteca”

Abaixo do texto, para a surpresa de Emily, estava gravado um segundo símbolo.



CAPÍTULO 86

20H02

Emily pegou o celular do bolso de seu casaco e fotografou a gravura no braço do sofá. Movendo os dedos com habilidade pelo pequeno teclado, ela começou a acrescentar comentários à fotografia para ter uma referência, mas parou depois de algumas teclas apertadas. Não era necessário fazer uma observação por escrito. O ponto de referência das palavras de Arno e o significado do novo símbolo ficaram imediatamente claros para ela.

Qualquer aluno de Oxford tinha, alguma vez, sido apresentado à Faculdade de Teologia (Divinity Schools): um salão cerimonial de debates anexado à Biblioteca Central Bodleian, que havia sido o primeiro espaço da instituição especialmente construído para aulas e palestras. A universidade em si já existia havia gerações na época em que esse prédio fora construído, em meados do século XV, mas antes as palestras e aulas eram realizadas em salões de seus vários colleges e outros prédios, inclusive a University Church of St. Mary the Virgin, cujos escombros Emily tinha ido analisar num momento que agora

parecia infinitamente distante. A medida que os alunos foram ficando mais desordeiros e extremistas, a universidade decidiu que realizar suas palestras e debates na igreja não era mais adequado e optou então por indicar a Faculdade de Teologia para essa função. Dois séculos mais tarde, outro salão tinha sido anexado à sua extremidade oeste, conhecido como Convocation House. Esse sofisticado salão, que até os dias atuais não tinha luz artificial, abrigava o trono do reitor da universidade, e por um período de pouco mais de 15 anos, durante o reinado de Charles II, no auge da guerra civil, havia servido como local de encontro do Parlamento.

Todo aluno de Oxford conhecia o prédio porque ele era uma obra-prima de singular e impressionante projeto arquitetônico, um ponto “imperdível” para qualquer pessoa que estivesse conhecendo a cidade; mas também porque ele já não era um salão de conferências havia décadas e agora era exclusivamente usado para cerimônias de formatura. Um momento de glória no velho salão para gravar na memória a despedida dos alunos.

A mais famosa característica da Faculdade de Teologia era o seu teto. Construído no que era conhecido como “estilo perpendicular”, ele foi decorado com abóbadas em forma de cruz e recoberto de uma ponta a outra com centenas de símbolos estranhos e misteriosos, alguns dos quais se projetavam para baixo como berloques. Era como se o teto tivesse dedos, tentando alcançar os visitantes lá embaixo.

Emily recordou a sensação meio estranha que tivera em sua primeira visita, ouvindo seu tutor mencionar algo sobre o homem que o havia projetado: um mestre maçom que atendia pelo nome de William Orchard.

Ninguém sabia precisamente o que significavam os vários símbolos do teto da Faculdade de Teologia, e esse simples fato havia inspirado inúmeros teorizadores da conspiração. Alguns eram obviamente os emblemas de casas e colleges da época da construção do prédio; outros provavelmente eram as iniciais dos doadores que haviam contribuído com a construção. Mas outros, dezenas e mais dezenas deles, eram apenas um mistério. Aparentemente não significavam nada e, por isso mesmo, eram fonte de fascínio perpétuo entre os visitantes e intérpretes.

Emily olhou de novo para o segundo símbolo que Holmstrand havia deixado no quarto de Ataturk. A linha de texto, “Um círculo completo: o teto divino de

Oxford, e lar da Biblioteca", claramente apontava para a Faculdade de Teologia. Arno não poderia ter sido mais explícito. E o novo símbolo, Emily suspeitava, devia com quase toda a certeza ser um daqueles esculpidos no teto ornamentado do prédio.

De repente, ela percebeu vozes do lado de fora da porta, em algum ponto do corredor. Ela subitamente percebeu a precariedade de sua situação. Estava sentada num sofá, um sofá que tinha sido rabiscado, em uma das mais adoradas salas da Turquia. A quantidade de problemas que ela atrairia para si se fosse descoberta era quase inimaginável. Emily tinha ouvido algumas coisas sobre as prisões turcas, e nenhuma delas era positiva. E a prisão era a melhor das possibilidades. Se as vozes viessem dos dois homens de terno cinza que ela vira na balsa, as coisas ficariam muito, muito piores.

Ela rapidamente recolocou a almofada sobre o desenho de Arno, atravessou a sala, passou por cima da corda vermelha e voltou para o corredor. Parou o tempo suficiente para definir a localização das vozes, que estavam ficando cada vez mais altas, e foi na direção oposta. Ela esperava que fossem vozes dos funcionários do museu, fazendo rondas à noite, ou outros convidados do evento que tinham escolhido não assistir à palestra. Fosse o que fosse, Emily não queria ser vista. Agora que havia encontrado o que Arno deixara para ela, tudo o que desejava era sair dali em segurança.

Esgueirando-se pelos adornados corredores, Emily finalmente se viu de volta à escadaria central.

Desceu por ela rapidamente e contornou uma curva na direção do saguão principal. Atravessou o saguão e do outro lado estava o portão para as ruas de Istambul.

Mas à sua direita, atrás de um dos pilares na outra extremidade do salão, estavam os dois homens de terno cinza.

Emily os avistou e os olhos dela cruzaram com o olhar de um dos homens. A expressão impassível dele não se alterou, mas seu corpo se virou para que ele pudesse olhar Emily de frente. Como se os dois estivessem grudados pelos quadris, o outro homem se virou junto com o primeiro. Já não havia nenhuma possibilidade de Emily tentar se esconder.

Corra! O pensamento emergiu na mente de Emily com uma intensidade quase

incontrolável. Seu nível de adrenalina subiu vertiginosamente. Apesar disso, ela sabia que, se corresse, iria atrair ainda mais atenção sobre si mesma. Uma mulher que saísse correndo de um palácio logo seria detida no caminho e, se ela fosse detida, esses dois homens a teriam a sua mercê.

Apenas ande, direto para a porta, e então saia.

Emily tirou os olhos do olhar do homem e começou a atravessar o salão. Ela dava passos largos, cobrindo o espaço o mais depressa possível sem irromper em uma corrida.

Direto para a porta. Direto para a porta. Ela tentou manter o passo constante, no ritmo de suas palavras.

O espaço do saguão de entrada parecia grande demais, e Emily sentia a cada passo que o próximo viria acompanhado de uma mão em seu ombro ou um ataque pelas costas. Ela manteve os olhos fixos na saída até que, finalmente, estava diante da porta. Empurrando-a para abri-la com uma força que ela mesma desconhecia, saiu para a rua.

Emily atravessou a rua paralela ao palácio. As pessoas caminhavam pela calçada, proporcionando a melhor camuflagem que ela poderia conseguir. Manteve um passo constante, pouco menos que uma corrida, abrindo espaço em meio às pequenas concentrações de pessoas quando elas ficavam em seu caminho. Com isso conquistou olhares zangados e algumas exclamações de protesto, mas não parou.

Só depois de cinco minutos ela se permitiu diminuir o passo. Talvez, apenas talvez, os homens não a estivessem perseguindo com tanto afinco quanto ela temia. Ela não tinha olhado para trás nem uma única vez para verificar. Uma coisa que aprendera nos filmes de ação: olhando para trás você perde tempo.

Mas chegara o momento de verificar, de qualquer maneira. Ela contornou uma esquina e parou colada ao muro. Reunindo toda a coragem que tinha, voltou-se para trás e esticou a cabeça, olhando na direção de onde viera.

Três quarteirões atrás, os dois homens avançavam na direção dela.

CAPÍTULO 87

20H20

Emily recuou para trás da esquina o mais depressa possível. Os dois homens a alcançariam numa questão de segundos. Ela tinha de pensar rápido.

Retornar para a balsa não era uma solução: ela havia embarcado na última para chegar a Dolmabahçe.

Além disso, pensou ela consigo, numa rapidez incrível, nada de espaços fechados. Mantenha-se em movimento, onde possa correr. Emily podia não ter experiência em escapar de perseguidores mas, desde sua adolescência, raramente seu dia começava sem uma corrida. Esses homens não iriam capturá-

la sem esforço.

Ela forçou as pernas e subiu correndo a estreita rua lateral. Estava se dirigindo para o sul, ao longo da costa, voltando para o centro da cidade. O local à sua frente, que ficava defronte a famosa península de Hagia Sophia e a Mesquita azul, era a agitada região comercial chamada Gálata, cheia de vielas e ruazinhas tortuosas, cada uma repleta de bancas e carrinhos e comerciantes vendendo seus produtos.

De suas visitas anteriores, Emily se recordava do lugar como um ponto muito movimentado à noite e também de dia, sempre cheio de gente.

Vai ser perfeito, pensou ela. Ela iria atravessar Gálata e despistar os homens, para depois atravessar rumo à cidade principal pela ponte, a partir do lado oposto do rio.

Emily apertou o passo, e em seguida começou a correr. Agora não havia motivo para não se mover a toda velocidade. Tanto ela quanto os homens que a perseguiam estavam conscientes da presença da outra parte, e a caçada havia começado. Pela segunda vez em sua viagem, sua preferência por sapatos confortáveis e sem salto representou uma vantagem logística.

Ela foi correndo por uma ruazinha sinuosa, que terminava em uma praça mais larga, onde havia um mercado em plena atividade sob a iluminação elétrica. As bancas exibiam de tudo: de cestos com coloridos temperos indianos até aparelhos eletrônicos baratos e pilhas recicladas pela segunda vez.

Emily se enfiou no meio das bancas e das pessoas. Ao chegar ao outro lado da praça, ela olhou para trás.

Os dois homens haviam surgido da mesma ruazinha sinuosa que ela usara para entrar no mercado. Os movimentos deles eram coordenados, e eles pareciam andar no mesmo passo, examinando os lados opostos da praça como se em sua mente tivessem uma grade sobreposta à imagem da própria praça, numa visão robótica. Um dos homens falava a um pequeno telefone celular enquanto esquadrinhava a área. Era como ver uma cena de um filme sobre a CIA, só que Emily sabia muito bem que aqueles não eram os mocinhos.

A medida que os homens continuavam seu eficiente esquadrinhamento da praça, ela se enfiou atrás de uma banca alta que continha roupas e sapatos, mas seu movimento aconteceu com alguns segundos de atraso. O homem que falava ao telefone a viu e apontou um dedo através da praça. O outro homem olhou na direção do ponto indicado e ambos começaram a costurar seu caminho em meio às bancas na direção de Emily. Eles navegavam pelo mercado cheio sem desviar os olhos dela: comerciantes e lojistas simplesmente eram afastados do caminho sem nenhuma hesitação ou um segundo olhar.

Emily saiu de trás da banca e entrou em outra viela lateral que descia a partir da praça do mercado. Ela corria a toda velocidade, mudando de direção toda vez que surgia uma nova rua lateral. Apesar de sua aptidão física, ela estava começando a sentir que não podia correr mais que aqueles homens. Ela precisava despistá-los.

Ela correu para uma viela obscura, sentindo uma pontada na lateral do abdome, resultado da mistura da adrenalina pulsando em seus músculos com a repentina necessidade de usá-los com tamanho vigor. As corridas matinais eram o que eram, mas correr para salvar a própria pele era uma experiência nova.

Apoiando-se numa parede, ela tentou recobrar o fôlego. Então, antes que pudesse relaxar o corpo e dar aos próprios músculos uma oportunidade de se preparar, ela voltou a correr. Uma voz bem audível em sua mente ordenava que

ela prosseguisse, continue correndo!

Os dois homens diminuíam o espaço que os separava de Emily a cada passada. Embora a técnica empregada por Emily de se esgueirar em direções diversas, entrando pelas ruas e vielas laterais, significasse que eles não podiam correr a uma velocidade plena, o que acabaria com a perseguição em uma questão de segundos, eles ainda tinham uma grande vantagem em relação a ela. Eram homens acostumados a perseguir seus alvos.

Emily virou de repente à direita e se esgueirou por outra viela e, com poucos passos de suas longas pernas, chegou ao fim dela. Como muitas das ruazinhas pelas quais ela já havia passado nos últimos momentos, essa terminava em uma rua mais larga, cheia de outras lojas, bancas e pessoas. Mas essa rua tinha uma diferença importante e aterradora. A medida que Emily se mantinha próxima ao canto e corria por ela com a maior velocidade possível, buscando a próxima viela pela qual pudesse escapulir, ela se deu conta de que essa próxima viela não surgiria. Nenhuma rua lateral se apresentava, nenhuma viela. Ela não tinha saída. Estava numa longa avenida de vitrines e prédios, margeada dos dois lados por sólidas paredes.

Encurralada!

Ela buscou loucamente qualquer coisa que pudesse servir como uma rota de fuga. A sua direita, a alguns passos, uma oportunidade se apresentou: uma porta de duas folhas abertas, conduzindo para uma das poucas igrejas da área, resquícios de uma era em que Istambul era tanto cristã quanto muçulmana.

Não é uma viela, mas é melhor do que nada.

Ela se virou e entrou correndo pela porta.

A igreja lá dentro era escura, iluminada quase exclusivamente pelos poucos castiçais em que grupos de velhas tinham colocado pequenas velas de cera de abelha. Atrás dos castiçais, as paredes eram adornadas com quadros românticos do Senhor, da Virgem Maria, dos santos, com um altar no fundo da longa nave, isolado por uma tela de madeira que chegava a um metro de altura e muitas imagens.

Armênia, percebeu a mente histórica de Emily que, apesar da situação, registrou o design interior característico das igrejas armênias em todo o mundo.

Para seu alívio, a igreja era suportada por uma série de grandes pilares que pontilhavam os dois lados da nave. Na completa escuridão, elas ofereciam o que era mais necessário: um lugar para se esconder.

Pegando uma vela apagada de uma caixa na entrada caso precisasse parecer devota e integrada ao ambiente, ela avançou ao longo da parede esquerda até que chegou a um pilar convenientemente afastado dos pequenos grupos de devotas e desapareceu atrás dele.

Ela apoiou a cabeça, o corpo todo, contra o frio pilar de pedra, afastando as mechas dos longos cabelos que com a transpiração tinham ficado grudadas em seu rosto. Sua respiração pesada parecia ecoar nas paredes cobertas de imagens.

Calma. Respire fundo. Devagar. Não deixe que eles a ouçam. Não deixe que eles a vejam.

Ela fechou bem os olhos e se forçou a ficar quieta. Nunca antes na vida ela sentira um terror como o dos últimos minutos, e seu corpo não sabia como reagir. Ela rogava com todas as suas forças para que tivesse entrado na igreja antes que os homens pudessem virar a esquina e vê-la entrando ali.

Nenhuma dúvida permanecia na mente de Emily: nenhuma dúvida sobre a existência da biblioteca, ou sobre a história da Sociedade, ou sobre o Conselho. Arno a conduzira a algo real, que estava quase ao alcance de sua mão. Mas o custo daquela realidade era um conhecimento que a ligava a eventos que estavam muito além de seu controle. Estariam aqueles homens atrás dela para matá-la porque ela poderia levá-los até a biblioteca? Ou seriam eles parte da trama contra o governo americano?

Emily se esforçava para respirar mais devagar, esperando que sua pulsação voltasse relativamente ao normal. Por longos minutos a igreja ficou silenciosa. Ninguém entrou. Ninguém interrompeu a quietude devota.

Lentamente, em silêncio, ela espiou de trás do pilar. A visão confirmava a ausência de som: o lugar estava agora quase completamente vazio. Os homens não a haviam seguido. Ela entrara sozinha.

Ela esperou mais alguns minutos, dando aos seus perseguidores tempo para que se afastassem e continuassem em busca de seu alvo fantasma por qualquer rua que acreditassem que ela tivesse tomado.

Só quando o sacristão da igreja apareceu e começou a fechar as duas folhas da porta da entrada é que Emily finalmente saiu de trás do pilar e da igreja.

Ela espiou as ruas cautelosamente antes de sair. Uma olhada rápida nas duas direções não produziu nenhum motivo de alarme. Ela avançou para a rua.

Poucos minutos depois, ela encontrou uma viela que descia a colina e desaparecia nas agitadas ruas de Gálata.

CAPÍTULO 88

21H10

De volta à região do mercado, Emily continuou a costurar seu caminho através de todas as ruas laterais e vielas que pôde encontrar, gradualmente se afastando das áreas de muito tráfego e entrando numa rede de ruazinhas mais distantes e menos movimentadas. Seu corpo estava ensopado em suor, fruto tanto do medo quanto da exaustão física. Embora não tivesse visto seus dois perseguidores desde a igreja, ela não alimentava ilusões. Ela não estava a salvo. Tinha de sair de Istambul, e logo.

Sua mudança constante de caminho para ruas cada vez mais distantes do centro e mais vazias, que se transformara em sua tática pessoal de fuga, significava que seu progresso, descendo pela longa ladeira de Gálata na direção da ponte que a conduziria de volta à cidade principal e às passagens que a levariam ao aeroporto e para fora da cidade, seria lento: quanto mais ela andava, quantos mais minutos se passavam, mais seu medo diminuía. Por fim seu andar frenético acalmou-se em um passo tranqüilo, à medida que a depressão que sucedeu seu pico de adrenalina começou a devolver-lhe o equilíbrio.

Mas embora seu corpo estivesse cansado, Emily ainda tinha a mente acelerada, e não só por causa da perseguição. Quando o terror da experiência foi diminuindo, sua atenção foi capturada por um estranho incômodo causado pela última pista de Arno.

Alguma coisa na mensagem não se encaixava.

Ela não tinha lido a mensagem de modo errado. Emily podia até ter sido induzida a erro, identificando o palácio errado, mas tinha certeza absoluta da mensagem que encontrara no palácio em Istambul. A presença de um novo símbolo, juntamente com o texto, eliminava qualquer dúvida: a pista apontava para a Faculdade de Teologia, (Oxford Divinity Schools), e para um símbolo específico esculpido em seu teto.

O problema é que a pista realmente apontava para aquela faculdade. Que ela

apontava de volta para Oxford. De volta. De volta para o lugar onde sua busca da biblioteca começara. A pista final fazia de toda a sua jornada o equivalente de correr em círculos. A mensagem de Arno enfatizava isso, de um modo quase provocador. “Um círculo completo: o teto divino de Oxford, e lar da Biblioteca.” Círculo completo. Circuito, que terminava exatamente onde havia começado.

Alguma coisa aí parecia. . errada.

Sua possibilidade de continuar pensando naquele detalhe incômodo, no entanto, foi abortada de forma terrível e repentina. Emily acordou de suas ponderações com um clique característico. Ela ficou paralisada, a meio caminho da estreita viela espremida entre altos prédios. Embora nunca tivesse em sua vida realmente ouvido aquele som, ela vira um suficiente número de filmes para saber que se tratava do clique de uma pistola sendo armada. Lentamente, ela ergueu os olhos do chão de pedra.

Em pé diante dela já estava o mais baixo e mais robusto dos dois homens de terno cinza, com sua pistola apontada diretamente para a cabeça de Emily.

CAPÍTULO 89

21H30

Jason mantinha sua Glock 26 diretamente apontada para Emily Wess. A pequena arma era sua favorita para viagens: com menos de 17 centímetros de comprimento e nem 800 gramas quando seu pente de 10

cartuchos estava completamente carregado, ela era fácil de esconder e extraordinariamente precisa para seu tamanho. O modelo ganhara o nome de Baby Glock, mas fazia um estrago que não era nada infantil.

Quando viu a arma apontada para sua testa, Emily instintivamente se afastou e olhou para trás, mas descobriu que o outro homem estava na extremidade oposta da viela, decididamente bloqueando qualquer possibilidade de fuga.

— Nem tente, dra. Wess - disse Jason de uma forma clara, firme, eficiente e calma, que fazia suas palavras soarem rotineiras, como se ele não estivesse de fato apontando uma arma para o rosto de uma mulher e seu dedo não estivesse posicionado num gatilho que poderia facilmente eliminar a vida de outra pessoa. — Hoje ninguém mais vai correr por aqui.

Emily encarou seu perseguidor, embora seus olhos permanecessem fixos no cano quadrado da pequena arma.

— O que vocês querem comigo?

O olhar de Jason continuava impassível, dirigido para ela.

— Nada que você não possa dar, ou que não estejamos dispostos a tomar — disse ele, apertando os olhos. A expressão agora em seu rosto não era exatamente um sorriso, mas demonstrava uma quase confusa condescendência. — Primeiro, passe para cá o que você encontrou no palácio — ordenou ele.

Seu pai lhe tinha assegurado que qualquer que fosse a pista deixada ali, aquilo era parte da tentativa do Guardião de enganá-los, e não um ingrediente crucial para sua busca. O Conselho já tinha descoberto o que precisava descobrir por meio do símbolo decodificado a partir do e-mail de Antoun. Mesmo assim, seria

bom para eles saber qual tinha sido a última pista de Holmstrand.

Emily fez o máximo para manter a coragem naquela situação.

— Não sei o que está querendo dizer — disse ela. Aquele não era o tipo de homens que ela desejava que encontrassem o caminho da biblioteca.

Jason esticou o braço direito e empurrou a arma para mais perto do rosto de Emily.

— Não me aborreça, dra. Wess. Seu telefone.

Ele fez um gesto com a arma na direção do casaco de Emily.

— Passe-nos o seu celular.

Ao som da palavra “nos”, Emily percebeu que o segundo homem silenciosamente se aproximara dela por trás. Ela agora podia ouvir a respiração dele, quase pesando em seu pescoço. De repente sentiu-se claustrofóbica. Encurralada.

Os dois homens eram mais espertos do que ela esperava. Eles não a estavam sondando aleatoriamente: sabiam de forma exata qual era a informação e onde ela a guardava.

— Não sou um homem paciente, dra. Wess — continuou Jason. — Eu sei que o seu celular contém informações sobre o que você encontrou no palácio, além de uma certa lista que você nunca deveria ter visto. Veja bem, não vou pedir de novo — disse ele erguendo a mão esquerda espalmada. No momento em que Emily viu o gesto, ela também sentiu um segundo cano de arma, este último pressionando-lhe as costas.

— Tudo bem, tudo bem.

Sua coragem tinha de repente desaparecido, o desejo de permanecer viva se impondo forte e poderoso.

Ela prometera a Michael que voltaria para ele, e precisava cumprir a promessa.
— Aqui está.

Ela tirou o celular do bolso do casaco e o entregou ao homem que estava a sua frente. Ela não se importava de perder as informações que tinha consigo: ela enviara cópias das cartas de Arno para Wexler, e Michael ainda tinha dois dos originais. A pista que ela acabara de descobrir no palácio, com seu estranho hieróglifo, estava gravada para sempre em sua memória. A lista estava armazenada em sua mente, também, e ela poderia obter outra cópia digital com Athanasius. Ela tinha certeza de que poderia prosseguir sem o celular. A agonia que sentia não era a frustração pela perda, mas por entregar as informações àqueles homens.

Jason passou o pequeno aparelho para seu parceiro.

— Extraia tudo — instruiu ele. - E verifique para ter certeza de que a lista não foi encaminhada para ninguém. A lista foi enviada para ela em duas mensagens de texto. A segunda é a chave. Aquela que contém os nomes de nossos homens.

As palavras tilintaram nos ouvidos de Emily. Nossos homens? Apesar do coração disparado e das duas armas apontadas para ela, esse modo de falar chamou-lhe a atenção. Nossos.

Jason voltou-se para ela; o celular estava agora nas mãos do colega, que tinha guardado sua arma e estava totalmente concentrado em manipular o pequeno aparelho.

— Já que está cooperando tanto, por que você não me dá os papéis também?

Emily tentou protelar isso, mas outra vez a arma de Jason chegou mais perto de sua cabeça. Da mesma forma que acontecera com o telefone, estava claro para ela que os perseguidores já sabiam exatamente o que estava em sua posse. Esses homens eram detalhistas.

Resignada, ela apanhou na bolsa o maço de cartas de Arno e a cópia de fax das pistas, e as passou para as mãos do homem que aguardava.

Jason se permitiu um meio sorriso.

— Obrigado, dra. Wess. Você foi excepcionalmente útil — disse ele e depois fez uma pausa. Depois, completou: - Mas nos fez correr atrás de você e isso é. . impróprio.

Ele ficou parado, com um novo ar de profissionalismo no rosto.

— O Conselho agradece a sua generosidade em nos ajudar com nossos objetivos, mas lamento informá-la de que seus serviços não são mais necessários. Chegou a hora de seu envolvimento terminar.

Ele olhou por sobre o ombro de Emily para o homem atrás dela.

— Atire!

CAPÍTULO 90

21H40

Emily ouviu o atrito do tecido quando o homem atrás dela ergueu sua arma.

— Espere! - exclamou ela, enquanto sua mente raciocinava numa velocidade alucinante. - Vocês não podem me matar.

— Você está muito enganada, dra. Wess, em acreditar nisso — respondeu Jason, confuso.

— Não, vocês não podem não! — disse Emily, pronunciando as palavras com a mesma rapidez com que elas passavam por sua mente. - Não, se querem que seu joguinho em Washington seja bem-sucedido.

As palavras chamaram a atenção de Jason, que ergueu a mão esquerda em um pequeno gesto, instruindo seu parceiro a suspender a execução por uns instantes. Ele sabia que Emily estava só tentando ganhar tempo e evitar o inevitável, mas estava disposto a ouvi-la.

— Não seja ridícula, dra. Wess. Não há como você possa arruinar nosso projeto, viva ou morta. Nossa operação em Washington está quase finalizada. Não há nada que você, nem ninguém, possa fazer para impedi-la.

— Nós ainda podemos expor vocês — retorquiu Emily. — Independentemente de quão longe vocês tenham chegado, o mundo não vai deixar vocês escaparem quando ficar sabendo de tudo o que vocês fizeram e com quem estão envolvidos.

- Essa é a causa de nosso feliz encontro aqui, agora. Sua morte vai garantir que isso nunca aconteça.

— Não é bem assim — devolveu Emily. Agora era a vez dela de assumir um tom de autoconfiança, apesar do pânico em seu peito. — O homem que me enviou sua listinha, aquela que poderia derrubar vocês, ele espera ter notícias minhas sobre meu progresso. . em outros assuntos — insinuou Emily, respirando fundo para acalmar os nervos, reunindo forças para ter o melhor auto-controle que o

momento permitia. — Se ele não tiver notícias minhas, você pode apostar o seu último suspiro ou o meu que aqueles nomes, e todos os detalhes que ele conhece, serão conhecidos por todos os canais de mídia do mundo numa questão de horas.

Jason fixou os olhos em Emily. Seria possível que ela estivesse dizendo a verdade? Poderiam ter ela e Antoun articulado um plano desses sem que ele ficasse sabendo? Não era impossível: um rápido sussurro que suas escutas não tivessem detectado. Um bilhete. Mas eram bem maiores as probabilidades de aquilo ser simplesmente um blefe desesperado de uma mulher deploravelmente assustada face ao seu fim próximo.

— Bobagem! — desafiou ele. — Nós ouvimos cada palavra da conversa de vocês em Alexandria.

Antoun, de qualquer forma, está tendo a atenção que merece, o que faz de você o último ponto de vazamento na operação, com exceção de seu galante noivo, o sr. Torrance. Mas não se preocupe, logo ele também não falará mais — ameaçou ele, e seus olhos quase faiscaram, deliciando-se com a tortura extra que estava acrescentando aos momentos finais de Wess.

— Pode me matar se quiser — respondeu Emily, tentando ignorar a ameaça contra Michael e reunir todas as suas forças para desafiar o homem diante dela. Aprumando o corpo, e pela primeira vez olhando por cima da arma de Jason diretamente em seus olhos, ela falou com firmeza: — Mas saiba que, me matando, tudo aquilo pelo que vocês têm trabalhado morre comigo.

O silêncio subsequente pareceu para Emily durar uma eternidade, enquanto o homenzinho musculoso diante dela ponderava se devia matá-la ou deixá-la viver. Naquele momento, sem saber se estava se agarrando à vida ou à morte, Emily sentiu uma estranha calma. Quase uma paz.

— Chega! - disse Jason finalmente quebrando o silêncio de forma abrupta. Ele tomara sua decisão.

Balançou a cabeça para o amigo, num gesto estranho e imperioso. - Mande ver!

Antes que Emily pudesse registrar o que aquela frase significava, o golpe veio de trás dela, chocando-se com a parte traseira de sua cabeça no momento em que o metal tocou a pele e o crânio. O último som que ela ouviu foi uma risada satisfeita, emanando das silhuetas que rodavam na sua visão, e que momentos

antes eram as formas bem definidas dos dois homens. Depois os sons giraram e sumiram como as imagens, e o mundo ao seu redor se tornou escuridão.

O corpo de Emily Wess desabou no solo.

CAPÍTULO 91

21H45

Jason voltou-se para o outro Amigo, impaciente.

— Já conseguiu?

— Quase - disse o segundo homem, acompanhando o indicador de progresso da operação em seu pequeno aparelho, que estava baixando todo o conteúdo do celular de Emily para seu disco rígido.

Depois ele deletou todos os dados do celular. Arrancou o fio do celular de Emily e o jogou na rua, ao lado de seu corpo inerte. Em seu próprio computador, as informações que ela tinha reunido seriam mais úteis e fáceis de analisar.

Um pisão forte do seu pé, e o telefone dela estava destruído.

— Pronto - confirmou ele para o parceiro. — Temos tudo. As duas mensagens SMS estavam lá e nenhuma delas tinha sido encaminhada. Estou verificando a memória agora. O que quer que ela tenha achado no palácio está em algum lugar aqui.

Jason se aproximou, colocando-se bem ao lado do outro.

— Mostre para mim.

O outro homem, que era chamado simplesmente pelo apelido de “Técnico”, navegou pela pequena interface personalizada de seu computador com muita habilidade e rapidez. Diferentemente de Jason, que estivera com o Conselho por toda a vida, ele tinha sido recrutado pelos Amigos aos trinta e poucos anos. Antes daquela tarde memorável, quando ele de repente se viu rodeado por homens ameaçadores com expressões frias e uma oferta incomparável, ele ganhara uma certa notoriedade no submundo como um hacker de computadores. O Conselho, percebendo que esse tipo de talento era cada vez mais importante em suas tarefas de buscar-e-destruir no século XXI, vinha seguindo com interesse a “carreira” dele. Ele era o candidato ideal para o tipo de trabalho que

os Amigos desempenhavam: talentoso, brilhante, mas igualmente desonesto, desconsiderando sumariamente questões triviais como a legalidade ou ilegalidade de certas ações. Ele tinha uma “consciência maleável”, como dizia o secretário. Uma consciência que podia ser moldada no formato desejado.

Essa moldagem tinha sido tão boa que agora ele acompanhava Jason em quase todas as missões para as quais o principal Amigo do secretário era designado. Jason podia ser o filho do líder. Desse fato todos sabiam, mas ninguém ousava mencioná-lo na presença do secretário. Mas o técnico gostava de sentir, em seus raros momentos de auto-condescendência, que ele tinha chegado quase à mesma altura. Havia poucos a quem se confiavam os assuntos de que ele tratava diariamente.

Acessando uma pasta que continha os arquivos baixados do telefone de Wess, ele inclinou o aparelho na direção de Jason. Juntos, os dois fizeram uma análise geral das informações.

Um sorriso astuto voltou ao rosto de Jason quando ele chegou ao final dos arquivos. Wess não tinha nada ali que eles já não conhecessem. A inscrição que ela descobrira no Palácio Dolmabahçe, da qual uma foto anotada estava no telefone dela, apontava para Oxford e trazia um novo símbolo; mas o Conselho já tinha determinado que a localização final era Oxford, e eles já possuíam o novo selo, pois o tinham encontrado criptografado sob a foto “falsa” do arquivo de imagem na mensagem de Antoun.

Wess ficara para trás na competição.

Mesmo assim, era recompensador ver a pista em si mesma. Ela confirmava o que o Conselho tinha descoberto por conta própria, e continha as palavras mágicas que cada membro do Conselho durante séculos tinha se esforçado para ouvir, “lar da Biblioteca”.

Já estamos a caminho. Já o descobrimos.

Com o peito estufado de orgulho, ele devolveu o computadorzinho ao parceiro.

— Envie — ordenou ele. — Envie tudo.

O técnico começou o processo de transferir o conteúdo baixado para o secretário. Mesmo que isso não fosse muito, e não houvesse nada de novo, o

material ainda seria detalhadamente examinado.

Naquele preciso momento, o telefone de Jason tocou. Ele olhou o número e atendeu.

— Vocês fizeram o serviço? — perguntou Ewan Westerberg. Ele estava ansioso para confirmar que Wess tinha sido eliminada.

— Não inteiramente. É um trabalho em andamento. Nós a fizemos dormir por enquanto.

Falar explicitamente sobre uma execução pelo telefone não era conveniente, mas não era preciso muita criatividade para mascarar o tópico da conversa.

O secretário ficou surpreso ao ouvir o relato.

— Por quê? Pensei que havia sido claro quanto ao meu desejo.

— Houve uma complicação. Uma turbulenciazinha inesperada.

Ele então transmitiu ao pai a ameaça feita por Wess de que Antoun iria expor sua missão de Washington e a lista completa de nomes, incluindo os deles, se Wess não se comunicasse com ele. Sua decisão de incapacitar Wess, em vez de matá-la, tinha sido uma reação temporária, enquanto ele verificava qual seria o desejo do secretário. Enquanto falava, ele baixou os olhos até o corpo de Emily.

Dava pena ver aquela mulher tola deitada inconsciente aos seus pés. O pensamento de acabar com a vida dela de uma vez por todas o excitava, e a demora era frustrante.

Tendo ouvido o relato do filho, Ewan Westerberg respondeu com um ar de convicção composta.

— Deixe que ela durma. Não a quero fora do quadro até que tenhamos certeza de que sua ameaça de exposição foi erradicada. Vou instruir nossos homens a terminar nossas discussões com o sr. Antoun antes do planejado, e então nossa equipe de Istambul poderá prorrogar indefinidamente a soneca de Wess.

— Entendido - respondeu Jason. Antoun seria eliminado e assim seria abortada qualquer potencial reação contra a execução de Emily. Depois disso, eles

cuidariam da própria Emily. Provavelmente aquilo tudo era uma redundância desnecessária, Jason pensou consigo mesmo, mas antes prevenir que ter minimamente de remediar.

— Quanto a vocês - completou o secretário — voltem para Oxford o mais rápido possível. Deixem Wess para a equipe local na Turquia. Já os avisei de sua posição e eles devem estar aí dentro de uma hora. Enquanto ela estiver fora de vista, imobilizem-na e deixem-na esperando a chegada deles.

Chegou a hora de vocês irem. Temos tudo aquilo de que precisamos para nos apoderarmos da biblioteca, e eu quero você comigo quando tomarmos posse do que é nosso.

Sem esperar uma resposta, Ewan terminou a ligação.

Jason olhou mais uma vez para o corpo de Emily, seu peito amarrotado subindo e descendo numa respiração lenta. Ele ficou desapontado ao saber que não poderia ver a expressão nos olhos dela quando ela estivesse morrendo, constatar naqueles olhos a admissão de que não havia mais nada a fazer, de que tudo iria acabar. Esses momentos compensadores seriam dados para outro, mas Jason sabia que não podia se concentrar numa pequena perda. O que ele estava prestes a testemunhar era muito maior. O

trabalho que o Conselho desenvolvera durante séculos seria em breve usufruído. A força que eles iriam ganhar, o poder que iriam conquistar depois que a biblioteca fosse deles, não teriam limites. Ter todos aqueles recursos sob seu controle, juntamente com seu homem no Salão Oval e outros membros do Conselho na administração do governo seria a aurora da mais gloriosa era do Conselho.

Ele apanhou de seu bolso traseiro um par de algemas e, arrastando o corpo de Emily para a lateral da ruela, prendeu a mão esquerda dela a um cano de esgoto que entrava pelo chão. O time de Alexandria acabaria com Antoun, e depois seus parceiros ali em Istambul viriam cuidar dela.

— Vamos embora! — latiu ele, desviando os olhos do corpo. O outro homem concordou e os dois Amigos deixaram o destino de Emily para a equipe local. Sua glória estava a apenas algumas horas daquele momento.

CAPÍTULO 92

45 MINUTOS DEPOIS, NOVA YORK, 15H30

22H30 EM ISTAMBUL

Ewan Westerberg estava dentro de seu carro, ansioso. Apesar de instruir seu motorista a dirigir depressa, ele nunca chegaria rápido o bastante à pista de pouso particular ao lado do aeroporto John F.

Kennedy. Para o secretário do Conselho, o tempo parecia se arrastar a um ritmo intolerável.

Nos 45 minutos que se passaram desde que os Amigos tinham feito seu relatório de Istambul, enviando uma imagem muito nítida da última pista de Emily Wess e confirmando as informações do próprio Conselho, todos os preparativos necessários tinham sido feitos. Cada um dos conselheiros do secretário tinha sugerido o que Ewan já sabia: que a informação apontava para um prédio de eventos em Oxford, na Inglaterra. Detalhes completos sobre a história, a arquitetura, o layout e características importantes da Faculdade de Teologia já tinham sido reunidos e estariam disponíveis no avião. Seus homens escrutinariam cada fato e detalhe do prédio, preparando-se para a sua chegada.

Uma equipe em Londres já se preparava para recebê-lo naquele exato momento, e outra em Oxford tomava as providências que seriam necessárias ali. Sua organização corria com eficiência e tranqüilidade. Eles tinham sido meticulosamente treinados, e os eventos por vir eram as próprias coisas pelas quais eles tinham lutado desde a formação do Conselho, tantos séculos atrás.

Toda a história apontava para aquele momento.

Jason e seu parceiro já estavam a caminho de Heathrow, enquanto o jatinho de Ewan estava sendo preparado para seu voo não planejado. O fato de que eles não

tinham aguardado para encaixar esse voo na programação da Federal Aviation Administration não tinha importância. Uma boa dose de poder e influência podiam manipular qualquer agência e burlar suas regras, e eles já tinham levado a melhor com a FAA antes. Além disso, ser o principal apoiador financeiro do vice-presidente trazia suas vantagens. Seu voo iria decolar precisamente no momento em que ele, e o avião, estivessem prontos.

Em seguida, os dois maiores triunfes da história do Conselho iriam se concretizar com uma diferença de horas. No sábado de manhã ele tomaria a biblioteca, e no domingo cedo ele assumiria a presidência dos EUA. Ele não se sentaria na poltrona Gunlocke, em frente à mesa do Kesolute, é claro, mas aquele nunca tinha sido o plano. O fato era que um membro do Conselho o faria, e sua própria posição seria ainda mais forte por ele não estar sob a luz dos holofotes. Ele teria a inteligência e o conhecimento coletados por milênios, mais atuais e abrangentes hoje do que qualquer agência de qualquer governo jamais tivera ou poderia ter no futuro, ã sua disposição, juntamente com a mais poderosa autoridade executiva da história do mundo. Todos, tudo, estaria sob seu controle.

CAPÍTULO 93

22H05

A visão, quando finalmente retornou, era embaçada. Quando Emily voltou a si no chão da estreita viela em Gálata, Istambul, seus olhos só conseguiam ver imagens esfumaçadas, que apareciam focadas e depois desfocadas. Seus ouvidos, também, não funcionavam como deveriam, produzindo ecos abafados de um ruído flutuante. Depois veio-lhe uma consciência aguda da dor latejante na base de seu crânio, pulsando com força total por todo o seu corpo. Nunca na vida ela sentira uma dor como aquela.

Emily levantou o tronco e se aprumou numa posição sentada com o auxílio de uma das mãos. A outra mão estava presa ao que parecia ser um cano que subia pela parede de tijolo atrás dela. Com a mão livre, ela apalpou a parte de trás da cabeça. Seus dedos voltaram cobertos com uma camada grossa, escura e parcialmente coagulada de sangue. Pelo menos está coagulado, pensou ela consigo mesma. Isso significava que o sangramento ativo provavelmente tinha sido estancado. Ela piscou com força e várias vezes, forçando os olhos a voltar ao normal, e olhou ao seu redor. Era a mesma viela estreita de antes, mas os dois homens que a haviam perseguido e atacado tinham ido embora.

Atacada e considerada morta, pensou Emily, resumindo sua situação. Mais sorte da próxima vez. Havia pouca coisa que ela pudesse fazer para se sentir melhor fisicamente, mas ela podia recobrar sua dignidade e determinação.

Tirando um grampo do seu cabelo, ela fixou os olhos na algema que a prendia ao cano. Emily não era nenhum chaveiro, mas os anos da infância passados arrombando as portas e gavetas de seu primo mais novo Andrew significavam que essa não era a primeira vez que ela enfrentava uma fechadura que precisava abrir. E algemas comuns não eram o máximo da sofisticação em termos de trancas. Depois de algumas confiantes manobras com o grampo, ela tirou a mão esquerda da algema e esfregou os dedos para desfazer a sensação de amortecimento.

Perto de seus pés ela viu seu celular, virado para baixo, sobre as pedras da rua. De repente só pode pensar em Michael. Embora ela tivesse se forçado a ignorar a ameaça de seu assaltante, de acabar com a vida dele quando se encontrassem, agora esse era o único pensamento em sua mente. Ela tinha de contatá-lo, preveni-lo e de alguma forma deixá-lo em segurança.

Ela esticou o braço e pegou o telefone, com a dor se espalhando por todas as partes de seu corpo e sua visão ficando embaçada de novo pelo movimento. Colocando os dedos nele e virando-o para cima, ela esperou um pouco até que sua visão ficasse nítida de novo para examinar a condição do aparelho. A tela estava apagada e trincada no meio; o coração de Emily disparou quando ela pensou que talvez não conseguisse avisar Michael em tempo. Ela apertou o botão para ligar o aparelho, esperando que o melhor acontecesse, mas ele estava quebrado.

Maldição, disse ela, recolocando a mão na nuca. O cabelo que ainda estava preso no rabo de cavalo depois de sua corrida tinha absorvido um pouco da força do golpe, e embora a dor fosse terrível, ela não sentia nenhum osso quebrado.

O verdadeiro golpe tinha sido o sucesso dos homens em roubar-lhe as informações e os pertences.

Tudo agora está nas mãos deles, pensou ela. Eles têm tudo. Ela tinha certeza de que seus assaltantes eram do Conselho que Athanasius descrevera de forma tão vivida, e eles sabiam exatamente o que estavam procurando. Sua eficiência em despojá-la das informações fora tão impressionante quanto aterradora. Aqueles eram homens que tinham aperfeiçoado as habilidades necessárias para obter o que desejavam.

E Emily tinha deixado a última pista, a pista principal para a localização da biblioteca, cair nas mãos deles. A intensidade da culpa que ela sentia era inesperada.

Logo eles estarão em Oxford, e a biblioteca vai ser deles. O círculo de perseguição estará completo. Eles vão encontrar o que vêm procurando há tanto tempo..

Ela parou no meio das lamentações. De novo aquela palavra. Círculo. A palavra lhe parecera errada quando ela estava pensando na última mensagem de Arno durante a perseguição, e mais uma vez parecia inadequada agora quando ela

estava lá sentada, recuperando-se do golpe. “Um círculo completo: o teto divino de Oxford, e lar da Biblioteca.” Círculos, andar em círculos, raciocínio circular. . Emily se ergueu dolorosamente até ficar de pé enquanto a verdadeira questão latejava em sua mente. Por que aquela palavra estava chamando tanto a sua atenção?

Vamos lá, Arno, você está tentando me dizer algo. O que é?

As pistas que Holmstrand havia deixado para ela ao longo de toda a sua jornada haviam convencido Emily a não ignorar nenhuma dimensão dessa última. Se alguma coisa não parecia certa, isso era um sinal. Um sinal de que Arno havia escondido algo dentro da pista. Algo que Emily ainda não tinha reconhecido.

Ela se encostou mais uma vez em uma estrutura de madeira que continha latas de lixo de uma loja ali perto e fechou os olhos. A necessidade de sair daquela remota viela e chegar a um espaço público mais movimentado era contrabalançada pela dor que quase a paralisava. Diminuindo a respiração na tentativa de controlar a dor, ela permitiu que sua mente repassasse tudo o que sabia sobre Arno Holmstrand o grande professor, seu trabalho e seu legado, tudo o que o ouvira dizer.

O ouvira dizer. Era em torno dessa idéia que sua atenção gravitava. A estranha pista não casava bem com algo que ela ouvira Arno dizer.

O que ele disse?

Finalmente, a pergunta estimulou sua lembrança: uma lembrança das primeiras palavras que ela ouvira Arno Holmstrand proferir. As palavras que tinham aberto sua palestra inaugural no Carleton College.

O conhecimento não é circular. Circular é a ignorância. O conhecimento repousa no que é antigo, mas sempre aponta para o novo.

O professor sempre insistira nessa idéia: a verdade não se movimentava em círculos. A circularidade era um engodo. E agora, apontando de volta para Oxford, sua pista final descrevia exatamente esse círculo trivial e sem sentido. Exatamente o tipo de coisa que ele tinha desprezado em público de forma tão veemente.

Aquela era uma conclusão a que Arno jamais poderia ter chegado.

Com clareza absoluta, Emily teve certeza de uma coisa acima de todas as outras. A Biblioteca de Alexandria não estava em Oxford.

CAPÍTULO 94

22H25

Vinte minutos mais tarde o telefone do apartamento de Michael começou a tocar. Um celular barato, comprado de um vendedor de rua proporcionara a Emily outro aparelho para substituir aquele que fora destruído, e ela sabia de cor o único número que precisava saber naquele momento. Ela tinha digitado uma longa série de números, pressionado o botão de chamada e estava segurando o aparelho ao ouvido.

Torrance atendeu do outro lado da linha.

— Sou eu — anunciou ela quando ele atendeu.

— Emmy!— disse ele, com uma voz exuberante que funcionou como um tônico para seu corpo ferido.

Eles estavam conectados, ela estava viva e tinha conseguido reunir forças para adverti-lo.

— Michael, você tem de sair daí agora — disse ela, dispensando os cumprimentos usuais. Ela não tinha tempo para dar a ele todos os detalhes.

— Do que você está falando, Emmy? Você está bem?

— Mike, confie em mim, por favor. Você tem de sair daí. Você está correndo perigo. Você se lembra daqueles homens que foram interrogá-lo?

A pulsação de Michael começou a acelerar, e ele ficou totalmente desperto pelo tom de urgência de Emily.

— Claro que me lembro deles.

— Eles vão voltar, Mikey, e dessa vez eles não vão aí para fazer perguntas Você tem de sair daí e ir para algum lugar seguro.

— Emily, por que eles viriam atrás de mim? — disse ele, paralisado no meio do apartamento, telefone na mão, desesperado para saber o motivo da insistência de sua noiva.

— Eles vão atrás de você porque você está ligado a mim. E eles sabem que eu posso expô-los. Você é. .

um risco.

Michael tentava entender as palavras de Emily.

— Isso tem algo a ver com a queda do presidente?

Em todo o país, a mídia já vinha prevendo o final do governo. “Impeachment Iminente” era a principal frase do dia. Ele se lembrou do aterrorizante interesse de seus interrogadores nos envolvimentos políticos de Emily.

— Tem tudo a ver com isso. E com a biblioteca. E com a Sociedade e com o Conselho. Estão todos ligados.

Ela ofereceu a ele um resumo muito breve dos eventos das últimas horas.

Michael ouviu as notícias ressabiado, perguntando repetidamente se ela estava bem. - Quero dizer, bem de verdade - insistia ele, mas também dava espaço para que ela fizesse o relato sem interrompê-la.

— Você precisa sair daí, Mikey - implorou ela em voz alta e pensando, Ele precisa entender!

— Ir para onde? — perguntou Michael, já aceitando as instruções de Emily e pensando adiantado. — Eu podia ir para. .

— Não, não faça isso — advertiu Emily interrompendo-o. — Não diga em voz alta. Com quase toda a certeza eles estão nos ouvindo. Você recorda onde passamos nosso primeiro final de semana depois que você se mudou para Illinois?

No final de semana após ele ter começado seu estágio em Chicago, os dois tinham ido acampar perto do pitoresco Starved Rock State Park. Tinha sido um passeio profundamente romântico e ela sabia que Michael o recordaria muito

bem.

— Claro!

— Vá para lá, e fique lá até que eu entre em contato com você — instruiu ela, já antecipando todos os possíveis modos pelos quais os homens do Conselho poderiam tentar encontrá-lo. — Vá com o carro de algum colega de trabalho. Eles provavelmente conhecem o seu carro. Deixe o celular em casa; não o leve com você, nem mesmo se ele estiver desligado. Quando estivermos em segurança, vou mandar alguém para apanhá-lo. Não use seus cartões de crédito. Nada. Simplesmente vá, e fique me esperando.

Michael hesitou por um momento.

— Está bem, Emmy. Eu vou. Para onde você está indo? De volta para Oxford?

Emily fez uma pausa. Quando falou, suas palavras estavam cheias de determinação, mas ela deüberadamente deu uma resposta vaga.

— Preciso encontrar mais uma vez um novo amigo.

Dois minutos depois de ter terminado a ligação para Michael com o mais decidido “Eu te amo” que ela jamais tinha dito antes, Emily estava na margem da agitada Tersane Street, uma das poucas avenidas largas que saíam do distrito Gálata em Istambul, com o braço estendido para chamar um táxi.

Tem mais coisas que Athanasius não me contou, ruminou ela. Ele me contou o que era velho, o passado. Mas ainda existe alguma coisa nova. Alguma outra coisa que eu preciso saber.

Ela nunca tinha esperado que o relato do egípcio sobre a biblioteca, a Sociedade e sua história tivessem sido completos, mas agora que ela tinha a última pista de Arno nas mãos, ela sentia que tinha de esclarecer seu conteúdo com o único homem que poderia conhecer as respostas.

Ela acenou para o primeiro táxi que veio. Abrindo a porta, Emily caiu no esfarrapado banco traseiro do carro.

— Me leve para o aeroporto — disse ela, fechando mais uma vez os olhos, tentando conter a dor latejante em sua cabeça. — E você fica com todo o meu

dinheiro turco se me levar lá bem depressa.

Uma hora e meia mais tarde, ela estava do voo noturno direto das 12h30 para Alexandria. Ela estaria de volta no Egito por volta de 2h30 da manhã. Mas, enquanto voava, Emily se lembrou de que Michael não fora o único ameaçado por seu assaltante. O homem também dissera que poderia eliminar Athanasius. Emily só esperava que não estivesse muito atrasada para avisá-lo.

CAPÍTULO 95

ALEXANDRIA, EGITO, 23H46

Os dois Amigos avançavam em um ensaiado movimento uniforme através dos escuros corredores.

Embora nenhum dos dois tivesse uma formação militar, eles trabalhavam e caminhavam uniformemente, mas com uma emoção que nenhum soldado verdadeiro teria. Suas ações eram sempre pessoais. Eles serviam ao Conselho: a única verdadeira instituição de real força e poder do mundo. Um Conselho que durante séculos tinha buscado conquistar influência, ganhar controle, obter não só a biblioteca e seus vastos recursos, mas uma posição de influência que lhes permitisse usar a biblioteca do modo que verdadeiros homens deveriam usá-la. Para governar. Para conquistar.

Naquela noite, esse objetivo estava sendo promovido da maneira bem conhecida dos Amigos, e era na direção desse objetivo que apontava sua singular perícia. Muitas pessoas considerariam seu trabalho sombrio, até mórbido. Mas para aqueles dois homens, era nobre e sagrado.

A Bibliotheca Alexandrina estava fechada e, a não ser pelas luzes de segurança, quase totalmente escura. Mas os dois homens sabiam precisamente aonde ir, e eles haviam descido para os corredores subterrâneos com toda a facilidade. Athanasius Antoun tinha ficado para trabalhar durante a noite, o que significava que ele estava cercado. Isso facilitaria muito a tarefa.

Quando chegaram a seu gabinete, os dois homens pararam. O primeiro pegou na maçaneta e tentou abri-la. A porta nem estava fechada. Pobre idiota.

O outro Amigo pegou sua Glock e carregou a câmara com munição. No instante seguinte, o primeiro escancarou a porta. Os homens invadiram a pequena sala, a sede de sangue brilhando rubra em seus olhos.

CAPÍTULO 96

23H58

Correndo por um corredor escuro, Athanasius rezava para que seu conhecimento da planta da biblioteca lhe proporcionasse uma vantagem. Apesar de eles terem se esforçado para fazer silêncio, Athanasius ouvira os dois homens se aproximando. Num subsolo sempre vazio à meia-noite, até passos eram audíveis. Ele sabia que eles viriam, e sabia que eles não estavam ali para conversar. Tentando controlar os tiques nervosos causados pela elevação dos seus níveis de adrenalina, Athanasius tirou os sapatos e fugiu na escuridão calçando apenas as meias.

— O desgraçado não está aqui — Antoun ouviu um grito atrás de si. Seus perseguidores, achando o escritório vazio, desistiram de uma chegada em silêncio. — Atrás dele! — veio o segundo grito.

Ele deu a volta em um canto e desceu por uma pequena escada para o segundo nível do subsolo. A luz da saída de emergência emitia um brilho verde fraco, mas ele correu com toda a velocidade que conseguia. Atrás dele, os passos de seus perseguidores batiam no chão de concreto produzindo ruídos surdos que ecoavam cada vez mais alto através do complexo subterrâneo.

Athanasius chegou ao final do corredor principal do Nível B e tentou abrir a porta de um dos escritórios, mas constatou que ela estava fechada. Sentindo sua pressão sangüínea subir, ele recuou na direção da escada e tentou a próxima porta. Ela se abriu e, fechando-a silenciosamente atrás de si, Athanasius aguardou um pouco até que seus olhos se acostumassem com a quase total escuridão, e depois contornou o que parecia ser uma mesa no centro da sala e dirigiu-se ao canto no fundo. Ali ele se agachou, respirando profunda e lentamente, tentando fazer o máximo de silêncio. Teve a impressão de que sua pulsação retumbava no volume máximo.

Os passos no corredor continuavam, mudando de direção de vez em quando, ora mais altos e próximos, ora mais suaves e distantes. Um longo silêncio se fez e

Athanasius lentamente soltou um suspiro de alívio. Quem quer que o Conselho tivesse enviado para encontrá-lo não tinha conseguido chegar a seu esconderijo improvisado.

Esperando um longo momento para garantir que eles tinham ido embora de vez, Athanasius finalmente sentiu mais confiança e levantou-se, esticando o corpo. Forçou-se a engolir o gosto de cobre da boca, efeito de seu pavor.

Um instante mais tarde, a porta da pequena sala foi aberta com violência e a luz forte de duas lanternas brilhou diante de seus olhos. Antes que Athanasius conseguisse distinguir completamente o que olhava, o Amigo com a arma deu um salto e num único golpe agarrou os cabelos do egípcio, puxando sua cabeça para trás. Enfiando o cano rombudo da pistola na boca dele, ele a empurrou para dentro da garganta.

— Sem barulho, por favor — observou o segundo homem calmamente, acendendo as luzes principais da sala. Athanasius sentiu uma crescente ânsia de vômito causada pelo cano da pistola.

— Dr. Athanasius Antoun. Estamos procurando o senhor já há algum tempo — continuou o Amigo.

— E finalmente aqui estamos, juntos.

Ele acenou com a cabeça para o parceiro, que tirou o cano da boca de Athanasius, aumentou a pressão da mão que agarrava o cabelo do Bibliotecário e o jogou com violência no canto da sala. O corpo dele bateu num arquivo, e ele caiu impotente no chão. O primeiro Amigo sentou-se com ar displicente numa cadeira próxima e a girou para encarar Athanasius.

— Dadas algumas conversas que o senhor recentemente travou com uma tal de Emily Wess — continuou ele — precisamos ter uma. . digamos, uma discussão franca, pode ser?

Athanasius olhou para ele aterrorizado.

— Este lugar, porém — continuou o Amigo — . . é muito impessoal, o senhor não acha? Em um minutinho, vou pedir para que meu colega o acompanhe até seu escritório, e lá teremos uma conversa construtiva, o senhor e eu.

Havia uma antecipação sádica na expressão do homem. Ele prosseguiu: — Mas primeiro — disse ele — acho que é importante garantir que o senhor entenda exatamente sua posição em nosso relacionamento. Sugiro que comecemos estabelecendo alguns termos para nossa discussão.

Ele esticou a mão e recebeu a Glock de seu parceiro. Calmamente e sem hesitação, ele a mirou em Athanasius e deu um tiro diretamente no seu tronco. O corpo de Antoun bateu de novo no arquivo com a força da bala. Seus olhos expressavam pânico.

O Amigo devolveu calmamente a pistola para o parceiro.

— Meus termos são estes — disse ele — baixando os olhos até Athanasius, enquanto o sangue começava a jorrar de seu recente ferimento. — Coopere, e o inferno que o senhor está prestes a enfrentar pode ser um pouco abreviado.

SÁBADO

CAPÍTULO 97

OXFORD, 7H45

O automóvel do secretário deixou a Broad Street para enveredar pela Catte Street que passava ao lado da antiga Biblioteca Bodleian. Coração pulsante da universidade, essa enorme estrutura abrigava um conjunto de salas de estado para graduandos e pós-graduados bem como a famosa Coleção de Duke Humphrey, com seu inestimável tesouro de raros e antigos livros, manuscritos e outros artefatos.

Ligado à biblioteca surgia o saguão da Faculdade de Teologia (Divinity Schools) que, com suas singulares características arquitetônicas, se projetava de seu flanco como um estranho apêndice gótico.

As multidões matinais já se apinhavam nas ruas. Os estudantes que residiam na cidade permaneciam em suas camas, aproveitando a tradicional preguiça de sábado de manhã, enquanto a pequena cidade como sempre se alvoroçava. Os comerciantes da Broad Street vendiam suas mercadorias, geralmente bugigangas com o logotipo ou as insígnias da universidade, a turistas que vinham do mundo inteiro para contemplar os “pináculos sonhadores” de um dos grandes centros culturais do Ocidente. Grupos de turistas apinhavam-se ao longo das calçadas, e em seu ritmo acelerado furgões se deslocavam sobre os paralelepípedos ou sobre o asfalto avermelhado abastecendo as lojas para as atividades comerciais do fim de semana.

Os homens de Ewan tinham tomado providências para que todo o complexo da Biblioteca Bodleian estivesse isolado e fechado para a chegada deles, e Ewan sentiu certo prazer quando olhou pela janela e viu a corda de isolamento em branco e vermelho que havia sido colocada em volta dos portões de acesso ao pátio interno da instituição. A barreira estava pontilhada de sinais que evidenciavam que aqueles prédios antigos estavam “fechados para consertos de emergência”. Histórias fabricadas sobre um vazamento de gás numa das construções e um problema elétrico plantado em outra bastaram para que os homens de Ewan não enfrentassem muitos obstáculos para entrar no complexo fechado naquele dia.

Ele se deliciava com tamanho poder. Um poder que logo crescerá, em proporção geométrica.

Por um instante seus pensamentos se voltaram para a sua própria infância, quando seu pai, o então agressivo secretário do Conselho, havia começado a inculcar-lhe seus ensinamentos sobre a posição de poder que ele um dia teria de ocupar. William Westerberg III, que Ewan sempre chamara de “senhor”, o fizera sentar-se sobre uma cadeirinha de madeira num canto do escritório de sua residência com severas ordens para observar e ouvir, mas sem produzir ruído algum. Ele havia observado atentamente, extasiado com o poder que seu pai, e toda a sua família, tinham em suas mãos, enquanto o velho fizera uma série de telefonemas ordenando que uma equipe de funcionários do FBI soltasse um sujeito que ele não queria que permanecesse na cadeia. Um de seus Amigos fora preso em flagrante, e isso desagradara ao pai de Ewan. Alguns instantes depois, mediante um número surpreendentemente reduzido de palavras que ele dissera ao telefone segurando um copo de uísque escocês caríssimo, o FBI se dobrava aos desejos dele. Ewan permanecera no escritório com seu pai até que o Amigo solto foi trazido para fazer seu relato. Seu pai havia censurado o sujeito por se deixar pegar, e o mandou embora com instruções para eliminar todos os agentes do FBI envolvidos em sua soltura, a fim de que nunca vazasse nada capaz de expor seu envolvimento no caso.

Naquele momento particular com seu pai, Ewan tinha visto o que era o poder e passou a desejá-lo para o resto da vida. Além de seu direito de nascença aquilo também se tornou seu projeto: conseguir mais poder mediante cada um de seus atos. Todas as vezes que conseguia isso, seu pensamento se voltava para aquela sua primeira experiência. Ele tinha certeza de que seu pai se sentiria orgulhoso.

Quando seu automóvel parou, Ewan saiu e foi direto para o portão que dava acesso ao complexo da antiga Biblioteca Bodleian. A entrada era uma larga interrupção de madeira na fachada de pedra do muro da face leste, e estava revestida com algumas das insígnias das faculdades mais antigas da universidade de Oxford em cores vividas. O portal em si constituía um dos pontos mais fotografados do prédio, mas hoje ele pouco interessava ao secretário, que passou por ali sem sequer olhar para os lados.

Passando pelo arco de entrada, ele e seus homens chegaram ao pátio central da Bodleian, um espaço ao ar livre e todo pavimentado, do qual saíam em todas as direções as alas da biblioteca. Diante deles, do lado oposto, estava a entrada

principal do prédio propriamente dita: portas de vidro para o interior do centro do saber da universidade.

Acoütado por seus homens, Ewan cruzou o pequeno espaço do pátio, passando pela imponente estátua de Thomas Bodley, o fundador da biblioteca, em direção à entrada. Passando pelas portas de vidro ele logo deparou, além de um pequeno vestíbulo, com as antigas portas de madeira, que contrastavam com as primeiras. A sua esquerda estava a entrada dos usuários das salas de leitura das várias alas; à sua direita, uma loja de presentes com mercadorias excessivamente caras adornadas com as insígnias da biblioteca.

Precisamente diante dele, duas pesadas portas de madeira indicavam a entrada para as Divinity Schools.

— Abram essas portas — ordenou ele a seus homens. Puxando devagar de acordo com o peso imenso das portas, um homem de terno cinza as forçou a se abrirem. As portas nem estavam completamente abertas quando Ewan e seus homens entraram no saguão.

CAPÍTULO 98

SIMULTANEAMENTE, ALEXANDRIA 9H45

7H45 EM OXFORD

Tendo chegado a Alexandria nas primeiras horas da manhã, Emily fora obrigada a passar algumas horas dormindo no saguão do aeroporto, pois não havia conseguido entrar em contato com Athanasius via telefone. Na lista telefônica só constava o número do telefone de seu gabinete na biblioteca, que só abriria a uma certa hora razoável da manhã. Se é que ele trabalha aos sábados, pensou Emily.

Athanasius Antoun lhe dera a impressão de ser o tipo de pessoa que trabalhava todos os dias, seguindo uma rotina que pouco mudava nos fins de semana.

Ela havia retornado às dependências da biblioteca ainda antes do horário de abertura, sofrivelmente asseada depois de fazer a higiene parcial possível nas instalações públicas do aeroporto. Ela ficou observando enquanto os funcionários da biblioteca iam entrando um após o outro, na esperança de identificar as feições típicas de Antoun. Mas, depois de uma série de palpites errados, Emily começou a perceber que uma barba negra e um terno pouco adiantavam para identificar um nativo do Egito.

Quando os funcionários da recepção finalmente apareceram para abrir ao público as portas de vidro, Athanasius ainda não havia chegado.

Não é um bom sinal. Não é mesmo. Os pensamentos de Emily começaram a disparar mais uma vez.

Talvez ela tivesse chegado tarde demais. A ameaça de seu assaltante em Istambul contra o Bibliotecário egípcio talvez tivesse sido levada a cabo. Será possível que outro Guardião-Assistente tivesse sido assassinado no último ato desta longa peça sobre o poder?

No entanto, ela não podia ir embora sem ter certeza, e o escritório subterrâneo de Athanasius era o único ponto de contato que Emily tinha com ele. O que ela lhe devia era no mínimo suficiente, e ela sem dúvida precisava dele o suficiente, para dirigir-se aos obscuros recessos da biblioteca à procura dele lá embaixo. Talvez não estivesse morto. Talvez tivesse simplesmente trabalhado a noite inteira e já estivesse lá dentro.

Ingressando mais uma vez na grande biblioteca, Emily dirigiu-se para a sala principal de leitura e refez o caminho percorrido dois dias antes enquanto descia para o andar mais baixo. No nível mais profundo ela encontrou a terceira porta na parede atrás das estantes e entrou no recinto que dava acesso ao porão da biblioteca. Sentindo-se muito mais segura do que em sua primeira incursão, ela percorreu o caminho de volta rumo ao pequeno corredor lateral, com a coleção dos nomes dos construtores gravados nas paredes e se viu, mais uma vez, diante da porta de madeira de Antoun. Acima dela, Emily ainda conseguia ver a gravura de Arno, “LUZ”, que a trouxera para o primeiro encontro com o egípcio.

Ela bateu na porta, sem hesitar em seu gesto desta vez.

— Dr. Antoun, é Emily Wess, disse ela, esperando ansiosa que a porta se abrisse, mal conseguindo sufocar a expectativa de descobrir a informação final que ela sabia que Athanasius podia lhe fornecer.

Nenhuma resposta veio lá de dentro, e Emily repetiu seu gesto, desta vez com mais vigor.

— Athanasius, por favor, abra esta porta. É importante.

Como o silêncio persistia, ela voltou a pensar no primeiro encontro, lembrando-se da frase que, naquela ocasião, lhe possibilitara entrar.

Será que eu preciso repetir de novo essa rotina? O pensamento era desesperador, mas Emily não teve tempo de fixar-se nele.

— Quinze, se for de manhã! - anunciou ela, que parou de bater depois dessas palavras. Mas não veio nenhuma resposta, e a porta permanecia fechada. - Chega!

Foi apenas um pensamento, mas no tenso estado de Emily ele fora proferido em voz alta. Ela se ajoelhou diante da porta e examinou a fechadura. Não se trata de

simples algemas, pensou consigo mesma, sem saber se sua capacidade seria suficiente no caso de uma fechadura propriamente dita. Mas quando ela pôs a mão na maçaneta, esta cedeu com facilidade.

Destrancada. Era um bom sinal. Quase com certeza Antoun estava lá dentro. Mas por que ele não respondia? Sentindo que algo estava errado, Emily parou, girou completamente a maçaneta e abriu a porta, invadindo o gabinete. Na saleta bruxuleava uma pequena luminária sobre a escrivaninha em desordem.

O corpo de Athanasius estava estirado no chão. De início Emily pensou que ele pudesse simplesmente estar dormindo, reclinado numa estranha pose diante das gavetas de seu arquivo. Mas em seguida ela viu a poça de sangue em volta do corpo e embebendo seu terno marrom. Depois, os ferimentos em seu rosto, e o ângulo estranho, nada natural, de seus dedos em relação às mãos. Os sinais de tortura foram se revelando um por um.

Emily foi ao mesmo tempo tomada de horror e raiva. Mais sangue, mais morte, gente sendo assassinada por tudo ao seu redor, ela mesma sendo atacada, e nada disso ela havia pedido. No entanto, os responsáveis por isso mdo estavam em busca de algo sabidamente ilícito, visando a objetivos inadmissíveis.

Emily se abaixou até Athanasius, levada por um impulso a verificar a condição dele. Dando-se conta de que ela era uma intrusa no cenário de um ataque violento, aparentemente um assassinato, tentou prestar atenção ao contexto, evitando pisar na poça de sangue em volta do corpo. Arregaçando as mangas para que não entrassem em contato com o tórax de Athanasius, ela o segurou pelos ombros e os empurrou para trás, erguendo a cabeça caída sobre o peito. A camisa branca estava encharcada de sangue, e Emily pôde ver a perfuração causada por uma bala quase no meio do peito do lado direito. O

sangue que havia jorrado do ferimento era abundante, e Emily viu no chão e nas roupas da vítima mais sangue do que ela imaginava que pudesse caber naquele corpo.

Mas em seguida Emily percebeu algo inesperado. As mãos dela sentiam que o corpo de Athanasius ainda estava quente. Largando o ombro, ela apalpou com um dedo a carótida de Antoun e sentiu uma pulsação. Era fraca, mas estável.

Athanasius ainda estava vivo.

CAPÍTULO 99

OXFORD, 8H

Lá no alto, acima do secretário e seus homens pairava o teto ornado das Divinity Schools, concebido para impressionar e cumprir fielmente a visão do arquiteto. Arcos e pontas compunham a estranha criação, que parecia estender para baixo longos dedos de pedra, provocando os estudantes e os turistas que durante séculos haviam passado embaixo dela. Penetrando pelas altas janelas do recinto, a luz matinal projetava raios alaranjados e sombras cinzentas sobre a textura esculpida do teto, dando a seu desenho tridimensional mais profundidade.

Os olhos de Ewan Westerberg, assim como os de seus homens, imediatamente se voltaram para as centenas de símbolos entalhados no teto. Um total de 455 caixotões distribuídos em intervalos irregulares por sua superfície, formava estranhos ângulos e planos inclinados, conferindo a todo o ambiente um aspecto estranhamente críptico e desconcertante.

— Descubram-no! - gritou Ewan. Durante o voo, sua equipe havia estudado detalhadamente fotografias do teto das Divinity Schools, obtidas sem dificuldade alguma da Internet num formato de alta resolução. O sinal que eles estavam procurando, o mesmo que fora criptografado sob a imagem “falsa” do computador de Athanasius, estava localizado na linha central do arco principal, perto do segundo nicho da face oeste do saguão. Nenhum recurso obtido por eles lhes permitira descobrir o que o sinal representava, mas isso pouco importava para Ewan. A importância do símbolo estava no fato de que ele era significativo para o Guardião que o indicara a Wess. Para Ewan Westerberg tratava-se do único símbolo importante naquele recinto.

Os Amigos logo localizaram o hieróglifo, e Jason vociferou uma ordem: queria que imediatamente fosse trazida uma escada alta de um dos furgões estacionados junto ao complexo e cheios de ferramentas. Ele também queria outros instrumentos que pudessem vir a ser necessários na tarefa que tinham pela frente. Alguns instantes mais tarde, a escada estava montada e a postos. Sem perder tempo, Jason subiu até o topo, e diante de sua cara já estava o teto e o

estranho entalhe que era o foco da atenção do grupo.

— O que você está vendo? — perguntou Ewan.

— Por enquanto, nada.

Jason analisou detalhadamente a superfície esculpida do símbolo redondo que se destacava alguns centímetros da superfície geral do teto. Sua face misteriosa parecia aqui o que ele havia visto lá do chão.

Mas é claro que devia ser assim mesmo, pensou Jason. O que quer que fosse que ele estava procurando devia estar escondido. Ele esquadrinhou toda a peça, cada canto dela.

— Parece que não há nada escrito aqui — disse ele dirigindo-se a seu pai e aos outros homens lá embaixo. - Pelo menos nada que eu possa ver.

— Continue investigando — respondeu rispidamente Ewan. — Talvez não seja nada que esteja escrito. Procure alguma coisa. Qualquer coisa estranha.

Jason continuou sua busca, mas as superfícies da escultora eram lisas. O único "texto" que elas continham, ou a única marca de qualquer espécie, era a estranha inscrição do símbolo em si mesmo.

Deve ser alguma outra coisa. Jason começou a apalpar a imagem esculpida com sua mão direita. Talvez fosse algo gravado na própria figura? Algo para ser sentido em vez de visto? Mas nada se revelou na superfície lisa da pedra.

Ele podia perceber a crescente frustração, atrelada à expectativa, do secretário e dos homens lá embaixo. Tem de estar aqui, repetiu ele a si mesmo. Começou a empurrar a superfície, procurando alguma coisa mais imediata, mais direta do que uma mensagem. Talvez o símbolo fosse de fato a entrada para a biblioteca em si. Cutucou com seus fortes dedos cada ponto e cada canto da superfície, na esperança de que algo cedesse, ou se soltasse, ou de outro modo provocasse o que quer que esse acessório devia provocar.

Nada aconteceu.

Finalmente, só restou uma possibilidade. Equilibrando-se com cuidado na escada, apoiando seus quadris nos últimos degraus, Jason pegou com as duas

mãos as bordas do sinal esculpido e puxou. A gravura permaneceu firme. Foi só quando, num esforço supremo, ele girou a peça, com todo o vigor possível lá onde ele estava empoleirado, que ele sentiu a estrutura ceder. Sua adrenalina foi a mil quando ele percebeu que toda a estrutura girava com suas mãos no sentido horário.

— Está se movendo!

Lá embaixo, o próprio Ewan agarrou a escada e ofereceu-se para dar apoio ao filho na escada. Jason continuou o movimento até que o símbolo girasse 90 graus completos. Quando isso aconteceu, ouviu-se nitidamente um clique, e o símbolo fixou-se em sua nova posição.

Naquele mesmo momento, as coisas começaram a se mover, no sentido mais literal possível. Lá embaixo, ouviu-se no canto oposto do saguão um ruído surdo que encheu todo aquele vasto espaço.

Enquanto Jason descia da escada, Ewan e seus homens atravessaram o saguão para examinar a fonte do ruído.

No canto, uma grande placa do chão de pedra começou lentamente a deslizar para dentro da estrutura do prédio. Onde antes só havia um bloco retangular, surgiu um buraco negro.

No interior das sombras, uma escada conduzia para as trevas mais abaixo. Ewan mal conseguia conter seu entusiasmo.

Dois de seus homens fizeram menção de descer primeiro os degraus e desobstruir o que quer que precisasse ser desobstruído, mas Ewan não aceitou nada disso. Este era o momento que ele queria possuir, ter para si mesmo. Ele iria na frente. Os outros, todos os outros, o seguiriam.

Apanhando a lanterna das mãos do homem mais próximo de si e afastando todos os demais, Ewan desceu os degraus. A escada descia por uma extensão que parecia surpreendente longa e enfim terminava, pelos cálculos de Ewan, no mínimo dois pisos abaixo do solo. Depois do último degrau de pedra havia um pequeno corredor, iluminado apenas por sua lanterna e coberto de pó e teias de aranha.

O corredor não era extenso, e no fim dele Ewan pôde discernir uma velha porta

de madeira. Há quantos séculos ela estava ali, ele não sabia dizer. Mas essa porta, como todo o resto da estrutura subterrânea onde ele se encontrava agora, parecia até mais anüga do que os prédios em cima.

Quando o secretário se aproximava da porta de madeira, e seus homens desciam a escada para chegar à passagem atrás dele, Ewan notou uma placa de metal sobre a porta. Ela estava coberta por uma espessa camada de pó, de modo que ele não conseguia ler o que estava escrito. Segurando a lanterna na altura do ombro, ele usou a mão que estava livre para remover o pó que cobria a placa.

E foi nesse momento que Ewan leu as mais belas palavras já vistas por ele.

REPOSITORIUM BIBLIOTECAE ALEXANDRINAE

A sede da Biblioteca de Alexandria. Descoberta, finalmente. A vida inteira ele havia aguardado esse momento.

Empurrou a porta de madeira e suspendeu a respiração enquanto, lentamente, ela se abria.

CAPÍTULO 100

SIMULTANEAMENTE, ALEXANDRIA, 10H

8H EM OXFORD

— Meu Deus, o que fizeram com o senhor! — gritou Emily, acomodando a cabeça de Athanasius contra o arquivo atrás dela, enquanto ele aos poucos recuperava a consciência. Athanasius havia começado a voltar a si quando Emily pressionou um dedo contra seu pescoço para sentir-lhe a pulsação, e quando ele conseguiu abriu os olhos, num grande esforço que venceu um profundo sono que ameaçava dominá-lo, ele viu o rosto de Emily. Era um rosto que representava enorme esperança, no qual ele havia apostado muito. Era um rosto que ele não achava que tornaria a ver.

— Os Amigos. . eles estiveram. . aqui — disse ele ofegante. A perfuração em seu peito dificultava-lhe a fala. — No meio da noite. Eles queriam. . conversar.

Um gorgolejo horrível, raspado, saía de seu ferimento enquanto ele falava. Emily reconheceu os sintomas de um pulmão perfurado. Ela ergueu-se e dirigiu-se ao telefone sobre a mesa de Antoun. Se pudesse pedir socorro, era possível que uma ambulância ainda chegasse a tempo.

— Não! - ordenou Athanasius. Emily virou-se para ele. Houve um encontro de olhares, e o ferido proferiu com voz chiada algumas palavras resolutas. — É tarde demais para isso agora. Neste momento, nós precisamos pensar. . indo além de nós mesmos.

Emily hesitou. Foi difícil suprimir o instinto de pedir ajuda. Athanasius, todavia, fitou-a com uma expressão de súplica. Era o rosto de um homem que, sabendo que sua hora havia chegado, queria utilizar-se ao máximo dos minutos que lhe restavam. Afastando-se da mesa, Emily ajoelhou-se de novo ao lado dele.

— Meu Deus, eles sabem, não é mesmo? — disse ela. - Eles vieram para matar o senhor.

Antoun forçou um movimento da cabeça, concordando.

— Interrogaram-me durante horas. . mas depois, esses. . bandidos. . não acertaram meu coração -

arquejou Athanasius. Emily sentiu-se de repente arrebatada pela condição do homem que ela viera procurar. Antoun havia passado as últimas horas sozinho sobre o chão do subsolo da Bibliotheca Alexandrina, após ter sido barbaramente torturado, esvaindo-se lentamente em sangue, em silêncio, sozinho.

— Eu não lhes disse nada — acrescentou Athanasius. Seu rosto, que antes tinha a cor verde-oliva da azeitona, estava pálido e sombrio, e ele já assumia um aspecto cadavérico. No entanto, ele, com muito esforço, conseguia falar. — Eles tentaram. . mas eu mantive. . nosso segredo.

— Eu sei, seu sei. — Emily apertou-lhe o braço, tentando transmitir conforto, confiança. — Eu tenho certeza de que o senhor foi forte.

Athanasius sorriu, contente por ter cumprido seu dever num grau extremo. Mas depois o sorriso se desfez. Sua mente ainda estava suficientemente alerta para questionar o fato da pura e simples presença de Emily naquele momento.

Por que você. . aqui? - conseguiu perguntar.

Eu descobri a última pista. Ela estava no Palácio de Dolmabahçe, às margens do estreito do Bósforo.

Encontrei-a no aposento de Ataturk, num sofá junto à cama onde ele morreu.

Athanasius franziu a testa na medida do possível

— Era exatamente como as outras — prosseguiu Emily. - O emblema da biblioteca vinha acompanhado de um texto de uma linha. Mas desta vez havia um segundo sinal. Tanto o sinal como o texto, “Um círculo completo: o teto divino de Oxford, e lar da Biblioteca”, indicam um retorno a Oxford.

Athanasius não reunia forças suficientes para repetir a pergunta, mas sua expressão reiterou a questão: então porque você está aqui?

Estou aqui — respondeu Emily — porque não acredito nem sequer por um minuto que Arno Holmstrand teria criado uma série de pistas que me conduzissem por aí em círculos. Ele sempre vituperava contra a lógica e o

raciocínio circulares. E agora, ele supostamente teria preparado uma série de orientações que no fim vão me levar de volta para o ponto de partida, a apenas a alguns metros da University Church onde tudo isto começou? Sinto muito, eu não acredito nisso.

Athanasius fez um gesto afirmativo, mas sua cabeça começou a fraquejar, e sua respiração se tornou mais difícil. Emily percebeu que ela precisava ir direto ao ponto, para garantir que o sacrifício desse homem não fosse em vão.

— Tudo o que o senhor me disse sobre a biblioteca, sobre a Sociedade, é coisa velha. Está tudo vinculado ao passado.

Emily inclinou-se até seu rosto ficar a poucos centímetros do rosto dele.

— O que me disse deve ser apenas metade da história. Existe algo que o senhor não está me contando.

Por favor, o momento é este. O senhor precisa me dizer o que eu não sei. O que é que torna a biblioteca nova, diferente? Que rompe o círculo?

Athanasius tornou a olhar nos profundos olhos azuis de Emily. No âmago de sua alma, ele sabia, e ela também, que aqueles eram os instantes finais.

Num enorme esforço, ele piscou e concentrou-se em permanecer consciente o máximo possível.

— Você se lembra. . dra. Wess, o que eu lhe disse sobre o nosso. . nosso trabalho como Bibliotecários?

Sobre como. . nós despachamos mensalmente nosso material para o Guardião?

A mente de Emily voltou rapidamente para a conversa anterior.

— Sim, sim, eu me lembro. Algo sobre enviar pacotes para que fossem recolhidos.

— Exato. Nós recolhemos informações e as despachamos em pacotes. O Guardião.. ele recebe nosso material e com ele atualiza a biblioteca.

Ele respirou ofegante e começou a tossir, borrifando sangue pelos lábios e pelo

ferimento no peito.

— Na minha mesa. . — ele finalmente conseguiu dizer, fazendo um gesto com a cabeça na direção do móvel em total desordem. — Ali está a minha. . mais recente contribuição. Eu iria despachá-la mais tarde. . hoje.

Emily olhou para a escrivaninha. Ali, entre papéis, estava um pequeno pacote, embrulhado num papel pardo e, de modo típico, amarrado com barbante. Ela estendeu a mão e o pegou.

— Vá em frente. . — insistiu Athanasius. — Abra o pacote.

CAPÍTULO 101

OXFORD, 8H15

Com todo o peso da história sobre seus ombros, Ewan Westerberg observava enquanto a porta ia se abrindo completamente. Ele estava prestes a colocar os olhos naquilo que seus predecessores haviam procurado desde o surgimento do Conselho. Ele era o quinquagésimo secretário do Conselho e sempre se orgulhara dessa distinção numérica. Mas, graças ao que ele realizara no dia de hoje, ele para sempre seria lembrado como o primeiro. O maior. O único que conquistou o que os outros vislumbraram apenas como uma quimérica impossibilidade. O poder e a influência que ele havia inicialmente saboreado no escritório de seu pai atingiria com ele um alcance jamais sonhado por nenhum secretário que o precedera.

Ele esperou o baque da porta que ao abrir-se totalmente bateu na parede de pedra. Era chegado o momento. Respirando fundo, Ewan abaixou a cabeça e ingressou na galeria e sede da biblioteca.

O facho solitário de sua lanterna logo foi acompanhado pelas luzes das lanternas dos seus homens, e quando os olhos de Ewan se adaptaram ao ambiente, o que ele viu o fez perder o fôlego. Expostas diante dele, nas profundezas sob o solo da antiga cidade, estendendo-se em recessos escuros que seus olhos nem conseguiam divisar por inteiro, lá estavam fileiras e mais fileiras de estantes de madeira caprichosamente bem trabalhadas, que saindo do chão atingiam o teto, dispostas segundo um cuidadoso projeto. Havia longas mesas espalhadas em meio a elas, bem como altos arquivos. A beleza do lugar era estonteante, e suas dimensões eram enormes. Havia espaço para centenas de milhares, até milhões de livros.

Mas não foi a vista das antigas estantes que tirou o fôlego do secretário. Foi sim o fato de que cada uma delas, todas elas sem exceção, estavam vazias.

CAPÍTULO 102

SIMULTANEAMENTE, ALEXANDRIA, 10H15

8H15 EM OXFORD

O pacote era pequeno e delgado. Enquanto Emily rompia o barbante e rasgava o papel da embalagem, ela se perguntava como algo digno da importância da biblioteca poderia estar ali dentro.

O que estava sob o papel, todavia, dispensou sua pergunta. Emily tentou esconder sua surpresa. Tinha nas mãos uma pequena embalagem de plástico que continha um único DVD prateado.

Quando ela ergueu os olhos para Athanasius, o homem prestes a morrer já estava falando.

— A biblioteca pode ser velha. . dra. Wess. . mas sempre esteve voltada para algo novo. . sempre usou o que é novo. Nós entregamos nossas informações em CDs, e não em lotes de livros e trabalhos escritos, porque a Biblioteca de Alexandria. . já não é um armazém de manuscritos, trabalhos e volumes impressos. A biblioteca, dra. Wess. . é uma rede.

Mais uma vez a história da Biblioteca de Alexandria, tal qual Emily a concebera, mudou. Essa era uma palavra que ela não havia previsto.

— Uma rede? - Ela olhou para o cidadão egípcio revolvendo o DVD em suas mãos. - O senhor quer dizer que ela está online? Na Internet? Na rede virtual?

— Algo assim - respondeu Athanasius, já mal conseguindo respirar. Todavia, tinha um sorriso de satisfação estampado no rosto. — Embora a Internet em si pudesse ser muito arriscada. . muito pública, muito vulnerável. Nossa versão é. . digamos. . um pouco mais segura. Um pouco mais. . protegida.

Ele tossiu de novo, e dessa vez o sangue escorreu pela boca e Athanasius se

curvou sob o impacto de uma convulsão. Emily jogou o DVD sobre a escrivaninha, inclinou-se sobre ele e o amparou em seus braços. Ela nunca havia visto ninguém morrer, e sentiu uma obrigação irresistível de confortar esse bom homem em seus momentos finais.

— Está tudo bem, sr. Athanasius — sussurrou ela. O corpo dele foi aos poucos desfalecendo em seus braços. — O senhor me deu o que eu precisava saber. O senhor agiu bem.

Usando a última porção de energia que lhe restava, Athanasius ergueu a cabeça em direção ao rosto de Emily, segurou-a pelos ombros e aproximou sua boca aos ouvidos dela.

— Você realmente achava, dra. Wess. . que nós ainda fazíamos uso de estantes de madeira e arquivos manuais? Esta grande cidade não pôde conter a biblioteca 2.000 anos atrás. . Você realmente acredita. .

que alguma sede física poderia fazer isso hoje? — Ele fixou seus olhos nos olhos de Emily com toda a intensidade possível, desejando que ela entendesse. E foram aqueles olhos, os olhos da nova Guardiã da biblioteca, que Athanasius viu quando sua vida o abandonou e o fez cair no sono do qual ele já não acordaria.

CAPÍTULO 103

SALÃO OVAL, WASHINGTON, D.C. 8H30

13H30 EM OXFORD

De sua escrivaninha, o presidente dos Estados Unidos fitava a assembléia disposta diante dele no Salão Oval. Os acontecimentos dos três últimos dias haviam sido totalmente inesperados, caindo sobre ele com extrema ferocidade, e agora o haviam levado a este ponto. Três dos homens mais poderosos de Washington, o secretário de Defesa, o condecorado general do exército que fazia parte da Comissão dos Chefes do Estado-Maior e o diretor do Serviço Secreto, estavam postados diante dele juntamente com seu próprio vice-presidente. Eles não haviam comparecido para descobrir um jeito de superar o trauma, ou para revelar que a fraude daquilo tudo havia sido desmascarada. Não, eles compareceram para informá-lo de que os acontecimentos dos últimos dias haviam sido o começo do fim, e que o fim propriamente dito se daria no dia seguinte. Amanhã: o dia que de repente parecia ser o derradeiro dia de sua presidência.

— Eu estou passando o comando da operação em si para o Exército - disse Ashton Davis. Ele falava, como fizera desde o começo da conversa, com uma postura contida mas firme. — São os militares que veem no senhor uma ameaça, e é portanto sob os auspícios dos militares que se dará sua prisão.

— Uma ameaça! - o presidente quase reagiu com uma risada. — Isso é ridículo! Eu não sou nenhuma ameaça! Isso é um absurdo!

— Uma série de execuções dos seus auxiliares mais próximos, sr. presidente, - interrompeu o general Huskins — não é um absurdo. Terroristas estão assassinando sistematicamente personalidades políticas, não apenas em solo americano, mas até na própria capital do país.

— Mas eu não tenho nada a ver com isso — respondeu Tratham, em tom desafiador. — Eles eram homens de bem. Eu nunca fiz nada para expô-los a

nenhum perigo.

— Isso simplesmente não é verdade — replicou Davis. — O senhor talvez não tenha programado a morte deles, mas seus conselheiros foram mortos por afegãos que declararam guerra a todos os membros do seu círculo mais restrito que de algum modo estavam envolvidos com suas atividades ilegais em seu empreendimento de reconstrução.

O rosto do presidente tinha agora um tom inflamado de vermelho intenso.

— Como você ousa dizer isso, Ashton! Você sabe muito bem que eu nunca exerci nenhuma atividade ilegal no Oriente Médio. Que inferno! Eu passei a maior parte da minha administração lutando para reconstruir o Afeganistão depois da destruição que meu predecessor causou por lá.

— Enquanto isso o senhor também se associava aos sauditas — observou Huskins. — Que diabos o senhor acha que os afegãos iriam fazer quando o senhor vendeu os direitos e serviços da reconstrução do país deles a declarados inimigos?

— Ora, ora, Huskins, eu nunca negociei nada com os sauditas!

— Essa afirmação está absolutamente em desacordo com as abundantes provas que nós, e o resto do mundo, temos em nossas mãos para provar o contrário.

— As mentiras da imprensa? — disse o presidente Tratham furioso. — E tudo calúnia. Mentira. Você devia saber disso! Não sei de onde saíram essas idéias, mas alguém está armando um complô contra mim.

— Besteira! — replicou o general Huskins, que também estava ficando nervoso. - Há documentos com a sua assinatura, registros de financiamentos, declarações de seus sócios sauditas, mensagens eletrônicas. .

— Tudo mentira! — interrompeu o presidente. — Eu não faço idéia de quem possa estar por trás de tudo isso, mas, em toda a minha vida, eu nunca enviei nenhuma mensagem eletrônica a “sócios”

sauditas.

O secretário de Defesa ergueu a mão antes que o general pudesse reagir.

Permitindo um momento de silêncio para acalmar os ânimos, ele falou novamente com voz pausada, firme.

— Chega! Sr. presidente, vamos acabar com esses protestos desesperados. Não viemos aqui para discutir a questão com o senhor, mas para descrever o que vai acontecer em reação ao seu comportamento. O futuro está traçado. Sua prisão acontecerá amanhã pela manhã. Nós estamos lhe concedendo o imerecido favor de mais uma tarde para pôr em ordem seus afazeres pessoais, para tomar providências em relação à sua família e para outros planos pessoais que o senhor possa querer fazer.

Mas preste atenção às minhas palavras. Se o senhor fizer qualquer tentativa de procurar a imprensa, de fugir de Washington, de evitar as responsabilidades de suas ações, nós entraremos imediatamente em ação.

Ele olhou firme para o rosto incrédulo do presidente.

— Se, porém, essa medida não se fizer necessária, amanhã às 10h o senhor será preso pelo general Huskins e levado para o presídio militar de Fort Meade.

O presidente Tratham respirou fundo várias vezes. O que se descortinava diante de seus olhos era um golpe de Estado, bem no meio do Salão Oval. Seu coração se encheu de ódio por aqueles homens à sua frente.

— No domingo? — perguntou. — Os senhores vão prender fraudulentamente o presidente dos EUA numa manhã de domingo? O povo americano não vai aceitar isso.

Ashton Davis devolveu-lhe o olhar resoluto.

— O povo americano já está pedindo que sua cabeça seja exposta no alto do Monumento a Washington, Tratham.

Ele deixou de lado qualquer fingimento de falso respeito.

— E além do mais, você já não tem o direito de falar em nome do povo americano.

DOMINGO

CAPÍTULO 104

ENTRE ALEXANDRIA E OXFORD

12H30 EM OXFORD

Nas horas que sucederam à morte de Athanasius Antoun, Emily havia agido sem perder tempo. Depois de guardar na bolsa o DVD que continha o derradeiro "pacote" de Antoun para a biblioteca, ela fizera uma inspeção geral do escritório, procurando qualquer documento ou outro item que pudesse revelar alguma conexão com a biblioteca. Nada encontrou. Athanasius fora rigoroso em seu cuidado em relação ao sigilo. Depois, agindo o mais rápido possível por ter consciência de que quanto mais tempo ela permanecesse naquele escritório, maior seria a probabilidade de ser vista ou apanhada na cena de um homicídio, ela tentou apagar todas as suas impressões digitais das superfícies que tocara, no intuito de eliminar qualquer indício que a identificasse. Finalmente, ela fizera o melhor possível naquelas circunstâncias para proporcionar uma respeitosa despedida ao homem que morrera para preservar a biblioteca. Estendeu seu corpo sobre o chão, cruzando-lhe as mãos sobre o peito. Ela não sabia qual fosse a religião de Antoun, mas uma pequena cruz cóptica sobre a escrivaninha sugeria algum grau de devoção. Emily fechou os olhos e fez uma breve oração pela alma do falecido, e saiu de seu escritório pela última vez, deixando a porta entreaberta para que os funcionários que passassem vissem o corpo o mais cedo possível. Evitar que ele permanecesse naquela condição por mais tempo foi o último gesto de delicadeza que ela pôde fazer.

Agora ela estava sentada em outro voo noturno das Turkish Airlines, sobrevoando as trevas do Mediterrâneo em seu regresso para a Inglaterra. Desde que deixara as dependências da Bibliotheca Alexandrina, ela se dedicara a duas tarefas: evitar ser vista e preparar-se para o que fosse preciso fazer quando aterrissasse. A primeira ela a realizara tomando um táxi no Corniche, um passeio à beira-mar, com destino a uma área comercial perto do aeroporto Borg El Arab. Ali ela procurou um caixa eletrônico e retirou a quantia máxima permitida. No interior do banco ela trocou seu dinheiro por libras esterlinas, e em seguida usou

mais uma vez seu cartão de crédito para trocar 200 libras por 600

liras turcas. Essa seria a última vez que ela usaria seus cartões. Compraria o bilhete da passagem para a Inglaterra no balcão, pagando com dinheiro vivo, e só o faria no último instante antes do fechamento das vendas para seu voo. Os membros do Conselho ainda poderiam conseguir localizá-la, mas ela lhes concederia o menor tempo possível para formularem os planos dos seus movimentos.

Em seguida a mente de Emily se concentrou no que estava por vir. Na Inglaterra, em Oxford, ela teria mais recursos a seu dispor do que no Egito. Ela sabia que a sede da biblioteca não estava lá — aquilo fora um estratagema deixado pelo Guardião. De fato, o que ela sabia agora significava que a biblioteca talvez nem sequer tivesse uma sede. Seu entendimento da história havia mudado uma vez quando ela soube que a Biblioteca de Alexandria talvez tivesse sido descoberta; depois, de novo, quando ela soube que ela nunca havia sido perdida. Agora, com a descoberta de que a biblioteca havia progredido através da história, com a história, conduzindo a história e acabara tornando-se digital (com matéria feita de discos prateados e redes, incluindo a era espacial), a história fora mais uma vez transformada em algo novo.

Antes da partida de seu avião, Emily havia encontrado um café com Internet perto do aeroporto e localizara um terminal com a máxima privacidade possível naquela ocasião. Ali ela havia inserido o DVD no drive do computador, na esperança de fazer alguma descoberta de primeira mão sobre o que havia na biblioteca. Aconteceu o seguinte: os conteúdos mais importantes do disquete estavam codificados, fato que não deveria surpreender Emily. Mas, além de um arquivo inacessível na tela de quem descobrisse o DVD havia um arquivo de texto com um título simples, de duas palavras: “Para Emily.txt”. Athanasius sabia que esse pacote específico seria recolhido por Emily, e lhe havia deixado mais orientações do que o tempo de convivência deles havia permitido. Será que ele havia adicionado esse arquivo somente no fim, depois de ter sofrido o ataque, sentando sozinho em seu escritório, enquanto se esvaía em sangue? Esse pensamento provocou um nó na garganta de Emily.

O arquivo continha uma versão completa da narrativa iniciada por Athanasius quando estava caído no chão de sua sala. Emily se pôs a ler avidamente:

“A Biblioteca começou a ser transferida para uma versão computadorizada no

final da década de 1950

quando o vasto conhecimento do crescente campo da engenharia computacional possibilitou essa mudança. A intenção original era simplesmente apoiar o repositório físico com uma cópia digital, mas no início da década de 1960 dois de nossos Bibliotecários nos EUA começaram a coletar informações sobre pesquisas baseadas em comutação de pacotes realizadas no Laboratório Uncoln do MIT em conjunto com um projeto inovador em andamento na UCLA e a Advanced Research Projects Agency Network (Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas em Rede), conhecida como ARPA. Embora os resultados de suas atividades conjuntas, que passaram a ser denominadas ARPANet — a precursora da moderna Internet — só conseguissem conduzir sua primeira transmissão ao vivo a partir do último trimestre de 1969, nós vimos o potencial desse empreendimento muito antes e, combinando-o com tecnologias que tínhamos absorvido de pesquisadores da União Soviética, completamos a construção de nossa primeira rede funcional em 1964."

Enquanto Emily lia essas informações, as palavras de Arno Holmstrand voltaram-lhe à memória. "O

conhecimento não é circular. Circular é a ignorância. O conhecimento repousa no que é antigo, mas sempre aponta para o novo." A transformação da biblioteca na segunda metade do século XX ratificava a visão do Guardião. A biblioteca se baseava em mais de dois milênios de atividade constante, com mais inúmeros séculos de informação coletada, mas havia apontado para a nova era digital e conduzido para lá o mundo a seu redor.

"Estava claro que essa era a direção para a qual o mundo se encaminhava. Absolutamente ninguém soube disso antes de nós. E assim demos os primeiros passos. Em seguida, no tempo apropriado, ajudamos outras pessoas nesse caminho, certificando-nos de que havia certo equilíbrio no desenvolvimento dessas novas tecnologias. Isso tudo, no fim das contas, se dava no âmago da Guerra Fria. Não era de nosso interesse, ou do interesse do mundo, que qualquer poder possuísse sozinho esse cabedal tecnológico. Nós ajudamos a garantir seu devido avanço e propagação."

Mais uma vez, como antes, os Bibliotecários de Alexandria tinham desempenhado a função tática da instituição, não se limitando simplesmente à coleta de informações e conhecimento, mas incluindo também o seu uso,

“compartilhando-o”, conforme Athanasius havia descrito o trabalho deles, de uma forma que Emily não conseguia deixar de sentir como manipuladora. O mal-estar havia surgido quando Athanasius lhe falou pela primeira vez sobre o papel ativo da Sociedade na moldagem de acontecimentos mundiais, e voltava a sua mente todas as vezes que ela ponderava sobre como eles empregavam sua influência. Havia um perigo embutido nesse controle.

“A medida que a digitalização continuava, nossa rede se expandia pelo mundo afora. Exatamente como a rede que veio a ser a Internet, a nossa fora concebida para ser redundante, à prova defalhas. Ela está em toda parte e em parte nenhuma. Ela tem conexões no mundo inteiro, e cada conexão simplesmente encaminha dados. Onde os dados em si estão armazenados, como eles são armazenados, eu não sei.

Tudo o que eu tenho é a convicção absoluta do Guardião de que o sistema é ‘indescobrível’. Mesmo que eu ou você por acaso topássemos com uma das máquinas físicas que constituem a rede e a dissecássemos peça por peça, ela não nos mostraria nada. Nada égravado no sistema, em drives físicos.

Todos os dados simplesmente ‘flutuam’ na memória entre as partes da nossa rede. Se você descobre um componente e tenta sequestrá-lo, tudo o que você encontra é um mero computador. Uma caixa vazia.

O que é mais importante é que o Guardião conseguia acessar esse componente de qualquer lugar. Onde quer que ele estivesse neste mundo, ele conseguia interagir com os conteúdos do sistema, fazendo suas atualizações e divulgando dados conforme julgasse necessário. Havia uma interface que ele podia acessar sempre que fosse necessário, onde quer que ele exigisse. Mas qual era ela, isso eu nunca soube.”

O otimismo de Emily começava a se desvanecer à medida que ela ia chegando ao fim do texto. A idéia de que a biblioteca era uma coleção em rede, acessível em formato eletrônico, lhe parecia implicar que a instituição estava mais ao alcance de sua mão do que ela havia imaginado nos últimos dias. Não era necessário procurar uma sede ou repositório habilmente escondido: Emily só precisava acessar a rede, e o saber de todos os séculos estaria literalmente na ponta de seus dedos. Mas o texto de Athanasius descrevia a abrangência das precauções que a Sociedade havia tomado para tornar a biblioteca “indetectável” e, mesmo que partes de sua estrutura fossem descobertas fisicamente, ela

percebeu que o que viria depois seria desafiador. Portanto, saber que a interface em si não era conhecida nem mesmo pelo indivíduo que detinha a máxima informação sobre a biblioteca e a Sociedade, saber disso fazia a biblioteca parecer mais distante do que antes.

“A Biblioteca está em toda parte’”, concluía o texto de Athanasius. Eu tenho certeza de que se o Guardião ainda estivesse vivo, ele conseguiria acessá-la neste exato lugar, neste prédio, até mesmo neste meu escritório. Mas como, eu simplesmente não sei. O que você precisa descobrir, dra. Wess, é o jeito de entrar.”

Quando Emily fechou o arquivo e ejetou o DVD do computador, ela percebeu que nos últimos quatro dias dois homens, grandes em todos os sentidos, haviam passado suas últimas horas de vida deixando seus últimos testamentos para ela, e o curso de sua vida fora moldado pelos desejos deles na hora da morte. O sentimento de fazer parte de algo nobre, algo muito importante, causou nela um novo impacto muito concreto.

Emily estava agora espremida no pequeno assento do avião, olhando vagamente pela janelinha enquanto as sombrias montanhas e colinas da Europa ocidental iam passando lentamente lá embaixo na escuridão da madrugada. O “jeito de entrar”. Isso soava tão simples. Na realidade, tratava-se de um enigma que Emily sabia ser difícil de resolver. Mas enquanto ela ia ponderando a questão, sua surpresa diante das últimas revelações começava a desaparecer. Por que deveria surpreendê-la o fato de a biblioteca ter sido “aperfeiçoada” para enfrentar as circunstâncias do mundo moderno? A biblioteca original fora, na sua época, totalmente moderna, uma criação totalmente inovadora. Nunca antes fora concebido, muito menos construído, um repositório de informações com aquelas dimensões. Nunca antes havia sido organizado um quadro de funcionários conectados, ocupando postos em todo o império e em todo o mundo conhecido, com a finalidade de reunir informações para um banco coletivo de saber humano e empregá-lo para o progresso da humanidade. Deveria parecer uma grande surpresa o fato de que essa biblioteca, à medida que foi crescendo, adotasse novos meios para promover seus fins, para continuar na crista da onda da nova indústria criativa?

Seus pensamentos foram aos poucos ficando mais claros. Ela havia escapado da morte. Ela sabia exatamente o que procurava, sem mais nenhum subterfúgio. Arno Holmstrand havia montado todo esse palco sofisticado dos últimos quatro

dias para levá-la a atingir esse conhecimento, e Emily estava convencida de que lhe seriam fornecidas as informações necessárias para fazer as descobertas que ainda faltavam. A lista das diversas formas que Arno já havia estabelecido para o sucesso do empreendimento era prova disso.

Lista. Essa palavra fixou-se em sua mente, chamando-a de volta para a questão que não se encaixava bem no esquema geral das coisas: a lista dos nomes, nomes em dois grupos, em duas mensagens de texto. Ela se lembrou da revelação de Antoun de que essas listas faziam parte do complô do Conselho para conseguir poder no governo dos Estados Unidos, e ela tivera notícias suficientes ao longo dos três últimos dias para saber que a atual administração presidencial americana estava prestes a cair. O

complô, fosse ele o que fosse, estava funcionando.

Essas duas listas. A memória de Emily agora lançava uma luz repentina sobre um momento, um comentário, que proviera de quem a atacara em Istambul. Quando o sujeito arrancou de Emily seu celular, ele o tinha entregado a seu parceiro com instruções sobre os textos contendo os dois grupos de nomes da lista. “A lista foi enviada para ela em duas mensagens de texto. A segunda é a chave. Aquela que contém os nomes de nossos homens.”

Era isso: nossos homens. De Athanasius Emily já soubera que o primeiro grupo de nomes era o daqueles indivíduos que haviam sido visados e executados como parte do complô para forçar o presidente a demitir-se. Ela havia presumido que o segundo grupo era o dos homens que o Conselho queria promover. Mas as palavras do seu assaltante haviam sido ainda mais concretas. “Os nomes dos nossos homens.” A segunda lista de nomes não indicava pessoas que deviam ser influenciadas e manipuladas: era uma lista dos homens do Conselho, seus próprios membros, que, com a queda do presidente, estavam sendo posicionados para assumir novos postos de poder.

Emily sentiu sua pele gelar. Se estava certa. . ela quase não conseguia avaliar a extensão do alcance do Conselho, ou de seus malfeitos. Os nomes listados eram nomes que ela conhecia bem. Nomes bem conhecidos por todos os americanos. Nomes conhecidos no mundo inteiro. A mera inventividade do complô do Conselho estava associada à terrível constatação de como era grande a extensão do seu poder. Como Athanasius havia previsto, eles estavam criando um vácuo de poder no topo do sistema político americano. Mas não estavam fazendo isso

na esperança de poder preencher o vazio com homens que eles pudessem influenciar. Seus homens já estavam infiltrados: eles simplesmente assumiriam os novos cargos. E o vice-presidente era apenas o começo.

Essa gente precisava ser detida. O Conselho precisava ser detido. Emily precisava descobrir um jeito, por mais assustadora que fosse essa tarefa. Logo ela estaria desembarcando na Inglaterra e voltando para Oxford. Assim que chegasse lá, descobriria os passos finais necessários para localizar seu objetivo. Ela descobriria o que realmente significava o fato de a biblioteca ser uma rede. E acharia um jeito de entrar nela.

CAPÍTULO 105

OXFORD 4H

Uma hora e meia depois que seu avião aterrissara em Heathrow, Emily saiu de um táxi numa área residencial de Oxford e entrou numa cabine telefônica vermelha da British Telecom. Antes de deixar o Egito, ela havia tirado a bateria de seu novo celular adquirido na Turquia, e havia descartado o aparelho depois de esmagá-lo. O Conselho tinha outras formas de localizá-la, mas Emily faria o que lhe fosse possível para dificultar a tarefa deles.

Depois de depositar uma moeda de cinqüenta centavos na fenda do telefone, ela discou de memória os seis dígitos do aparelho fixo de Peter Wexler. Eram quatro horas da manhã, e o velho professor deveria estar dormindo, mas isso no mínimo significava que ela podia ter certeza de encontrá-lo. E Wexler a perdoaria pela hora inoportuna assim que ouvisse o que Emily tinha a lhe dizer.

— O quê? Santo Deus, quem está ligando a esta hora? - Peter Wexler resmungou seu pensamento ao telefone sem nenhuma palavra de cortesia.

— Professor Wexler, é Emily Wess.

De repente Wexler ficou alerta.

— Dra.Wess, minha querida! De onde você está ligando? Descobriu alguma coisa?

— Mais do que o senhor pode imaginar. Do tipo que me impede de lhe dizer de onde estou ligando.

Wexler estava agora sentando na cama, tentando achar o interruptor do abajur do criado-mudo.

— Isso é maravilhoso, Emily!

— É uma coisa muito maior do que uma descoberta histórica — prosseguiu Emily. Da maneira mais breve possível, ela descreveu uma visão geral da existência do Conselho, e do papel de seus integrantes na situação política que se apossava do governo dos EUA.

— As pessoas envolvidas. . Eu não posso lhe dizer até que ponto elas se infiltraram em Washington. E

simplesmente assustador.

Ela mencionou rapidamente alguns dos nomes-chave da segunda parte da lista.

— Santo Deus, Emily, isso precisa vir a público. E imediatamente. Nada foi ainda denunciado, mas todos os jornais estão esperando que algo muito sério possa acontecer em Washington hoje. Ninguém sabe exatamente o quê ou como, mas os boatos dizem que seu presidente já não ocupará seu cargo hoje à noite.

E a corrida está se acelerando, pensou Emily consigo mesma. As notícias sobre o agravamento da crise em Washington eram uma confirmação de que Emily precisava descobrir alguma conexão concreta, alguma prova, para expor ao público. E ela sabia onde poderia encontrá-las.

Um minuto depois, após de combinar outra conversa com Wexler para mais tarde naquele mesmo dia, Emily desligou o telefone e começou a caminhar cautelosamente rua abaixo.

Antoun lhe contara detalhes da conspiração, e Emily sabia que ele só podia ter tido aquelas informações de uma única fonte. A biblioteca. Ela devia conter informações sobre as pessoas envolvidas, sobre o complô em si, provavelmente com uma boa dose de informações adicionais.

O que ela precisava saber estava trancado dentro da sede da instituição. Emily proferiu a revelação para si mesma: “Tudo se resume à biblioteca mais uma vez.

Preciso descobrir um jeito de entrar, e já. Dentro de poucas horas poderá ser tarde demais.

Ela estugou o passo.

CAPÍTULO 106

OXFORD 5H

O secretário estava sentado quieto diante de uma escrivaninha num pequeno escritório residencial na zona norte de Oxford, que era a base da equipe de Amigos no centro da Inglaterra. Tinha diante de si um laptop, um copo de uísque pela metade e uma série de relatórios enviados por vários de seus homens. Ele se esforçava para respirar lentamente e manter a calma.

Um dia antes, sua raiva tinha sido quase incontrolável. A visão da sede da biblioteca, despojada de seu precioso conteúdo e estéril em seu vasto túmulo subterrâneo quase o fizera escorregar e cair num lugar tão escuro quanto o recinto de pedra no qual ele estava. Tudo aquilo pelo que ele havia trabalhado, buscado, lutado para conseguir estivera lá, perfeitamente ao alcance de sua mão, só para depois ser tirado dele. Tudo fora planejado com uma crueldade quase inconcebível, construindo sua aproximação com ansiedade e expectativa. Passagens secretas, corredores escuros, arcaicas portas de madeira e inscrições latinas, tudo o que o havia atraído, naquele momento de visão, subitamente assumira a aparência de um maldoso golpe contra sua dignidade, sua liderança, toda a sua vida.

Tomou um grande gole de uísque, voltando a ranger os dentes antes mesmo que o líquido fosse completamente engolido. Em regra ele não o era o tipo de homem que bebia de manhã, mas na noite anterior não havia dormido e a distinção entre a noite e o dia parecia ter pouca importância.

A lembrança daquele momento o enfurecia. Ewan tinha distribuído golpes a torto e a direito, virando mesas, derrubando fileiras e mais fileiras daquelas velhas estantes de madeira. Tinha até agredido seu filho e batido nele, como se a ele se devesse atribuir o fracasso daquele momento. Jason absorvera os golpes de seu pai sem esquivar-se ou revidar. Na mesma medida em que a descoberta da sede vazia enfurecera o pai, ela havia insensibilizado o filho. Jason ficara olhando vagamente para o recinto vazio, e sua decepção se transformara, no fundo de sua alma, numa resolução férrea, amarga.

Agora, nas primeiras horas da manhã seguinte, a fúria do secretário estava aos poucos transformando-se em concentração e determinação. Por mais que a visão da biblioteca vazia tivesse parecido mostrar o total fracasso do trabalho de toda uma vida, ele percebeu que o que ela realmente mostrava era simplesmente o próximo estágio no quebra-cabeça e no jogo que sempre fora o trabalho do Conselho.

Ele havia alimentado a esperança de que o enigma pudesse finalmente ter sido resolvido, e o jogo vencido. Mas agora estava claro que a coisa devia levar mais algum tempo. Além disso, a missão em Washington distava apenas algumas horas da realização. A prisão do presidente aconteceria às 10h da manhã do horário de Washington, às três da tarde na Inglaterra. Ewan olhou para o relógio sobre a mesa. Mais dez horas, e ele teria em suas mãos o controle do governo mais poderoso do mundo, com ou sem a biblioteca. Sua tarefa neste momento, na qualidade de líder do Conselho, era recuperar a concentração enquanto outros preparavam sua ascensão ao poder, e dar os passos necessários para avançar e transformar a tragédia do dia anterior em algo lucrativo e produtivo.

O momento de inspiração do secretário foi interrompido quando Jason chegou ao escritório.

— Senhor, temos notícias.

Jason ficara parado na soleira da porta, numa atitude formal, exibindo o olho esquerdo ainda inchado pelo golpe de seu pai no dia anterior.

— Que notícias?

— Wess fez uma ligação depois de sua chegada.

Ele esperou que seu pai se entusiasmasse. Emily Wess havia de alguma maneira conseguido sair de Istambul antes que a equipe deles chegasse ao local onde ela devia ter sido executada. O Conselho sabia que ela fizera uma segunda viagem para Alexandria, onde teria sem dúvida descoberto a execução de Antoun. Depois disso, ela havia voltado para a Inglaterra. Os registros de uma das companhias aéreas exibiam seu nome no voo noturno para Heathrow, mas Wess fizera um bom trabalho reduzindo o número de maneiras pelas quais eles poderiam determinar sua localização. Ela deixara de usar cartões de banco depois de sacar uma grande soma em dinheiro vivo no Egito, e o sinal rastreador de seu celular substituto nunca havia deixado o continente africano.

Nada mal para uma amadora, pensou Ewan consigo mesmo. Ela até conseguiu esconder de nós seu noivo. Uma leve chateação acompanhou esse pensamento. Os Amigos não tinham conseguido localizar Michael Torrance desde que Emily havia falado com ele de Istambul. Era de se presumir que ela o havia convencido a esconder-se, e dois dos homens do secretário estavam tentando localizá-lo desde aquele telefonema. Ele sabia que Torrance acabaria sendo encontrado. Mesmo assim, lamentava que seu desejo de mantê-la viva até que acabassem com Antoun lhe tivesse impedido de tirá-la do seu caminho antes de ela conseguir essa renovada persistência.

— Para quem ela ligou? - perguntou o secretário.

— Para Peter Wexler. Ligação a cobrar, de Oxford.

— Então — refletiu Ewan — ela está aqui.

— A conversa — continuou Jason — foi detalhada. Ela informou Wexler sobre a lista, sobre a missão de Washington. Ela soube de Antoun que. .

— De Antoun? — interrompeu o secretário. — Eu achava que nós tínhamos eliminado esse vazamento ontem!

O rosto de Jason ficou vermelho, causando uma dor ainda maior em seu olho inchado.

— Nossos homens puseram em prática o processo da eliminação, como o senhor mandou, mas evidentemente alguma coisa deu errado. Ele ainda estava vivo quando Wess voltou ao seu escritório.

Ele continuou vivo o tempo suficiente para passar para ela informações importantes. Para ela e para nós.

Ewan esforçou-se para controlar a raiva. Seus homens haviam falhado, e numa tarefa tão simples.

Pagariam caro por isso.

— DROGA! — trovejou o secretário. — Essa mulher simplesmente não sai do meu caminho.

Com as mãos espalmadas ele espancou a escrivaninha e se pôs de pé. Com os olhos cheios de veneno, gritou para o filho apontando-lhe o dedo em riste.

— Encontre Emily Wess agora. Já não me importa se ela um dia pode ou não nos conduzir até a biblioteca. Quero essa vagabunda morta. Encontre-a e meta duas balas na cabeça dela. E depois fique observando até ela morrer. Melhor ela não estar mais respirando quando você a deixar.

CAPÍTULO 107

7h

Descendo a Alfred Street enquanto o sol começava a surgir no horizonte de Oxford, Emily sabia que corria risco se aparecesse em público. O Conselho a descobriria. Ela imaginava que eles estavam empregando toda a sua energia nisso naquele exato momento. Precisava chegar a algum lugar seguro, algum lugar onde pudesse sentar-se e pensar, e imaginar um jeito de entrar na rede, que segundo Athanasius ela poderia acessar de qualquer ponto.

Dobrou a esquina, enveredando pela Bear Lane, caminhando o mais próximo possível do lado construído da calçada. Alguns metros mais adiante situava-se a entrada para a sua antiga alma mater.

Dentro dos muros do complexo do Oriel College, ela daria menos na vista do que em qualquer outro lugar, e a instituição também tinha uma biblioteca com acesso livre durante 24 horas onde ela poderia dedicar-se à tarefa de descobrir o que Athanasius havia denominado “um jeito de entrar”.

Alguns minutos mais tarde, ela estava acomodada numa baia lateral da biblioteca do Oriel. O mesmo velho porteiro dos tempos em que Emily fizera ali sua pós-graduação lembrara-se dela com carinho e a deixara entrar dando-lhe as boas-vindas. Uma pequena mesa individual no vão estreito das estantes lhe proporcionou privacidade, e o terminal do computador lhe permitiu acesso à Internet. Ela precisava começar de algum modo sua pesquisa.

Emily começou seguindo as poucas dicas que ela conseguia deduzir a partir dos detalhes que Antoun lhe tinha deixado no arquivo de texto no DVD de seu pacote. Ele tinha se referido ao desenvolvimento da Internet, conhecida na sua forma inicial como ARPANet e projetada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do governo. Parecia ser um ponto razoável para a investigação. Infelizmente, aquela agência, que tinha um histórico de alternâncias de nome, variando de ARPA para DARPA, dependendo de o governo querer ou não enfatizar seu potencial de defesa, parecia não apresentar nenhuma sugestão para a pesquisa de Emily. Visitando os vários sites sobre a história do projeto de rede

deles durante a década de 1960, ela aprendeu um pouco mais sobre a tecnologia de comutação de pacotes que eles haviam desenvolvido, o que constituiu a espinha dorsal das redes modernas de dados, permitindo que informações fossem transferidas sem nenhuma perda entre múltiplos ramos de circuitos interconectados, em vez de simplesmente envolver um único circuito entre duas máquinas.

Será que esse era o ingrediente-chave do saber tecnológico que a Sociedade havia “compartilhado”

durante todas aquelas velozes décadas desde a criação das redes que agora dominavam a era da informática?

Era impossível saber. Mas, de qualquer modo, isso não ajudou Emily de forma alguma. O que ela precisava não era simplesmente conseguir mais história, mas algo que a orientasse para descobrir o “jeito de entrar” na rede (fosse lá o que fosse) que atualmente hospedava a biblioteca.

Mas havia algo além disso. Emily se contorceu no assento de madeira. Algo sobre essa pesquisa em si parece fora de lugar. Ela fora conduzida até o ponto em que estava pela atuação e orientação críptica de Arno Holmstrand, um homem que Emily sempre associaria ao analfabetismo tecnológico, apesar de sua recente descoberta da verdadeira forma da biblioteca. Será que o mundo da bruxaria tecnológica e das minúcias das redes computadorizadas seria mesmo a arena para a qual Arno a estava atraindo agora?

Isso não combina com ele, refletiu Emily. Cada pista que ele me deixou era algo de certo modo relacionado comigo. Algo literário ou histórico, algo em minha área de conhecimento. As informações que agora enchiam a tela do seu computador, todavia, dificilmente poderiam estar mais distantes de sua esfera de experiência. Até a tarde do dia anterior Emily nunca tinha ouvido falar sobre comutação de pacotes, protocolos de redes roteadores, nós interconectados ou de qualquer informação tecnológica implícita nesses sistemas. Encontrava-se num território completamente desconhecido. Por mais estranha que houvesse sido sua experiência desde o recebimento do primeiro bilhete de Arno, ela agora percebia que aquele era o primeiro momento em que ela não dispunha de nenhum ponto de referência de qualquer espécie. Nada que ela pudesse ligar a estudos do passado, a teorizações sobre o conhecimento da história, ou a qualquer coisa que ela já tivesse ouvido ou ponderado em sua vida.

E isso não parece certo. Toda essa investigação tecnológica está me levando para longe do que eu conheço.

Percebeu que precisava voltar ao seu centro. A descoberta de um jeito de entrar devia ligar-se, de algum modo, ao mundo de livros, de aprendizado e de estudo da história.

Deve haver alguma peça que eu não estou vendo, pensou. Que conexão estou deixando de fazer?

Em vez de buscar informações sobre sistemas de rede e questões técnicas, Emily precisava voltar ao campo da história que era seu território. Se Arno iria lhe fazer uma revelação final, dar-lhe um último empurrão, isso deveria provir daquele campo.

Para essa tarefa, o próprio acervo da biblioteca do Oriel College seria provavelmente uma arena mais frutífera para a sua pesquisa do que a Internet em geral. Emily minimizou a janela da pesquisa na tela do computador. Seria preferível trabalhar com o catálogo da biblioteca online. Ela nunca o havia usado antes, tendo sempre trabalhado a partir do sistema central bodleiano da Universidade. Mas sua experiência lhe dizia que os catálogos online eram, em sua maioria, muito semelhantes.

E foi esse pensamento casual, prático, que levou Emily Wess à descoberta do caminho a seguir.

No exato momento em que a idéia se formou em sua cabeça, o mundo ao seu redor pareceu fazer silêncio. Num instante, sua mente foi transportada para um dia ensolarado de primavera no verdejante campus do Carleton College. Lá estava ela sentada diante de um computador, pesquisando no catálogo da Gould Library um volume sobre as intrigas políticas romanas do século II. A sua frente, usando outro computador idêntico ao dela, estava Arno Holmstrand. O professor dera a impressão de estar perdido diante daquela máquina, mas seus dedos haviam navegado pela interface do terminal com bastante habilidade. Tratava-se de uma lembrança que passara pela cabeça de Emily logo depois que ela tivera a notícia da morte de Holmstrand, e agora ela voltava, depois que o contexto do momento havia mudado tanto.

— Você já observou - perguntara Arno — que muitas universidades espalhadas pelo mundo afora usam este mesmo software arcaico? Uma versão aqui, outra

versão ali, mas no fundo, é tudo igual.

O corpo todo de Emily ficou tenso com aquela vivida lembrança, tão clara que era como se o famoso professor estivesse outra vez diante dela como estivera tantos meses antes.

— Eu já usei esse sistetna em Oxford, — prosseguira Holmstrand — no Egito, em Minnesota. E em nenhuma das vezes ele foi cooperativo. Este exato sistema, Emily, em toda parte.

E com aquela lembrança, Emily soube.

Toda a confusão das últimas horas de repente de transformou em absoluta convicção. Ela tornou a olhar para a tela diante de si, e viu o jeito de entrar.

CAPÍTULO 108

8h

O coração de Emily disparou no momento em que ela olhou para a tela com um novo enfoque. O

catálogo online do Oriel College estava localizado na coleção da faculdade, mas era parte integrante da interface centralizada de todas as bibliotecas de Oxford: o OLIS, ou seja, Sistema de Interface das Bibliotecas de Oxford. Embora Oxford houvesse adaptado o sistema para acomodá-lo ao seu conjunto federado de bibliotecas independentes de diversos departamentos, corpos docentes e colleges, tudo se baseava num pacote central de software chamado GEOWEB, um sistema de catalogação espetacularmente horrível, desajeitado e nada intuitivo, que Emily usara em inúmeras bibliotecas do mundo inteiro. Até mesmo a sua instituição, o Carleton College, se servia desse sistema, que recentemente aparecia numa nova embalagem denominada “Ponte” só para simbolizar a conexão entre a coleção bibliográfica de Carleton e a da instituição rival sediada do outro lado do rio daquela pequena cidade. A tecnologia por trás das interfaces atualizadas, todavia, continuava sendo a mesma.

Emily agora sabia que as palavras de Arno, naquela conversa que acontecera alguns meses antes, haviam sido proferidas para prepará-la. “Você já observou que muitas universidades espalhadas pelo mundo afora usam este mesmo software arcaico? Uma versão aqui, outra versão ali, mas no fundo, é tudo igual. . Este exato sistema, Emily, em toda parte.” Naquela ocasião o comentário lhe parecera ser apenas um gracejo cordial, frustrado. Mas juntando tudo o que Emily havia aprendido desde aquele dia, agora estava claro que Arno estava então lhe dizendo alguma coisa. Alguma coisa específica.

Ele estava me mostrando o jeito de entrar.

Emily puxou a cadeira para mais perto da sua mesa, posicionando a mão esquerda no teclado do computador e segurando o mouse com a direita. A conhecida interface azul e branca do catálogo do OLIS apareceu na tela, aguardando instruções como fazia a todas as horas de todos os dias e todas as

noites.

E, como Athanasius havia observado acerca da capacidade do Guardião de acessar a biblioteca, o catálogo podia ser acessado em qualquer lugar e a qualquer hora. Qualquer computador, qualquer celular, qualquer iPad. O acesso era universal na sua máxima plenitude.

Emily esfregou as mãos, percebendo de repente que seus dedos tremiam tanto que ela nem sabia se seria capaz de digitar.

Calma, disse ela censurando-se. Um passo por vez.

Depois disso, ela percorreu os passos rotineiros que haviam se tornado uma segunda natureza desde seus tempos de estudante de pós-graduação. Selecionou a principal fonte de dados para toda a coleção da universidade, dados antigos e modernos, depois clicou em “Palavras-chave da pesquisa” para acessar a interface de pesquisa avançada.

Apareceram três campos de pesquisa, permitindo-lhe definir sua investigação como quisesse.

De algum modo, pensou ela, isto vai me levar até a porta. Até a verdadeira rede. Até a biblioteca. A questão era saber como. A interface do GEOWEB era muito simples: apenas alguns campos de pesquisa e um botão “Pesquisar” numa página em uma página branca. Não havia espaço para abas codificadas ou links ocultos. Tem de ser alguma coisa que eu devo digitar, pensou Emily. Alguma seqüência de termos, basicamente um conjunto extenso de senhas.

Fechou os olhos num esforço para concentrar-se. Havia três campos na página. O conjunto de pistas de Arno fora constituído por três frases. Os capangas do Conselho tinham agora em seu poder a folha escrita, mas o conteúdo estava gravado a fogo na memória de Emily. Digitando lentamente, relembrando cada frase com precisão, palavra por palavra, ela as inseriu nos três campos.

Igreja da Universidade, a mais antiga de todas

Orar, entre duas Rainhas

Quinze, se for de manhã

Ela contemplou as três frases inseridas nos pequenos campos de entrada de texto no monitor. Essas palavras a haviam feito viajar ao redor do mundo, e agora estavam reunidas mais uma vez num único lugar. O jeito de entrar, convenceu-se Emily, na esperança de que as únicas três frases que lhe tinham vindo à mente fizessem o milagre. Ela ajustou a seta do mouse e clicou forte em “Pesquisar”.

Suas esperanças foram imediatamente desfeitas.

A página que resultou nada continha, e Emily sentiu um aperto no coração. Mais precisamente, a tela que tinha diante de si anunciava “0 resultados”, devolvendo-lhe as frases na forma de uma busca complexa no alto da tela. Mas era apenas uma versão tecnológica da mesma coisa. Absolutamente nada.

Um anseio desesperado de descobrir o conjunto certo de palavras-chave se instalou em Emily.

Preciso de outro conjunto de três termos.

Ela já não estava pensando consigo mesma: agitada, disse em voz alta: “Três. . três. .” Sua mente projetou-se em retrospectiva para a primeira pista que ela havia descoberto sozinha, gravada no biombo do altar da capela do University College, não muito distante do local onde se encontrava agora.

“Vidro, areia e luz,” repetiu ela, lembrando-se dos termos que lhe haviam servido de mapa em seu caminho para baixo, pelos corredores subterrâneos da Bibliotheca Alexandrina. Navegou então de volta para uma nova interface de busca no computador e inseriu os três termos nos três campos vazios.

Vidro. Areia. Luz. Ela clicou de novo em “Pesquisar” com uma expectativa quase incontrolável, e desta vez sua pulsação aumentou diante do resultado. Apareceram alguns resultados na tela. As palavras-chave mais genéricas devolveram algumas referências na coleção de 10 milhões de volumes da Universidade. Mas, ao examinar as indicações, ela logo percebeu que se tratava de obras inócuas.

Desconexas. Nenhum dos resultados tinha relação alguma com sua pesquisa, ou com aquilo que ela de fato queria descobrir. Ela clicou para descobrir mais detalhes em alguns casos, mas esse processo apenas confirmou que os volumes não tinham relação nenhuma com a biblioteca.

Ela fez o caminho de volta para a tela principal de pesquisa. Havia viajado para três cidades em sua jornada. Talvez a solução pudesse estar ali. Febril, ela introduziu os nomes delas: Oxford, Alexandria, Istambul. Mais uma vez, a pesquisa não apresentou resultados significativos; apenas uma listagem de volumes que obviamente não tinham nada a ver com a biblioteca. Ela tentou substituir “Istambul” por “Constantinopla”, mas a alteração não surtiu mudanças úteis.

Preciso de algum outro conjunto de três coisas!

Cada tentativa fracassada fazia Emily ir mais para frente na cadeira, chegando ao ponto de quase cair dela. Mas a frustração de combinações e mais combinações sem saída não a demoveu de sua firme convicção de estar no rumo certo. Arno lhe havia realçado essa interface meses antes. Os últimos quatro dias lhe haviam ajudado a enxergar o que ela estava procurando e a ver por que aquilo devia ser achado. Agora ela simplesmente precisava da chave que lhe abrisse a porta que, de um modo ou de outro, estava postado diante de seu nariz.

“Os três grupos”, disse ela sem querer em voz alta. Batendo os dedos com força nas teclas, ela digitou três novas frases: Biblioteca de Alexandria, Sociedade, Conselho.

A tela ficou vazia e pareceu levar um tempo interminável para carregar a página de resultados, e Emily ficou mais tensa. Será que era isso? Será que ela havia descoberto a combinação certa?

Sua frustração ia aumentando a cada segundo, e ela percebeu que a ansiedade a estava atrapalhando.

Acalme-se, ela se repreendeu. Isto não é uma competição de velocidade. Não siga loucamente qualquer coisa que lhe venha à cabeça.

Ela tirou as mãos de cima do teclado e entrelaçou os dedos, estalando as articulações e ajeitando-se na cadeira dura.

Você precisa lidar com isso com concentração. Como alguém que tem certeza.

E pela segunda vez naquela manhã, uma única frase evocou uma lembrança poderosa. O pensamento anterior de Emily sobre catálogos eletrônicos mandou sua mente numa veloz regressão para seu breve encontro com Arno Holmstrand

entre as estantes da biblioteca em Minnesota; e agora sua própria caricatura auto-repreensiva (“Como alguém que tem certeza”), fez sua mente retroceder para outro encontro com Arno para sempre gravado em sua memória. Apenas quatro dias antes ela havia revivido aquela lembrança, durante seu deslocamento para o aeroporto com sua colega de faculdade quando ela tentava digerir a notícia do assassinato de Holmstrand. Era uma frase que parecia caracterizar a excentricidade e esquisitice desse ilustre acadêmico, e a mente de Emily voltava novamente para ela com um enfoque singular.

“Diga uma coisa três vezes — pontificara Arno em muitas ocasiões, sempre que era apontada a sua tendência à tríplice repetição — e as pessoas sabem que você está falando sério. Uma vez poderia ser um acidente. Duas vezes, poderia ser coincidência. Mas quando um homem diz uma coisa triplamente, ele a diz como quem tem certeza.”

Emily fechou os olhos e reviveu a primeira palestra em que ouvira Holmstrand proferir seu famoso gracejo. Triplamente. Emily sorrira ao ouvi-lo proferir aquela palavra. Agora, sentada diante da interface do terminal do computador no Oriel College, aquele gracejo fez o mundo inteiro parar suspenso em silêncio.

Três vezes. Seria tão simples assim? Será que esse comentário, que Arno havia proferido ao alcance dos ouvidos de Emily em pelo menos meia dúzia de oportunidades, destinava-se especificamente a ela?

Outra preparação, uma orientação para coisas que estavam por vir?

Ela abriu os olhos e ficou um longo tempo fitando os campos vazios no catálogo da interface na tela. Ali onde alguns momentos antes ela se apressara para inserir todas as combinações de termos e frases que sua mente conseguira maquinar, ela agora olhava para a página vazia, à espera, com uma espécie de terror. Se a idéia que estava surgindo na mente dela estava certa, então Arno Holmstrand estivera preparando Emily para este momento desde os primeiros encontros entre eles, que agora pareciam muito distantes no tempo, embutindo todos os encontros “casuais”, todas as frases “espontâneas” com um significado que ele queria que Emily decifrasse, decodificasse e, na hora certa, usasse. Normalmente recrutar um novo candidato para a Sociedade poderia ter levado cinco anos, mas Holmstrand conseguira embutir uma tremenda quantidade de elementos na preparação de Emily em pouco mais de um ano. Suas conversas casuais, até mesmo as formulações das frases que ele usava em palestras públicas quando

Emily estava presente, tinham todas o objetivo de municiá-la com os instrumentos dos quais ela precisaria, quando a hora chegasse, para obter sucesso na busca em que Arno pretendia enviá-la.

Uma busca que desde o começo a fizera viajar pelo mundo afora. Uma busca que estava prestes a atingir seu objetivo naquele exato momento.

Era um plano incrivelmente elaborado, um plano que sugeria uma investigação, um planejamento prévio, uma preparação e uma coordenação mundial.

Parece inconcebivelmente elaborado, pensou ela. E exatamente semelhante ao que se esperaria do Guardião da Biblioteca de Alexandria.

Com aterrorizada determinação, Emily abriu as mãos e as posicionou sobre o teclado. No primeiro campo, para “Autor”, ela digitou o que ela devia descobrir: Biblioteca de Alexandria. Clicando o mouse no campo “Título”, ela inseriu novamente a mesma frase, e depois acrescentou as mesmas palavras para o terceiro e último campo: “Editor”.

Triplamente, porque tenho certeza.

Emily Wess clicou a tecla para a busca. A tela ficou vazia, passando depois para o conhecido branco quando o computador começou a carregar a página. Mas à medida que o indicador do avanço do navegador foi chegando à marca de 50%, o terminal ficou totalmente escuro. E depois, no alto da tela, apareceu um símbolo conhecido, não mais gravado em pedra, mas o mesmo símbolo que estava na carta de Arno, no biombo de madeira no University College, na porta em Alexandria e no divã em Istambul, agora perfeitamente digitalizado.

E embaixo do símbolo aparecia a página de abertura de uma coleção online que não se parecia com nada que Emily já tivesse visto antes.

CAPÍTULO 109

9h20

- Alô, Oxford 518 219.

Peter Wexler atendeu a ligação da maneira habitual, omitindo os códigos telefônicos e parecendo adequadamente antiquado em sua saudação.

— Professor, é a Emily.

— Dra. Wess, eu estava esperando o seu telefonema.

O professor sentiu-se aliviado ao ouvir sua voz.

— Diga-me, você conseguiu? Achou um jeito de entrar?

Ele, assim como Emily, reconhecia a urgência da situação.

Houve apenas uma breve hesitação na voz de Emily.

— Achei.

— Graças a Deus!

Após a exclamação houve uma longa pausa para reflexão. Apesar da urgência do caso (a capacidade de expor a conspiração em Washington talvez estivesse nas mãos deles) ele ainda não conseguia avaliar inteiramente o que Emily acabara de descobrir. A Biblioteca de Alexandria. Descoberta.

— Estou olhando para ela neste exato momento. A coleção completa. Eletrônica, exatamente como disse Athanasius. A interface é espetacular. E o que eu posso acessar. . Professor, é simplesmente inimaginável.

Wexler se esforçava para absorver o que sua antiga aluna estava dizendo.

— Como.. como você a descobriu?

Emily conduziu Wexler pelo caminho percorrido por ela nas últimas horas: suas frustrações na Internet, sua lembrança dos comentários estranhamente insistentes de Arno sobre as interfaces do catálogo da biblioteca, sua insistência na tripla repetição.

Ela falava, sabendo que o Conselho estaria na escuta.

— A porta de entrada da biblioteca — continuou Emily - estava escondida por trás da simples crença de que ninguém seria tolo a ponto de inserir “Biblioteca de Alexandria” em todos os campos de pesquisa numa única página. A GEOWEB é uma das interfaces de catalogação mais usadas no mundo inteiro, e sua pesquisa avançada se resume a três campos, cada um com um critério diferente de pesquisa. Quem vai inserir a mesma frase em todos os três?

Wexler ficou estupefato.

— E isso lhe permitiu entrar?

— Isso me levou até a porta — corrigiu Emily. — Até uma tela vazia com o símbolo da biblioteca e um campo para uma senha. Nada mais.

A interface fora ocultada sob a imensa improbabilidade de alguém acessar termos de pesquisa usando a combinação repetitiva que Emily havia finalmente tentado. Mas além dessa ocultação, ela ainda continuava sigilosa. Se alguém casualmente chegasse até ela, não faria idéia do que estaria vendo: apenas um símbolo estranho e um pedido de senha. Mesmo assim, Emily não sabia com certeza se essa era a forma constante de ocultação usada pela interface, ou se era simplesmente um instrumento de acesso que Arno havia deixado só para ela, a “porta de entrada” da biblioteca que Holmstrand acessara à sua maneira.

— Como você conseguiu a senha? — perguntou Wexler.

— Tentativa e erro. Tentei todas as combinações de pistas, palavras, comentários de materiais que Arno me deixou. Quando nada disso funcionou, tentei frases dele que lembrava, títulos de livros dele. Tudo aquilo que me vinha à mente.

— E no fim o que era?

Os ouvidos que ela sabia estarem ouvindo moldaram a resposta de Emily.

— Digamos que se tratava de algo que eu conhecia muito bem. Mas não de algo que eu estou preparada para lhe contar pelo telefone.

Emily sorriu ao lembrar-se do momento em que ela inserira a frase correta: o título de sua tese de doutorado. Arno Holmstrand havia estabelecido todos os detalhes do caminho para a descoberta da biblioteca pensando em Emily. Foram a experiência pessoal dela, sua própria história, suas memórias e seu trabalho que lhe proporcionaram a chave para resolver os enigmas de cada passo. E foi isso tudo que, no fim, a levou exatamente para o ponto que Holmstrand queria que ela atingisse.

Wexler ficou em silêncio diante da hesitação de Emily. Estaria ela com medo de que outros pudessem estar na escuta? Estaria sendo perseguida? No entanto, ela não hesitava em compartilhar detalhes ao telefone.

Emily prosseguiu no roteiro tramado por ela antes de telefonar.

— Ouça, professor, o senhor tinha razão. Não apenas a lista das pessoas envolvidas no complô de Washington estava contida na biblioteca, mas também ali estavam praticamente todos os detalhes do seu funcionamento. A quantidade de detalhes concretos é mais que suficiente para expor o complô de modo completo.

— E nós ainda temos tempo — Wexler acrescentou, olhando para o relógio. Eram pouco mais de 9h20

da manhã. Do outro lado do oceano, ainda faltavam algumas horas para Washington amanhecer completamente para um novo dia.

Houve uma breve pausa enquanto Emily calculava cuidadosamente suas palavras seguintes. Ela desenvolvera seu plano depois de ter descoberto seu jeito de entrar na biblioteca, e ele tinha se cristalizado durante a leitura dos detalhes completos sobre o que exatamente o Conselho estava fazendo em Washington. Ela percebeu os detalhes com espantosa rapidez, e já sabia com precisão o que devia fazer. O acesso à biblioteca fora complexo, mas o avanço seguinte, para surpresa dela, surgiu facilmente acompanhado de uma confortadora sensação de calma e responsabilidade.

— Eu agora vou para outro local para retirar da biblioteca as informações necessárias. O senhor deve ir para o seu escritório dentro de uma hora e meia, às 11h. Nós nos encontraremos lá, e poderemos ligar para a BBC com o furo jornalístico do século.

— Você tem certeza? — perguntou Wexler. Suas suspeitas aumentavam. Alguma coisa não parecia certa, e nada parecia seguro. Sentiu-se profundamente preocupado em relação a sua antiga aluna.

— Certeza absoluta. Simplesmente encontre-se comigo lá às llh. Se eu me atrasar alguns minutos, me espere. Vou chegar o mais cedo possível.

Depois disso, Emily desligou o telefone. Ela não se atrasaria. De fato, estaria no escritório dentro de 10

minutos. Isso lhe permitiria mais de uma hora para fazer o que devia ser feito.

CAPÍTULO 110

Oriel College, Oxford, uma hora e meia mais tarde, 10h50

Emily estava sentada à mesa de Peter Wexler na sala dele em Oxford. Tinha chegado apenas alguns minutos após conversar com o professor ao telefone. Passara facilmente pelo ineficaz sistema de segurança e se pusera a trabalhar desde sua chegada. A rapidez era essencial para o sucesso de seu plano. Ela sabia que os Amigos do Conselho viriam à sua procura, mas esperava que a conversa com Wexler, que incluíra sua intenção de trabalhar em outro lugar até se encontrarem, impediria que eles chegassem antes da conclusão do seu trabalho.

Sua intenção era simples. O único ingrediente indispensável era tempo. Se ela conseguisse terminar antes de ser interrompida, antes de ser impedida, então tudo daria certo e seria levado a bom termo.

No exato momento em que ela havia ligado computador da sala de Wexler e começado a executar seu plano, Emily tinha consciência de que seus atos significariam uma ruptura com uma tradição secular, milenar. Ela se perguntava o que Athanasius acharia do plano dela, tendo em vista toda a atenção ao sigilo que havia impregnado a Sociedade dos Bibliotecários desde sua fundação. Ela se perguntava o que Arno Holmstrand acharia. O Guardião a trouxera até a porta da biblioteca em si, a levara a entrar, mas ele lhe dera pouco, ou melhor, nada, no sentido de instruí-la sobre o que devia fazer com as informações quando elas estivessem ao seu alcance, como acontecia agora. O que ela devia fazer com sua nova responsabilidade.

O senhor deixou essa decisão para mim, murmurou Emily falando sozinha enquanto repetia os passos até a interface da biblioteca e fazia a conexão na sala de Wexler. E agora tenho de agir.

A ausência de instruções só reforçou o roteiro traçado por Emily. Holmstrand havia cuidadosamente planejado todos os passos dela para trazê-la até ali. Tinha revelado suas intenções de modo elaborado e abrangente. Emily fora guiada, conduzida, quase manipulada pelos desígnios dele. Até agora. Arno providenciara a aproximação, mas ele havia permitido que Emily entrasse na história da biblioteca por sua própria conta, determinando sua rota.

Sempre professor, pensou Emily. Sempre professor. Ele dera os instrumentos à

sua aluna. O que Emily iria fazer com eles, só ela devia decidir.

Ela havia considerado todas as ramificações do seu plano umas doze vezes no breve período que passara desde que ele fora concebido. Tudo iria mudar. A Sociedade nunca mais seria a mesma. O Conselho nunca mais poderia atuar como havia feito. Havia riscos e perigos, mas eles eram necessários para anular o complô que teria conseqüências para todas as nações do mundo moderno. Além disso, Emily nunca se sentiria confortável se fosse simplesmente absorvida por uma organização que havia funcionado como a Sociedade fizera por tanto tempo. Seus objetivos eram possivelmente nobres, mas ela havia atravessado a história numa zona marginal da moralidade: recolhendo, preservando, apreciando, mas também censurando, manipulando, controlando. Emily sabia que não poderia aceitar desempenhar um papel nessas atividades. Ela era agora a única pessoa viva que tinha acesso a informações que governos do mundo inteiro matariam para obter, para possuir em cantos obscuros onde eles manufaturavam suas tramas e intrigas. Ela sabia que nunca poderia determinar o que compartilhar, o que ocultar. Mais ainda, ela não tinha certeza de que qualquer pessoa pudesse ou devesse ter o poder e a capacidade de fazer esse tipo de escolha.

Não, o plano dela era o plano certo. O único. A luz que por tanto tempo permanecera sepultada sob as areias do Egito, escondida em cantos de impérios e galerias secretas, voltaria a ver a força plena do dia.

Emily voltou a concentrar-se no computador. Depois de 45 minutos, seu trabalho avançava dentro dos limites do tempo estabelecido. Ela só precisava ficar observando até ele estar completo, depois era só compartilhar a notícia, tanto de sua descoberta quanto de seus atos, quando Wexler chegasse. Ela não sabia se o professor iria louvar ou condenar a escolha dela. Mas ele teria de viver com ela. Mais importante que isso, Emily seria capaz de viver com ela.

Quando, um momento mais tarde, a porta da sala de Peter Wexler se abriu com um estrondo, arrancada de suas dobradiças pela violência desferida contra ela, não foi o professor que surgiu diante de Emily Wess. Enquanto Jason Westerberg invadia a sala, assegurando-se de que ali não havia mais ninguém além de Emily, Ewan Westerberg apareceu na moldura da porta, apontando um revólver para a cabeça dela.

CAPÍTULO 111

10h54

— Dra. Wess — anunciou Ewan — finalmente nos encontramos.

Ele falava com um sotaque americano profissional. Tinha os cabelos grisalhos perfeitamente penteados, trajava um terno preto feito sob medida. Cheirava a negócios, poder e autoridade, e segurava a arma diante de si sem nenhum sinal de desconforto com sua ominosa sugestão.

Emily não reconheceu o sujeito, mas reconheceu o companheiro dele como sendo o mais autoritário dos dois que a haviam atacado em Istambul. Juntando as peças, logo tirou sua conclusão.

— O senhor deve ser o secretário — respondeu Emily, olhando para os dois homens diante da mesa de Wexler. O computador à sua esquerda continuava executando suas instruções.

— Um fato, entre muitos outros - respondeu Ewan - que você não devia saber. O Guardião errou quando envolveu você. - Os olhos dele penetraram nos de Emily. - Mas todos os erros podem ser corrigidos.

A arma mantinha sua mira na mancha de suor entre os olhos de Emily.

Emily, todavia, não se intimidou com esse gesto. Sua vida tinha mudado nas últimas 24 horas, e de algum modo naquele período “ela havia descoberto uma determinação que ela antes não sabia ter em si.

Enquanto olhava para o homem que quase com certeza planejava matá-la, Emily sentia certa paz.

Talvez fosse o fim. Mas esse homem não a derrotaria.

— Peço desculpas se não sou o rosto que você esperava ver — continuou Ewan. Ele acenou para o telefone junto ao teclado na escrivaninha de Wexler. A ingenuidade de Emily Wess quase decepcionou o secretário. — Nós

interceptamos a ligação sobre sua descoberta. Seguimos seus passos, descobrimos a mesma interface. O único ingrediente que falta é a senha.

Emily permitiu-se uma rápida olhada para o monitor à sua frente antes de fitar novamente o secretário e seu revólver.

Quase. Não está completamente concluído.

Ewan deu um passo adiante, indignado com a silenciosa obstinação daquela jovem. Engatilhando seu estimado revólver militar, ele ameaçou:

— Eu lhe garanto, dra. Wess, você vai me dar aquela senha. E depois você vai morrer. Esses são os simples fatos, que você pode aceitar ou negar. Mas de modo algum eu vou deixar esta sala sem ter o acesso à biblioteca e a certeza final de que meu trabalho em Washington não será desfeito por uma nulidade amadora, por alguém insignificante como você.

Postado ao lado do pai, Jason viu os olhos de Emily se esbugalharem diante da ameaçadora exigência.

Ele também notou o computador sobre a mesa. Emily estava trabalhando nele quando eles invadiram a sala.

— Você está logada agora? - perguntou ele, interrompendo o silêncio ameaçador, calculado do secretário. O simples potencial do que estava presente no pequeno computador pessoal, o fato de tudo estar ali, agora, anulou seu comedimento normal.

Emily considerou a idéia de se demorar, hesitando em sua resposta. Mas ela havia conseguido o tempo de que precisava. O processo estava agora terminando, e fazia pouco sentido esconder esse fato. Já era chegada a hora de terminar com o sigilo.

— Estou — respondeu ela finalmente, virando-se em sua cadeira para encarar Jason. — Não sobrando mais ninguém vivo que saiba como acessar isto, acho que os últimos dias realizaram o desejo Holmstrand e me transformaram na nova Guardiã da Biblioteca.

Ewan e Jason estremeceram diante da audácia dela. Acreditar-se digna de possuir, à sua própria revelia, informações que o Conselho havia trabalhado

durante mais de um milênio para obter, era inimaginável. Os dedos de Ewan se contraíram em volta do gatilho.

— Eu só estava fazendo uma pequena atualização, de acordo com minha nova função — prosseguiu Emily. Seu coração acelerou-se mais do que se poderia imaginar possível, mas ela fez um esforço para manter uma compostura controlada. —Vocês sabem, inserindo alguns detalhes relacionados a toda esta nossa aventura.

Ela estendeu a mão e girou o monitor para deixá-lo virado, permitindo que o secretário o visse de frente. Ewan olhou para a tela, mantendo a arma apontada para Emily. Um indicador de progressão mostrou que a atualização estava sendo salva. A conhecida barra deslizante avançando da esquerda para a direita para mostrar o percentual da atualização já completado. Um número ao lado do indicador mostrava “97,5%”, e Ewan o viu saltar para 98 antes de voltar a encarar Emily.

— Um trabalho dedicado, embora sem sentido, dra. Wess. Eu estou muito menos interessado em inserir material na biblioteca do que em retirar material dela.

Emily recostou-se na velha cadeira do escritório.

— Se o senhor simplesmente soubesse o que está ali dentro! — disse ela. — O senhor poderia tomar um pouco mais de cui. .

— Não ouse me fazer preleções sobre a biblioteca! — berrou Ewan.

Emily gelou. A visão do secretário perdendo a compostura era de assustar.

— Não ouse me dizer uma palavra sobre essa biblioteca! - prosseguiu Ewan, sua cara ficando medonhamente vermelha. — Vocês só sabem sobre ela a partir de livros de contos e dos fragmentos de histórias que sobraram para vocês e para o resto do mundo ignorante. O que vocês poderiam saber?

Toda a minha vida tem sido essa biblioteca, como foi a vida do meu pai, e do pai dele antes dele. Eu posso recitar durante o sono mais coisas nela contidas do que você aprendeu durante toda sua mísera vida. — Ele aproximou o revólver da cabeça de Emily enquanto ia falando dela no tempo passado, como uma pessoa já morta. — E você, você tem a audácia de me dizer que devo tomar cuidado! Que devo temer o que não sei! Quando você, como o nosso Conselho, tiver

trabalhado por mais de mil anos para descobrir a verdade, para obter o que lhe pertence; quando você tiver lutado contra impérios e estados para manter suas visões totalmente voltadas para a verdade; quando você tiver feito os sacrifícios que nós fizemos para conseguir aquilo de que precisamos, e então você poderá me falar sobre o que está ali dentro. — Ele fez um gesto apontando o revólver para o monitor, cujo indicador de progressão continuava avançando para a marca que indicava a conclusão.

— A Sociedade dos Bibliotecários se considerou nobre durante todos esses séculos, — prosseguiu Ewan, furioso — considerou-se sagrada e humanitária. Mas o que é ela a não ser uma versão do nosso Conselho, buscando e mantendo poder em benefício próprio? O que dá aos Bibliotecários o direito, desde o tempo dos grandes reis e impérios, de se considerarem guardiões da verdade e sabedoria da humanidade?

— Talvez o senhor se surpreenda ao saber que eu não discordo de sua opinião, não totalmente — respondeu Emily, reagindo para acalmar seus nervos. Essas palavras fizeram Ewan cambalear ligeiramente. — Eu concordo que ter nas mãos esse poder ilimitado, escondido, é perigoso, para qualquer pessoa. Mas pelo menos a Sociedade tem sido nobre em seus objetivos.

— Não, eles se mostraram covardes, escondendo-se nas trevas — replicou Ewan — acumulando saber em galerias escuras, sepultando-o em covas profundas. Nós, nós. . - ele apontou para Jason, e nele todo o Conselho - nós aprendemos a agir. A fazer. Mesmo com a biblioteca escondida de nossos olhos, acumulamos poder. Força. Controlamos governos, cientistas, tecnologias. Nós forjamos uma rede de poder que passa por cima de fronteiras internacionais ou culturais, que atinge seus objetivos face a qualquer obstáculo. Veja só o governo americano: o mais forte do mundo, e, mesmo assim, nós o fizemos cair de joelhos. Alguns anos promovendo as pessoas certas para ocupar os cargos certos, depois alguns assassinatos estratégicos e um punhado de documentos cuidadosamente forjados vazando para as mãos certas, e nós derrubamos o presidente, colocando o nosso homem no lugar dele. Um membro do Conselho, um dos meus homens, será presidente dos Estados Unidos, cercado em sua administração por seus colegas do Conselho. E, no entanto, os animais covardes que compõem a Sociedade se autodenominam guardiões do saber da biblioteca! Imagine o que nós teríamos feito se tivéssemos os recursos deles em nossas mãos!

A raiva de Ewan enchia o gabinete, e ele ia cuspindo suas palavras com um ódio

que vinha fermentando desde a juventude.

Emily estava agora sentada complemente imóvel, e até Jason virou estátua; seus olhos inchados estavam extasiados vendo a raiva renovada de seu pai.

Após uma longa pausa Emily falou.

—Tenho de admitir que eu nunca teria pensado que o senhor pudesse interferir tanto em Washington como de fato fez. Eu vi sua lista dos que estão envolvidos. Imagine o que mundo dirá quando descobrir que o vice-presidente Hines é um dos membros do seu Conselho há mais de 15 anos. Vocês devem ter planejado essa trama durante décadas.

Ela não precisou fingir que estava assombrada com o extraordinário esquema do Conselho.

— Ninguém fora desta sala e das minhas salas do Conselho jamais saberá - respondeu Ewan. Sua raiva era ainda ferina.

— Mas mesmo assim — continuou Emily, imperturbável — esse seria apenas o primeiro choque. O

que dirão as pessoas quando souberem que o homem que o senhor programou para depor o presidente Tratham, para prendê-lo no próprio Salão Oval, é membro do seu Conselho há ainda mais tempo. Mark Huskins, general de quatro estrelas do Exército norte-americano, em sua folha de pagamentos desde os tempos em que ele ainda não se alistara.

— E já lhe disse que ninguém jamais sa. .

— Ou Ashton Davis. - A dinâmica de Emily a fez continuar despejando seu discurso, apesar da interrupção do secretário. — O secretário de Defesa dos Estados Unidos, o homem a quem foi confiada toda a segurança da nação, membro do Conselho já pela terceira geração em sua família. Diga-me, sr.

Westerberg, quantas das decisões militares tomadas por ele durante a administração do atual presidente não foram mais que uma fachada dos projetos do senhor?

Dona do conhecimento dos fatos acontecidos graças à biblioteca, Emily se pôs

de pé, ficando cara a cara com o secretário.

— Assim que isso for trazido a público — continuou ela - o senhor sinceramente acredita que haverá um lugar na Terra onde o senhor e seu Conselho possam se esconder? O senhor acredita que exista alguma nação que não vai se indignar diante de suas tramóias, manipulação política de décadas e séculos, de sua sabotagem de governos? —Ela se inclinou para a frente na direção de Westerberg. — O

senhor acha, sr. secretário, que vai sobreviver a essa catástrofe?

Ewan já tinha se cansado de ouvir as imbecis ameaças de Emily Wess, e o ódio percorria agora cada veia de seu corpo. Respirou longa e profundamente duas vezes, recuperando sua compostura de comando. Com a mão livre ajeitou seu paletó e limpou o cuspe dos cantos da boca e do queixo.

— Não sou eu quem deve se preocupar com a sobrevivência neste momento - disse ele, de súbito recuperando o tom profissional de sua voz. - Suas profecias de destruição são ótimas, dra. Wess, mas o plano desmiolado que você e Peter Wexler conceberam visando divulgar esses detalhes para o resto do mundo não irá além do inútil telefonema que você deu para realizá-lo.

— E agora, — continuou ele com fria determinação —agora você vai me dar a biblioteca. Vou pedi-la apenas uma vez. Se sua reação não for a de cooperar imediatamente, vou pegar o telefone, e dentro de alguns minutos seu noivo estará morto. E eu obrigarei você a escutar enquanto meus homens vão matá-

lo, exatamente no esconderijo do camping onde vocês dois passaram juntos um romântico fim de semana.

Ele observava a expressão de Emily enquanto ia falando, satisfeito por ver a surpresa e o medo dela ao saber que o Conselho descobrira onde Michael estava escondido.

— E depois eu vou matar seus pais — continuou ele — e seus amigos. E vou continuar executando todos os seus conhecidos, todos os seus queridos. Custe o que custar. Preste atenção às minhas palavras: você vai me entregar a biblioteca.

Emily engoliu em seco. O secretário estava certo. Ela não tinha escolha. Manteve sua postura ereta, numa tentativa de espelhar o comportamento

profissional de Ewan.

— Isso não será necessário — disse com toda a ousadia que conseguiu assumir.

— Eu pretendo entregá-la ao senhor na sua totalidade. O senhor, e todo o resto do mundo, irão tê-la em cerca de . . — ela baixou os olhos para o monitor: o indicador de progressão estava em 99% — cerca de 12 segundos.

De início, Ewan não entendeu; em seguida seu rosto ficou lívido.

— Do que é que você está falando?

Ele mantinha o revólver apontado para Emily, mas desviou os olhos para a tela do computador.

Jason, porém, entendeu perfeitamente.

— Droga! — exclamou ele, dando um passo em direção ao monitor. Pegou-o com as duas mãos e o virou totalmente para si. Quando olhou para o sinal gráfico deslizando, prestes a atingir o fim, sua pele ficou gelada.

- Que é que há? - perguntou Ewan, fuzilando alternadamente com seu olhar o filho ao seu lado e a professora na ponta de sua arma.

— Ela não está atualizando a biblioteca — respondeu Jason; as palavras entalando na garganta. — Ela está enviando um arquivo.

Os olhos furiosos de Ewan se voltaram de novo para Emily.

— Enviando? Para onde? Para quê?

Emily voltou a encará-lo.

— Para todo o mundo. Para a Internet. Para a Internet pública. Eu descobri a biblioteca, e vocês a descobriram por meu intermédio. Mas dentro de uns segundos, todo o conteúdo dela estará à disposição do mundo em geral. De todos. Como deve ser.

Ewan sentiu uma dor dilacerante no peito ao ouvir as palavras de Emily. A progressão do indicador deslizou para 99.9%.

— Inclusive — acrescentou Emily — tudo o que ela contém sobre o seu Conselho, suas atividades em Washington, seus crimes. Tomei a liberdade de destacar esses fatos, para que sejam facilmente acessíveis. Todos os nomes, todas as datas, todos os detalhes. Vocês sairão das trevas, juntamente com todo o resto.

Ewan voltou-se rápido para o filho.

Interrompa isso! Cancele! Destrua. Faça alguma coisa. Qualquer coisa!

Jason estendeu freneticamente a mão para o teclado, puxando-o para si. Mas quando o tinha em suas mãos e preparava-se para digitar, a brilhante linha azul do indicador preencheu completamente a barra, e o número ao lado mudou sob seus olhos.

100%. Upload completo.

CAPÍTULO 112

11h10

— Não! — Ewan Westerberg soltou um grito quase bestial, os olhos esbugalhados pregados na tela. Ele fervia de raiva pela frustração do desejo de uma vida inteira.

Voltou-se de novo para Emily. Em sua raiva, em sua derrota, só lhe restava fazer uma coisa com essa mulher. Ela pagaria com a vida pelas inúmeras vidas que acabara de destruir. Num rápido movimento, Ewan tornou a apontar a arma para a cara de Emily e encaixou o dedo no gatilho.

Um disparo ecoou no pequeno gabinete com violência ensurdecedora. O corpo de Emily pareceu contrair-se e enrijecer-se. Dor nenhuma causada pelo tiro ela sentiu. Apenas ouviu o estrondo, viu a raiva assustada no rosto de seu agressor e perguntou-se como seria ver o mundo desaparecer.

Mas quando um corpo desabou e caiu sobre a escrivaninha, não foi o de Emily, foi o de Ewan. Ewan Westerberg, com uma bala metida na nuca, caiu com um baque surdo. Atrás do secretário, na moldura da porta, Peter Wexler apareceu entre dois policiais ainda empunhando suas armas apontadas para o corpo de Ewan. Um terceiro policial entrou na sala e encurralou Jason Westerberg, que não desprendia os olhos do corpo de seu pai tombado e não o fez nem mesmo quando o policial o encostou contra a parede e o algemou.

Emily não conseguia falar. Quando ela sentiu os efeitos do choque que começavam a brotar em suas entranhas, Wexler abriu caminho entre os dois policiais e contornou sua mesa. Emily virou-se para observar a tensa expressão em seu rosto.

— O seu telefonema - explicou Wexler. - Eu posso ser um velho rabugento, mas sei reconhecer quando alguma coisa feia está a caminho. Você temia que outros pudessem estar na escuta quando me ligou. Eu temi que você pudesse ter razão, e que os membros do Conselho tentassem detê-la, por isso eu trouxe reforços. Quanto mais eu refletia sobre as suas preocupações e sobre as dimensões do

grupo que você me descreveu, tanto mais eu tinha certeza de que nós não estaríamos a sós aqui.

Ele baixou os olhos para o cadáver estirado sobre sua escrivaninha.

- Parece que os seus temores e os meus se justificavam.

Emily fitou o rosto de seu mentor. De certo modo, em meio a tudo aquilo, surgiu um sorriso de gratidão. Ela abraçou o velho professor que acabara de lhe salvar a vida.

Passado esse momento, Wexler contemplou todo aquele cenário.

— Então, está tudo acabado?

Emily olhou para o computador, com seu indicador de “Upload Completo” ainda brilhando na tela.

— Não — disse ela. — Está apenas começando.

EPÍLOGO

WASHINGTON, D.C., DOIS DIAS DEPOIS, 11H45

O céu era de límpido azul quando Emily deixou um prédio não identificado no centro da capital da nação. Ela fora interrogada pelo FBI durante quase um dia e meio, sondada em relação a quaisquer informações que tivesse sobre o que estava sendo relatado no mundo inteiro como um complô tramado pelo vice-presidente para reivindicar o poder do Salão Oval para si mesmo e seus homens. Nunca antes o país havia enfrentado uma conspiração tão prolongada e abrangente com tantos de seus principais líderes fazendo parte da ação.

Dois dias depois da tentativa de golpe, era o vice-presidente que estava sentado numa cela da cadeia, não o presidente Samuel Tratham, justificado em sua negação de qualquer envolvimento em transações ilegais no exterior, novamente ocupando sua mesa no Salão Oval, tendo intactos seu poder e reputação.

Um arquivo secreto de documentos fora publicado provando que matérias anteriores eram falsificações e invencionices, inclusive o vídeo dos afegãos pedindo retaliação. O complô era vasto, internacional e difuso. O FBI já havia detido, além do próprio vice-presidente, o secretário de Defesa Ashton Davis e o Chefe Maior das Forças Armadas americanas, Mark Huskins. Das figuras principais que haviam feito parte da "equipe de reações táticas" formada pelo secretário Davis, somente o diretor do Serviço Secreto, Brad Whitley, fora julgado inocente. Mesmo assim, quando soube como fora manipulado por Davis e Huskins, ele não levou nem uma hora para apresentar sua renúncia ao presidente. Tratham, sabendo identificar à primeira vista um homem bom e cumpridor de seu dever, já havia recusado a demissão.

Emily havia compartilhado tudo o que sabia sobre o golpe com seus interrogadores. A divulgação das matérias que haviam denunciado o complô e inocentado o presidente (inclusive uma lista de todos os "Amigos" que a Sociedade havia denunciado como agentes por todo o país) fora feita de modo anônimo, mas logo se descobriu que a divulgação acontecera no gabinete de Wexler, e assim chegaram até Wess.

Isso fez dela uma espécie de heroína do momento, até mesmo entre os interrogadores, mas ela fora explícita em suas sessões com o FBI: não queria ser identificada. E até aquele momento eles haviam honrado seu pedido. Todos os

noticiários de todas as mídias do mundo estavam fazendo a reportagem e cada um deles atribuía sua revelação a “um vazamento anônimo contendo uma riqueza indizível de informações”.

Esse anonimato era o que Emily queria. Enquanto olhava ao seu redor para a surpreendentemente pacífica paisagem de Washington, ela ficou pensando sobre as longas horas de interrogatório que acabara de passar. Ela lhes dissera tudo, dentro dos limites da razão e distorcendo um pouco os detalhes. Ela lhes contara sobre o complô, sobre estar em contato com um homem no Egito, sobre ter conseguido o acesso a uma vasta coleção de informações que depois havia publicado na Internet. Tudo aquilo que eles precisavam saber. Mas quanto à fonte, quanto à natureza da existência da biblioteca e da operação secular da Sociedade, ela escolheu manter essas coisas para si mesma. No que dizia respeito ao governo e ao povo, um vasto cabedal de informações que antes estavam sob o domínio privado agora viera a público. Mas quanto ao modo como tudo fora coletado, quando à ampla rede dos Bibliotecários que ainda cobria o globo, ainda recolhia dados, o mundo deveria permanecer na ignorância.

Algumas coisas ainda precisavam permanecer ocultas. A atuação da biblioteca havia impedido uma crise. Confrontando o futuro, Emily sabia que poderia impedir outras. Mas só se a capacidade da biblioteca para observar, coletar, consolidar e expor informações continuasse atuante e continuasse sigilosa. Ela não estava disposta a escolher as verdades a compartilhar como haviam feito seus predecessores. Mas ela tinha visto, na semana anterior, o que havia dentro do lado obscuro da manipulação humana, e já não queria simplesmente se omitir e deixar que esses poderes existissem impunemente.

A nova Guardiã ainda tinha trabalho a fazer. E embora suas atribuições pudessem ter mudado, a Sociedade ainda tinha um papel a desempenhar.

Uma hora mais tarde, Emily aguardava do lado de fora do portão de desembarque doméstico do Aeroporto Internacional Dulles de Washington. Nas últimas 48 horas, ela conhecera a natureza mais recôndita de antigas sedes de saber e poder, fitara o cano de um revólver apontado para a sua cabeça e testemunhara a queda de um império do mal, fora interrogada nas entranhas de um complexo governamental e apertara a mão de um presidente agradecido. Mas, em meio a tudo isso, entendia perfeitamente que havia apenas uma visão, um rosto, que ela realmente queria ver. Ela podia ser agora a detentora do

conhecimento de milênios, mas sem essa pessoa, isso não significava nada.

Ela ergueu os olhos e viu o rosto do qual sentia muita saudade surgindo sorridente do portão.

Oi, tudo bem, Sra. Guardiã? — disse Michael, aproximando-se com um sorriso afetuoso estampado do rosto. Ele a fitou fundo nos olhos por um instante antes de envolvê-la em seus braços. Foi um abraço longo, apertado.

Senti muita saudade de você - disse Emily finalmente. Michael não disse nada, apenas a apertou ainda mais contra o peito.

—Você está me devendo — murmurou finalmente, num tom brincalhão - por ter fugido daquele jeito sem me levar junto.

Vou fazer o que você quiser para compensar — respondeu Emily. — Poderíamos fazer uma viagem.

Michael franziu a testa fazendo uma careta diante daquela sugestão de viajar feita por uma mulher que acabava de dar a volta ao mundo sem ele.

Juntos - acrescentou ela, rindo. - Vamos sentar em alguma praia, ler um bom livro.

—Você tem alguma coisa em mente? — perguntou Michael.

O que você quiser — respondeu Emily. — Eu tenho acesso a uma biblioteca muito boa.

FIM